PROFLETRAS UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso

UNEMAT PROFLETRAS ESTRADO

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

PROFLETRAS

UNIDADE CÁCERES

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO
PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

MARIA APARECIDA LEAL CAMPOS

LEITURA LITERÁRIA A PARTIR DE NARRATIVAS DE TERROR

CÁCERES-MT
2024

MARIA APARECIDA LEAL CAMPOS

LEITURA LITERÁRIA A PARTIR DE NARRATIVAS DE TERROR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, para a obtenção do título de Mestra em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Everton Almeida Barbosa.

CÁCERES- MT
2024

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

C198l Campos, Maria Aparecida Leal.
LEITURA LITERÁRIA A PARTIR DE NARRATIVAS DE TERROR / Maria Aparecida Leal Campos. - Cáceres, 2025.
230f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Letras/CAC-PROFLETRAS - Cáceres - Mestrado Profissional, Campus Universitário De Cáceres "Jane Vanini".
Orientador: Everton Almeida Barbosa.

1. Leitura. 2. Oralidade. 3. Escrita. 4. Narrativas de terror. 5. Formação do leitor literário. I. Barbosa, Everton Almeida. II. Título.

UNEMAT / MTSCB CDU 028.1

MARIA APARECIDA LEAL CAMPOS

LEITURA LITERÁRIA A PARTIR DE CONTOS DE TERROR

BANCA EXAMINADORA

Dr. Everton Almeida Barbosa
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)
ORIENTADOR

Dra. Norma Sueli Lima
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)
AVALIADORA

Dra. Marinei Almeida
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)
AVALIADORA

A Deus meu refúgio, luz e fortaleza nos momentos sombrios e a minha família, porto seguro todo tempo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente **a Deus Pai, Filho e Espírito Santo** a minha eterna gratidão, por tantas bênçãos, oportunidades, vivências e experiências e pelo seu amor incondicional a mim. Gratidão por colocar anjos na minha vida, que me encorajaram, segurando em minhas mãos, a seguir avante, quando tudo parecia obscuro.

De forma singular, à minha mãe **Maria da Conceição** e a meu Mestre da vida **Vicente Leal da Silva**, que me inspirou a literatura através das cantigas de ninar, dos causos e histórias desde a minha tenra idade, e que veio a falecer na reta final da minha caminhada no Mestrado. A eles, todo meu amor e gratidão por tudo que sou.

Ao meu esposo, **João Carlos**, pelo apoio e compreensão em todos os momentos de minha vida.

À minha filha, **Mônica Virginia**, pela sua existência em minha vida, pelo seu carinho, seu amor, sua compreensão.

Ao meu professor orientador**, Dr. Everton Almeida Barbosa,** a quem reverencio com imenso respeito, pela excelência de seu trabalho, pelo ser humano extraordinário, empatia, respeito, cuidado e assistência a mim concedida principalmente nos momentos mais difíceis pelos quais passei; pela orientação e atenção dispensada a mim, em todos os momentos desta caminhada.

Aos meus colegas, e aqueles com quem estreitei laços de amizade, nesta jornada, gratidão pelo carinho, pelas palavras de incentivo e pela amizade.

Aos alunos do 6º e 7º ano (2023) da Escola Municipal Laranjeira I, pelo empenho, responsabilidade, comprometimento na participação, tornando-se responsáveis pelo sucesso e efetivação do projeto de intervenção. Minha imensa gratidão pelo aprendizado e ensinamento. Obrigada por permitir que eu fizesse parte da vida de vocês neste período.

Aos professores, de forma especial à professora Elizete, que disponibilizou sua turma, para que eu pudesse fazer a intervenção, por estar comigo durante todo o processo; aos professores Nilson e João Carlos, pelo incentivo, contribuição durante todo o período. Aos funcionários, motoristas e gestão (Luzinete e Jenesio). por abraçar o projeto e não medir esforços para que acontecesse. À grande comunidade Laranjeira I, pela existência, pelo carinho, pela contribuição e participação neste momento tão importante em minha vida.

Resumo

A leitura literária apresenta-se, entre tantos benefícios, como uma proposta de fundamental importância para a formação e o desenvolvimento do sujeito leitor. O trabalho com base na literatura rompe as barreiras da desmotivação, desinteresse acerca da leitura/escrita, e propõe possibilidades de aprendizado da leitura através da arte, imaginação, encantamento, diálogo e a inserção do aluno na socialização de suas experiências. Com base neste fundamento, esta dissertação visa apresentar um trabalho de intervenção pedagógica vinculado ao programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da UNEMAT, *campus* de Cáceres/MT, usando como recurso, para formação do leitor, narrativas de terror, por meio de contos orais e escritos, no intuito de propiciar o desenvolvimento/ampliação da autonomia e competência leitora dos alunos, a partir de seu interesse pelo tema do terror. Como atividades, foram feitos, pelos alunos atendidos, registros de narrativas de terror contadas por narradores da comunidade: pais, avós e vizinhos. Essas narrativas foram confrontadas com contos literários escritos, no intuito de trabalhar diferenças e semelhanças, chamando atenção para a construção das narrativas, para que o aluno desenvolva maior consciência do processo de leitura e de escrita. Além disso, foi importante refletir sobre o uso dessas práticas em família**,** com a disposição de valorizar a cultura e o conhecimento tradicionais, usando isso como ferramenta para estimular o interesse dos alunos pelo estudo e pela leitura. A proposta foi desenvolvida consolidando o entrelaçamento entre oralidade, leitura e escrita como um espaço interativo, participativo e dialógico na família, na escola e na sociedade. Os resultados sinalizam que valorizar a opinião, a vivência e a bagagem cultural do aluno são pontos de partida para motivá-los ao caminho da formação leitora. O contato promovido com familiares gerou engajamento e comprometimento unânime da turma, em todas as atividades propostas de produção de narrativas orais, de escrita e leitura. Durante este processo, vimos que, no início de qualquer metodologia, o aluno necessita sentir-se sujeito e capaz. A partir de então, ele mesmo se desafia ao enfrentamento de suas dificuldades e limitações. Como referencial teórico, usamos Walter Benjamin (1994), Iolanda Reyes (2012), Aguiar e Bordini (1988), Gasparotto e Menegassi (2015), dentre outros.

Palavras-chave: leitura; oralidade; escrita; narrativas de terror; formação do leitor literário.

ABSTRACT

Literary reading presents itself, among many benefits, as a proposal of fundamental importance for the formation and development of the reader. Work based on literature breaks the barriers of demotivation and lack of interest in reading/writing, and proposes possibilities for learning to read through art, imagination, enchantment, dialogue and the insertion of the student in the socialization of their experiences. Based on this foundation, this dissertation aims to present pedagogical intervention work, linked to the Professional Master's program in Literature (PROFLETRAS) at UNEMAT, Cáceres/MT campus, using horror narratives as a resource for reader training, for through oral and written stories, with the aim of promoting the development/expansion of students' autonomy and reading competence, based on their interest in the theme of horror. As activities, the students attended recorded horror stories told by narrators from the community: parents, grandparents and neighbors. These narratives were compared with written stories, in order to work on differences and similarities, drawing attention to the construction of narratives, so that the student develops greater awareness of the reading and writing process. Furthermore, it is important to reflect on the use of these practices within the family, with a willingness to value traditional culture and knowledge, using this as a tool to stimulate students' interest in studying and reading. The proposal was developed, consolidating the intertwining between orality, reading and writing as an interactive, participatory and dialogic space in the family, school and society. The results indicate that valuing the student's opinion, experience and cultural background are starting points to motivate them on the path to reading education. The contact promoted with family members generated unanimous engagement and commitment from the class, in all the proposed activities of producing oral narratives, writing and reading. During this process, we saw that at the beginning of any methodology, the student needs to feel active and capable. From then on, it challenged itself to face its difficulties and limitations. As a theoretical reference, we used Walter Benjamin (1994), Iolanda Reyes (2012), Aguiar and Bordini (1988), Gasparotto and Menegassi (2015), among others.

Keywords: reading; orality; writing; horror narratives; literary reader formation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Do apêndice questionários.....39
Figura 2: Bilhete sugestão.....53
Figura 3: Resposta do aluno ao questionário final.....55
Figura 4: Questionário de avaliação, após a finalização do projeto de intervenção em dezembro 2023.....62

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Cronograma da intervenção.....41
Quadro 2: Conto "Os dois amigos" 43
Quadro 3: Informações norteadoras para a escrita da narrativa.....50

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....11
2 A ESCOLA DO CAMPO.....17
3 A LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR.....21
3.1 Definição de Leitura.....22
4 ORALIDADE E ESCRITA: A IMPORTÂNCIA DA ORALIDADE NO COTIDIANO E NA SALA DE AULA.....27
4.1 Narrativa Oral e Narrativa Escrita.....28
4.2 Narrativas de Terror.....32
4.3 Narrativas de Terror no Ensino de Literatura: da Oralidade para a Escrita.....34
5 CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA.....38
5.1 O Desenvolvimento da Proposta.....41
5.2. Reescrita e Revisão.....56
5.2 Evento de Conclusão: Noite Cultural: Labirinto do Terror.....59
6 ANÁLISE DA PRODUÇÃO ORAL E ESCRITA DOS ALUNOS.....64
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....70
APÊNDICE 1 – Planejamento Geral..... 74
Plano de Aula – 1ª. Etapa.....77
Plano de Aula – 2ª. Etapa.....79
Plano de Aula – 3ª. Etapa.....80
Plano de Aula – 4ª. Etapa.....82
Plano de Aula – 5ª. Etapa.....84
6ª. Etapa – Aulas Extras.....85
APÊNDICE 2 – Termo de Autorização para Uso de Imagem.....87
APÊNDICE 3 – Imagens do Desenvolvimento do Trabalho.....88
Figura 1 – Arquivo Pessoal Maria A. Leal Campos.....88
Figura 2 – Arquivo Pessoal Maria A. Leal Campos – Ilustração das capas - 2023.....88
Painel de papelão feito pela turma – 2023.....88
Figura 3 – Confecção da Cartonera.....89
Figura 4 – Arte em telhas e capas do livro cartonero.....89
Registro de Educadores e Pessoas da Comunidade.....90

Figura 5 - Arquivo pessoal Maria A. Leal Campos.....90
Figura 6 - Montagem do cenário.....90
Figura 7 – Cenário.....91
Figura 8 - Arquivo Maria A. Leal Campos. Cenário pronto: Labirinto do terror.....91
Figura 9 - Arte em telha e os contos em cartonera.....92
Figura 10 - Exposição das cartoneras.....92
APÊNDICE 3 - Grupo I - Produção Escrita das Narrativas de Terror – Primeira Versão.....93
Grupo II - Produção das narrativas de terror primeira versão.....135
APÊNDICE 4 - Produção Escrita das Narrativas de Terror - Versão Final.....165

1 INTRODUÇÃO

Minha experiência com projetos literários em sala de aula tem sido bastante eficaz no desenvolvimento da leitura literária, escrita, oralidade, compreensão, interpretação, bem como outras áreas disciplinares, contemplando vários propósitos. A literatura tem sido um solo fecundo que faz germinar sentimentos, que resultam em novas percepções e relações com o mundo e pessoas, como reforça, trecho da BNCC (Brasil, 2018, p. 33):

> [...] vale destacar que o professor deve desenvolver atividades que possibilitem a construção de competências e habilidades necessárias à participação efetiva em eventos de Letramento, relacionados ao exercício da cidadania, à cultura, arte, literatura; atribuindo, também, igual valor às diferentes formas de linguagem, nos diversos campos de atividade humana [...].

Sendo a escola o espaço de sua atuação, o professor desenvolve o papel de mediador e facilitador na promoção de uma educação responsável, respeitosa e igualitária na formação do sujeito, transformando sua realidade e postura diante das situações. Por isso, é importante trazer para a sala de aula elementos que evidenciem a relevância da escrita e leitura na prática e vivência na sociedade. Em vista disso, é um compromisso profissional, pessoal e social investir na superação de problemas com leitura e escrita, estabelecendo interação e a emancipação do ser humano, ampliando a concepção e percepção dialógica entre os sujeitos.

O projeto de intervenção teve como princípio fundamental oferecer condições de desenvolvimento que pudessem promover mudanças e crescimento, quanto à autenticidade e à criticidade dos alunos, relacionadas à produção e interpretação de textos, em especial os literários.

Diante de tantos anos de carreira, percebi que a dificuldade principal está relacionada à leitura e à escrita e, nos últimos anos, à oralidade, que consequentemente afeta todos os âmbitos, por serem portas de entrada para ampliar os conhecimentos, o desenvolvimento crítico, a capacidade de interpretação, compreensão e visão de mundo nas dimensões política, econômica, religiosa e social, além de proporcionar novas perspectivas de mudanças reflexivas quanto ao valor dessas práticas de forma permanente. Desenvolver estas habilidades através da literatura torna esta prática valiosa e dinâmica.

O trabalho com base na literatura gera inúmeros benefícios e possibilidades, pois apresenta arte, imaginação e encantamento no ato de ler e escrever. Oportunizar o contato com obras literárias, sendo elas clássicas ou não, é dar à criança, ao adolescente ou jovem, a inspiração, a criação de suas histórias, contribuindo na compreensão e na relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo, estabelecendo relação entre imaginário e realidade, ou seja, vivenciando diariamente, de forma poética, os momentos marcantes da própria história.

O professor necessita desenvolver em si o gosto, a sensibilidade, o amor pela leitura e escrita, para que tenha disposição de conduzir o aluno ao universo literário, oferecendo condições para que ele vivencie, conheça a obra e seu respectivo autor, e que, inspirado por eles, possa aprimorar o seu gosto, sua percepção e criatividade e compreender com muito mais sensibilidade a sua própria história, entendendo que é a partir dela e da experiência de vida que cada um traz em sua bagagem que construímos e reconstruímos nossa memória .

Diante dos conhecimentos adquiridos e partindo de uma problemática diagnosticada, relacionada ao baixo desempenho e gosto pela leitura e escrita apresentados pela turma multisseriada do sexto e sétimo ano, da Escola Municipal Laranjeira I, de Cáceres-MT (Escola do Campo), propusemos esta intervenção, partindo de um pré-diagnóstico sobre o interesse da turma pelas narrativas de terror, com a finalidade de estimular, motivar o gosto pela escrita, leitura literária e o desenvolvimento da oralidade, com o propósito também de que o projeto possa proporcionar novos itinerários, novas descobertas de/e sobre a leitura, contribuindo de maneira significativa no processo de refletir sobre o significado e a ressignificação dos atos de ler, escrever e oralizar.

Dentro desta proposta, trouxemos a oralidade por meio da contação de “histórias de assombração” contadas por familiares, vizinhos, moradores da localidade, na perspectiva de, ao mesmo tempo, proporcionar a experiência aos alunos e garantir a permanência, na comunidade, destes conhecimentos, que exercem uma função fundamental e valiosa de manter viva a memória, ensinamentos, conhecimentos e a história de nossos antepassados. Benjamin (1987, p. 205) pondera:

> Já se extinguiram na cidade e estão em vias de extinção no campo. Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade de ouvintes. Contar histórias sempre foi arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas, ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido.

Pela importância que vemos nessas considerações de Benjamin (1987), sentimo-nos responsáveis por retomar à tradição local de contar/ouvir histórias e mantê-las vivas e conhecidas por esta e por futuras gerações, fortalecendo a sua prática, através dos recontos das histórias tecidas no cotidiano escolar e familiar.

O projeto de intervenção se embasou em aportes legais, tais como o documento da Base Nacional Comum Curricular – (BNCC), do Documento de Referência Curricular (DRC/MT, 2018), e do Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Municipal Laranjeira I, objetivando a criação de laços e estratégias que favoreceram a relação, a socialização entre professor/aluno neste processo.

Barbosa (2011, p. 156) orienta:

> Atuar como mediador no processo de aquisição de habilidades de leitura, inclusive do texto literário, é papel central do professor. Organizar o espaço da sala de aula, propor objetivos de leitura, fazer perguntas que facilitem o processo interpretativo, são formas de atuar positivamente nesse processo.

Dessa forma, propusemo-nos a mediar o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita de nossos alunos, esperando ações positivas e, consequentemente, bons resultados, buscando desenvolver, na prática, a motivação pela leitura literária através de narrativas de terror, orais e escritas, considerando a sugestão e escolha dos alunos. Leão e Souza (2015, p.5) enfatizam que:

> Além de escolher a metodologia para trabalhar a leitura literária na escola, precisamos estar atentos às escolhas das obras a serem lidas, pois estas escolhas fazem grande diferença para a apropriação da literatura enquanto construção de sentidos e enquanto arte.

À vista disso, a manifestação de interesse dos alunos por um determinado gênero literário foi essencial para iniciar um processo de incentivo significativo, uma vez que eles perceberam que o trabalho não foi uma imposição, mas lhes deu autonomia da escolha, principalmente ao estabelecer um diálogo com a literatura, em que puderam identificar-se e compreender-se através de um texto literário. “A literatura pode ser acolhimento quando, na voz do outro, encontra-se eco do que provoca e não se tem coragem de proferir em voz alta. O encontro com a cultura, manifesta na palavra literária, comporta o silêncio” (Salutto, 2019, p. 12).

No decorrer de todo o meu percurso como professora, a maior parte dele se deu nos âmbitos mais longínquos das Escolas no/do Campo, com turmas de várias faixas etárias. Com elas, experimentei as mais variadas experiências e o conhecimento e aprendizado têm sido extraordinários. Foram muitos os erros que me oportunizaram reinventar, rever, refletir, construir e descontruir minha prática. Todavia, cada turma, cada aluno é único e cada vivência exige novos olhares, novas posturas, caminhos, leituras. É um processo contínuo, que nos possibilita buscar constantemente novos conhecimentos para atender a novas demandas.

Notamos que, para muitas crianças e adolescentes, o ato de ler e escrever, na maioria das vezes, não faz parte das boas lembranças da infância. É lembrado como algo obrigatório, mecânico e imposto, dificultando o encontro de sentidos e significados nas palavras e na expressão oral. Tais exigências e comportamentos por uma leitura automatizada podem gerar bloqueios e a não participação na socialização e compreensão do processo oral, da leitura e escrita, realidade que vem se apresentando com certa frequência nos contextos em que tenho atuado.

Segundo Petit (2009, p. 11), "a leitura é uma arte que se transmite, mais do que se ensina, é o que demonstram vários estudos". Sendo assim, precisamos desenvolver a arte da transmissão da leitura, ainda que seja no espaço escolar, criando meios que favoreçam este contato de forma prazerosa e não enfadonha, criar e fortalecer este elo de interação entre a leitura e o leitor. Essa transmissão não consiste num conteúdo de técnicas e conhecimento teórico, mas numa forma de olhar, e no desenvolvimento da autoestima e motivação necessárias para que os alunos tenham vontade de aprender. Técnica e teoria se inserem no processo em decorrência da própria busca dos estudantes por aprimorar sua expressão.

Sendo a leitura, a escrita e a oralidade bases essenciais para a formação do sujeito, capacitando-o para a compreensão, interpretação sobre o que ler, expor suas opiniões, ideias, argumentos com autonomia, segurança e desenvoltura, propomo-nos a verificar os efeitos do trabalho baseado na transição entre oralidade e escrita, no desenvolvimento da leitura de textos escritos. A opção pela narrativa oral se justifica pelo fato de que ela está presente no âmbito familiar dos alunos atendidos. Compreendemos que a família é a primeira instituição que exerce um papel fundamental na vida do indivíduo e a escola, e, neste cenário, é um prolongamento de sua formação, fortalecendo o vínculo e participação da comunidade nos processos de desenvolvimento dos educandos, principalmente na partilha de seus conhecimentos, experiências e valores.

Partindo desta prática, a participação da comunidade do assentamento trouxe um repertório de memórias e reacendeu, tanto no coração dos alunos, como também dos moradores mais jovens, a reflexão de quão importante é manter vivas as reminiscências de nossos ascendentes e o quão estas lembranças podem influenciar de forma positiva na vida escolar do aluno, principalmente na área das linguagens. As histórias fornecidas por eles tornaram-se inspiração para a turma, em suas narrativas orais e nas suas produções escritas. Estas foram estimuladas a partir de um trabalho de comparação entre as narrativas orais e escritas, cujo intuito foi estabelecer diferenças e semelhanças entre elas, para uma melhor compreensão da forma a ser adotada para a produção.

A escola, por sua vez, foi contemplada com um acervo de material cultural, que certamente fornecerá conteúdo a ser trabalhado a longo prazo, contemplando todas as áreas, principalmente a leitura e escrita literária. Desta forma, tanto a escola quanto as famílias poderão caminhar juntas, por um mesmo objetivo: manterem vivas as memórias adquiridas e construídas, utilizando-as na ressignificação de novas práticas na escola e na comunidade, tendo o aluno como agente no processo de ensino-aprendizagem, primando pela sua autonomia, desenvolvimento, capacidade e habilidade pessoais e coletivas.

Partindo dessa premissa, a organização desta dissertação se dá da seguinte maneira: no primeiro capítulo, trataremos sobre *A escola do Campo*, suas características que vão além de um espaço geográfico. A escola apresenta-se como um verdadeiro laboratório de experiências e vivências fundamentais no fortalecimento, formação e promoção social do sujeito, na afirmação de sua identidade de homem e mulher do campo. Amplia a consciência crítica nas relações políticas, socioeconômicas e culturais, assegurando um currículo diferenciado, voltado para a realidade e necessidade dos alunos, buscando garantir a existência, permanência e a valorização dos saberes e cultura locais. Dessa forma, busca-se sempre aliar teoria com a prática no processo de ensino e aprendizagem. Na sequência, refletiremos sobre a leitura no contexto escolar e suas definições. Dentro deste capítulo ampliamos nossa reflexão embasados na vivência e em consonância com aportes teóricos. Discorreremos sobre a importância da leitura na formação do indivíduo, analisando também os impactos e os prejuízos decorrentes de sua falta na vida do ser humano. Em seguida, trataremos sobre a oralidade e a escrita, considerando-as ferramentas cruciais para preservação de nossas culturas, tradições e identidades. A oralidade está presente no âmago da nossa proposta como ferramenta importante no processo de comunicação, liberdade de criatividade para improvisar, aspectos que, muitas vezes, na escrita, são limitados. Finalmente apresentaremos o desenvolvimento da proposta de intervenção,

englobando este trio composto por práticas extremamente importantes da linguagem, que embasam o conhecimento e aprendizagem do sujeito, capacitando-o e formando-o para os enfrentamentos contemporâneos.

2 A ESCOLA DO CAMPO

O campo abriga milhões de brasileiros e brasileiras desde a infância até a terceira idade, que vivem através do trabalho árduo e diário de desbravar a terra para seu próprio sustento. São povos que trazem em suas histórias a resistência, a teimosia nas imbatíveis e incansáveis lutas travadas há centenas de anos para garantir sua permanência no lugar que escolheram para viver e conservar suas raízes socioculturais, na maneira de ser, viver, organizarem-se e trabalhar.

Para compreendermos melhor o campo e seu povo, é preciso percorrer um longo caminho da história agrária brasileira, perpassando por cada período que retrata toda trajetória de força e luta para o acesso à terra. Diante deste cenário de intensos conflitos e opressão, no decorrer dos séculos, surgiram vários Movimentos Populares que, inconformados com a lentidão governamental, foram ganhando visibilidade nacional, tornando-se grande marco no contexto histórico brasileiro.

Em face deste breve relato, vale ressaltar a importância de movimentos sociais, sindicais e algumas pastorais que foram determinantes no desempenho da formação política de lideranças do campo, na luta e nas reivindicações de políticas públicas e dos direitos dos camponeses, que atuaram com representatividade para a contribuição reflexiva sobre a prática da educação, que é um dos pilares que sustentam a determinação da permanência no campo.

A releitura da história nos mostra que a falta de políticas públicas que garantissem a Educação do Campo criada, formada, pensada na realidade de luta, mudanças e transformação social, fez com que muitos acreditassem que escola no campo era simplesmente manter um espaço físico que abrigasse crianças, jovens, adolescentes e até adultos com o objetivo de alfabetizar e diminuir o índice de analfabetismo no Brasil. Por isso, é impossível citar uma escola do campo, sem antes contextualizar sobre seu processo de criação, construção, organização e formação. Para adentrarmos em uma das especificidades da luta camponesa que configura a Educação do Campo, precisamos compreender a dinâmica de mobilização social que envolve todo processo de construção da Escola do Campo, que não se restringe somente a um espaço físico, mas caracteriza-se como um centro de reflexões, ações, práticas construtivas e coletivas, colaborando para ressignificação de valores e afirmação da identidade centrada na formação do ser humano.

A educação da escola do campo requer comprometimento e pertença de seus educadores, para que defendam e fortaleçam uma pedagogia que se interesse por todas as dimensões do ser humano, embasadas em um ambiente educativo através da ação, participação,

cultura, valores e história de seu povo. Preservar as raízes culturais dos camponeses e camponesas é conservar e garantir sua identidade para a atual e futuras gerações.

A Escola do Campo, que traz em seu currículo a Educação do Campo, transporta em sua essência a vivência de valores da cooperação, coletividade, do humanismo, do importar-se com o "outro", da participação da comunidade nas tomadas de decisões e soluções coletivas. Estas atitudes se representam na identidade do ser e fazer parte da escola do campo. Para ilustrar este contexto, trazemos aqui uma escola que é fruto da luta de tantos camponeses e tantas camponesas que, por meio de enfrentamentos, lutas garantiram uma escola que tem como base uma educação voltada para os valores de pertença e compromisso que nossas crianças herdarão com propriedade, a identidade de um povo que acredita e sonha com uma sociedade que seja para todos. Estas memórias são referências necessárias, as quais devem ser cultivadas constantemente para a formação do sujeito, como pondera Caldart (2002, p. 133):

> Fazer parte deste povo; participar de sua memória; participar de seus processos de formação.de humanização; identificar-se com seu projeto utópico e com o desafio de formar pessoas para construí-lo na prática. Ser exemplo dos valores que brotam de suas práticas de resistência, de luta: a solidariedade, o espirito de cooperação, a compaixão (o sentir com outro), a persistência... Afirmar e participar do movimento da história sem temer contradições e conflito. O campo está em movimento; este movimento que também é embate para que aconteçam transformações é repleto de contradições. E por isso mesmo de conflitos. A fecundação da terra por vezes exige movimentos bruscos, nem por isso, menos produtores de vida. É preciso aprender da sabedoria do povo; é preciso sempre aprender a ser educador; é preciso jamais deixar de ser educando...

A Instituição Escolar Municipal Laranjeira I está localizada no Assentamento Laranjeira I, na zona rural do Município de Cáceres – Mato Grosso. Foi criada pelo Decreto 077 de 12 de março de 1998, resolução 003/16-CMEC. Fazem parte desta Instituição Escolar duas salas anexas, localizadas nas Fazendas Nova Larga e Santo Antônio das Lendas, ambas distanciadas, aproximadamente, cento e oitenta km da sede e da cidade de Cáceres.

A escola é oriunda da comunidade *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*, que, ao longo da sua história, construiu uma pedagogia própria, fundamentada nas ações concretas das lutas pela Reforma Agrária e pela capacidade de transformar o sujeito social, dando-lhes sua própria identidade, que aos poucos foi se fortalecendo, projetando a transformação da sociedade, constituindo uma cultura diferenciada.

Em 07 de abril de 1996, a Fazenda Santa Amélia, no distrito de Caramujo, foi ocupada por aproximadamente mil e quinhentas famílias que ali permaneceram por cinco meses. Com a

desapropriação de outras fazendas na região, as pessoas foram assentadas e outros seis assentamentos surgiram, entre eles o Antônio Conselheiro, neste município, no qual se encontra situada a Escola Municipal Laranjeira I. A área tem aproximadamente cento e vinte famílias em lotes (parcelas de terra) individuais. Nesta comunidade predomina a agricultura, que é desenvolvida exclusivamente para o sustento próprio, não sendo destinada ao consumo de outros e nem para comercialização.

Há uma grande diversidade cultural no assentamento. As famílias vieram de vários estados, com suas características culturais diversificadas e foram construindo os seus espaços e suas maneiras de viver, tendo como referência o aprendizado adquirido ao longo de suas vidas. O nome é referente à antiga fazenda Laranjeira, não havendo participação da comunidade na escolha do nome.

A Escola Municipal Laranjeira tem como princípios fundamentais desenvolver a educação enquanto processo de formação, por meio do qual o sujeito possa interagir na sociedade, com ações, atitude e posicionamento que provoquem mudanças e garantam uma educação voltada para a modificação social, nas várias dimensões do ser humano, e possa contribuir na construção de seus referenciais, com base nas experiências pessoais e coletivas, assegurando-lhes os princípios de justiça e solidariedade. Sendo assim, a Escola Municipal Laranjeira I, que atende da educação infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental, tem como meta desenvolver as atividades pedagógicas, administrativas e financeiras, seguindo na direção de ação integrativa, crítica e reflexiva que visa à transformação social.

A escola atende oitenta e dois alunos e funciona com seis professores, sendo três pedagogos efetivos, uma professora de área efetiva, com formação em Letras, e dois professores das áreas de Exatas e Humanas, contratados, duas Auxiliares de Desenvolvimento Infantil (ADI), uma para atender a dois alunos com laudos e a segunda para sala de Educação Infantil. Também compõem o quadro quatro servidores, distribuídos nos cargos de auxiliar administrativo, nutrição, auxiliar de serviços gerais e guarda.

As turmas são multisseriadas, devido ao número reduzido de alunos, e estão organizadas das seguintes formas: Educação Infantil (quatro e cinco anos); primeiro, segundo e terceiro; quarto e quinto; sexto e sétimo; oitavo e nono anos. A vista disso, nossa Escola foi nucleada à Escola Paulo Freire-Núcleo Paiol. Esta realidade representou grande perda de autonomia para todos nós, e retrocesso para os nossos ideais, principalmente na educação, pois trouxe vários agravantes e desafios para todos os profissionais, que precisam se desdobrar para atender da melhor forma a especificidade de cada educando, trabalhando para não comprometer o aprendizado das crianças.

Diante disso, o Projeto Político Pedagógico tem como finalidade traçar as ações administrativas e o trabalho educativo da escola Laranjeira I, bem como permitir um olhar mais criterioso sobre nossa realidade educativa como um todo, a fim de buscar estratégias para alcançarmos nosso objetivo maior que é a formação integral dos nossos educandos.

Desta forma, a escola se fundamenta em uma metodologia embasada em projetos, pesquisas, produção textual, leitura/escrita, oralidade e estratégias de ensino e recursos didáticos que buscam desenvolver e propiciar os desenvolvimentos cognitivo, físico, motor e intelectual.

Mediante as ações vinculadas, a intervenção pedagógica que aqui se propõe se encontra intrinsecamente ligada ao melhoramento e busca constante pela qualidade no processo de ensino-aprendizagem, principalmente para aqueles alunos que apresentam dificuldades e defasagem em seu desenvolvimento ensino/série, e também a priorização nas deficiências que têm se tornado fatores limitantes no que condiz à leitura, escrita e à oralidade.

3 A LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR

A educação no Brasil ainda apresenta uma situação que requer bastante atenção, pois os resultados das avaliações internas e externas, aplicadas nas escolas, ainda demonstram baixos rendimentos nos níveis da leitura e escrita. Diante desta realidade vários fatores exigem indagações, como relata Carvalho et al. (2021, p 2-3):

> Nesse contexto, ao perceber leitura como instrumento de emancipação, a partir da perspectiva social, discute-se aqui o impacto que estruturas socioeconômicas podem causar no desempenho de leitura, memória e raciocínio dos indivíduos, e o impacto na formação deles enquanto leitores competentes. Essas análises e discussão poderão contribuir para reflexões sobre alternativas práticas de formação leitora, de modo a sugerir condições para que os indivíduos sejam capazes de se apropriar da leitura e da escrita para suas práticas, interações e exigências sociais. Investigar a disfunção na capacidade de leitura, em um país que ainda apresenta desigualdades socioeconômicas abissais, é estar sensível ao fato de que o problema tem raízes fincadas em aspectos para além dos muros escolares; ele se alonga a esferas culturais, sociais e econômicas. Tal situação requer que a estrutura social como um todo, seja considerada.

As barreiras sociais que atrasam e dificultam o processo de aprendizagem e a aquisição da leitura e escrita geram desigualdades que afetam significativamente a vida de muitos cidadãos brasileiros em diversos âmbitos, principalmente no desempenho escolar. A leitura é um recurso precioso que nos permite o uso adequado da palavra, o rompimento dos entraves que nos impedem em construir relações de fortalecimento das ideias e ações na participação social ativa e reflexiva, permeando aspectos da existência, enriquecendo atitudes sociais transformadoras.

A leitura, num primeiro momento, pode ser algo mágico, no qual a criança conduz o som e tira o alfabeto para dançar, no ritmo da música, forma os pares ou grupo e coloca as letras para se movimentar. A leitura, quando iniciada ainda antes do nascimento do bebê pela mamãe que lê para seu filho ainda em sua barriga, pode criar intuitivamente uma aproximação com os livros. Já em relação à leitura do livro, Parreiras (2012, p. 13 enfatiza que “Oferecer um livro a uma criança é oferecer mistérios, magia, fantasias e forma de lidar com afetos que decorrem desta experiência. O livro ajuda a construir e elaborar afetos”.

A autora ressalta a importância da cultura do livro, da leitura como forma da descoberta de ensinar e aprender com a criança, constituindo valores que serão bases na sua formação leitora. Estimular o gosto pela leitura deveria ser, antes de tudo, tarefa de todas as famílias, principalmente no atual contexto de acessibilidade a diversidades de gêneros textuais, livros

para todas as idades e gosto. Quando este processo ocorre no seio familiar, a criança já possui uma determinada intimidade com o livro, o que diminui o impacto e uma possível rejeição no momento de proposição da leitura obrigatória na sala de aula, pois o contato preliminar com esta prática pode colaborar com a ampliação da bagagem e da consciência sobre a necessidade e a importância da leitura, bem como o e sucesso da formação leitora.

3.1 Definição de leitura

A leitura é definida por Leffa (1996, p. 10) da seguinte forma:

> A leitura é basicamente um processo de representação. Como esse processo envolve o sentido da visão, ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra. A leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos da realidade. Nessa triangulação da leitura, o elemento intermediário funciona como um espelho; mostra um segmento do mundo que normalmente nada tem a ver com sua própria consistência física. Ler é, portanto, reconhecer o mundo através de espelhos. Como esses espelhos oferecem imagens fragmentadas do mundo, a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo.

À vista disso, a leitura apresenta um viés de possibilidades fragmentadas com diferentes sentidos, porque é uma relação intermediária com a realidade e, por isso, depende de elementos e conhecimentos do mundo na ótica e compreensão de quem lê. O autor ainda reforça sobre a importância da acepção de informações e bagagens sobre o texto para uma boa leitura, considerando seu caráter fragmentário, enfatizando a figura do leitor:

> A visão da realidade provocada pela presença do texto depende da bagagem de experiências prévias que o leitor traz para a leitura. O texto não contém a realidade, reflete apenas segmentos da realidade, entremeados de inúmeras lacunas, que o leitor vai preenchendo com o conhecimento prévio que possui do mundo. A qualidade do ato da leitura não é medida pela qualidade intrínseca do texto, mas pela qualidade da reação do leitor. A riqueza da leitura não está necessariamente nas grandes obras clássicas, mas na experiência do leitor ao processar o texto. O significado não está na mensagem do texto, mas na série de acontecimentos que o texto desencadeia na mente do leitor. (Leffa, 1996, p. 14).

Sua concepção de leitura está centrada na experiência do leitor, mais do que na produção do texto, sendo o leitor o responsável por recriar, a partir das próprias experiências e

conhecimento de mundo, os sentidos de um texto. Lavezzo et al. (2020, p. 4) descreve a compreensão da leitura, com base em Cosson (2018):

> Conforme Rildo Cosson (2018), a leitura pode ser compreendida por meio de três modos que são pensados em um processo linear. O autor, assim, apresenta três etapas: a antecipação, a decifração e a interpretação. A primeira delas diz respeito as várias operações que o leitor realiza antes de entrar em contato com o texto propriamente dito. Em seguida, a segunda etapa refere-se ao conhecimento que se tem das letras e das palavras, sendo este conhecimento indispensável para relacionar-se com o texto de maneira hábil e eficaz. Por fim, a interpretação é o meio pelo qual o leitor negocia o sentido do texto. Isso ocorre, segundo Cosson, porque a interpretação ―[...] depende, assim, do que escreveu o autor, do que leu o leitor e das convenções que regulam a leitura em uma determinada sociedade‖ (Cosson, 2018, p. 41 apud Lavezzo et al, 2020, p.4).

Cosson (2018) considera a relação entre autor, obra e leitor na produção da leitura. Leitura e escrita tornam-se vitais, principalmente quando os sonhos são tão grandes que não cabem na alma, e necessitam ser compartilhados com o lápis e o papel. A ausência das duas impossibilita o registro escrito, sua leitura e releitura. Assim sendo, o ato de ler não significa somente a codificação e decodificação de signos, mas representa a essência da alma fluida em palavras, ao ganhar vida nas páginas de um livro. Aguiar e Bordini (1988, p. 26) afirmam que:

> Quando o ato de ler se configura, preferencialmente, como atendimento aos interesses do leitor, desencadeia o processo de identificação do sujeito com os elementos da realidade representada, motivando o prazer da leitura. Por outro lado, quando a ruptura é incisiva, instaura-se o diálogo e o consequente questionamento das propostas inovadoras da obra lida, alargando-se o horizonte cultural do leitor. O dividendo final é novamente o prazer da leitura, agora como apropriação de um mundo inesperado.

No processo de comunicação que é a leitura, o leitor pode se reconhecer ou romper com suas expectativas e valores. Essas possibilidades tornam a leitura indispensável e necessária na vida do sujeito. A leitura pode se apresentar de várias formas, de acordo com as circunstâncias como: conhecimento, lazer, fascinação, encontro consigo mesmo, apropriação, viagem, sonho e imaginação. Diante de tantas possibilidades, a leitura nos permite vislumbrar novos horizontes, ao mesmo tempo que concede "a construção de um mundo interior... além de sustentar um processo de autonomização, a construção de uma posição do sujeito" (Petit, 2009 p. 16). Diante da multiplicidade oferecida pela leitura, Petit (2009, p. 16) ressalta ainda sobre a importância da leitura como narrativa:

> Mas o que a leitura também torna possível é uma narrativa: ler permite iniciar uma atividade de narração em que se estabeleçam vínculos entre os fragmentos de uma história, entre os que participam de um grupo e, às vezes, entre universos culturais.

Diante do exposto, a leitura facilita a formação da união entre leitor e narrativa, que tem a capacidade de correlacionar e construir sentidos e significados para si e para o outro. A leitura nos leva a adentrar um universo muito mais abrangente, muitas vezes desconhecido, mas profundo, que possibilita o diálogo e a compreensão de algo que antes parecia obscuro. Assim sendo, a leitura deve ser motivada pelo prazer, o que não significa romantizar este processo, tornando-o apenas emocional e idealizado, mas compreender que, através dele, pode-se desenvolver a capacidade de analisar com mais clareza e propriedade o que se deseja.

Aguiar e Bordini (1988, p. 26) enfatizam que:

> O ato de ler é, portanto, duplamente gratificante. No contato com o conhecido, fornece a facilidade da acomodação, a possibilidade de o sujeito encontrar-se no texto. Na experiência com o desconhecido, surge a descoberta de modos alternativos de ser e de viver. A tensão entre esses dois polos patrocina a forma mais agradável e efetiva da leitura.

O contato com o conhecido e o desconhecido, que é semelhante aos processos de identificação ou ruptura com valores a partir da leitura, é colocado pelas autoras como a forma mais agradável de leitura, talvez porque essa dualidade gere um movimento de relaxamento e tensão, de expectativas e repousos. Esse movimento pode ser usado como modelo para este trabalho, em que se pode oferecer o conteúdo familiar ao aluno para, alternativamente, oferecer-lhe também algo que o desafie. Pode-se, assim, gerar satisfação e aprendizado.

A importância da valorização do conhecido através da leitura de mundo, abordada por Freire (1989, p.9) quando se refere ao fato de que "*a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra"*, reforça a relevância do conhecimento de mundo do sujeito na busca pelo desenvolvimento da leitura da palavra. Refere-se a isso como *movimento dinâmico,* primordial ainda no processo de alfabetização, embasado na experiência existencial de cada sujeito, tornando-se uma ação contínua de significação e mobilização do conhecimento (Freire, 1989).

Nesta perspectiva (Giroto et al., 2012, p. 177) reforça a relevância da leitura além da decodificação:

> Neste sentido, as estratégias de leitura, nos permitem conhecermos mais profundamente a nós mesmos como leitores do mundo, tornando-nos leitores autônomos e críticos. Por isso a defesa por uma leitura não somente em si, mas para si, de leitores para si, em constante e consciente processo de construção, dado a forma como este se relaciona de maneira crítica e consciente com os demais representantes do gênero humano, percebendo-se como um agente do processo histórico, partícipe e herdeiro das riquezas produzidas pelo homem como gênero.

Geraldi (2011) busca aprofundar sobre a leitura destacando a importância do ato de ler. Para isso aponta o conceito de Marisa Lajolo (1982), que discorre sobre alternância entre o reconhecimento da pretensão do autor e a entrega à leitura própria:

> Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (Lajolo, 1982, p. 59, apud Geraldi, 2011, p. 70).

Aqui o autor demonstra que o ato de ler é sumamente importante pois cria um encontro entre o autor e o leitor que, por sua vez, acrescenta sentido ao texto ao fazer a leitura com base na sua compreensão e interpretação. Ademais, Lopes et al. (2022, p. 2) consideram que:

> Na esteira dessas perspectivas de compreensão/interpretação e de leitura, outro argumento que trazemos à cena, reporta à história de leitura do leitor, fator que se mostra importante quando admitimos que o leitor, em seus gestos de leitura, vem carregado de palavras.

Portanto, a valorização do conhecimento e leitura de mundo que o aluno traz consigo favorece a sua capacidade de compreensão, o desenvolvimento e entendimento do texto lido. Em outras palavras, Lessa e Santos (2023) reforçam a relevância que a vivência sociocultural exerce sobre o sujeito e o processo da formação leitora, incluindo-se nessa vivência o aspecto sentimental:

> Como a leitura representa o resgate de conhecimentos prévios, é desejável que o ambiente escolar leve em consideração os sentimentos socioculturais vivenciados pelo corpo discente. Deseja-se um aprendizado situado, para que o conhecimento escolar não se mantenha alheio às violências e aos sofrimentos humanos pelos quais sua comunidade é acometida. (Lessa e Santos, 2023, p. 96).

O sujeito inserido, tanto na esfera familiar, quanto na escolar ou na sociedade, deve fazer uso de práticas de leitura como mecanismo de autonomia para modificar suas condições, de cognitivas a sociais, e favorecer suas escolhas. É preciso fazer os alunos entenderem o quão importante é a leitura e que através dela terão a oportunidade de provocar mudanças em sua realidade e escrever uma nova história para as suas vidas.

4 ORALIDADE E ESCRITA: A IMPORTÂNCIA DA ORALIDADE NO COTIDIANO E NA SALA DE AULA

A oralidade faz parte do cotidiano do ser humano desde os primórdios da sociedade como forma de se comunicar, fortalecendo a sua relevância principalmente no repasse de valores e conhecimentos de uma geração para outra, práticas exercidas atualmente, sobretudo, pelos povos tradicionais, como garantia de guardar, repassar, fazer prevalecer seus costumes e valores culturais, tão essenciais para a constituição e formação de seus membros. Marcuschi (1997, p. 119-120), ao se referir à contemporaneidade, pondera que:

> Hoje, é impossível investigar os fenômenos da oralidade e da escrita sem uma referência direta ao papel dessas duas práticas na civilização contemporânea. De igual modo, já não se pode observar satisfatoriamente as semelhanças e diferenças entre oralidade e escrita sem considerar a distribuição de seus usos na vida diária. Assim, fica difícil, se não impossível, o tratamento das relações entre a fala e a escrita centrando-se exclusivamente no código. Mais do que uma simples mudança de perspectiva, isto representa a construção de um novo objeto de análise e uma nova concepção de língua e de texto, agora vistos como práticas sociais.

Ainda que Marcuschi (1997) não esteja se referindo às sociedades tradicionais, suas considerações sobre a oralidade e escrita nos levam a relacioná-las à prática social da narrativa oral, típica delas. No âmbito da oralidade, faz-se necessário enfatizar a importância da valorização e o reconhecimento das narrativas passadas com tanta naturalidade pelos avós, bisavós, que as passavam com riquezas de detalhes, nas rodas de conversas no alpendre da casa, ou no chão batido da casa de taipa, com tanta sabedoria e propriedade das experiências vividas que os que ouviam absorviam com abundante profundidade e certamente as recontarão para seus descendentes.

No decorrer de nossas vidas, sentimos a necessidade de nos comunicarmos das mais diversas formas, por meio da narração, opinião, argumentação entre outras, e, desta forma, a oralidade figura entre as primeiras competências adquiridas pelo ser humano e o coloca no desenvolvimento do contato intersubjetivo, através da comunicação, interação e vivência familiar, escolar e social.

Por outro lado, a oralidade, como uso da fala, precede a escrita e sua leitura, portanto deveria estar mais presente nas práticas diárias em sala de aula, que ainda mantém a priorização da escrita como alicerce na construção do saber, resultando, na maioria dos casos, em planejamentos recheados de conteúdos e atividades que, de modo habitual, estão distantes do

desejo e da realidade do aluno. Para reforçar a importância desta habilidade, Gomes (2019, p. 42) enfatiza que:

> Ter direito a falar e ser ouvido é ser respeitado no que se tem de mais caro, que é a nossa constituição como ser humano, também em nossas tradições, porque a palavra é a própria vida. Nesse sentido a oralidade está circunscrita ao que há de mais sagrado, assim, as narrativas orais estão guardadas no coração de todos os povos, e na infância/adolescência é quando essas experiências do narrar e ouvir são tatuadas na alma para sempre.

De acordo com a autora, oportunizar o direito à fala é também valorizar a voz de nossos antepassados por meio das narrativas de conhecimentos que continuarão passadas de geração em geração, através do recontar as experiências e histórias vivenciadas ao longo de cada tempo. Assim, Benjamin (1987) afirma que a narrativa conserva suas forças e, depois de muito tempo, ainda é capaz de desenvolver a germinação das memórias, do aprendizado das sensações provocadas das narrativas vivenciadas. O contexto ao qual alude o autor é popular, cujas narrativas se vinculam à memória e à identidade de um grupo. Alves e Fernandes (2012), ao mencionarem também as questões ligadas à identidade, chamam atenção para o caráter criativo e poético das manifestações populares:

> Manter vivo o aparato cultural e a memória coletiva de um determinado grupo é, antes de qualquer coisa, fazer da oralidade umas práxis, tanto social quanto artística, sendo essa prática fundamental para entender a poeticidade presente nas manifestações populares…como práticas completas entre si. Um dos aspectos mais interessantes da tradição oral talvez seja a capacidade de atualizar histórias, promovendo a continuação da identidade de determinado grupo. (Alves e Fernandes, 2012, p. 152).

Assim sendo, é preciso retomar este aporte cultural que se faz necessário em tempos de isolamentos, individualidade e solidão tecnológicos, lembrando, como nos alerta Benjamin (1994, p. 197), de que "a arte de narrar está em vias de extinção". Considerando a sua relevância para o desenvolvimento do ser humano em todas as suas esferas, é preciso garantir e cultivar a essencialidade desta prática em nossas atividades pedagógicas.

4.1 Narrativa oral e narrativa escrita

Vivemos uma época em que nossas vidas são regidas pelo relógio, demarcadas pelo tempo linear e cronológico. Tudo que fazemos é minimamente cronometrado para atender aos

compromissos e responsabilidades que nos são exigidos socialmente. Na correria diária, priorizamos os que são mais urgentes e que julgamos mais importantes e necessários. Somos consumidos por avalanches de novas tendências, revoluções e, com isso, vamos perdendo elementos fundamentais para uma existência com mais sentido, como são as narrativas orais. Não privilegiamos mais o lazer, o sentar, o ouvir, o narrar, o contemplar, o silenciar... somos bombardeados de informações constantes ou ocupamos tempo demais com o mundo virtual, no qual passamos horas... encarcerados na solidão de uma sala ou de um quarto.

Diante disso, valores socioculturais vão sendo esquecidos e, com eles, a sabedoria de nossos anciãos corre risco de ser abafada, desprotegida, perdendo-se a voz, a magia, o conhecimento, a simplicidade, a reflexão das belas e sábias narrativas passadas por eles através da voz cansada, trêmula, do olhar cinzento e nostálgico e do riso tímido que ecoa nos pensamentos daqueles que tiveram o privilégio de ouvi-los e contemplá-los! Teria o tempo diminuído, ou estamos nós diminuindo a qualidade do tempo?

Dessa forma, o nosso tempo é roubado, muitas coisas essenciais apagadas e, em lapsos de memórias e realidade, o reflexo da solidão e do vazio nos leva a questionar o porquê de tantas coisas... Não estaríamos dando tanta importância para elementos não tão importantes?! Sendo o diálogo, a conversa, as trocas de ideias e experiências primordiais para estabelecer relações e vivências, vemos como essencial a busca pela sua prática.

No decorrer de nossas vidas, em especial nas comunidades, constantemente nos deparamos com as narrativas orais, vivenciadas dentro do seio familiar, apropriadas pelos pais, avós, bisavós que vão discorrendo sobre suas experiências, vivências de fatos reais, ou recontados pelos seus ancestrais, que têm o poder de enriquecer e ampliar a leitura de mundo de uma criança. A experiência destes relatos se torna algo inesquecível, pela forma como são transmitidos: não somente pelos relatos, mas pela desenvoltura, beleza, nostalgia e emoção irradiadas em cada palavra e gesto da narração. A melancolia que embarga a voz, turvando o olhar que se perde no horizonte das lembranças, envolve narrador e ouvinte numa atmosfera mágica de sentimentos e viagem a lugares, tempos, culturas e pessoas que somente a imaginação possibilita vivenciar e sentir.

É possível perceber que o narrador faz uma viagem de volta ao tempo para reviver e relembrar os fatos, uma mistura de nostalgia, tristeza, risos, crenças e alegrias, um misto de sentimentos envolventes, mágicos, saudosos para aqueles que ouvem e em que também se experimenta um tempo que não se chegou a viver. A criança, como sujeito que experimentou tudo isso, tem uma bagagem imensa de experiências para compartilhar e acrescentar, naquele que é o segundo espaço em que mais está presente: a escola.

Todavia, percebemos que é persistente a indiferença dentro da sala de aula pela bagagem de conhecimentos, experiências trazidas de casa pelo aluno. Julgamos importante considerar essas reflexões, porque a intenção aqui é mostrar como esse conhecimento e experiência da oralidade pode colaborar com o ensino da escrita e sua leitura. Da mesma forma que vemos desinteresse pelas histórias da oralidade, é também muito frequente nos depararmos com alunos do Ensino Fundamental, anos finais, sem interesse pela escrita e com necessidades de serem alfabetizados no que tange à *escrita e leitura decodificada*. Eis aqui novamente a necessidade de trazer este trecho de Freire (1989, p. 9):

> A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. A linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Diante da fala do autor, compreende-se que o sujeito é um todo que não pode ser fragmentado no processo de ensino aprendizagem, pois não é possível entrar para o texto ignorando o contexto, é preciso que a leitura e escrita das palavras seja uma continuidade dos conhecimentos já adquiridos e não uma ruptura com eles. Entre estes conhecimentos, incluímos o desenvolvimento da oralidade. O significado desta prática se reflete no encorajamento do sujeito para se fazer ativo na engrenagem das relações de ensinar-aprender, constituindo-se o processo de ensino numa troca de saberes que atendam o educando em suas necessidades. Assim, ele terá na instituição escolar uma mediadora na continuidade da construção de sua história. Com base nessa relevância, Freire (1989) salienta sobre a importância desta prática em sala de aula, que se torna algo fundamental e inesquecível na vida e formação do educando:

> Não eram, porém, aqueles momentos puros exercícios de que resultasse um simples dar-nos conta de uma página escrita diante de nós que devesse ser cadenciada, mecânica e enfadonhamente "soletrada" e realmente lida. Não eram aqueles momentos "lições de leitura", no sentido tradicional desta expressão. Eram momentos em que os textos se ofereciam à nossa inquieta procura incluindo a do então jovem professor José Pessoa (Freire, 1989, p. 11).

Aqui o autor destaca, através de suas lembranças com seu professor, que partir do conhecimento de mundo que o aluno já possui é descobrir e redescobrir juntos novos caminhos. Em nossa experiência, o próprio aluno, através de suas narrativas orais, pode nos direcionar ao caminho que devemos percorrer para auxiliá-lo na busca de soluções de seus problemas ligados

ao estudo da linguagem, bem como na descoberta de novos horizontes. Ainda sobre a arte das narrativas orais, Lima (2015, p, 17) com base em Benjamin (1987) destaca:

> A arte de narrar é uma das mais antigas formas de expressão do ser humano. Walter Benjamin (1987), em *O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, faz-nos refletir acerca da essência do narrador clássico. De acordo com o autor, narrar é um ofício lento, paciente, assim como tecer um manto, tecendo e desfazendo em busca da perfeição. A narrativa se alimenta da experiência adquirida ao longo da vida e permanece viva por meio da tradição oral. Ele diz que "o grande narrador tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais".

As narrativas orais, embora, ao nosso ver, desempenhem papel fundamental para o desenvolvimento da leitura e escrita, infelizmente não recebem o devido valor, talvez por causa de seu vínculo com o popular, que se reflete, dentre outras coisas, no seu aspecto simples e sintético. É imprescindível tomar consciência de que as narrativas orais impulsionam o desejo e o prazer pela escrita, ressignificando-a quanto ao seu aprendizado mecânico. Diante disso, vale ressaltar alguns apontamentos sobre o eixo da oralidade. Marques e Alves (2021, p. 4) discorrem sobre esta falha:

> Dentro da sala de aula a oralidade não tem ganhado tanto espaço quanto deveria, isso decorre do fato de que as metodologias dos professores se voltam mais para atividades que trabalham a escrita, os próprios livros didáticos instigam poucas vezes o trabalho com a modalidade oral.

Documentos como a BNCC (Brasil, 2018, p. 67-68) enfatizam o valor desta competência para o processo da educação:

> Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. Ensinar língua oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas e, também, os gêneros da vida pública no sentido mais amplo do termo.

O documento ressalta a necessidade de incorporar esta competência nas atividades e planos de aula diários, com a finalidade do desenvolvimento das habilidades e competências de aprendizagem escrita, leitora, discursiva, contribuindo no melhoramento da expressão e comunicação oral na defesa de suas argumentações, capacidade de persuasão e defesa de suas

opiniões, ideias e convicções. Além disso, vale ressaltar que, no processo de leitura e escrita, as narrativas orais suscitam a necessidade de aprender a escrita como possibilidade para o educando registrar suas experiências, conhecimentos, memórias, facilitando a compreensão sobre a valorização da representatividade de cada história, de cada sujeito, para o fortalecimento de concepções que potencializem em nossos educandos o significado do narrar, do escrever e do ler.

4.2 Narrativas de terror

O fantástico, o mágico, o sobrenatural fazem parte da cultura da humanidade desde seus primórdios, por meio das narrativas orais e escritas, em forma de contos de fada, de terror, filmes, livros, causos, cantigas, lendas que enriquecem a atmosfera da imaginação e criação de quem os ouve e assiste. Os conteúdos de terror estiveram muito presentes na vida de toda criança brasileira do campo, seja pelas canções de ninar, ou pelos causos e histórias de assombração e fantasmas que os pais relatavam, com o propósito, na maioria das vezes, de impor algo ou provocar o medo para obter a obediência dos filhos, ou para evitar que eles fizessem más escolhas. As narrativas de terror são as preferidas do público adolescente que buscam, através delas, experimentar sensações como perigo, medo e adrenalina. Sobre o gênero de terror, Botting (1996, p.74-75), apud Mohamed (2021, p. 21) afirma:

> O terror ativa a mente e a imaginação, permitindo-lhe superar, transcender até mesmo seus medos e dúvidas, possibilitando que o sujeito passe de um estado de passividade para a atividade [...] o Terror permite a fuga; permite delimitar seus efeitos, distinguir e superar a ameaça que manifesta. (tradução da autora)[1].

O autor ressalta as sensações físicas de arrepios, suor, aceleração do sangue e coração, causadas por estas narrativas, todavia, sugere que o leitor desperta de sua passividade para a reação de fuga diante da manifestação que o ameaça. A luta travada em face da presença do perigo estimula o indivíduo a buscar tais sensações.

Sendo o medo, a curiosidade, as expectativas e emoções os elementos mobilizadores destas narrativas, são elas também que colaboram para a preferência e a influência que as

[1] No original: "terror activates the mind and the imagination, allowing it to overcome, transcend even, its fears and doubts, enabling the subject to move from a state of passivity to activity […] Terror enables escape; it allows one to delimit its effects, to distinguish and overcome the threat it manifests."

narrativas de terror exercem sobre o leitor. Jouve (2002, p. 19) fala sobre esses efeitos, ao enunciar sobre as personagens romanescas:

> O charme da leitura provém em grande parte das emoções que ela suscita. Se a recepção do texto recorre às capacidades reflexivas do leitor, influi igualmente - talvez, sobretudo - sobre sua afetividade. As emoções [estão??] de fato na base do princípio de identificação, motor essencial da leitura de ficção. É porque elas provocam em nós admiração, piedade, riso, simpatia que as personagens romanescas despertam o nosso interesse.

Podemos dizer que a narrativa de terror envolve o leitor num misto de expectativa e suspense, levando-o a experimentar várias sensações ao mesmo tempo. Camarani (2014) afirma que:

> Para que o expectador ou leitor leve o monstro a sério é preciso que o monstro o seduza, que faça adormecer pouco a pouco seu espirito critico, que mergulhe em uma atmosfera mágica onde o fantasma, já esperado, se manifestará quase naturalmente. (Camarani, 2014, p .45).

> O irreal. O mistério esparso inquieta o sujeito, estimula sua curiosidade e o incita a buscar a fonte do maleficio. Esta busca do objeto do pavor que o atrai e que evita, essa iniciação ao terror, confunde-se com a própria narrativa. O instante agudo da crise é tão somente o final da busca, que pode confundir-se com a descoberta do monstro. (Camarani, 2014, p. 52).

Os sentimentos e sensações causados por este tipo de gênero literário são bastante apreciados, principalmente pela faixa etária da adolescência, etapa na qual buscam afirmar a sua identidade e compreender a conviver com vários conflitos internos, incertezas, medos.

Camarani (2014) sugere que, na história de terror, o leitor precisa se desvencilhar de sua exigência de representação da realidade, seu "espírito crítico", para que possa aceitar o aspecto fantástico. Talvez por isso esse tipo de narrativa seja tão interessante para adolescentes, justamente porque não exige a atenção consciente, mas relaxamento que permite a experimentação das emoções. Não que esse processo seja melhor ou mais fácil que outra leitura, mas é porque a adolescência é um momento de experimentações e descobertas afetivas com maior intensidade.

Estas sensações provocadas pela narrativa de terror expressam solidão e muitos sentimentos intensos e negativos, como pavor, tristeza, desespero:

> A temática do terror, por sua vez, leva à produção de um enredo, comumente, com personagens fantásticos em um lugar assustador. Tem-se, portanto, bruxas em castelos abandonados, vampiros em cemitérios, fantasmas na escuridão etc. No entanto, a narrativa também pode apresentar personagens reais que passam por situação medo, como sair da escola e ser perseguido por alguém. (Gasparotto e Menegassi, 2015, p. 815).

Assim sendo, consideramos que este gênero escolhido para este trabalho pode levar o leitor a um melhor entendimento sobre suas emoções experimentadas mediante estas narrativas, o que poderá vinculá-las às mesmas comoções sentidas diante de determinadas situações enfrentadas no decorrer da vida e reforçar vários fatores e experiências limites no contexto social.

4.3 Narrativas de terror no ensino de literatura: da oralidade para a escrita

A importância da literatura na aquisição do domínio da leitura e escrita é algo grandioso na formação do sujeito, principalmente nos enfrentamentos educacionais ao desinteresse frequente apresentado com relação àquelas habilidades em sala de aula. A opção pelas narrativas de terror no trabalho com ensino de leitura e literatura se deve pela sua natureza, que é capaz de provocar as mais diversas sensações em seus leitores, e pela sua predileção na adolescência. Voltolini (2018, p. 32) reforça os efeitos positivos da literatura:

> A literatura tem um papel importante na formação do sujeito leitor, por integrar o processo educativo e, por isso, é possível supor que, quanto mais contato o sujeito tiver com os textos literários, maiores serão as possibilidades de interação social e cultural, mediadas pela leitura.

Cosson (2018), por sua vez, fala sobre a identificação que a leitura e escrita literária oferecem através dos gêneros literários, que favorecem a motivação e o despertar para o ato de ler e escrever:

> Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. (Cosson, 2018, p. 17).

Gotlib (1985), apud Rosa e Gomes, 2022), ao tratar das características do gênero conto de terror, destaca os sentimentos que essa leitura pode provocar, dentre eles o medo do desconhecido:

> O conto é uma narração breve e de eventos imaginários, que apresenta um grupo reduzido de personagens e com poucos recursos narrativos. Lovecraft, autor, dizia: "A emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o mais antigo e mais forte de todos os medos é o medo do desconhecido". Seria essa a principal motivação para que os escritores escrevam os contos de terror? Fazer com que as pessoas conheçam e manifestem seus mais profundos medos? (Gotlib (1985), apud Rosa e Gomes, 2022, p. 04)

O conto de terror, conforme o autor, é um misto de incerteza, de expectativa perante a iminência de acontecimentos, notícias, decisões, desenlaces ou revelações importantes. O conto de suspense ou terror tem por objetivo despertar no leitor sensações de medo e horror referentes, por exemplo, à morte e à loucura. Os personagens são, normalmente, sobrenaturais, fantasmas, monstros, vampiros, caracterizando o mal que se esconde na mente humana.

Sendo o medo um combustível para outras sensações que impulsionam para uma reação, as narrativas de terror podem ser um instrumento de incentivo à leitura, escrita e desenvolvimento da oralidade de extrema importância para estabelecer diálogos autênticos sobre o gênero, inclusive através das narrativas orais. Esta é uma das formas eficientes de envolver os estudantes neste processo, partindo de seus interesses, gostos e encantamentos que eles nutrem pela ficção, pela necessidade que sentem de experimentar e viver outras experiências. Essa prática pode conduzir o aluno ao desejo e à motivação na busca de novas leituras e, consequentemente, pode alavancar seu interesse pela oralidade, para repassar sua experiência a outros colegas e pessoas através do reconto e dos relatos. Nobre (2011, p. 1) enfatiza a anterioridade da oralidade em relação à escrita:

> Sabe-se que, historicamente, a fala antecede e muito à escrita. Todos os povos possuem uma tradição oral como seu meio de comunicação, que evolui no decorrer dos séculos, mas nem sempre todos usam a escrita. Também se sabe que o surgimento da escrita foi posterior ao surgimento da fala. No entanto, a escrita foi ganhando uma importância superior à fala por se caracterizar como bem social indispensável, símbolo da educação, desenvolvimento e poder das grandes nações, mais prestigiado, portanto. Por causa disso, no sistema de ensino escolar, a linguagem oral e pouco trabalhada muitas vezes não é desenvolvida em sala de aula.

A autora reforça a relevância de se buscar a oralidade e priorizá-la no ambiente escolar, pois é uma necessidade do sujeito interagir, adquirir autonomia através da comunicação oral. Sendo a escola o espaço de ampliar e trocar experiências, faz-se necessário rever o currículo escolar e as práticas pedagógicas propostas. O professor na maioria das vezes necessita desconstruir seus métodos e concepções diante das problemáticas encontradas e construir novos caminhos que possibilitem a inovação e resultados positivos para seus alunos e para si mesmo, como propõe Freire (2000, p. 103):

> O que se propõem é que o conhecimento com o qual se trabalha na escola seja relevante e significativo para a formação do educando(...). Professores e professoras, alunos e alunas seriam parceiros na conquista do conhecimento emancipado: o entusiasmo, a alegria de aprender, o sentido de partilha na descoberta, a curiosidade, seriam cultivados na relação pedagógica. O professor tem o dever de 'reviver, de 'renascer' a cada momento de sua prática docente para que os conteúdos que ensina sejam algo vivo e não noções petrificadas.

Dessa forma, educador e educando tecem práticas dialógicas que permitem atitudes significativas na construção do ensino aprendizagem, que sejam relevantes na formação do sujeito ativo, capaz de tomadas de decisões e autonomia de suas escolhas.

Ainda sobre a relação entre oralidade e escrita, no âmbito da reflexão sobre a literatura, Caldin (2002, p. 2) reforça que:

> Literatura é, ao mesmo tempo voz e letra. A voz se faz letra, a letra carrega a voz, que convida à leitura, que cativa o leitor e ouvinte. Nesse percurso, narrador, autor, leitor e ouvinte pervertem a realidade e adentram no mundo ficcional em que o imaginário é experimentado como forma de articulação entre o real e o irreal, A narração e a leitura proporcionam a apropriação da realidade do texto escrito em uma forma de entender o mundo.

A autora discorre de forma poética sobre a capacidade que a literatura possui, no plano de ensino, de estar presente nas propostas para o desenvolvimento do sujeito, nas três competências essenciais da oralidade, leitura e escrita, que precisam ser trabalhadas com igual importância. Ao mesmo tempo, vale enfatizar que, ao se introduzir a literatura propriamente dita, como é sugerido nos livros didáticos, corre-se o risco do fracasso, porque nem todos têm intimidade com textos literários canônicos. O trabalho com esses textos pode gerar alunos desmotivados, desinteressados por gêneros literários.

Por isso, em nosso contexto da escola do campo, cujo vínculo com a comunidade é forte, é fundamental a oralidade em primeiro lugar, constituindo uma sociabilidade dialógica

principalmente a partir das narrativas orais, através de experiências que os alunos já vivenciaram ou vivenciam em seu cotidiano. Isso serve de estímulo para a leitura e escrita de outros gêneros literários, que estejam dentro de sua curiosidade e gosto, e respeitar isso é importante para fortalecer este elo de confiança e espontaneidade do aluno para sugerir, aceitar e negar aquilo não lhe atrai no início.

Diante desta premissa, é relevante compreender que, na prática, é um processo que requer paciência, dinâmica, motivação e estratégia para tornar este caminho promissor e que, de preferência, atenda ao máximo possível de alunos em uma turma, mudando a sua concepção a respeito de três modalidades de se relacionar com a linguagem, primordiais em suas vidas: oralidade, leitura e escrita; com a consciência de que, capacitando-se para elas, certamente garantirão autonomia em todos os aspectos de suas vidas.

5 CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA

Em decorrência da preocupação e inquietação advindas de minha parte e dos meus colegas professores da Escola do Campo EM Laranjeira I, na qual atuo, referente ao baixo desempenho, desinteresse e desmotivação, que ocorrem com muita frequência, principalmente em relação à leitura e à escrita, com alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, propusemos desenvolver um Projeto interventivo que pudesse atender melhor aos interesses dos alunos e suas necessidades, ao mesmo tempo em que colaborasse efetivamente para o desenvolvimento de suas habilidades de leitura, tanto na oralidade**,** quanto na escrita.

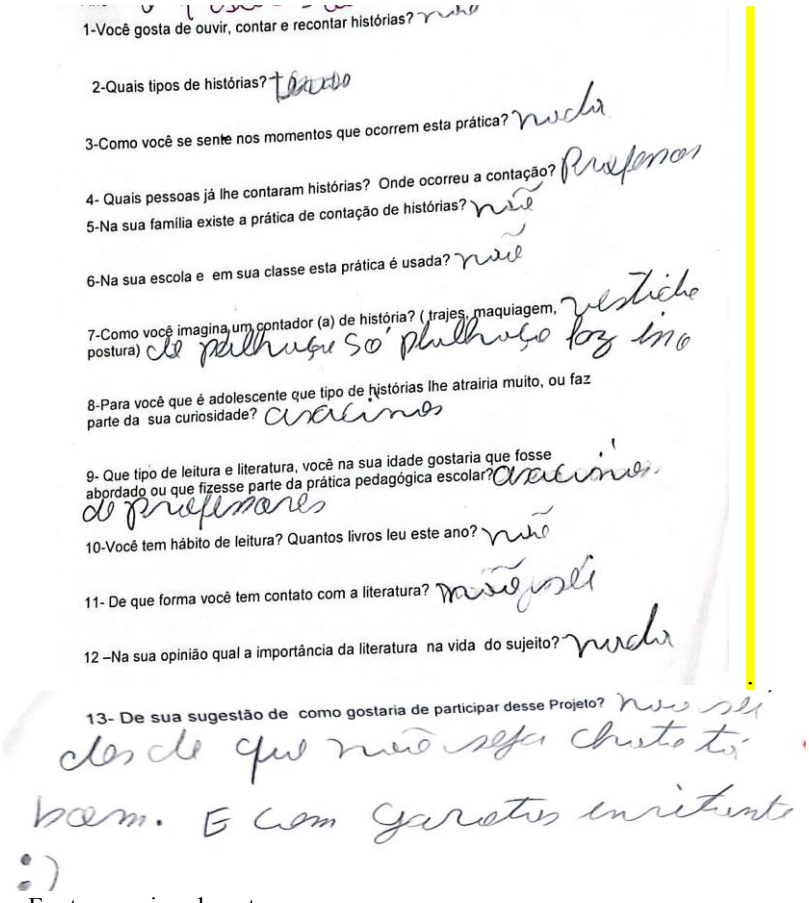
A dificuldade nos campos da leitura, escrita e oralidade, apresentadas nos anos finais de nossa escola, é bastante assustadora, apesar do esforço intenso, principalmente da professora de Língua Portuguesa, que infelizmente é ainda vista como responsável pelos problemas apresentados. Todavia, o decurso destes campos ocorre em todas as áreas curriculares com igual necessidade, pois a leitura e a escrita se complementam e, através dela, o sujeito adquire confiança na comunicação, capacidade de argumentação na defesa de suas ideias e opiniões.

Diante deste quadro, muitas iniciativas já foram tomadas pela escola e pelos professores, principalmente o trabalho com Projetos de leitura e escrita, que surtiram efeitos positivos, mas não foram suficientes para que resolvessem ou minimizassem o problema. Atualmente, cada professor desenvolve o seu projeto individualmente e/ou em dupla, no entanto, no que tange à leitura e escrita, perdura a sensação de impotência diante dos resultados do dia a dia em sala de aula.

A partir dessa realidade, preparei um questionário básico com treze perguntas referentes a gêneros literários, contos e recontos de histórias, e verifiquei as respostas, juntamente com a professora regente da disciplina de Língua Portuguesa. O questionário foi respondido por treze alunos. A reação de muitos deles foi bastante desanimadora, demonstraram indiferença e pouca receptividade, tanto com minha presença, como com os questionários, porém, ao escreverem suas respostas, puderam expressar, sem constrangimento, suas opiniões. E a partir disso, várias observações pertinentes foram feitas, que nos sugeriram pensar nas causas do desinteresse pela leitura, como, por exemplo, a falta de espaço para gêneros literários que contemplem o gosto e a preferência do aluno, pois nesta faixa etária é comum observar que há variações e predileções nas escolhas literárias, alternando-se entre humor, terror, suspense, aventuras e histórias antigas. Percebemos, com essa atividade, que é preciso estabelecer um diálogo, traçar o perfil do educando e, a partir de então, refletir e avaliar as práticas e propostas de leituras adequadas à situação.

O aspecto que mais chamou atenção nas respostas dos alunos ao questionário foi o interesse bastante alto pela narrativa de terror, mas por um viés preocupante, como ocorreu no primeiro contato com a turma, no período da sondagem, com uma aluna que se tornou inspiração do projeto. Apesar do pouco tempo, ela não foi em nenhum momento receptiva, pelo contrário, mostrou-se intransigente, achava que aquela proposta seria mais uma perda de tempo, como mostram suas respostas ao questionário - figura 1:

Figura 1: Do apêndice questionários


1-Você gosta de ouvir, contar e recontar histórias? não

2-Quais tipos de histórias? terror

3-Como você se sente nos momentos que ocorrem esta prática? nada

4- Quais pessoas já lhe contaram histórias? Onde ocorreu a contação? Professores

5-Na sua família existe a prática de contação de histórias? não

6-Na sua escola e em sua classe esta prática é usada? não

7-Como você imagina um contador (a) de história? (trajes, maquiagem, postura) de palhaço só palhaço boz ino vestido

8-Para você que é adolescente que tipo de histórias lhe atrairia muito, ou faz parte da sua curiosidade? aracinos

9- Que tipo de leitura e literatura, você na sua idade gostaria que fosse abordado ou que fizesse parte da prática pedagógica escolar? aracinos. de profesores

10-Você tem hábito de leitura? Quantos livros leu este ano? não

11- De que forma você tem contato com a literatura? não gosti

12 –Na sua opinião qual a importância da literatura na vida do sujeito? nada

13- De sua sugestão de como gostaria de participar desse Projeto? não sei desde que não seja chato tá bom. E com garotos inteligentes :)

Fonte: arquivo da autora

Essas respostas nos motivaram a escolher a turma para o desenvolvimento da proposta, apesar dos grandes desafios. Visando esclarecer e compreender as verdadeiras razões desses interesses e de expressões que se apresentaram nas respostas, propusemo-nos a trabalhar a literatura com narrativas de terror, com a finalidade de despertar o gosto pela leitura e escrita e, principalmente, o desenvolvimento da oralidade.

Para esta primeira observação, pensamos então no desenvolvimento de nossa pesquisa a partir das narrativas de terror, considerando, inicialmente, a oralidade, pelas histórias contadas pelos pais, avós e vizinhos dos alunos, para estimular e refletir sobre o uso dessas práticas em família. Dessa forma, acreditamos que essa prática ajudaria também a fortalecer e valorizar a

cultura e o conhecimento das pessoas mais velhas da comunidade. Além disso, conseguiríamos vincular à escola as experiências e conhecimentos dos antepassados e, ainda, garantir a herança dessa cultura local, mediante as narrativas orais passadas de pais para filhos, com seu posterior registro através da reescrita.

Essa aproximação com a família se justifica por tratar-se de uma Escola do Campo, em que as relações de convivência, amizade e interação entre a comunidade escolar e familiar ocorrem de forma espontânea, baseadas no respeito construído e fortalecido no decorrer do tempo e na reciprocidade das ações conjuntas.

Além disso, o próprio contexto oral da comunidade favorece o trabalho com as narrativas orais, como já sugeriu Freire (1989, p. 21): "é possível que em certas áreas rurais, em função do maior nível de oralidade, os grupos populares prefiram ouvir as estórias de seus companheiros da mesma zona em lugar de lê-las". Vimos nisso a oportunidade de dar aos alunos o acesso, a aquisição da autonomia e responsabilidade no percurso da oralidade para a escrita. Partindo desses pressupostos, pretendemos suscitar o interesse e a motivação no processo da narrativa, tanto oral, quanto escrita, bem como no processo de formação do leitor literário e da igual importância no conhecimento adquirido através do exercício da leitura.

Diante dos conhecimentos adquiridos e partindo de uma problemática diagnosticada, relacionada ao baixo desempenho e gosto pela leitura apresentada pela turma multisseriada do sexto e sétimo anos, da Escola Municipal Laranjeira I, de Cáceres-MT (Escola do Campo), propusemos este projeto de intervenção, partindo de um pré-diagnóstico sobre o interesse da turma por narrativas de terror, com a finalidade de estimular, motivar o gosto pela leitura literária e com o propósito também de que o projeto pudesse proporcionar novos itinerários, novas descobertas de/sobre a leitura, contribuindo com a reflexão sobre o significado e a ressignificação do ato de ler.

Na proposta, a oralidade foi incorporada por meio de narrativas orais de terror, na forma de contos e causos de assombração, contados por familiares, vizinhos, moradores da localidade, na perspectiva de resgatar e garantir a permanência desta experiência existencial, cultural e que exerce uma função fundamental e valiosa de manter viva a memória, os ensinamentos, conhecimentos e a história dos antepassados da comunidade, como pondera Benjamin (1987, p. 205):

> Já se extinguiram na cidade e estão em vias de extinção no campo. Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade de ouvintes. Contar histórias sempre foi arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias, não são mais conservadas, ela se perde porque ninguém mais fia ou

> tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido.

O autor faz renascer em nós o sentimento da necessidade de reforçar a importância da retomada desta tradição e de nos responsabilizarmos por mantê-la viva e conhecida por esta geração e gerações futuras. Com base neste aporte teórico, e nos outros mencionados estudos que propõem que a oralidade, leitura e escrita são imprescindíveis para a formação do sujeito, que é possível alcançar estas três competências, tendo como base o gosto e o interesse do aluno para seu despertar literário, é que este trabalho foi desenvolvido.

5.1 O desenvolvimento da proposta

O projeto de intervenção, intitulado *Leitura literária a partir de contos de terror,* foi desenvolvido e realizado como uma exigência para o Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Everton de Almeida.

Após elaborado com base na problemática diagnosticada e fundamentado no Projeto Político Pedagógico da unidade escolar, foi apresentado e aprovado também pela gestão da escola, que abraçou com determinação e interesse este trabalho.

Para o desenvolvimento da proposta na prática, com a turma envolvida, a professora regente da sala, da área de Linguagens, disponibilizou-se para ficar na minha sala acompanhando meus alunos do quarto e quinto anos enquanto eu fazia a intervenção em sua sala, considerando que trabalhamos no mesmo período (matutino), sem nenhuma alternativa que viabilizasse outro horário, uma vez que os anos iniciais e finais funcionavam em um único período. Acordamos sobre todos os detalhes e informamos a turma sobre a proposta, de como ocorreria todo o processo. A proposição foi centrada nos objetivos que nortearam este trabalho compenetrado na oralidade, leitura e escrita, através das narrativas orais e escritas de terror. Organizamos as atividades produzindo um cronograma com os dias da semana nos quais desenvolveríamos nossas programações. Desta forma, o planejamento (em anexo) foi elaborado, pensado com base na realidade e sugestão da turma.

Quadro 1: Cronograma da intervenção

Dias das semanas	Aula	Horas
Segunda -feira	2ª aula	0:55min
Terça-feira	3ª aula	0:55min
Sexta-feira	1ª aula	0:55min

Fonte: elaborado pela autora

Geraldi (1985, p. 42) acentua sobre o compromisso que precisa nos mover ao desenvolvermos atribuições para sala de aula:

> Antes de qualquer consideração específica sobre a atividade de sala de aula, é preciso que se tenha presente que toda e qualquer metodologia de ensino articula uma opção política – que envolve uma teoria de compreensão e interpretação da realidade – com os mecanismos utilizados em sala de aula.

São considerações que certamente intervêm nas ações do sujeito, de forma positiva ou negativa. Por isso, qualquer ação exige reflexão, organização, planejamento para que possam ir ao encontro da necessidade e da realidade do aluno. Intrínseca à necessidade, destacamos a oralidade como princípio dialógico de aproximação com a leitura e a escrita.

A oralidade sempre está presente em sala de aula, na leitura, na interpretação de textos, nas discussões, ou nos recursos didáticos e instruções metodológicas mediadas pelo docente. Os textos oficiais — como a própria BNCC — enfatizam a importância do ensino da oralidade. É necessário propor o ensino oral de forma sistemática, como objeto de exortação O oral precisa ser construído e definido nas características daquilo que é próprio da oralidade, quais as práticas de linguagem a serem trabalhadas em sala de aula e quais especificidades linguísticas relacionadas.

O plano de trabalho foi pensado e direcionado para metodologias que evidenciassem a prática oral, já que não é trabalhada com a frequência devida em sala de aula. Ações como as narrativas orais se apresentaram como forma de estreitar os laços com os conhecimentos passados de pais para filhos e netos, fortalecendo a convivência familiar e propagando as manifestações culturais e troca de experiências. A narrativa de contos de assombração fez, e ainda faz, parte da vida de muitas pessoas, entre elas crianças e adolescentes. Reviver esta experiência é fazer a viagem de volta ao passado e relembrar com muitas saudades o som, o timbre, a expressão corporal daqueles que já se foram, mas que, todavia, conseguiram fazer morada para sempre em nossas memórias.

Passei toda minha infância, adolescência e até quatro meses atrás, apreciando o conto e reconto de tantas histórias de assombração, cantigas etc., e os sentimento que elas provocam. Sendo assim, no primeiro momento da primeira aula, com as luzes apagadas, retirei da bagagem da minha alma uma narrativa contada pelo meu pai, para dar início ao nosso primeiro momento de revirar o baú da recordação com tantas riquezas guardadas, esquecidas no seio de cada família.

Quadro 2: Conto "Os dois amigos"

Os dois amigos.

No interior de Minas Gerais, havia famílias numerosas que moravam próximas umas das outras, formando uma grande vizinhança. Todos se conheciam e tinham como costumes juntar-se à noite em volta de uma fogueira no grande terreiro limpo varrido com a vassoura de ramos pela mamãe ou as filhas mais velhas dos dez, doze irmãos; as famílias eram assim abundantes.

Após um árduo dia de trabalho pesado na lavoura, as famílias se reuniam para celebrar o mutirão, com uma cachaça de alambique, feitas por eles mesmos. Sentavam nos bancos para conversar e contar causo, as meninadas curiosas e amedrontadas iam se acomodando ali no chão ao lado de seus pais, sem fazer nenhum barulho, pois "ai" de quem ousassem respirar mais alto, era considerado falta de respeito e educação para os mais velhos e o corretivo era terrível. Era assim a criação de antigamente. Minha família era pequena, a única naquelas redondezas, somente eu e minha irmã, vivíamos na mais pura pobreza. Com nove anos, já trabalhava o dia inteiro na roça, muitas vezes sem nada para comer, para ajudar meu pai. Minha mãe era muito doente.

Mas, apesar de tanto sofrimento, a gente achava graça nas coisas e conservava boas amizades. Eu tinha um amigo que também era meu vizinho, ele tinha doze anos. A gente pescava, brincava, passeava, caçava passarinho, fazia arapuca e laço para pegar passarinhos para fazer mistura, não conhecia outro tipo de carne, só de bichos do mato. Meu amigo era o José de Paula. A gente ajudava um ao outro moer cana na engenhoca, socar arroz na gangorra, porque nos dois éramos muito franzinos, doentes, um era a força do outro.

Em um certo dia, nós fomos para roça e ninguém tinha nada para comer. Deu meio-dia, a barriga roncava, resolvemos moer umas canas para beber a garapa, as canas estavam muito quentes, mas bebemos muito caldo assim mesmo, não demorou muito a cabeça começou a doer muito forte, pegamos nossas tralhas já a tardezinha e fomos para casa. No caminho meu amigo Zé seguiu seu destino, pelo menos era para ter sido, resolveu passar na casa de outro vizinho que estava fazendo um porco frito. Ele aceitou um prato grande de torresmo frito na hora. Comeu e foi embora. Nesta mesma noite meu amigo começou a passar muito mal e no outro dia, recebi a triste notícia de que havia falecido, devido a uma congestão por causa da "misturada" de caldo de cana e torresmo de gordura frito.

Aquele dia foi o mais triste da minha vida, fiquei imaginando o que seria de mim sem meu amigo da caça, da pesca e do serviço, enquanto eu ia pensando com coração doendo de tristeza e também de medo, porque tinha pavor de defunto. Não tinha como escapar: eu tinha que ir despedir dele. Cheguei lá, fiquei enrolando para não entrar, mas meu pai me puxou pelo braço e me levou até a sala. O Zé estava lá deitado num banco de madeira, vestiram nele a única calça de passeio azul marinho e uma camisa de mangas compridas branca que estava desabotoando por causa do inchaço da barriga. Para piorar amarraram um lenço branco para "a cara a baixo" porque ficou com a boca meio aberta. Uma figura feia de se ver! Acho que ele morreu revoltado porque era muito novo para ir embora.

Eu chorava era de medo mesmo, porque meu amigo ficou com a aparência muito esquisita, eu ficava imaginando o que eu faria para encarar as longas noites que viriam pela frente, ali começava meu pesadelo. Depois daquele dia, aquela imagem me perseguia em todo lugar e a todo momento, quando chegava à noite era um tormento: se ficasse acordada, eu o via, se dormisse sonhava com ele! A situação estava insustentável! Quem disse que eu saía mais de casa, nem apanhando do meu pai!!

Passaram-se sete dias, minha irmã me chamou para pescar com ela, em um córrego que não ficava muito longe de casa, e próximo da estrada principal. Juntamos nossos anzóis e iscas e fomos, eu muito triste relembrando de meu querido amigo que até poucos dias fazíamos isso juntos. Chegamos lá, era meio dia mais ou menos, o sol muito quente, procurei uma sombra e minha irmã foi para o outro lado do córrego já que era bem estreito. Mal começamos a pescaria ouvimos as tropas de animais da vizinhança que desciam um morro acima de nós, assustados e em disparada. Ficamos assustados. Logo acima de nós, quando passou o último cavalo, eis quem vinha tocando a tropa exatamente como foi sepultado: meu amigo Zé, descalço com um lenço amarrado cara a baixo falando sem parar, ali a poucos metros de mim, só faltava ele olhar para baixo e querer puxar conversa. Eu e minha irmã perdemos a voz, desesperados tentamos correr, mas escorregamos e caímos na água, não sei como a gente saiu de lá, porque não sabíamos nadar, nossos anzóis enrolaram e deixamos por lá mesmo, até hoje não entendemos como chegamos em casa tão rápido. Não foi ilusão da minha cabeça: minha irmã também viu e está viva para confirmar. Contamos para meu pai e ele pediu ao padre para rezar uma missa em intenção dele, porque segundo meu pai, ele precisava de oração (Vicente Leal da Silva, 86 anos).

Fonte: elaborado pela autora

Tão logo terminamos a narração, foi possível observar um silêncio absoluto, que envolviam cada um naquela sala, ao abrirmos as cortinas das janelas os vislumbramos em um

misto de emoções, medo, curiosidades, muitas expectativas e euforias para participar, comentarem sobre o que ouviram. Estabelecemos um diálogo no qual ficou acordado que faríamos uma roda de conversa para que todos tivessem oportunidade de expressar suas ideias, comentários, opiniões. “A sensação foi maravilhosa, descortinar aquele momento foi algo indescritível, considerando a relutância deles para desenvolver qualquer atividade relacionada a oralidade, leitura ou escrita” (Diário da autora, 2023).

Conforme a sequência, todos foram contribuindo com suas opiniões, alguns rompendo as barreiras do medo e da timidez nitidamente refletida no uso das palavras, para também participar daquele momento. Foi gratificante observar a espontaneidade, a leveza, a maturidade de cada um, as bagagens históricas imensas que cada sujeito traz consigo. Diante desta realidade, Marcuschi (2001, p. 24), defende que “é, no entanto, bastante interessante refletir melhor sobre o lugar da oralidade hoje, seja nos contextos de uso de vida diária ou nos contextos de formação escolar formal”. O autor nos leva a uma profunda reflexão sobre como temos conduzido esta modalidade dentro da sala de aula e qual a importância temos dado a ela.

Momentos como este nos provocam a grandes mudanças de desconstrução e reconstrução das convenções profissionais nas quais exercemos nosso trabalho ou às quais somos submetidos. A postura tradicional, muitas vezes, leva-nos ao egocentrismo de acreditar que somos os únicos detentores do saber, tornando-se isso um grande perigo para o desenvolvimento e crescimento do outro, nossos alunos.

Desta forma, o autor reforça que as narrativas significam muito mais que uma narração, elas trazem histórias, experiências, nostalgias e conhecimentos e são responsáveis pelo avivamento das memórias para construção, formação do sujeito e do contexto histórico individual e social.

Oportunizar aos nossos alunos a oralidade se é privilegiar com novos conhecimentos> Ao ouvi-los falar de si, de sua família, sua trajetória de vida, crenças, valores, cultura, costumes, um grande ensinamento para o nosso melhoramento quanto ao respeito de conviver com o outro. Diante daquelas narrações e participações, Gomes (2019, p. 42) nos provoca com questionamentos relevantes quanto à nossa postura como profissional educador:

> E na escola? Há essa escuta? Na minha experiência de professora eu sinto que, em inúmeras situações do cotidiano de minha sala de aula, eu me recusei a ouvir a voz de meu aluno. É aquela conformação a que me acostumei a manter desde quando era criança e que transmiti adiante quando me tornei professora, pela qual a escola me condicionou a ser passiva, de me ver como tábula rasa, de manter uma postura quieta. Sair desse círculo vicioso é um desafio para mim, que estou tentando superar ao rever a minha atuação como professora de língua. Preciso me calar e ouvir o meu aluno, deixar que fale, possibilitar

> condições para que ele se sinta livre para se pronunciar naturalmente, sem medo de ser censurado pela maneira como usa seu dialeto ou sobre como realiza suas leituras de mundo e da palavra escrita.

O depoimento vivido por Gomes (2019) é uma realidade ainda muito comum nas escolas, o conceito da oralidade até o presente é julgado do ponto de vista da eloquência do discurso que atende aos padrões das normas cultas e a expressão natural, materna, carregada de significados, deixa de ser notória, e, muitas vezes, é confundida com conversas paralelas, um universo à parte para muitos professores.

Na vivência do primeiro dia, entendi que precisaria compreender com maior profundidade a arte do ouvir. Com a proporção do silêncio, nasce o encantamento pela contemplação de algo que deveria fazer parte diariamente das rotinas de sala, aparentemente tão simples, mas tão necessária para alguns: a oportunidade de falar e ser ouvido, de sentir que sua história faz sentido e tem valor para alguém. Petit (2009, p. 30) relata que “nos últimos anos, em muitos países, a oralidade foi redescoberta, e o oral e o escrito foram combinados nos espaços dedicados a facilitar a apropriação da cultura escrita”.

Através deste relato, configurou-se para mim a essencialidade da oralidade como estímulo e pré-requisito ao desenvolvimento da leitura e da escrita, tendo em vista que ainda há sujeitos que não têm acesso a obras literárias escritas e há crianças desprovidas de momentos literários, através da contação ou reconto de histórias feito pelas famílias. Isso certamente refletirá no desenvolvimento delas em muitos sentidos, pois a experiência vivenciada das sensações experimentadas no ouvir as narrativas de uma história ou conto reacenderá na alma de quem as ouviu o desejo de experienciar tudo aquilo novamente, independentemente de qualquer idade.

Diante do alcance da narrativa oral, as semanas que se seguiram foram destinadas à narração das histórias de famílias trazidas pelos alunos. Prosseguiu-se com a estratégia, iniciando a aula com uma história e, em seguida, organizando o tempo para que cada um deles fizesse o reconto. Atribuir este tempo para que pudessem expressar-se, além de importante, foi necessário, dado o anseio de se envolverem neste momento.

Pareciam uma fonte que acabara de brotar, de uma mina nascida de um lugarzinho tão pequeno, frágil, mas com tanta força e vitalidade, rompendo as barreiras do medo, timidez, ansiedade, nervosismo que ora transpareciam na vozinha ofegante, ora nos olhinhos marejados de lágrimas e ainda no rubor que aparentava nas bochechinhas avermelhadas. Diante de cada cena, imaginava o esforço descomunal que cada um ali presente fazia para se expressar e ser ouvido, pois estavam acostumados a só ouvir. Voltei no tempo em que eu também estivera, por

muitos anos, no mesmo lugar, na mesma situação e ademais nos prejuízos que tudo aquilo produziu em minha vida, vendo que a falta de espaço e voz pode afetar drasticamente a vida deles.

A expressão a cada reconto denotava uma busca individual por respostas a seus próprios medos, dúvidas e sentimentos. Petit (2009, p. 57) elucida que esta busca ocorre durante toda nossa vida:

> Do nascimento à velhice, estamos sempre em busca de ecos do que vivemos de forma obscura, confusa, e que às vezes se revela, se explicita de forma luminosa, e se transforma, graças a uma história, um fragmento ou uma simples frase. E nossa sede de palavras, de elaboração simbólica, é tamanha que, com frequência, imaginamos assistir a esse retorno de um conhecimento sobre nós mesmos surgindo sabe-se lá de que estranhas fontes, redirecionando o texto lido a nosso bel-prazer, encontrando nele o que o autor nunca teria imaginado que havia colocado.

Neste contexto, a autora explicita a relevância que uma frase, um texto, uma história têm sobre a vida de alguém, atuando como respostas para muitos questionamentos e até mesmo levando à compreensão de muitos sentimentos e pensamentos confusos. Ela se refere ao "texto lido", mas entendemos que o mesmo pode ser dito a respeito do texto oral.

Diante de cada relato realizado no decorrer dos dias, ficou em evidência que a maioria das histórias de assombração advindas das famílias, dos avós que são verdadeiros detentores de um grande acervo destas narrativas, apresentam em sua maioria caráter religioso e moral, retratando desobediência, maldição, punição, macumba, castigos, agressões aos animais através da caça desordenada. Após cada reconto, nas rodas de conversas várias questionamento eram abordados e conduziam a um intenso diálogo no qual surgiam perguntas como: "Se eu xingar muito, somente eu serei castigada ou toda minha família?; "Será que quando eu xingo, o mal vem morar na minha casa?"; "Serei perdoada se eu xingar ou responder minha mãe?"; e afirmavam, ainda, que de fato algumas coisas estranhas aconteceram em suas casas e em suas vidas, após fazer algo ruim, como xingar muitos palavrões, ficar até meia noite sozinhos, passeando e retornando tarde para casa etc.

Portanto, não é difícil compreender que os usos destas narrativas por muitos ocorriam com intuito de provocar medo, punição pela desobediência, teimosia, malcriação. Sendo assim, essas narrativas eram aliadas dos pais ou pessoas mais velhas da família para manter o controle e ter filhos obedientes e submissos. Antagonicamente, os nossos adolescentes contemporâneos têm grande predileção por estas narrativas exatamente pelas sensações que lhes provocam como

relatam: “adrenalina, prazer, medo, pavor, emoções, tensão, aprendizados, raiva, vingança, pena e muitos outros sentimentos que nos fazem querer ver mais e mais...”

Abrimos várias discussões sobre esses assuntos, porque desde o início tornou-se uma preocupação constante compreender o interesse deles pelo gênero de terror, com um viés sobre violência e maldições. Na medida em que concluímos a primeira etapa da proposta, foi possível entender que parte da revolta, agressividade e rebeldia eram formas de chamar atenção para eles como sujeitos, como pessoas, que também têm uma história e, em muitos casos, carregadas de sofrimento, rejeição, preconceito e tantas outras dores que foram fluindo, por meio de conversas, comparando um fato real com alguma coisa que aconteceu numa narrativa. E, assim, a cada dia que se passava, o progresso na oralidade se tornava cada vez mais significativo e a participação ocorria de forma espontânea, responsável e motivadora.

A percepção sobre o comportamento arredio, de total desinteresse, manifestado antes, desapareceu, dando lugar para a troca de ideias, para conversação civilizada, serenidade e pelo grande interesse em desenvolver todas as atividades propostas. Para contemplar todos os objetivos da proposta de intervenção, iniciamos a segunda parte com a escrita das mesmas narrativas, coletadas nas famílias pelos alunos, para que pudessem registrá-las, como forma de assegurar a continuidade das narrativas orais guardadas por nossos familiares e incentivar outras turmas e professores a adotar esta prática tão importante na preservação de valores socioculturais da comunidade e assegurar o domínio das competências que compreendem: oralidade, leitura e escrita com igualdade de importância. Para reforçar a proeminência do desenvolvimento destes três eixos na engrenagem da formação do sujeito, Marques e Alves (2021, p. 721-722) discorrem que:

> A oralidade, assim como a leitura e a escrita, são eixos temáticos que corroboram para que o estudante desenvolva certas habilidades, e estão presentes em todas as fases do ensino, por isso quanto mais familiaridade o aluno adquirir com essas competências, desde o início dos seus estudos, melhor saberá usá-las ao longo de sua vida estudantil. No processo de alfabetização, a oralidade dentre outras coisas, tem a função de trabalhar a parte do ouvir e entender do alunado, trabalhando uma das habilidades mais importantes, a da interpretação. Ratificando com isso, a contação de história pode ser vista como um desdobramento da oralidade, uma ferramenta que tem por intuito despertar nos alunos de forma dinâmica e engajadora as habilidades que já se pretende com o uso de atividades orais. O que pode tornar mais fácil alcançá-las através da contação de história, é exatamente os elementos utilizados durante as apresentações, quanto mais criativo for o professor e quanto maior for a riqueza de detalhes, mais atrativo será para os estudantes e maior será a concentração, o que pode significar mais conhecimentos.

É importante enfatizar que, mesmo se a criança não fez parte do universo literário da contação de história na sua infância, abordar com eles já na adolescência o reconto de narrativas, ou qualquer outro gênero que faça parte de suas escolhas e preferências, trará certamente o resultado muito positivo e significativo, pelo fato de lhes oportunizar a escolha e respeitar suas preferências, proporcionar a eles o direito a voz, a fala, valorizando as suas experiências, suas histórias. Pequenas observações feitas em cada detalhe, nestes espaços de vivência, são elementos fundamentais que acrescem e atribuem valores às novas práticas pedagógicas, que fazem a diferença no crescimento, tanto pessoal, quanto profissional do professor e do alunado.

Para fins de continuidade, propusemos que todas as histórias trazidas fossem registradas através da escrita. Utilizamos três aulas, já que cada um deles levaram duas, três histórias para reconto e registro escrito. Apesar de todas as dificuldades e o estranhamento por parte de alguns, relacionados à escrita, iniciaram a atividade com muita dedicação, sem nenhuma reclamação. Observei que quatro alunos estavam parados, quietinhos, encolhidos, sorriam meio sem graça, envergonhados. Ao me aproximar deles, percebi que uns tinham muitas dificuldades na escrita e outros não dominavam a linguagem escrita, mesmo palavras simples ou frases curtas. Iniciamos um diálogo para quebrar a barreira da tensão, vergonha e distância que existe muitas vezes entre professor e aluno. No decorrer de alguns minutos veio a constatação de que a situação era bastante delicada, as dificuldades eram muito grandes, em vários momentos precisei fazer a escrita das palavras ou frases para que pudessem prosseguir e não se sentissem desmotivados. Me senti impotente diante daquela situação. Observei-os por alguns minutos e tranquilizei-os de que tudo daria certo. Estávamos ali para isso, para juntos encontrarmos uma solução para aquele período, mas que necessitariam de muito esforço, força de vontade para que pudessem se apropriar da leitura e escrita.

Para assegurar que participassem como todos os outros da turma, levei-os para minha sala, junto com minha turma, para auxiliá-los em suas individualidades, nos momentos das aulas de Ciências Humanas, cedidas pelo professor da área. Foi muito gratificante, mesmo encontrando barreiras, em nenhum momento cogitaram a ideia de desistir, demonstrando comprometimento e vontade na participação. Foi um dos momentos mais tocantes e impactantes que vivenciei. Lobato e Custódio (2023) ressaltam que o aluno precisa sentir no educador apoio para enfrentar os desafios:

> É fundamental que o aluno compreenda o porquê das suas dificuldades e perceba que o professor entende e vai ajudar na superação, buscando práticas

> pedagógicas adequadas para orientar e facilitar o entendimento e o aprendizado, tendo sempre em mente que a afetividade, a inteligência e o desejo se articulam pedagogicamente nas interações professor/aluno, onde se apresentam faltas, carências. (Lobato; Custódio, 2023, p. 08).

Nesta perspectiva, propiciar suporte, valorização e estímulo ao aluno é torná-lo consciente de sua capacidade de superação através da força de vontade, interesse e a busca insistente de ajuda para o conhecimento e aprendizagem. Ainda de acordo com os autores acima citados,

> Aprender a respeitar o aluno por meio de suas produções, esforços, é propiciar uma aprendizagem significativa, e não meramente mecânica, ou seja, atividades que levem em consideração os conhecimentos que o aluno detém, para despertar o interesse em aprender. É uma forma de contribuir com o processo de aquisição da leitura e escrita. (Lobato; Custódio, 2023, p. 15).

Apesar do pouco tempo disponível, o que não seria suficiente para vencermos o desafio da barreira da leitura e da escrita principalmente, a experiência que vivenciamos foi um divisor de águas na vida deles e principalmente na minha. Como eu aprendi com eles! Cada aula, cada momento era um grande aprendizado! O envolvimento de todos no processo, desenvolvendo gestos colaborativos, solidários e de muita cooperação auxiliando um ao outro, discutindo entre si, sobre como escreveriam essa ou aquela palavra, sem sarcasmos, preconceito ou algo do tipo, foi de uma grandeza e amadurecimento imensuráveis. Mesmo sendo uma dificuldade comum, a maioria da turma, com relação à escrita, finalizou este segundo momento motivada e com responsabilidade.

Diante deste cenário, muitas reflexões fluem e nos impelem a tomadas de atitudes referente à condução de nossas práticas, pois muitas vezes as reações e comportamentos hostis dos alunos não significam rebeldia, mas são indicadores de que precisamos ouvir e olhar a nossa volta, com mais cuidado e sensibilidade, aliar nossas estratégias de condução da oralidade, leitura e escrita, como sugere Colomer (2007, p. 117):

> Não é demais, no entanto, recordar a necessidade de "criar uma aula onde se leia e se escreva" como critério prévio a qualquer forma de ativar a leitura escolar. Ou seja, é imprescindível dar os meninos e as meninas a possibilidade de viver, por algum tempo, em um ambiente povoado de livros, no qual a relação entre suas atividades e o uso da linguagem escrita seja constante e variada. Trata-se de um princípio tão aceito, em teoria, que parece óbvio, mas continua não o sendo na prática.

O autor ainda acrescenta sobre a falta de obras de diversos gêneros literários à disposição dos alunos, na sala de aula dos anos finais principalmente: *"*os únicos livros presentes são os didáticos, que entram e saem das mochilas dos alunos, em cada mudança de aula, e se dedica muito pouco tempo escolar à leitura e à escrita" (Colomer, 2007, p. 118). De fato, esta é uma realidade que ocorre frequentemente no cotidiano escolar. Falta organização e prioridade em relação à oralidade, leitura e escrita, com a preocupação de que se efetive de forma minuciosa tais habilidades, com base em um ambiente ativo e favorável, voltado, sobretudo, a uma proposta que traga sentido, inovação, motivação e significado para os discentes.

Colomer (2007, p.119) sugere que "O trabalho com projetos prolongados mostrou ser uma das mais eficazes experiências, pois permitem que os alunos se beneficiem da relação entre literatura e as aprendizagens das distintas áreas curriculares". Nossa intervenção se deu nesse sentido do "projeto prolongado": vimos que o trabalho que nasce da necessidade, planejamento e participação conjunta de professor/alunos potencializa o envolvimento e engajamento dos alunos no processo de desenvolvimento dos objetivos propostos.

Ao passo que as escritas dos alunos evoluíam, fizemos uma retomada para contextualização sobre a estrutura textual da narrativa de terror e suas características, considerando que a professora da área trabalhara com eles sobre este gênero literário. Para contribuir na escrita, dispomos de um quadro simples, que continha informações essenciais e norteadoras que pudessem facilitar a escrita da narrativa e foi sugerido a eles que se organizassem em duplas para trocarem ideias sobre a produção. Com o propósito de contribuição foi repassada também uma cópia impressa do conto *Acidente na estrada* (Paulo Henrique Garcia), para que cada dupla pudesse fazer a leitura, observação da estrutura deste gênero.

Quadro 3: Informações norteadoras para a escrita da narrativa

Introdução	Local: Onde acontece a história? Tempo: Quando ocorre? Quem são os personagens?
	Características: do ambiente; dos personagens: física, mental, emocional.
Enredo-Conflito: desenvolvimento do conflito/clímax	Acontecimento: O que vai acontecer na história?
Desfecho	Como termina a história? O que acontece no final? O fim dos personagens.
Título	Qual o nome de sua história?

Fonte: elaborado pela autora.

Além das informações do quadro 3, dialogamos sobre a importância dos detalhes, do uso do diálogo entre os personagens, criando suspense, terror, medo e expectativa para atrair e conquistar o leitor. Para estimular a criatividade e imaginação, iniciamos com uma trilha sonora, sugeri um momento consigo mesmo, que fechassem os olhos e olhassem para dentro de si, buscando seus piores medos, pavor, imaginação, expectativa. Continuei sugerindo que pensassem neste cenário como espectadores ou como personagens, criassem uma situação e, quando tivessem elementos suficientes, poderiam iniciar a escrita de acordo com o ritmo de cada um. No primeiro momento os orientei a que não se preocupassem com a escrita na norma padrão, mas que se atentassem para colocar no papel suas ideias e, posteriormente, trabalharíamos a reescrita.

Durante todos esses dias, ouvindo e falando sobre este gênero, a maioria mergulhou na escrita, de forma totalmente concentrada, todavia alguns não estavam conseguindo escrever pela falta de domínio da escrita. A todo momento, me pediam para auxiliá-los na escrita de uma determinada palavra. Isso comprometeu e dificultou a manutenção da imaginação, criação e sequências de suas ideias. Procurei atender a estes alunos, individualmente, fazendo a releitura várias vezes, para que pudessem dar continuidade ao texto, uma vez que encontraram muita dificuldade com a escrita propriamente dita. Imaginei que levaríamos mais tempo do que o estipulado, presumindo que alguns alunos necessitavam de um acompanhamento personalizado, porque o objetivo era garantir que todos, sem exceção, chegassem juntos à linha de chegada.

À medida que foram concluindo seus textos, faziam as entregas. Rapidamente observei que, embora os contos e o títulos fossem bons, faltavam detalhes e aprofundamento, era preciso mergulhar, entrar no cenário e observar atentamente os mínimos detalhes, o que faríamos na segunda etapa da escrita. Esperei que todos concluíssem a escrita e recolhi todas as produções, para fazer a leitura e contribuições que pudessem auxiliá-los no planejamento da escrita, passando pelo processo contínuo da releitura, revisão e reescrita. Desta forma, o próprio aluno desenvolve a capacidade de analisar, corrigir, acrescentar e enriquecer seu texto.

Diante do resultado do primeiro passo da escrita, houve a necessidade de revisão de planos e busca de novas estratégias que mantivessem a motivação e contribuíssem para a compreensão de que o ato de revisar, reler e reescrever são fundamentais para o nosso aprendizado, conhecimento e crescimento, e que são extremamente necessários para o aprimoramento nas produções textuais e na aquisição da autonomia em suas criações. Cabe ao professor desempenhar o papel de mediador para assegurar ao aluno o amparo e a disposição

nos momentos em que aparecem dúvidas, dificuldades, inseguranças durante este processo. Bezerra (2007, p. 39) enfatiza que:

> O professor deixa de ser o agente exclusivo da informação e formação dos alunos, para ser possibilitador das interações entre eles e também responsável pela intervenção nas suas zonas de desenvolvimento proximal, já que tem mais experiência e a incumbência de desafiar, através do ensino, os processos de aprendizagem desenvolvimento do aluno.

O autor salienta a importância da mediação feita pelo professor ao auxiliar os seus alunos nestes momentos, contribuindo para a maturidade dos olhares crítico e reflexivo sobre o que foi escrito e a necessidade da revisão para reescrita, como recurso de aperfeiçoamento de sua produção textual, atendendo não somente à variedade padrão da língua, mas deixando-a adequada, apropriada à comunicação com o público ao qual se destina.

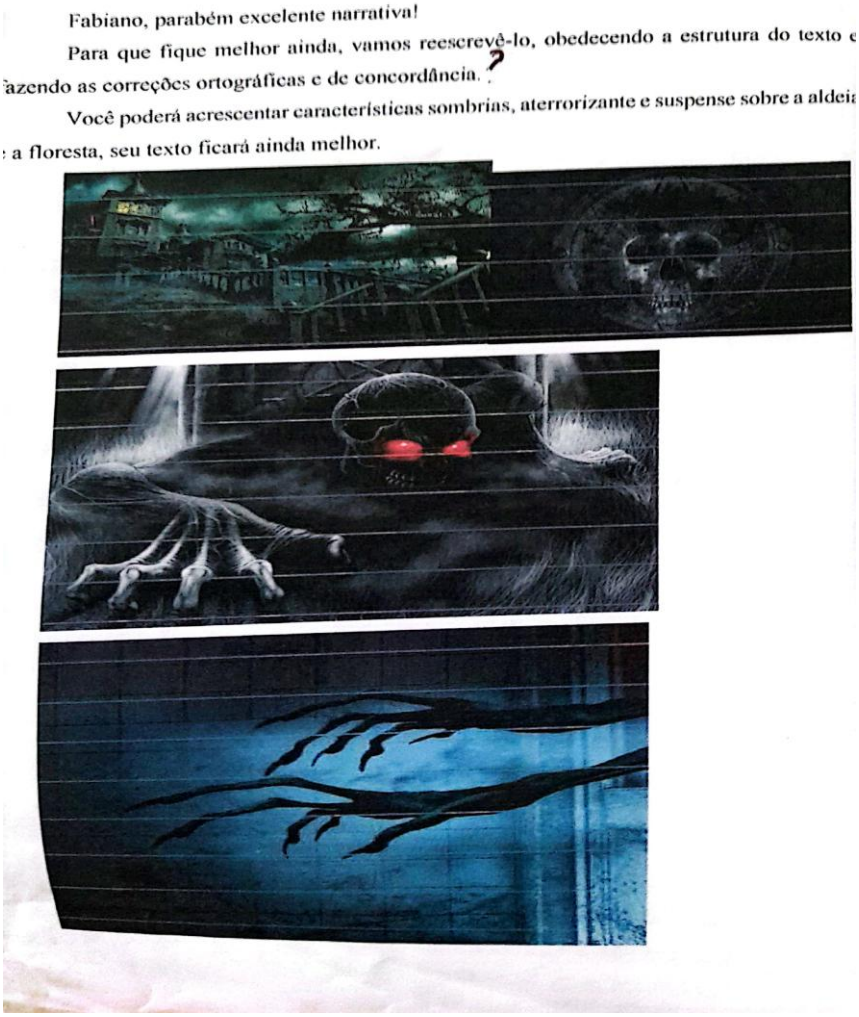
Ao identificar tais fatores, a abordagem destes obstáculos evidencia, em muitos casos, o comodismo porque a percepção de que o método não está em consonância com a necessidade de aprendizagem do aluno requer trabalho, abdicação, deslocamento da zona de conforto, revisão das estratégias e elaboração de um planejamento flexível. É desconstruir, reconstruir o que aprendemos, o que acreditamos, é o olhar para outro, da forma como gostaríamos que o outro olhasse para nós. É compreender que o ensino-aprendizagem é uma troca na qual todos ensinam e todos aprendem. É preciso oportunizar espaço para a oralidade, leitura e escrita, que tenham significados e que façam parte do contexto do aluno, assim como destacam Barros e Pereira (2023, p. 53):

> Por fim, podemos dizer que a experiência de ensino vivenciada e descrita, nesse relato, nos permitiu reafirmar a importância do trabalho com os gêneros textuais na escola. Não se pode mais trabalhar a gramática pela gramática, baseando-se somente no ensino de regras. Faz-se necessário pautar o ensino a partir do texto; a língua precisa ser estudada a partir de seu contexto de uso, do convívio social dos alunos. O conteúdo precisa significar para o discente, e, para que ele se interesse e se empenhe, ele precisa se sentir parte desse conhecimento, como bem expôs Paulo Freire, “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”. É preciso conhecer o mundo do aluno a fim de inseri-lo nas práticas de ensino.

Partindo desta perspectiva, o envolvimento do sujeito no momento da revisão do texto é primordial para que ele possa identificar e refletir sobre o que precisa ser melhorado. Após fazer a leitura minuciosa de cada texto, optei pela contribuição através do bilhete de incentivo, antes de tudo, o elogio sincero pela produção, em seguida sugerindo alguns pontos que seriam

relevantes para cada produção. Também coloquei algumas imagens da internet relacionadas a cada conto, para estimular a criatividade e a imaginação deles. Como exemplo a figura 2:

Figura 2: Bilhete sugestão


Fabiano, parabém excelente narrativa!
Para que fique melhor ainda, vamos reescrevê-lo, obedecendo a estrutura do texto e
azendo as correções ortográficas e de concordância.
Você poderá acrescentar características sombrias, aterrorizante e suspense sobre a aldeia
a floresta, seu texto ficará ainda melhor.

Fonte: arquivo da autora

As sugestões foram feitas conforme a necessidade de cada texto. Para as narrativas que estavam bem desenvolvidas, sugeri que descrevessem detalhadamente algum personagem, ou um lugar, e que já fizessem as revisões e correções ortográficas, de coerência, coesão e concordâncias. Para isso elaborei um cronograma, em consonância com o professor de Ciências Humanas, para atendê-los em duplas na minha sala, já que somente as três aulas semanais não seriam suficientes.

Preparei um espaço na minha sala, de forma que não dispersasse a atenção dos meus alunos. Sugeri que cada um pegasse o texto do outro e fizesse a correção que julgasse necessária, sublinhando as partes identificadas, contribuindo com sugestões nas laterais das páginas. Em seguida, cada aluno, em posse de seu texto, realizou a leitura e observações feitas

pelos colegas e juntos efetuamos a correção. Esta estratégia facilitou bastante o nosso trabalho e foi muito gratificante, porque tão logo pegavam o texto, identificavam os erros ortográficos, apesar de terem um pouco de dificuldade quanto à concordância. Com o bilhete e com as imagens referentes às narrativas, foram acrescentando, detalhando cada parte do conto. Para aqueles alunos com muita dificuldade de leitura e escrita, foi preciso trabalharmos individualmente, pois demandavam mais tempo e atenção especial.

Cada um deles tinha o conto pronto na memória, no entanto, criamos um esquema para facilitar a escrita da narrativa, sugerindo lugar, tempo, personagem e características. Sugeri que narrassem oralmente para mim, para que fossem anotando os pontos importantes da narrativa. Ao finalizarem, fomos dialogando, acrescentando detalhes para que o conto pudesse deixar o leitor aterrorizado de fato. Para iniciar a escrita, dispomos de alguns jogos de alfabeto móvel[2] e juntos fomos construindo cada palavra, cada frase, cada parágrafo. Foi demorado, contudo compensador.

Como aponta Voltolini (2018, p. 90), "a escrita é um processo contínuo de ensino e aprendizagem. Isso, a partir de situações reais e não de proposição de atividades soltas, impostas aos alunos". Aqui é importante refletir sobre o ensino desde a primeira infância, porque tudo precisa fazer sentido para que o aluno se sinta estimulado à aprendizagem. O ato de ensinar e aprender é uma verdadeira obra de arte, precisa ser inspirador, envolvente, tocar a alma e, ao mesmo tempo, despertá-los de sua necessidade para tornar-se significativa.

Para contribuir, organizei os textos em parágrafos e pontuei as observações à parte, elogiando-os pela coragem de desafiar e acreditar em si. Colei imagens coloridas de acordo com cada história para inspirá-los, na reescrita. Também me sentei com cada um para sanar as dúvidas. Para os que ainda não haviam terminado, sentei-me ao lado de cada um para ajudá-los a construir sua história. A cada contato visual era notável a timidez, a vergonha, a impotência diante do lápis e do papel. Diante disso, não fiquei preocupada com erros na escrita ou coisa do gênero, a minha preocupação foi pegar nas mãos deles e auxiliá-los a serem autores de sua narrativa, para fazê-los entender que eles conseguiam.

É importante que o discente compreenda, na prática, que ele precisa romper todas as barreiras que o impeçam de desenvolver a leitura e escrita, de compreender que desenvolver estas habilidades é algo necessário para sua autonomia e cidadania, para ter acesso à educação que transforma, saindo do conformismo e provocando mudanças em si e na sociedade. O

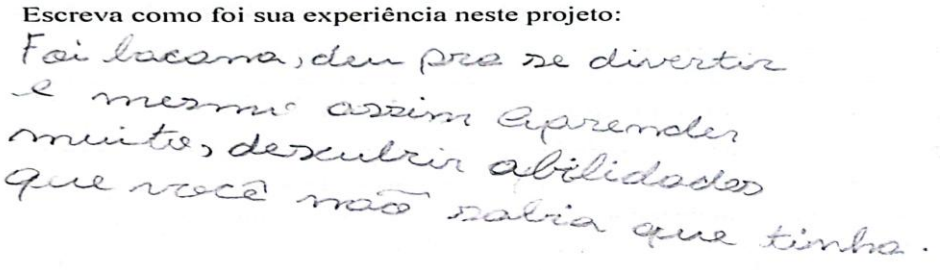
[2] Alfabeto móvel são letras impressas em madeira ou em papel no formato de fichas e são usadas como recurso pedagógico para formação de palavras e frases, para fins de alfabetização.

propósito aqui foi proporcionar reais condições para que o aluno criasse através das contribuições disponibilizadas, autonomia para a sua oralidade, leitura e escrita. Petit (2009, p. 82) declara que:

> A partir de uma interrogação inicial a respeito da questão 'porque ler', trata-se de revalorizar as palavras e as trocas de linguagem, e de estimular a oralidade nos debates, relatos de histórias, na análise de dados, assim como na escrita (ler e escrever sendo concebidos como momentos inseparáveis de um mesmo processo), contribuindo para que cada um seja 'um indivíduo político que encontra na leitura um instrumento de reflexão que lhe permite ser mais ativo em seu destino e no destino de seu bairro, de seu local de trabalho, da comunidade onde vivem sua família e seus amigos'.

Oferecer ao aluno subsídios que o façam refletir e compreender a importância destas três práticas para seu crescimento e desenvolvimento social é desafiá-lo a sair do comodismo, da inércia e acreditar em seu potencial, como várias vezes mencionaram, quando tiveram a oportunidade de fazer, criar, expor com autonomia, de acordo com suas imaginações, criando os contos, ilustrando as narrativas, elaborando, pintando painéis. Pudemos ver isso na manifestação dos alunos num questionário de verificação proposto ao final da intervenção:

Figura 3: Resposta do aluno ao questionário final


Escreva como foi sua experiência neste projeto:
Foi bacana, deu pra se divertir
e mesmo assim aprender
muito, descubrir abilidades
que você não sabia que tinha.

Fonte: arquivo da pesquisadora

Nesta perspectiva, oferecer o livro autoral como opção para que o aluno pudesse apresentar o resultado do aprendizado das habilidades tem grande importância para sua formação. Petit (2009, p. 137) salienta a importância do livro na vida do sujeito. Apesar de tratar mais especificamente da perspectiva do leitor, entendemos que suas palavras também se aplicam ao autor, no caso, nosso aluno:

> Os livros são hospitaleiros e nos permitem suportar os exílios de que cada vida é feita, pensá-los, construir nossos lares interiores, inventar um fio condutor para nossas histórias, reescrevê-las dia após dia. E algumas vezes eles nos

> fazem atravessar oceanos, dão-nos o desejo e a força de descobrir paisagens, rostos nunca vistos, terras onde outra coisa, outros encontros serão talvez possíveis. Abramos então as janelas, abramos os livros. (Petit, 2009, p. 137).

Ter a possibilidade de escrever um livro, mesmo parte dele, colabora para criar essa intimidade com outros livros e desperta no aluno o desejo de se aventurar em outros gêneros textuais, orais e escritos, constituindo nele ferramentas indispensáveis para formação leitora ativa e reflexiva.

5.2. Reescrita e revisão

Na fase da reescrita, organizamos a roda de conversa para que pudessem tirar dúvidas e fazer a leitura das narrativas de terror. Em seguida, fizeram observações e sugeriram ideias para complementar suas narrativas e a dos colegas. A proposta de colaboração entre os colegas permaneceu durante todo o processo, dada a seriedade com que participaram de cada momento, de cada atividade no processo do desenvolvimento da proposta de intervenção.

O trabalho de reescrita em duplas ou pequenos grupos, no sentido de fortalecimento da cooperação, colaboração entre os pares, foi extremamente importante e o resultado foi muito satisfatório. O respeito que demonstraram uns pelos outros e a satisfação de poder ajudar os tornavam mais maduros, conscientes da importância do doar-se e compreendendo que o conhecimento é algo a ser partilhado, e quem partilha aprende mais. Acredito que isso ficou muito claro para eles, pois notava-se nitidamente o brilho nos olhos de cada um, a autoestima elevada daqueles que ajudavam e dos que foram ajudados. Afinal todos chegaram juntos no final daquele processo.

Para a fase da reescrita, foi elaborado um livreto para posteriormente confeccionarmos um livro no formato de cartonera[3]. Acreditamos que, no decorrer de uma aula, faríamos a reescrita do conto, porém o nervosismo e ansiedade de poderem contemplar suas obras na reta final fizeram com que rasurassem muitas vezes a versão final e recorremos a outros dias para a

[3] O livro cartonero é um artefato de resistência ao modelo colonialista capitalista, produzido a partir do papelão, material descartado no lixo e reintegrado no ciclo produtivo por meio do trabalho dos catadores de material reciclado... o surgimento da primeira cartonera se deu com a editora Eloísa Cartonera, na Argentina, e a disseminação dessa prática pelo mundo, sobretudo na América Latina, entre elas a editora pioneira na editoração cartonera em nosso país, Editora Dulcinéia Catadora, localizada em uma cooperativa na cidade de São Paulo. O livro cartonero pode ser compreendido como uma prática revolucionária vinculada à ideia do comum, na medida em que rompe com a lógica de produção capitalista neoliberal e coloca o catador e o lixo no centro de sua produção. Uma produção coletiva que privilegia o fazer-comum, reunindo uma multiplicidade de atores que valoriza a criação de laços e de afetos, gerando formas responsivas de conviver e mostrando a possibilidade de outras formas de habitar o mundo.

conclusão. Para finalização do nosso trabalho, direcionamos nossas ações para confecção da cartonera.

O formato cartonera tem, em sua origem, uma história de resistência e luta contra um modelo colonialista capitalista e reforça a importância da reciclagem para a transformação do lixo em diversas artes, com intuito tornar o mundo, nossa casa, num ambiente mais limpo. Ao apresentar esta parte do trabalho, foram tomados por uma grande empolgação, pois a maioria deles aprecia artes. A professora de Linguagem foi uma grande parceira, contribuindo e auxiliando-nos durante todo o processo, principalmente na confecção das cartoneras. Apresentamos a eles várias imagens de livro cartonero, para que tivessem uma ideia, uma vez que este formato lhes foi exposto pela primeira vez. Todas as imagens de confecção, realização do trabalho encontram-se em anexo.

Esta apresentação de imagens foi pensada para servir de inspiração, mas também usadas para confecção de suas coletâneas de narrativas de terror. No entanto, para nossa surpresa, escolheram elaborar ilustrações em consonância com o conteúdo de seus contos. A professora que também ministra Artes cedeu-nos suas aulas desta disciplina, para que pudéssemos confeccionar os livretos, visando a valorização do uso dos materiais recicláveis e principalmente desenvolver estratégias e formação através da prática na diminuição do lixo. Como já havíamos formado os grupos, cada um ficou responsável pela arte do livreto contendo os contos dos integrantes de cada grupo. Ficamos como mediadoras e como suporte para auxiliá-los, caso precisassem. Cada grupo organizou-se do seu jeito e foram determinando tarefas a cada membro. Acredito ser importante permitir que tenham autonomia, principalmente para tomada de decisões e resoluções de seus conflitos.

Esta atividade estendeu-se por muitos dias, por ser somente uma aula semanal, e como a professora havia cedido a aula de Artes, também para as fases anteriores do projeto, prolongamos por várias semanas a oficina da cartonera e a preparação do cenário para a apresentação de um sarau à comunidade. A turma participou ativamente de todo o processo. Foram quatro semanas de trabalho intenso para a produção das narrativas. Incentivamos os educandos a fazerem várias leituras dos seus textos, procurando corrigir seus erros de coerência, coesão e ortografia. Lemos e relemos as narrativas várias vezes, para reescreverem-nas, pois não tinham este hábito de escrita e reescrita de texto. Como salientam Gasparotto e Menegassi (2015, p. 5),

> A reescrita de textos ainda não é uma prática comum em ambiente escolar. Contudo, é cada vez mais evidente a necessidade de sua inserção no plano de

> trabalho docente, sobretudo, com as disciplinas de ensino de línguas**. Geralmente, os alunos escrevem textos e os entregam para o professor, cientes de que aquele é o fim de um processo**, pois depois disso somente receberão o texto com correções resolutivas ou um visto do professor, certificando que anotou em seu diário que o aluno produziu o texto. Não há dúvidas, porém, de que tal abordagem é inócua e, de forma alguma, promove o desenvolvimento de habilidades discursivas pelo aluno (Grifo nosso).

A afirmação dos autores mostra a importância de empregar a tarefa de reescrever e revisar texto, para que o aluno possa observar e refletir sobre os próprios erros e o que precisa ser melhorado em sua produção. A falta desta prática na rotina escolar traz sérios prejuízos para aprendizagem do aluno, que persiste nos mesmos erros, limitando sua capacidade de ampliar seus conhecimentos.

Por acreditar na relevância desta prática, considerando que a escrita não pode ser apenas a expressão pura de um autor, mas também direcionada e pensada para um leitor, dispomos de muito mais tempo para a reescrita, para que suas narrativas alcançassem com clareza o coração de todos que terão acesso às suas produções.

Durante a etapa final, passamos por vários imprevistos. Devido às chuvas, trechos do itinerário escolar foram interditados devido aos danos em pontes de madeiras e valetas nas estradas, o que resultou na ausência significativa dos alunos envolvidos no projeto. Com isso, a escrita da versão final dos contos de alguns alunos foi prejudicada. Nos comunicávamos através de recados, que eram repassados por colegas que atravessam a pé aquele trecho e entregavam para outro e assim sucessivamente, inclusive os livretos, para que pudessem fazer a reescrita cuidadosamente, em suas casas. Tivemos também uma aluna que estava iniciando a escrita, precisou ser submetida a uma microcirurgia na mão direita, precisei auxiliá-la, mas nenhum deles deixou de efetivar as atividades.

As escritas finais das narrativas foram feitas à mão, já que a escola não possui um laboratório de informática e a maioria dos alunos não dispõe de um notebook ou computador. Por essa razão, é notável que a escrita precisaria ser passada por uma revisão minuciosa para atender à norma padrão, entretanto, nosso objetivo era motivá-los à oralidade, leitura e escrita, sem a cobrança de uma escrita sem erros, o que se torna um fator limitante para quem não tem o hábito de escrever. Acredito que, antes de tudo, o aluno, especialmente a criança e o adolescente, necessita ter um estímulo que o leve a criar com leveza, escrever sem o medo e a preocupação do certo e do errado, só então o próprio aluno buscará por aquilo que não é do seu domínio, ou que lhe cause dúvidas e, espontaneamente, buscará pela ajuda do professor ou do colega para auxiliá-lo na escrita da palavra que não conhece.

Nos anexos encontram-se as produções escritas realizadas pelos alunos e publicadas em formato cartonera.

5.2 Evento de conclusão: Noite cultural: Labirinto do Terror

O encerramento do projeto também teve sua data postergada, mediante os atrasos de fechamento das atividades do corrente ano letivo, em decorrência de todos os acontecimentos. Desta forma, trabalhamos incansavelmente para a conclusão de uma etapa, mas não do projeto, pois acredito que a semente semeada germinou e continuará rompendo todos os obstáculos, procurando a luz da autonomia, para persistir no crescimento e florescer.

Como a data foi marcada para o último dia letivo, vinte e dois de dezembro, alguns alunos, como de costume, já tinham viagem marcadas para passar as férias com avós, tios e parentes, mas adiaram suas viagens para participar da conclusão. O convite para o evento foi feito a cada sala, a cada professor (a), cada funcionário, gestão escolar e todas as comunidades que são atendidas pela unidade escolar.

Os últimos dias que antecederam a noite cultural foram muitos agitados e repletos de trabalhos para os preparativos de encerramento e apresentação dos resultados do projeto de intervenção. Os educandos que propuseram fazer as narrativas orais dos contos de terror de sua autoria estavam bastante eufóricos e ansiosos, e alguns com habilidades tecnológicas ofereceram-se para baixar e editar fundos musicais de terror para acompanharem as narrativas orais. Contemplar a preocupação deles, fazendo o ensaio com releituras, com entonação, ritmo, constantemente pesquisando, organizando a apresentação, foi gratificante.

Finalmente chegou o grande dia. Eu, particularmente, estava muito ansiosa, porém muito agradecida pelo companheirismo e envolvimento de grande parte dos profissionais da escola, minha família e membros da comunidade que, desde o início, participaram direta ou indiretamente do processo, através do incentivo, nas liberações de aulas para que pudéssemos fazer a conclusão da versão escrita final.

Durante a última semana, a professora de Linguagem esteve lado a lado, na organização do cenário para o evento e contribuindo na preparação dos alunos para apresentação. Iniciamos pela manhã nossos trabalhos, no dia vinte e dois de dezembro. O cansaço, a expectativa e a emoção de finalizar uma jornada de quatro meses consecutivos de descobertas, mudanças, transformações, reflexões e muitos aprendizados, são experiências que agregam valores a tessituras de novas concepções práticas e favorecem o crescimento e a formação de sujeitos, para que, com isso, projetem sentido e significado em suas ações e existência.

Não poderia deixar de salientar a grandeza da Escola do Campo com profissionais que têm a sua identidade na Educação do Campo, que partem do princípio da coletividade e da ação educativa voltada o desenvolvimento pleno de seus sujeitos. Por isso, cada detalhe, cada ação, por menor que seja, é sempre pensada, direcionada para contribuição da formação do ser humano e em sua relação com a sociedade. Desta forma, desenvolver atividades e todo tipo de trabalho coletivo, reforça, através da prática, o ideal de que os sonhos e conquistas contemplem a todos. Sonhamos, lutamos, construímos e festejamos as nossas conquistas e vitórias.

Ao entardecer, recebemos nossos educandos, protagonistas deste processo, muito empolgados, no entanto nervosos para se apresentarem publicamente. Todas as comunidades estavam presentes, principalmente os pais dos alunos envolvidos no projeto. Nos refugiamos em minha sala e quiseram fazer a maquiagem de terror. Eu havia levado muitas maquiagens e tintas para cabelos. Enquanto a maioria escolhia e caprichava no figurino, observei que uma aluna andava de um lado para o outro, lendo, relendo seu conto por um longo período de tempo.

Considerando a timidez e a falta de hábito quanto à oralidade em público, construímos uma tenda para que os que se sentissem desconfortáveis pudessem fazer a narrativa sem a exposição física, o que facilitaria para uma narrativa que reverberasse emoção, expectativa, medo e terror ao público presente.

A diretora deu início à noite cultural, fazendo um breve relato sobre a importância do Projeto de Intervenção do PROFLETRAS para o desenvolvimento e formação de nossos alunos. Em seguida, apagaram-se as luzes e iniciamos a primeira das seis narrativas para aquela noite. Comecei com a narrativa do aluno Natan[4], sétimo ano, intitulada *A morte do Demônio 9.999*. A leitura da narrativa tornava-se cada vez mais horripilante, à medida que os sons emitidos pelos ruídos tenebrosos do fundo musical e a risada sinistra de um dos alunos que a fazia com muita perfeição, arrancava gritos de susto do público e choro das crianças apavoradas. Pelas sensações provocadas pela narrativa, o entusiasmo era a comprovação de que realmente cada um deles compreendeu e soube criar uma narrativa que atendesse às características de um conto de terror. Preciso ressaltar que o autor do conto é um adolescente muito criativo, inteligente, porém extremamente tímido, quieto, de poucas conversas e tem o fundo da sala como seu cantinho preferido. Em seguida, foram feitas as outras quatro narrativas pelas alunas Loren, Mayla, Angel e o aluno Luigui Renan[5] do sexto ano, cada uma delas com uma temática diferente, mas capazes de despertar as mais diversas sensações em quem as ouvia.

[4] Nome fictício para preservação da identidade do aluno.
[5] Nomes fictícios.

A sexta narrativa, responsável pela finalização das apresentações, foi destinada a aluna Dandara[6], inspiradora do projeto de intervenção, pelo seu comportamento arredio na escola, avessa a qualquer inciativa de trabalho com leitura e escrita. Era notável a forma hostil como tratava os professores através de respostas curtas e agressivas e como se manifestava nas aulas de Artes, por meio de desenhos que faziam apologia à violência e agressão a professores. A garota, que apreciava brincadeiras masculinas e que lutava com meninos com a mesma força e capacidade, chamava-me atenção há alguns anos, durante o recreio. Com o passar do tempo, suas atitudes foram tornando-se cada vez mais intrigantes e a sua indisposição de falar com alguém sobre si, sobre o que poderia estar acontecendo, era motivo de preocupação para seus professores. Nunca fora minha aluna, até então, o que não me impedia de sempre observá-la.

No entanto, foi possível ver sua transformação, ocorrida a partir da realização da intervenção, como mostra a comparação entre o questionário diagnóstico, respondido em dezembro de 2022 (apresentado no início desta dissertação - Figura 1), e o questionário de avaliação, após a finalização do projeto de intervenção em dezembro 2023 (Figura 4):

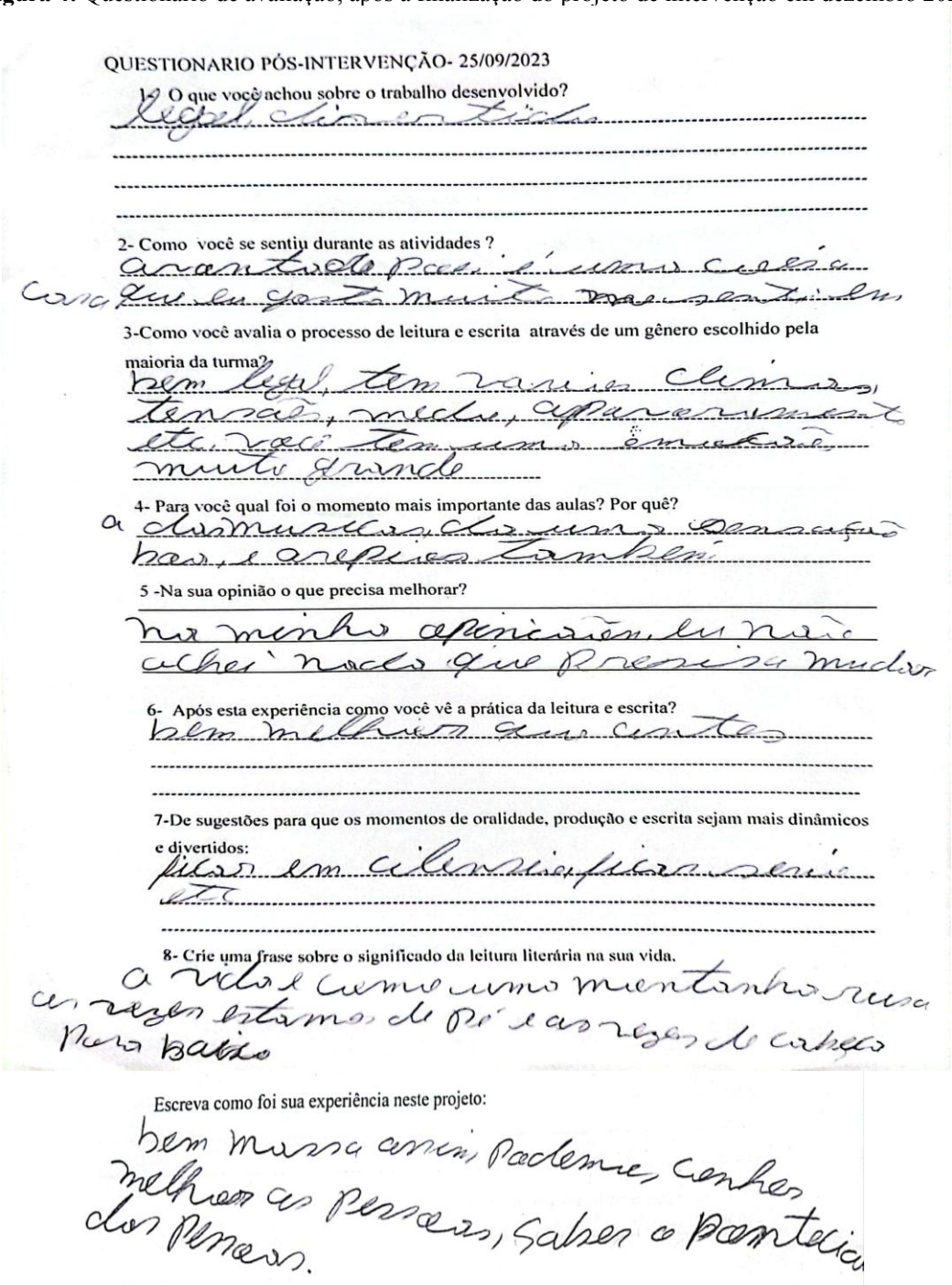
A sua preferência por histórias de terror e violência era nítida, refletida em cada aula de Artes e nas margens das folhas do caderno. Quando soube da proposta ficou feliz com o tema. Cada dia, durante o processo de execução do projeto, tornava-se participativa, aberta ao diálogo e à oralidade. Sua conduta, a cada passo, convertia-se em sutileza, serenidade e maturidade nas conversações com seus colegas de sala. Já era possível estabelecer uma comunicação através do olhar que, agora, trazia um certo brilho de certeza. A sua atuação em todas as etapas do Projeto e as mudanças em suas ações foram louváveis, as iniciativas em cada gesto, de melhoramento na escrita, oralidade e leitura foram comoventes e ela encerrou as apresentações fazendo a leitura da narrativa de sua autoria, com desenvoltura e ritmo. Moldava cada palavra e, em cada frase, transparecia sua autoconfiança, de acordo com os episódios que narrava. Apresentou-se de forma admirável e foi aclamada com todos os aplausos e com muita emoção pelos profissionais que conheciam sua trajetória.

Naquele momento, notei que meu sonho e meus objetivos tinham se concretizado e no meu coração a gratidão e a certeza de que a missão de educador precisa, ao máximo, tentar alcançar todos, sem deixar nenhum à margem, caso contrário, a incumbência torna-se incompleta, havendo necessidade de ser revista e reavaliada. Entendi que as razões subjacentes de suas atitudes configuravam muito além da rebeldia de adolescente. Assim como ela, tantos outros pedem socorro, por intermédio de posturas que são frequentemente apontadas como

[6] Nome fictício

desacato ou enfrentamento. Diante disso, temos dificuldades de questionar nossos desempenhos, estamos habituados a lidar com o físico, a parte prática, e, na maioria dos casos, ignoramos a alma e suas complexidades. A falta de sensibilidade para enxergar além do que vemos nos impede de vislumbrar o aluno e seu contexto, e esta lacuna poderá influenciar de forma desfavorável sua vida, e, consequentemente, nos encaminham para a frustação e o fracasso nas tentativas práticas do trabalho docente.

Figura 4: Questionário de avaliação, após a finalização do projeto de intervenção em dezembro 2023



QUESTIONARIO PÓS-INTERVENÇÃO- 25/09/2023

1- O que você achou sobre o trabalho desenvolvido?

Legal, Lisa as fichas

2- Como você se sentiu durante as atividades ?

Amanhã de Paes é uma coisa que eu gosta muito

3-Como você avalia o processo de leitura e escrita através de um gênero escolhido pela maioria da turma?

Bem legal, tem varias crianças, tensão, medo, aparentemente ela você tem uma ansiedade muito grande

4- Para você qual foi o momento mais importante das aulas? Por quê?

a dos murais das crianças, Dinâmica boa, e as fichas também

5 -Na sua opinião o que precisa melhorar?

na minha opinião eu não achei nada que precisa mudar

6- Após esta experiência como você vê a prática da leitura e escrita?

bem melhor que antes

7-De sugestões para que os momentos de oralidade, produção e escrita sejam mais dinâmicos e divertidos:

ficar em silencio para ouvir

8- Crie uma frase sobre o significado da leitura literária na sua vida.

a vida é como uma montanha russa as vezes estamos de pé e as vezes de cabeça para baixo

Escreva como foi sua experiência neste projeto:

bem mana amei, Podemos conhecer melhor as pessoas, saber o pensamento dos alunos.

Fonte: arquivo da pesquisadora.

Os quatro meses de intervenção trouxeram descobertas e redescobertas significativas para minha percepção, no que diz respeito à observação, silêncio e atenção para o outro, tornando-o protagonista do processo. Estas atitudes foram basilares para assegurar a participação de toda a turma e para que os objetivos que nortearam a proposta fossem alcançados. Compartilhar com as comunidades os resultados destes momentos, dos quais muitas famílias fizeram, através dos recontos das narrativas, foi algo grandioso, pois ficaram demonstrados, na prática, os avanços adquiridos de seus filhos na jornada que propusemos percorrer juntos. Este momento de celebração reforça o elo do envolvimento e da colaboração família/escola, tão necessária para o desenvolvimento e fortalecimento do avivamento no processo sociocultural como garantia de permanência dos conhecimentos e valores passados pelos nossos antepassados, constituindo e ressignificando novos sujeitos na sociedade.

Ao final das apresentações, fizemos relatos sobre a importância do projeto de intervenção e o respeito pela bagagem que cada um possui e que são primordiais na vida escolar. Salientamos também sobre a importância da presença dos pais, avós nas rodas de conversas e convívios familiares, na transmissão dos seus conhecimentos e sabedorias. Para tanto, apresentamos as obras em cartoneras e as artes confeccionadas pelos alunos, para que fossem apreciadas e para que se percebesse o quão importante é a valorização destes feitos na vida de cada um deles.

Como agradecimento, foi entregue uma lembrança personalizada, com nome de cada um deles, autores, colaboradores e companheiros nesta caminhada que propusemos permear e com as palavras chaves e desenhos usados e escrito por eles nas narrativas. Após os agradecimentos e entrega das lembranças feitas individualmente, apresentando nossos autores ao público, celebramos o encerramento, o trabalho coletivo, a cooperação e participação de todos, direta e indiretamente, na construção para tornar este momento único, com um jantar e bolo oferecido aos presentes. A comunidade presente sentiu-se extremamente agradecida e honrada por fazer parte deste processo e desta caminhada, reforçando que a educação tem grandes ganhos com criação desta parceria entre família e escola.

6 ANÁLISE DA PRODUÇÃO ORAL E ESCRITA DOS ALUNOS

A oralidade é parte importante para a introdução a escrita. Quando o aluno tem oportunidade de exercer a oralidade, seja para estabelecer diálogos, comunicação e principalmente na prática de narrativas e recontos, como atividades propostas em sala de aula, há mais chance de se ter mais bagagem e desenvoltura no momento da escrita, a qual será feita pela necessidade de aprender e se aprimorar, dada a relevância desse aprendizado, e não somente pela sua obrigatoriedade. Petit (2009, p. 30) relata sobre a oralidade:

> Por muito tempo se opôs oralidade e escrita, embora o livro e a voz sejam companheiros, e a biblioteca, em particular, seja um ambiente "natural" para a oralidade: é o lugar de milhares de vozes escondidas nos livros que foram escritos a partir da voz interior de um autor. Quando lê, cada leitor faz reviver essa voz, que provém às vezes de muitos séculos atrás. Mas para as pessoas que cresceram longe dos suportes impressos, alguém tem que emprestar sua voz para que entendam aquela que o livro carrega. Nos últimos anos, em muitos países, a oralidade foi redescoberta, e o oral e o escrito foram combinados nos espaços dedicados a facilitar a apropriação da cultura escrita.

Como menciona Petit (2009), a oralidade é instrumento indispensável para nos tornar autores ou porta-vozes de tantas experiências, conhecimentos, sabedorias e vivências trazidas nos livros, para aqueles que não tiveram oportunidade de aprender a ler.

Partindo desse pressuposto, vale ressaltar que a combinação entre oralidade, leitura e escrita é indispensável para assegurar com eficácia a apropriação da escrita e da leitura por parte do aluno, como revelam os resultados obtidos no nosso projeto de intervenção desenvolvidos com uma turma multisseriada. Dentre os alunos, tínhamos casos de muitas dificuldades de leitura e casos de não alfabetização. Com relação à escrita, a intenção era incentivá-los à escrita espontânea, sem a preocupação inicial com a adequação à norma culta, uma vez que vimos que isso pode ser um fator de bloqueio para a expressão do aluno. Quero reforçar, mais uma vez, a pertinência da oralidade para desenvolver uma predisposição para as atividades de leitura e escrita.

Como iniciamos o processo priorizando a oralidade, através de rodas de conversas e narrativas orais, os alunos foram se envolvendo e, de forma tranquila, consciente, sem se sentirem pressionados em nenhum dos momentos. Consequentemente, conseguiram fazer a transição para a escrita sem resistência, com autonomia e iniciativa própria. Para aqueles que não dominavam a escrita, ao invés de se sentirem inibidos ou desmotivados, buscaram ajuda, compreendendo a falta deste aporte para expressarem seus conhecimentos e seus sonhos através

dela. Nenhum deles desistiu de escrever suas histórias e narrativas de terror por falta de conhecimento gramatical. Perceberam, por outro lado, que este era necessário para compartilhar suas ideias com outras pessoas, para auxiliar em sua capacidade de criação e isso elevou a autoestima e os encorajou a prosseguir em seus objetivos, rompendo a insegurança, o medo e enfrentando os desafios. De acordo com Barzotto (2016,p.165), (apud Voltolini, 2018, p. 93), "Ser desafiado a escrever é como ser lançado a um manancial".

Assim sendo, cabe ao professor exercer sua função de mediador, incentivador, oferecer suporte, auxiliando o aluno neste processo que, para quem está em defasagem idade/série, é doloroso, constrangedor e complexo. Criar estratégias que fortaleçam a compreensão de que é necessário a aquisição da leitura e escrita e ajudar o aluno com a apropriação destas competências é torná-lo livre das amarras que o impedem de dar sentido ao desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

A "posse" da oralidade durante as atividades, partilhando experiências, possibilitou as mais variadas narrativas, mas todas voltadas para o terror, inspiradas nos causos, histórias de assombrações contadas pelos avós, pais, pessoas mais velhas, por sonhos, ou melhor, por pesadelos que tiveram e pelo fruto de suas imaginações. Durante a escrita, apenas os orientei que seguissem as pegadas de suas ideias, pegassem as palavras, apanhassem as frases, e as assentassem no papel, e somente depois fizessem o trabalho formal. O notável silêncio na sala durante a produção facilitou a concentração que resultou em duas, três, quatro páginas escritas.

Após fazer a leitura de cada um individualmente, percebemos que as produções precisariam de correção, umas menos outras mais, necessárias para a finalização do texto. A revisões ortográficas e gramaticais desenvolvidas de forma contextualizadas e cooperadas, criando espaço para troca de experiências e reflexão ao mesmo tempo, impulsionaram diálogos altamente produtivos, com senso de humildade e interesse de ajudar e buscar ajuda, em que o egocentrismo abriu espaço para a compreensão tão desejada de que todos, nos caminhos do ensino-aprendizagem, sempre têm muito a contribuir: ensinando e apreendendo, uns com os outros.

É importante que o desafio para o desenvolvimento e apropriação da escrita e leitura, que atenda à norma padrão e aproxime o sujeito aos padrões exigidos pela sociedade, parta da iniciativa do aluno. Isso ocorre quando a falta de domínio destas competências é fator limitante na realização de qualquer atividade que deseje muito realizar. Dessa forma, o aluno passa da obrigatoriedade à necessidade e esta o impulsiona ao rompimento de suas barreiras.

Consideramos que o projeto de intervenção atendeu aos objetivos propostos, comprovando que a oralidade, leitura e escrita são práticas que, conduzidas conjuntamente e

com o mesmo grau de importância, são essenciais para elevação e aquisição da autonomia, liberdade e criatividade na formação de um bom leitor, escritor, aluno e sujeito. O uso de um gênero literário sugerido por eles, no caso, as narrativas de terror, como instrumento do despertar para o universo da imaginação, possibilitou-lhes o interesse pelo processo de aprendizagem. No entanto, a caminhada a ser percorrida para a superação das dificuldades relacionadas à escrita e leitura é longa, sinuosa, e requer uma parceria fiel, persistente, determinada entre o professor e o aluno, lado a lado estrategicamente, sobrepujando os obstáculos limitantes em seus avanços e desenvolvimento.

Com base na vivência e experiência que compartilhamos juntos em sala, é visível a exigência de novas práticas, novos posicionamentos, porque nossas crianças e adolescentes nunca estiveram tão solitárias e carentes. Cabe ao professor, diante de tantos desafios, exercer a prática da observação, da escuta, do silêncio para melhor compreender e analisar cada situação decorrente de/com seus alunos, para, então, desvencilhar-se da posição tradicional de professor e revestir-se humildemente como alguém de quem o sujeito aluno necessita para tornar-se confiante, encontrar seu caminho e se encontrar. Desta forma, nesta missão que nos foi confiada, experienciar momentos que possamos contribuir, acrescentar a vida do outro, leva-nos a crer que estamos no caminho certo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebi, ao longo de minha trajetória como professora, que a falta de interesse e o baixo desempenho dos alunos na leitura e escrita tem aumentado bastante nos últimos tempos, o que tem ocasionado grandes preocupações diante dos resultados das avaliações aplicadas interna e externamente. A busca para melhorar estes índices exige do professor esforço extra, que, por sua vez, aumenta a quantidade de atividades e exercícios escritos, através de simulados, sem, muitas vezes, avaliar o método e o conteúdo usados, sobre a sua eficácia para solucionar tais problemas.

Mediante as relações hierárquicas na educação, o aluno, parte central deste sistema, acaba sendo o último a ter conhecimento e participação na discussão, escolhas e sugestões sobre os novos procedimentos metodológicos para contribuir na superação de suas dificuldades na leitura, escrita e na oralidade. Tais procedimentos contribuem para a desmotivação, apatia e o cansaço no ato de ler e escrever.

A quantidade de atividades para o desenvolvimento da leitura e escrita para sanar as dificuldades apresentadas são extensas e, em muitos casos, superficiais, as quais não agregam para o aprendizado, para a superação de limitações, causando desgaste, tanto do professor, quanto do aluno. No sentido oposto a essa tendência, "adentrar" a história de vida do aluno é demonstrar sua valorização e de seu contexto sociocultural. Entretanto, oportunizar a participação do aluno para direcionar nossa prática, a compreendê-lo em suas circunstâncias, é, muitas vezes, encontrar o caminho que desejamos.

Partindo do princípio de que é preciso nos silenciarmos para ouvir, observar, sentir para que possamos compreender a necessidade do outro (aluno), entendemos que se trata de uma ação favorável para praticar a motivação para o gosto pelo estudo e expressão, por meio da oralidade, leitura, escrita. Considerar a história de cada um para introdução da literatura, norteou nosso trabalho de pesquisa, que se baseou no interesse dos alunos pelo gênero literário narrativas de terror, buscando, desta forma, estabelecer momentos de diálogos, interação, convivências e partilha sobre o conto e reconto de histórias e causos provenientes de pais, avós, vizinhos, no intuito de resgatar e valorizar experiências socioculturais.

Com base nestes conhecimentos, buscou-se ampliar e estreitar os laços com as famílias da escola do campo, que compõem a unidade escolar Laranjeira I, e desempenham um papel importante na história de luta e conquista pela terra, educação, saúde e vida digna de seus membros. Portanto, elas são símbolos de resistência, coragem e grande inspiração para crianças, adolescentes e jovens, na busca de melhores condições de vida, educação de qualidade e,

principalmente, na formação de novos sujeitos. No entanto, é preciso continuar reforçando a importância da sua participação na construção de novos caminhos para a educação e para a solução de problemas referentes ao aprendizado de seus filhos. A partir da intervenção realizada, verificou-se que oportunizar a eles a participação através da comunicação oral é uma porta de entrada para alavancar e assegurar a prática da oralidade com desenvoltura e segurança, também pelo fato de reforçar o vínculo com a família e a comunidade.

Além disso, as observações e a pré-sondagem diagnóstica orientaram o embasamento da ação interventiva no gosto e preferência literária dos alunos. Considerando o repertório de conhecimentos que cada sujeito traz em sua bagagem, valorizá-los e apropriar-se deles para iniciar qualquer trabalho, com o intuito de conhecer e buscar soluções para qualquer problema, significa colocá-lo como protagonistas, elevando sua autoestima através da valorização do que ele representa.

Todo o processo interventivo baseou-se nestas três práticas: oralidade, leitura e escrita, apresentadas não somente como problemas, mas sobretudo como necessidades de cada aluno, nas aquisições para o desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita e oralidade, para o crescimento e formação pessoal, intelectual e social. Tendo a literatura, entre tantas funções, a de tornar-se inspiração ao ato de ler e escrever, utilizá-la como aliada para potencializar estas práticas é oportunizar ao outro o direito de sonhar, imaginar, criar, viajar etc. Considerando o seu valor no processo ensino-aprendizagem, utilizamo-nos dos saberes e histórias das famílias, ponderando a sua essencialidade quanto à bagagem de vivências e conhecimentos que contribuem no ato de contar e ouvir histórias, para resgatar e perpetuar os conhecimentos, experiências e vivências de nossos antepassados e, ao mesmo tempo, gerar práticas que contribuíssem para a evolução oral, leitora e escrita destes alunos.

Portanto, refletir sobre nossas práticas e condutas nos torna mais humildes para fazer e refazer, construir e desconstruir o que nos impede de dar voz e vez aos nossos alunos, para que possam fortalecer sua confiança e autonomia na busca de solução de problemas, reconhecendo e redescobrindo suas habilidades, competências e potencialidades nos caminhos que desejam percorrer. Quanto a nós, professores, educadores e mediadores, podemos estar lado a lado com eles, percorrendo esta árdua jornada de transformação pessoal e social, buscando sempre caminhos nos quais possamos fazer a diferença em nossas vidas e na vida do outro.

Com base nesta cumplicidade, quero ressaltar a importância da família, dos profissionais da escola e membros da comunidade que, desde o início, participaram, direta ou indiretamente, do processo, através da cooperação, coletividade, amor, respeito, valorização, incentivo, nas liberações de aulas para que pudéssemos fazer a conclusão da versão escrita final.

Enfatizamos a importância grandiosa do PROFLetras no compromisso de uma educação de qualidade, capacitando profissionais, ampliando olhares que possam identificar os principais desafios pelos quais passa a educação e, por meio deles, diagnosticar, refletir, observar e buscar soluções conjuntas nas quais o aluno é a parte central a que se direcionam as ações a serem tomadas.

O PROFLETRAS, em minha vida profissional e pessoal, tem sido um divisor de águas, é um Programa que nos leva a um mergulho profundo de reflexão sobre nossas práticas. Sugere o exercício de sairmos da zona de conforto, exercício desafiador, trabalhoso, de ir além do que a profissão exige, porque a situação em sala de aula requer este cuidado, este olhar, se realmente estivermos comprometidos na prática para buscar e fazer mudanças.

Vejo que as três práticas da Linguagem, oralidade, escrita e leitura, fazem parte de uma engrenagem e cada uma possui igual importância e função no desenvolvimento da outra. Portanto, a proposta desenvolvida mostrou que precisamos reavaliar continuamente nossas práticas pedagógicas e considerar que, embora passemos por várias etapas de formação, precisamos nos posicionar à altura de nossos alunos e olhar em seus olhos, buscando as causas de sua dificuldade, desinteresse, silêncio, excesso de brincadeira, isolamento etc. Em muitos casos, essas atitudes não significam somente rebeldia: por trás daqueles olhares ou daquelas atitudes podem se esconder muitas histórias que ninguém jamais propôs ou interessou-se em ouvir.

Dessa forma, o projeto se apresentou como uma iniciativa que promoveu o aprendizado e o desenvolvimento de habilidades, em que os alunos adquiriram autonomia para reconhecer suas dificuldades e enfrentar desafios para superá-las. Entre tantos benefícios, o projeto aproximou aluno e professor, família e comunidade, bases fundamentais para garantir uma educação que formará o aluno sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Gloria. **Literatura**: Alternativa Metodológica. Porto Alegre: Mercado Aberto,1988.

ALVES, Juliana Franco; FERNANDES, Frederico. **Contar e recontar:** poesia oral transcriada em caroço de dendê, de Mãe Beata de Yemonjá. **Revista Trânsitos da voz:** estudos de oralidade e literatura / Eudes Fernando Leite, Frederico Fernandes (organizadores). Londrina, EDUEL, 2012.

BARBOSA, Begma Tavares. Letramento literário: sobre a formação escolar do leitor jovem. **Educ. foco**, Juiz de Fora, v. 16, n.1, p. 145-167. Marc/ago. 2011.

BARROS, Ev'Ângela Batista Rodrigues de; PEREIRA, Selma Lúcia de Assis. Escrita, leitura e literatura. **SCRIPTA**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas. Organizada por Arabie Bezri Hermont (PUC Minas), José Hélder Pinheiro Alves (UFCG). Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2023.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas**. 7a edição. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, 253 p.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política - Ensaios sobre literatura e história da cultura. **Obras Escolhidas**. Volume 1.3 ª ed. Editora Brasiliense. São Paulo,1987.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de língua portuguesa e contextos teóricometodológicos. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.) **Gêneros textuais e ensino.** 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CALDART, Roseli Salete; KOLLING. Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo (Organizadores). **Educação do Campo:** Identidade e Políticas Públicas. Brasília, DF,2002. Coleção nº 4.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A oralidade e a escritura na literatura infantil: Referencial Teórico Para A Hora Do Conto. Universidade Federal de Santa Catarina, 2001. **R. Eletr. Bibliotecon**, Florianópolis, Brasil, n.13, p.25-38, 2002.

CAMARANI, Ana Luiza Silva. **A Literatura Fantástica**: Caminhos teóricos/Ana Luiza Silva Camarani. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2014.

CARVALHO, Dayane Pereira Barroso de; MESQUITA, Zanado Pavão Sousa; SILVA, Maria da Guia Taveiro. **As práticas de leitura sob a perspectiva social**-Imperatriz – Maranhão,2021.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros:** A leitura literária na escola/Teresa Colomer (tradução Laura Sandroni). São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam / Paulo Freire. - São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Vida e obra**/Organizado por Ana Inês Souza, Giselle Moura Schnorr, Sônia Fátima Schwendler, Marilene A. Amaral Bertolini, Targélia de Souza Albuquerque, Maria Aparecida Zanetti. -São Paulo: Expressão Popular, 2000.

GASPAROTTO, Denise Moreira; MENEGASSI, Renilson José. Aspectos da prática docente na revisão e reescrita de Narrativa de terror. **Fórum linguístico**. Florianópolis, v.12, n.3- jul. /set.2015.

GERALDI, João W. **O texto na sala de aula**: literatura e produção. 3 eds. Assoeste. Cascavel. PR. Educativa, 1985.

GERALDI, João Wanderlei-Org. Milton José de Almeida [et al.]**. O texto na sala de aula.** 1.ed. - São Paulo: Ática, 2011. il. - (Na sala de aula).

GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SILVA, Joice Ribeiro Machado da; SOUZA, Renata Junqueira de. Educação Literária e Formação de Leitores: da leitura em si para leitura para si. **Ensino em Re-Vista**, v.19, n.1, jan/jun.2012.

GOMES, Rita De Cássia Rocha Bastos. **Oralidade e literatura na escola**: Uma experiência com oficinas de leitura. Universidade Federal Da Bahia Instituto De Letras - Mestrado Profissional Em Letras – Profletras, Salvador, 2019.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. Tradução Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LAJOLO, M. **Usos e abusos da literatura na escola**. São Paulo, Globo, 1982a.

LAJOLO, M. **O que é literatura**. São Paulo, Brasiliense, 1982b.

LAVEZZO, Lana Jakabson et al. Projeto sala de leitura itinerante: a leitura literária e o seu papel transformador. **Revista de Extensão da UNESC**, v. 5, n. 1, 2020 | ISSN - 2448-4245 Artigo

LEÃO, Cleonice de Moraes Evangelista; SOUZA, Dalma Flávia Barros Guimarães. Letramento Literário em círculos de leitura na escola. **Revista Palimpsesten**, Nº 21. Ano 14. 2015.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: 1ª ed. Sagra: DC Luzzatto, 1996.

LESSA, Adriana; SANTOS, Cristiane. **SCRIPTA**, v. 27, n. 59, p. 92-117, 1º quadrimestre de 2023.

LIMA, Andrea Bernardes, de. **A Importância da Contação de Histórias na Sala de Aula**: Uma Proposta de Incentivo ao Desenvolvimento da Oralidade. Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Aplicadas e Educação – Ccae/Campus Iv Programa De Mestrado Profissional Em Letras – Profletras-Mamanguape-Pb. 2015.

LOBATO, Valdinéia Amorim; CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão**.** Leitura E Escrita: As Dificuldades e Desafios no Processo de Ensino e Aprendizagem no 5° Ano do Ensino Fundamental. PRE-PROOF **Revista Contexto & Educação** - Editora Unijuí – ISSN 2179-1309 – Ano 39 – N. 121 – 2023 – e14880.

LOPES, Daniella, D. I; RODRIGUES, Jane Quintilino G.; SILVA, Juliana C. Salvadori; GUIMARÃES, Raquel Beatriz J. Leituras e leitores: suas tramas de sentido e suas práticas **SCRIPTA**, v. 26, n. 56, p. 08-15, 1º quadrimestre de 2022.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e Escrita. **Signótica**, 9:119-145, jan/dez. 1997. Disponível em https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6323097, Acesso em 25/02/2025.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001. 133 p.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARQUES, Luana Thais dos Anjos; ALVES, Francisca Ivoneide Benicio Malaquias. A Importância da Oralidade no Processo de Alfabetização com Enfoque na Contação de História. Id on Line **Rev. Psic**. V.15, N. 57, p. 720-728, Outubro/2021

MOHAMED, Nathaly Sesterhenn. **A construção do locus horribilis nos contos de H. P. Lovecraft** / Nathaly Sesterhenn Mohamed. – Araraquara, 2021 146 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara Orientador: Aparecido Donizete Rossi.

NOBRE, Lucélia Lopes. **Influência da linguagem oral na escrita.** UFRGS-INSTITUTO DE LETRAS-Curso de Especialização em Gramática e Ensino de Língua Portuguesa –Trabalho de Conclusão de Curso-Orientações. Professor da 5ª edição do Curso de Especialização em Gramatica e Ensino da Língua Portuguesa UFRGS, 2011.

PARREIRAS, Ninfa. **Do ventre ao colo, do som a literatura:** livros para bebês e crianças/Ninfa Parreiras. Belo Horizonte: RHJ, 2012.240 p.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir a adversidade**. Tradução Arthur Bueno e Camila Boldrini. Editora 34, 2009.

ROSA, Janaína Cristine da; GOMES, Elemar Lúcio Ferreira. Preferência do gênero contos de mistério e de terror no gosto literário dos alunos do Ensino Fundamental. **SCRIPTA**, v. 26, n. 56, p. 08-15, 1º quadrimestre de 2022.

SALUTTO, Nazareth. Literatura, ética e alteridade. Seis proposições para a formação do leitor. **Revista Fronteira Z**, nº 22 - julho de 2019.

VOLTOLINI,Maria Aparecida Rodrigues de Souza. **Literatura Mato Grossense:** Estratégias para o Ensino com o texto literário. Trabalho de Conclusão de conclusão de curso. (Dissertação/Mestrado). Curso de Pos graduaçao Stricto Sensu (Mestrado

Profissional)Profletras,Faculdade de Educação e Linguagem,Campus de Cáceres,Universidade do estado de Mato Grosso, 2018.

APÊNDICE 1

Planejamento Geral

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO
PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

ESCOLA MUNICIPAL LARANJEIRA I

CÁCERES-MT

Plano do Projeto de intervenção. Ano 2023

Turma: 6º e 7º ano (multisseriada) Anos finais

Mestranda: Maria Aparecida Leal Campos

Período: 22/08/2023 a 25/09/2023

Duração das aulas: 0:55 min

Período: Matutino

Disciplina: Língua Portuguesa Tema: Narrativas de terror

Campo de atuação: Artístico literário

Práticas de linguagem

Leitura; Produção de textos: escrita e reescrita; Oralidade.

Habilidades:

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infantojuvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

(EF67LP30) Criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas, histórias em quadrinhos, dentre outros, que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais

adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto.
(EF69LP44). Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção. (EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/ manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, slams, canais de booktubers, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva
(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/ edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.
(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infantojuvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de audiobooks de textos literários diversos ou de podcasts de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, liras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.

Objeto do conhecimento:

- Estratégias de leitura: apreciação e réplica;

- Adesão às práticas de leitura: relatos e recontos orais em sala de aula;

- Produção circulação e recepção de textos orais:

- Coletas de narrativas orais das famílias;

- Escrita das narrativas coletadas;

- Produção de textos orais: Oralização

- Narrativas orais e escritas.

Rodas de conversas;

Características dos contos de terror e sua estrutura;

Produção escrita da própria narrativa de terror;

Reconstrução da textualidade: revisão e reescrita

Reconstrução das condições de produção: Análise da produção oral e escrita.

Cartonera: A origem; Oficina para confecção

Desenvolvimento:

Para embasamento nas realizações das atividades apoiamos em Benjamin (1987), que pondera sobre a prática da narrativa como uma das mais importantes no dinamismo de manter viva a memória de um grupo. Dentro deste conceito, preponderamos pelas narrativas orais coletadas no bojo familiar como elucidação de preservação desta prática. Ademais, Freire (1989) ressalta que a leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra, desta forma a proposição do trabalho, das atividades, estrategicamente, proporciona ao aluno fazer esta leitura de mundo, trazendo para o centro a história, os valores a realidade que permeiam sua vida, através do diálogo, partilha de experiências, vivências no ouvir, no falar, no contar, no narrar. Tais ações nos oferecerão elementos que conduzirão todo o processo da oralidade, leitura e escrita no desenvolvimento das narrativas. Durante a intervenção será apresentada uma narrativa contada pelo meu pai, com o título: "Os dois amigos", como estratégia de motivação da coleta de narrativas feitas pelos alunos às famílias e sua apresentação através dos recontos. Seguindo esta dinâmica, serão narrados três contos de terror da literatura brasileira: As luzes que atravessam o pomar (Wuldson Marcelo); "As sombras na cidade antiga" de (André Comanche); "Acidente na estrada" (Paulo Henrique Garcia), para que possam inspirar-se e observar a estrutura e as características deste gênero.

Metodologias

Trabalhos em grupos, dupla e individual;

Rodas de conversas;

Narrativas orais;

Narrativas escritas**.**

Fundo musical de terror**:** Pad (by Jota Maker)

Análises das reescritas em dupla e pequenos grupos.

Recursos

Narrativas escritas impressas; caixa de som, papelões, tesouras, tintas guache, pincéis, galhos secos etc.

Avaliação

A avaliação consistirá em observações sobre a participação e adesão dos alunos a proposta. Durante o processo, a análise se estenderá sobre o desenvolvimento das atividades, se corresponderão aos objetivos propostos.

Bibliografia:

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política** - Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas. Volume 1.3 ª ed. Editora- Brasiliense-Dividindo opiniões e multiplicando cultura. São Paulo,1987.

FREIRE, Paulo, –A importância do ato de ler: em três artigos que se completam / Paulo Freire. - São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

PLANOS DIVIDO EM ETAPAS

Plano De Aula - 1ª Etapa

Escola Municipal Laranjeira I - Cáceres-Mt
Turma: 6º e 7º ano (multisseriada)Anos finais
Mestranda: Maria Aparecida Leal Campos
Período:22-23/08/2023
Duração:2 aulas
Duração das aulas: 0:55 min
Período: Matutino
Disciplina: Língua Portuguesa
Campo de atuação: Artístico literário
Práticas de linguagem
Oralidade, reconto oral, produções de textos orais; oralização.
Habilidades: EF69LP44). Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.
Objeto do conhecimento:
Adesão às práticas de relatos e recontos orais em sala de aula, leitura;
Rodas de conversas: foco no gênero recontos das narrativas de terror/assombração.

Gênero literário trabalhado: narrativas de terror
Tema da aula
Narrativas de assombração,
Reconto oral: causo *Dois amigos*
Resgate das narrativas contadas pelas famílias.

Objetivos das aulas:
Praticar a oralidade e refletir sobre a valorização dos recontos nas/das famílias para garantir a permanência dos conhecimentos e valores sociais e culturais;
Apresentar o gênero histórias de assombrações e discutir sobre a origem e seus efeitos no seio familiar;
Resgatar as vivências, experiências e recontos das narrativas.

Introdução:(5 min)
Organização do ambiente: carteiras em fileiras; fechamento das cortinas. Posicionamento do som; luzes desligadas.

Desenvolvimento:
Trilha sonora de terror: *Pad* (Jota Maker);
Contação da minha história ouvida na infância (*Dois amigos*).

Ordenar as falas para garantir a participação de todos e a socialização de suas vivências para toda a sala.
A turma será organizada em fileiras, com a sala em penumbra para que possam experimentar todas as sensações provocadas pela narrativa de assombração. Durante a leitura da narração, um fundo musical de terror enriquecerá o momento, proporcionando veracidade a história.
Logo após a narrativa, os alunos se organizarão em círculos para aula dialógica através da roda de conversa sobre este momento e relatos sobre os recontos que já vivenciaram em suas famílias. Para isso, serão utilizadas questões norteadoras para facilitar a compreensão dos sentimentos vivenciados.

1-Quais foram as sensações experimentadas durante a história ouvida?
2- O que mais chamou-lhe atenção nesta história?
3-Já ouviram histórias semelhantes a estas? Quem contou?
4-Sua família tem o hábito de contar história? Em que horário?
5-Como se sentiam após ouvir histórias deste gênero?
6-Qual era sua reação nos momentos de grandes medos?

Para que cada aluno possa participar, faremos a inscrição através do "levantar a mão", dessa forma, a professora anotará o nome de cada um, que queira de forma espontânea compartilhar com a turma algum reconto ouvido de seus pais, avós vizinhos etc. Dentro desta dinâmica, objetiva-se a motivação à participação de todos no desenvolvimento e aperfeiçoamento da oralidade, da escuta e da valorização e respeito aos conhecimentos e sabedoria do outro. Para estas atividades serão disponibilizadas duas aulas, proporcionando tempo disponível, sem que sintam "forçados" à prática oral de suas histórias.

Materiais
Caixa de som; aparelho celular, cópia impressa da narrativa, caderno, lápis e caneta.
Avaliação
Será avaliada a participação, interesse, socialização, interação do aluno com as atividades, adesão ao projeto e a metodologia, com intuito de melhorar e buscar novos meios que garantam a participação unânime e o aprendizado do público-alvo. Será observada a capacidade de expressão oral.

Plano 2ª etapa

Período**: 24-25/08/2023**
Duração: 2 aulas
Duração das aulas: 0:55 min
Período: Matutino
Tema: Resgatando as narrativas nas famílias
Práticas de linguagem
Leitura; Oralidade; Reconto oral; Produções de textos orais; oralização.
Objeto do conhecimento:
Adesão às práticas de relatos e recontos orais em sala de aula, leitura: coleta das narrativas nas famílias;
Rodas de conversas: Foco no gênero recontos das narrativas de terror/assombração.
Tema das aulas
Narrativas de assombração,
Reconto das narrativas coletadas pelos alunos.
(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infantojuvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.
(EF69LP44). Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.
(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/ manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, slams, canais de booktubers, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva**.**
Objetivos das aulas:
Praticar a oralidade e refletir sobre a valorização dos recontos nas/das famílias para garantir a permanência dos conhecimentos e valores sociais e culturais
Apresentar o gênero narrativas de assombrações e discutir sobre a origem e seus efeitos no seio familiar.
Resgatar as vivências, experiências e recontos das narrativas.
Apreciar a prática do ouvir e do recontar.
Estreitar os laços familiares através das rodas de conversas.
Desenvolvimento
As carteiras serão organizadas em círculos para facilitar a observação e a contemplação da postura corporal/facial um do outro, ao recontar suas narrativas. Na sequência, será feita a segunda narrativa de assombração de minha infância: *O acompanhante.* Será utilizada uma trilha sonora de terror para adequar o momento ao tema. Em seguida, a roda de conversa será feita, para a socialização das experiências e o reconto das

narrativas coletadas em suas famílias. Após a contextualização, serão abordados aspectos semelhantes entre as narrativas, principalmente sobre o tipo de sensações provocadas por elas.
Serão lembrados sobre a importância destes momentos de convívio familiar para o crescimento pessoal e coletivo.

Materiais

Caderno, lápis, caneta, caixa de som, aparelho celular.

Avaliação

Avaliação ocorrerá através do interesse e participação dos alunos, como indicadores de que a proposta estará em consonância com a necessidade, aceitação dos alunos. Tanto o plano, quanto a metodologia serão flexíveis a revisões e mudanças com o intuito de atender e atingir os objetivos propostos.

Plano 3ª etapa:

Período: **28-29/08/2023; 04-05-06/09/2023**
Duração:5 aulas
Duração das aulas: 0:55 min
Período: Matutino

Práticas de linguagem

Leitura
Produção de textos: escrita e reescrita;
Reconstrução da textualidade: revisão e reescrita
Reconstrução das condições de produção: Análise da produção oral e escrita
Oralidade

Objeto do conhecimento:

Reescrita das narrativas coletadas;
Diálogo sobre a importância da leitura;
O interesse deles pelo gênero de conto de terror;
Leitura da narrativa de terror "As luzes que atravessam o pomar" (Wuldson Marcelo);
Comparação entre os contos escritos e as narrativas orais;
Listagem dos aspectos comuns;
Estrutura da narrativa do gênero conto de terror;
Leitura do segundo conto: As sombras na cidade antiga (André Comanche);

Tema das aulas

Narrativas de terror

Habilidades;

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimento e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infantojuvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.
(EF69LP44). Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de

estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.
EF69LP46 manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/ de vídeo, saraus, slams, canais de booktubers, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva**.**
(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/ edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.
(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infantojuvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos...
Objetivos das aulas:

Exercitar a oralidade e refletir sobre a valorização dos recontos das narrativas feito pelas famílias para garantir a permanência dos conhecimentos e valores sociais e culturais;
Discutir sobre os sentimentos provocados por estes gêneros narrativos, principalmente o medo;
Desenvolver e aprimorar a escrita através da reescrita das narrativas;
Dialogar sobre a importância da leitura como instrumento da autonomia pessoal;
Observar as características comuns a narrativa oral da narrativa escrita;
Estimular a reflexão sobre as narrativas de terror e a percepção sobre este gênero;
Identificar as características e a estrutura da narrativa de terror;

Desenvolvimento

As carteiras serão organizadas em círculos para facilitar a compreensão e a reflexão sobre as narrativas feitas e os principais sentimentos e sensações provocadas ao ouvir, contar e ler sobre elas. Para contribuir na prática da escrita, será feita a reescrita das narrativas de assombração coletadas por eles, que será realizada de forma individual. Ao concluir-se esta atividade, será feita pela autora do projeto a leitura de um conto: As *luzes que atravessam o pomar (*Wuldson Marcelo), abrindo-se a roda para conversação sobre a estrutura e as características de uma narrativa deste gênero, para que possam compreender o processo da escrita, a produção da própria narrativa. Em seguida, será apresentado outro conto: As *sombras na cidade antiga* (André Comanche); do qual serão disponibilizadas cópias impressas para que seja feita a releitura e discussão em grupos.
Materiais

Quadro, pincel atômico, caderno, lápis, caneta, caixa de som, aparelho celular, cópias impressas.

Avaliação

Será avaliada a capacidade de se expressar sobre as narrativas de terror, bem como a capacidade de compreender e destacar informações importantes sobre elas, tanto em relação ao conteúdo quanto em relação à forma.

Plano 4ª etapa 11-12-18-19/09/2024

Duração: 4 aulas
Duração 55 min

Tema:

Narrativa de terror

Prática de linguagem

Produção escrita

Habilidades:

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores, características dos gêneros e suportes –, romances infantojuvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras,

(EF67LP30) Criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas, histórias em quadrinhos, dentre outros, que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto.

(EF69LP44). Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/ manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, slams, canais de booktubers, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/ edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.

Objeto do conhecimento

Produção de uma narrativa de terror (1ª versão)

Leitura e reescrita do conto

Objetivos

Compreender o gênero textual narrativa de terror

Estimular a criatividade e imaginação para criação da narrativa.

Organizar um esboço sobre os personagens, lugar, tempo, espaço, foco narrativo

Reconhecer a estrutura e os elementos constituintes de uma narrativa de terror deste gênero textual

Desenvolvimento

Será apresentada uma tabela que norteará a compreensão da estrutura do gênero textual.

Introdução	Local: Onde acontece a história? Tempo: Quando ocorre? Quem são os personagens?
Personagens e espaço	Características do ambiente e dos personagens: física, mental, emocional.
Enredo do conto: conflito/desenvolvimento do conflito/clímax	Acontecimento: O que vai acontecer na história?
Desfecho	Como termina a história? O que acontece no final?
Título	Qual o nome de sua história?

Diante das informações acima, dialogaremos sobre a importância dos detalhes, do uso do diálogo entre os personagens, criando suspense, expectativa para atrair e conquistar o leitor. Será sugerido o trabalho em dupla, caso alunos possam apresentar dificuldade na escrita. Para contribuir na produção serão distribuídas cópias do conto *Acidente na estrada* de Paulo Henrique Garcia, para contribuir na estrutura da narrativa.

Também será proposto que os alunos se organizem em duplas ou em trios para fazerem a correção de suas produções com o objetivo de desenvolver a cooperação e a

coletividade. Caso algum aluno tenha dificuldades com a escrita, a professora do projeto irá acompanhá-los de forma individual para que todos possam participar.

A proposta da reescrita será apresentada com o intuito de desenvolver reflexões e compreensão de que esta prática é essencial para que possam melhorar e progredir nas práticas de leitura escrita, desenvolvendo a criticidade acerca de suas produções.

Para a reescrita será feita a leitura e releitura das narrativas com o objetivo de identificar erros ortográficos, de coesão e coerência. Esses elementos serão sublinhados pelos próprios, por colegas de grupo ou de duplas. A proposta da escrita e rescrita enfatizará o incentivo e estímulo da compreensão de que serão capazes de produzir seus próprios textos com autonomia e melhorá-los cada vez mais. Não haverá o propósito de apontar apenas erros ou seguir a escrita padrão, primeiramente o aluno precisará entender e descobrir sua capacidade de criar, produzir para depois compreender que sua escrita deverá ser clara e compreensível ao público a que se destina.

Avaliação

Será observada a evolução do aluno durante o processo de escrita e reescrita, bem como sua colaboração com os demais, quanto às dúvidas e troca de informações.

Plano 5ª etapa

20-22-25-28-29-/09/2023

Duração: 5 aulas

Duração:55 min

Tema

Produção de edição cartonera

Prática de linguagem

Produção escrita e reescrita; Leitura; Oralidade .

Habilidades

(EF69LP51). Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/ edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.

Objetivos:

Engajar os alunos ativamente nos processos revisão e reescrita do texto, atentando a corresponder o estilo do gênero textual.

Verificar a reescrita do texto atentando para a clareza, considerando a situação de comunicação.

Dialogar com texto, fazendo a leitura e releitura, analisando a necessidade de confrontar, excluir e aguçar enunciados.

Fazer a leitura em dupla e/ou em grupo com a finalidade de observar se o texto apresenta enunciados claros e compreensíveis.

Confeccionar e passar a limpo a narrativa em livretos para a produção da cartonera.

Conhecer a origem da cartonera e confeccioná-las em grupo, compreendendo sua importância para preservação do ambiente.

Objeto do conhecimento
Revisão e reescrita da versão final da narrativa de terror.
Origem da cartonera
Confecção da cartonera
Questionário de avaliação
Desenvolvimento
A turma será dividida em dupla ou em grupo de acordo com suas escolhas, para que possam fazer a correção coletiva na reescrita da versão final da narrativa. Logo após, será proposto que façam a leitura e releitura de suas produções, trocando os textos com o intuito de analisar se a produção atende aos requisitos de clareza, compreensão para o meio onde será vinculado.

Em grupo e ou em duplas, trabalharão de forma coletiva, sublinhando trechos e ou palavras que necessitarão de revisão. Logo após a correção e revisão, sentarão individualmente e farão a reescrita no livreto.

Será feita a discussão e apresentação sobre a origem da cartonera e a importância dela para destino de materiais descartáveis. Em seguida será feita a orientação a todos que tragam papelões para a confecção do livro com a técnica cartonera. Serão formados dois grupos para confeccionar o livreto. Cada componente, terá suas produções narrativas anexada neste livro cartonero, ao final serão dois livros de coletâneas das narrativas produzidas. Para a conclusão desta etapa entregarei a cada aluno um questionário que servirá como avaliação sobre todo o processo que nos envolverão neste período. O questionário é composto das seguintes questões:

-Como você se sentiu durante estas atividades?
-Como você avalia as atividades de leitura e escrita feitas a partir das histórias contadas e dos contos de terror?
- Do que você mais gostou no trabalho? Por quê?
- Na sua opinião alguma coisa poderia ser diferente do que foi feito?
-Após esta experiência, sua opinião sobre a literatura mudou?
- Você considera a literatura importante para sua vida?
-Crie uma frase sobre o significado da leitura literária na sua vida.

Avaliação

Será avaliada a expressão escrita dos alunos, bem como sua atuação no processo de reescrita e de colaboração com a correção do próprio texto e dos demais.

6ª ETAPA AULAS EXTRAS

Período: 06-13 20-27/10 /; 10- 24/11/; 01 20-21/12/2023
Duração: 9 aulas
Duração: 55 min
Tema
Sarau Labirinto do terror

Habilidades:
(EF69LP44). Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de

estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção

Objetivos

Proporcionar um ambiente de coletividade e trabalho mútuo, rompendo as barreiras do individualismo, egoísmo, respeitando as diferenças.

Dialogar e eleger um ou uma integrante do grupo para coordenar os trabalhos e atividades.

Organizar-se em grupos contribuindo na realização das tarefas determinada pelo coordenador da equipe e respeitar as tomadas de decisões da maioria.

Discutir sobre a ornamentação buscando aprimorar as ideias para a confecção de painéis e outros artesanatos artísticos relacionado ao terror.

Objeto do conhecimento

Impressão das narrativas versão final.

Organização dos livretos, encadernação e a arte da capa.

Confecção de elementos e painéis para o sarau

Confecção do livreto contendo todas as narrativas para cada aluno;

Discussão sobre o figurino que irá compor a turma no dia do evento.

Desenvolvimento

A turma será dividida em grupos nos quais elegerão um integrante para conduzir e coordenar as atividades atribuindo tarefas a todos.

Serão organizadas rodas de conversas para decidirem sobre a ornamentação e figurino do sarau *Labirinto do terror* no dia 22 de dezembro, aberto para os assentamentos9 comunidades) que são atendidos pela unidade escolar.

Os grupos se organizarão entre si para confeccionar a arte e organizar o livreto com as narrativas para serem entregues a eles na noite de terror.

Os grupos definirão as artes de terror em telhas, papelão, objetos quebrados como sombrinha, boneca, roupas, sapatos para criarem a ornamentação.

Todos os trabalhos serão expostos e apresentados na noite do sarau Labirinto do terror para o público convidado.

Avaliação

Avaliação consistirá na observação do longo processo de caminhada e realização da proposta, analisando cada etapa, elencando as dificuldades que irão se apresentar no decorrer do percurso e assinalando as possibilidades que deverão melhorar dentro da proposta para atender com eficácia as necessidades apresentadas. Serão observados também o interesse, a participação e o compromisso das famílias, das comunidades na interação e socialização dos resultados do ensino aprendizagem de seus filhos e filhas. Dentro deste contexto, serão observadas a participação e disposição da gestão com seu corpo docente e funcionários, quanto ao interesse de buscar novos caminhos que tragam maiores êxitos e mudanças na vida, no aprendizado e na formação de seus discentes.

ANEXO 1

Termo de autorização para uso de imagens

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

Termo de autorização para uso de imagens (textos, fotos e vídeos)

Eu, portador do CPF: AUTORIZO a professora Maria Aparecida Leal Campos, Mestranda do Curso de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS, autora do **Projeto de Intervenção** intitulado: **Literatura em Contos de Terror**, para o uso a fixar, armazenar e exibir a imagem e por meio de fotos, vídeos e textos escritos de/por meu filho(a) com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas durante todo o processo de intervenção do projeto, aqui citado, e em outras publicações dele decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

_____

Assinatura do pai ou responsável pelo aluno.

_____

Maria Aparecida Leal Campos
Mestranda responsável pelo Projeto **de intervenção**

ANEXO 2

Imagens do desenvolvimento do trabalho



Figura 1: Arquivo pessoal Maria A. Leal Campos.



Figura 2: Arquivo pessoal Maria A. Leal Campos. Ilustração das capas-2023.

Painel de papelão feito pela turma-2023.

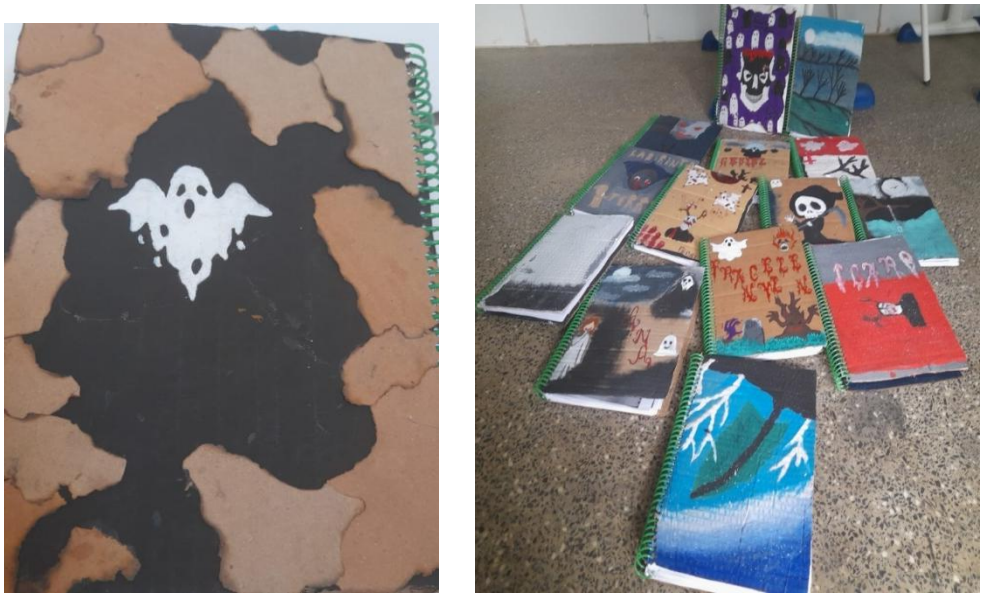


Figura 3: Confecção da cartonera.



Arte em telhas.



Figura 4: Arte em telhas e capas do livro cartonero

Logo abaixo, alguns registros de educadores e pessoas da comunidade que sonham e lutam para uma educação que faça a diferença.



Figura 5: Arquivo pessoal Maria A.Leal Campos



Figura 6: Montagem do cenário.



Figura 7: Cenário



Figura 8: Arquivo Maria A. Leal Campos. Cenário pronto: Labirinto do terror.



Figura 9: Arte em telha e os contos em cartonera

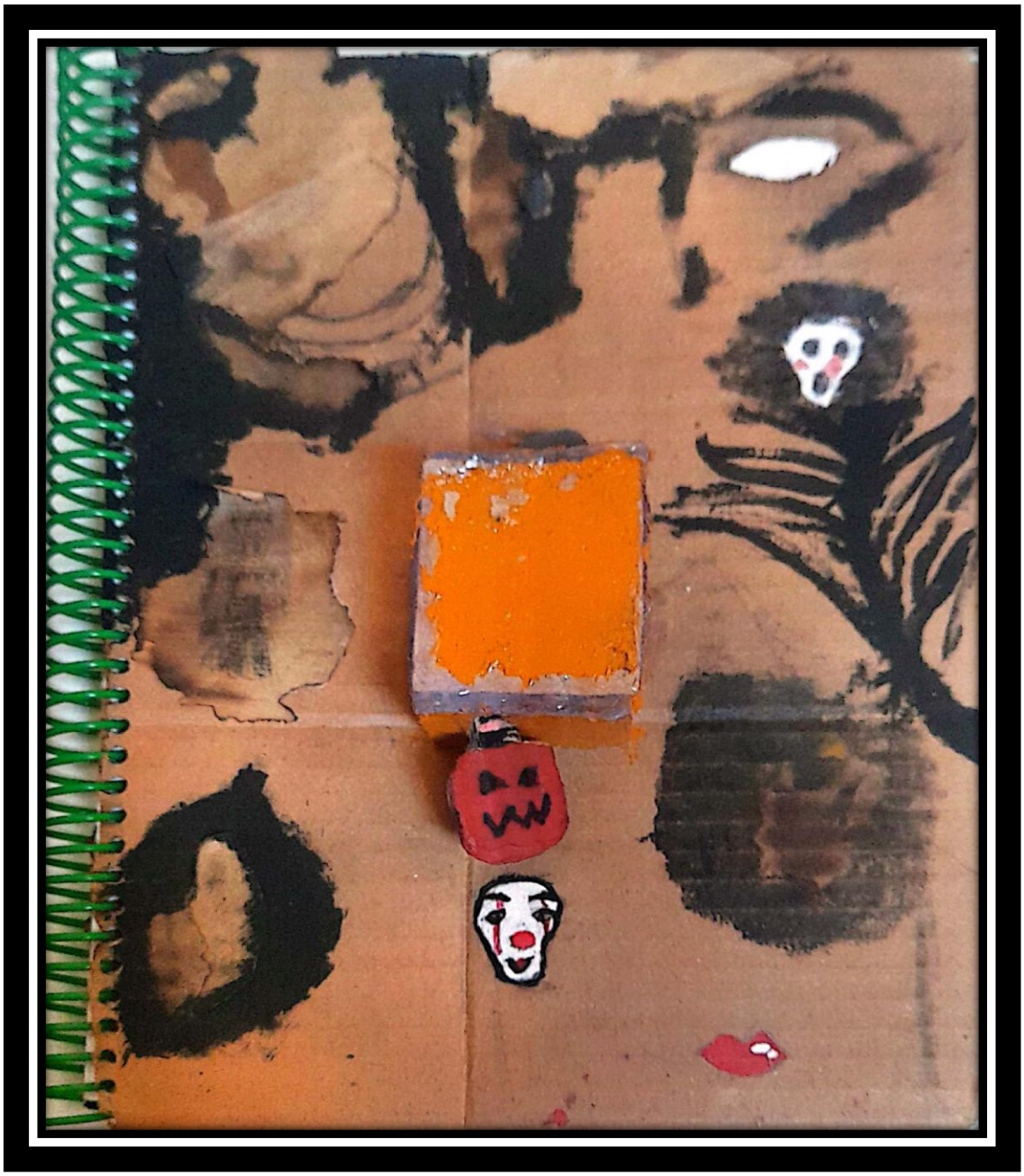


Figura 10: Exposição das cartoneras

ANEXO 3

PRODUÇÃO ESCRITA DAS NARRATIVAS DE TERROR

PRIMEIRA VERSÃO

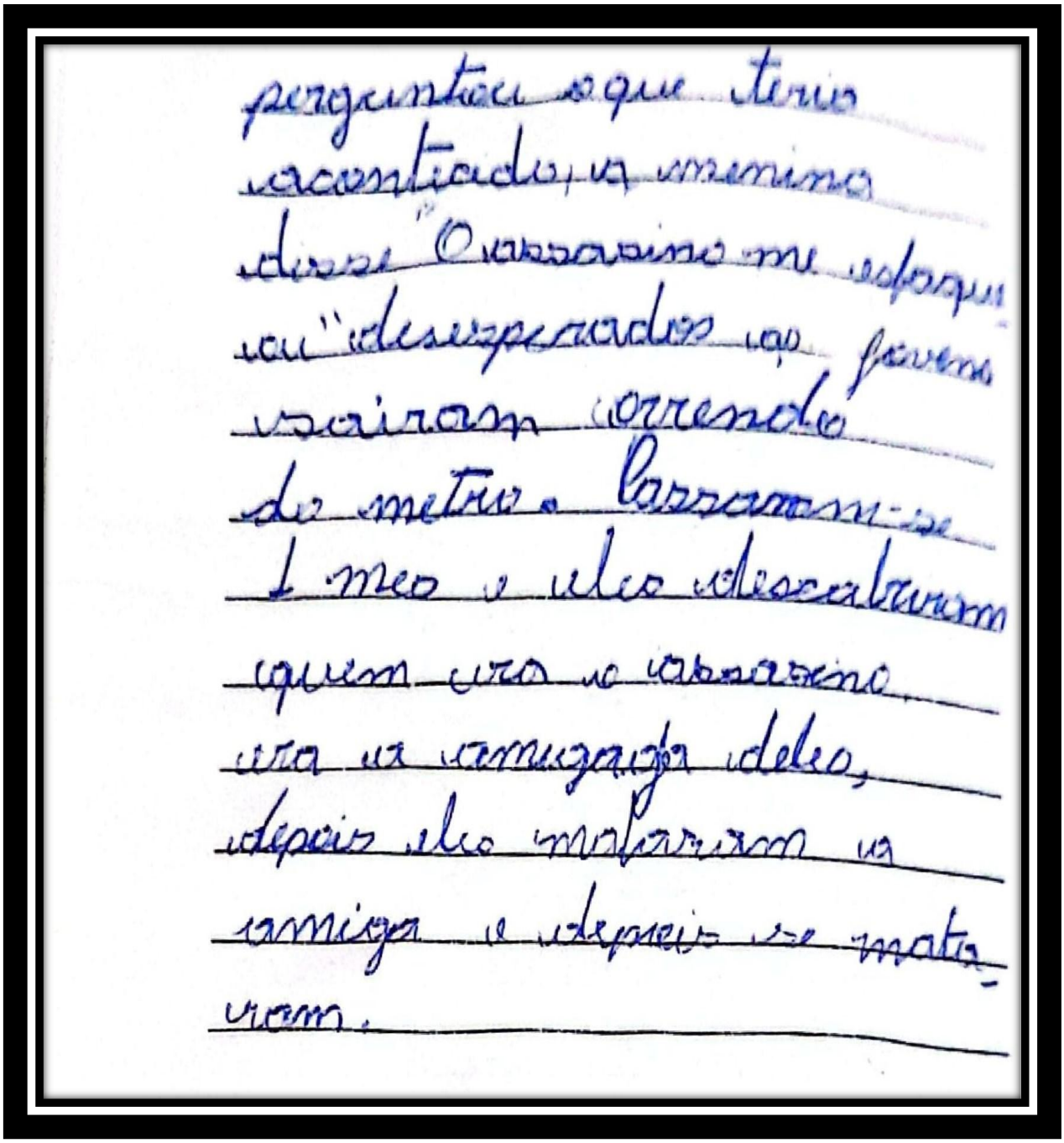


GRUPO I

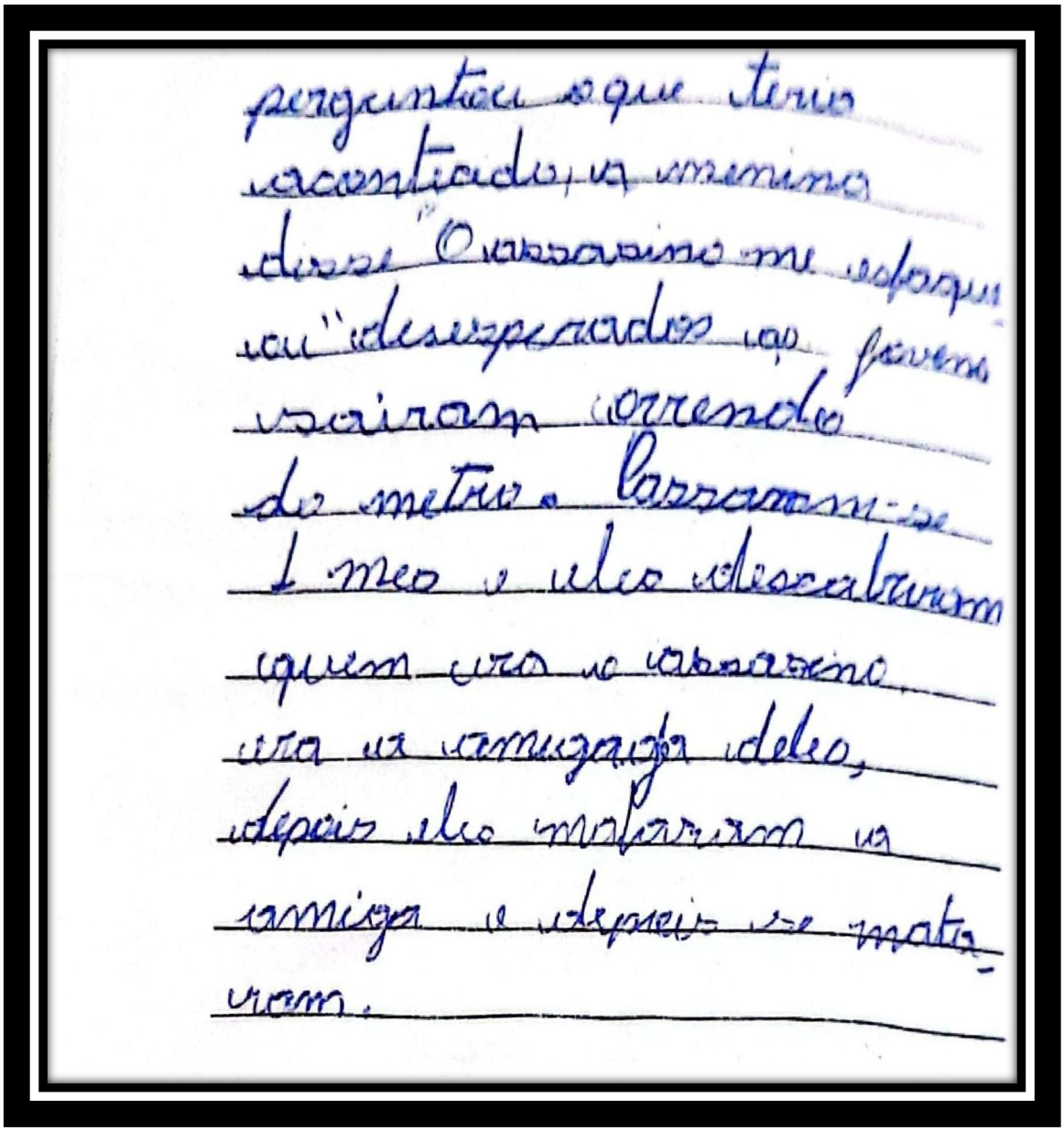
O Panico VI

Uma pessoa com
sangue de assassino,
que tomava a forma
de uma entidade
sombria, capa preta, e
mascara branca.
Esse assassino perseguia
e matava homens, mulheres
e até crianças. Nesse
dia das Bruxas, o
assassino tomava vez
e escondia mas ninguem
sabia onde.
Nesse dia das Bruxas
as mascaras desse assassino
se espalhou pela cidade.
Um grupo de jovens que
era perseguido pelo
assassino ficaram com

muito medo porque toda
a cidade se tinha com a
mascara do vampiro.
O grupo de jovens entrou
no metro e no metro
estava lotado, uma
menina do grupo se
afastou ela ficou com
medo porque tinham
varias mascaras a
menina pensou ter visto
o verdadeiro, de repente
tudo ficou escuro, os
luzes se apagaram e
o vampiro enfiou a
faca na barriga da meni
na, um amigo viu
a menina caida e a
ajudou, desesperado



perguntou o que teria
acontecido, o menino
disse "O vassoura me esfaqueou"
ou "desesperados os jovens
saíram correndo
do metrô. Lassaram-se
1 mes e ele descobriram
quem era o vassoura
era ex namorada dele,
depois ele matou ex
namiga e depois se mata-
ram.


perguntou o que teria
acontecido, o menino
disse "O assassino me esfaqueou"
e "desesperados os pais
saíram correndo
do metrô. Assassino
Limeo e ele descobriram
quem era o assassino
era a namorada deles,
depois eles mataram a
amiga e depois se mata-
ram.

BEN 12 ANOS 7º ANO.


La máscara.

Vida de mentira

Uma mulher chamada Sheny Madison gosta de passar o tempo com sua família, o seu filho Rent e seu marido.

Os dois queriam passear no parque então eles foram, passaram horas e horas no parque, depois de sair Rent fala:

-Mãe? Podemos ir a uma pizzaria? - Claro meu filho. Mas tem algo estranho? Pensa Sheny

Quando Sheny sai da pizzaria os postes de luz se apagam e as das lojas também, ficou tudo escuro e só agora ela percebeu que seu filho e marido tinham sumido como

todos os outros pessoas.

Jhony sai gritando batendo em porta em porta:

— Ei tem alguém ai, oiii por favor me ajuda, alguém?

Ela gritava mas ninguém respondia, parecia que tinha passado anos e anos, ela estava dormindo quando acorda com o desejo de morrer por causa da solidão e a vontade de abraçar seu filho Bent, distraída com seus pensamentos ela começa a ouvir alguém chamando o nome dela:

— Jhony, Jhony o Jhony.

E quem ela ve é... um homen estranho com o cabelo bagunçado, olhos avermelhados com olheira, e fazendo barulhos com a boca, estava segurando uma seringa e usava um jaleco bra-

Co, quando ele a viu Começou
a Correr até ela, como a Gheny
estava com medo, Correu e se es-
condeu, passaram-se alguns mi-
nutos e Gheny achou que o homem
tinha parado de perseguila sai
do lugar onde estava escondida,
mas alguém que ta atras dela fa
la:- Não devia ter se escondido
e nem Corrido de mim, não vou
te machucar fica tranquila que
rida Gheny.

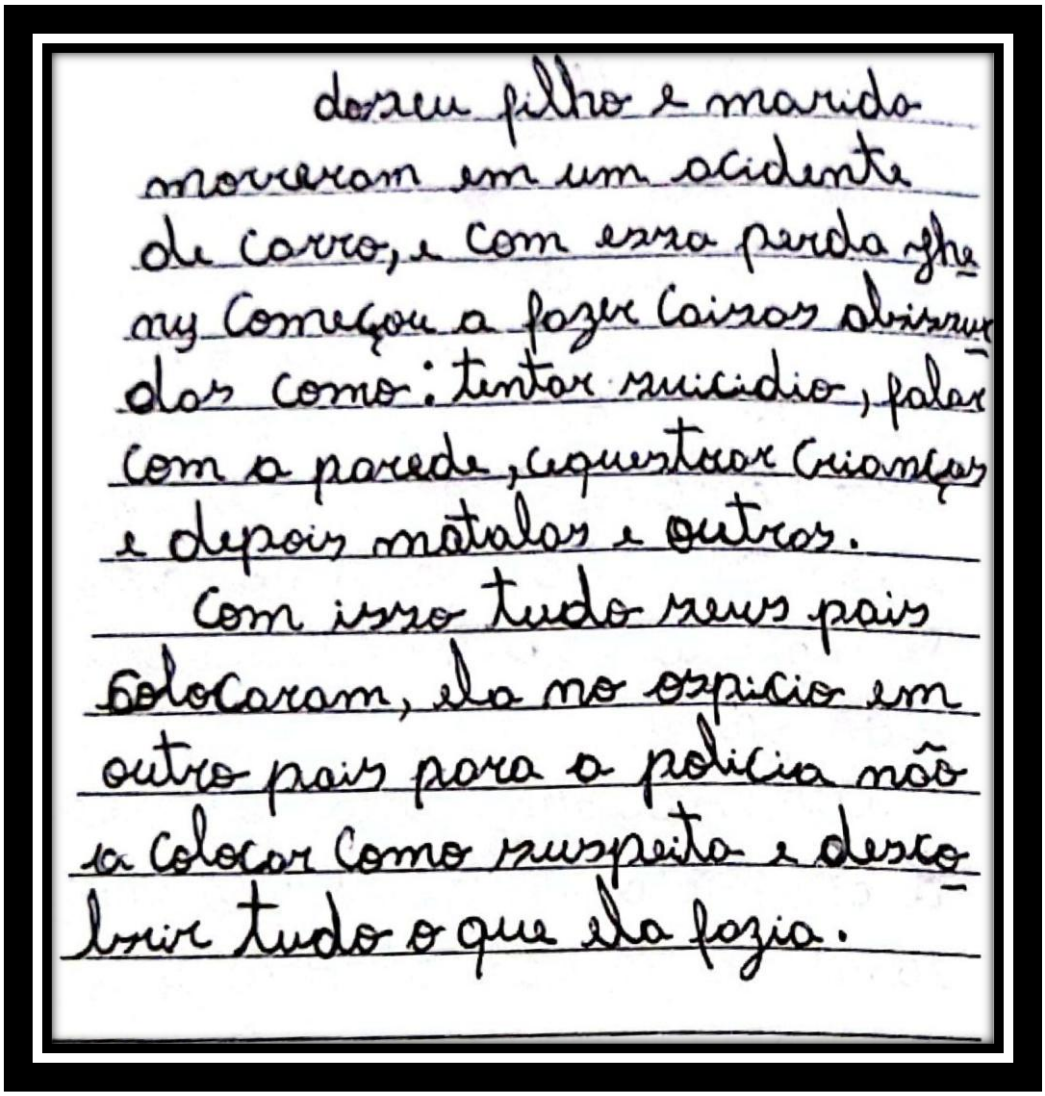
Depois dessas palavras ele a
a apunhala em seu braço inse-
rindo o liquido da seringa,
fazendo ela Cair no chão.

Quando ela acorda percebe
que esta em um quarto total-
mente branco, isso tudo que
aconteceu era apenas Gheny Ué
disse com seu problema de
esquesofrenia que ela tem quan-

Co, quando ele a viu começou a correr até ela, como a Gheny estava com medo, Correu e se escondeu, passaram-se alguns minutos e Gheny achou que o homem tinha parado de perseguila saio do lugar onde estava escondida, mas alguém que ta atras dela fala:- Não devia ter se escondido e nem Corrido de mim, não vou te machucar fica tranquila querida Gheny.

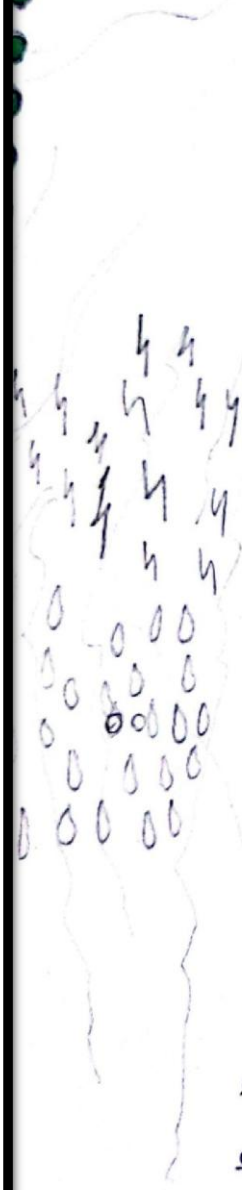
Depois dessas palavras ele a a apunhala em seu braço inserindo o liquido da seringa, fazendo ela Cair no chão.

Quando ela acorda percebe que esta em um quarto totalmente branco, isso tudo que aconteceu era apenas Gheny Ué disse Com seu problema de esquesofrenia que ela tem quan



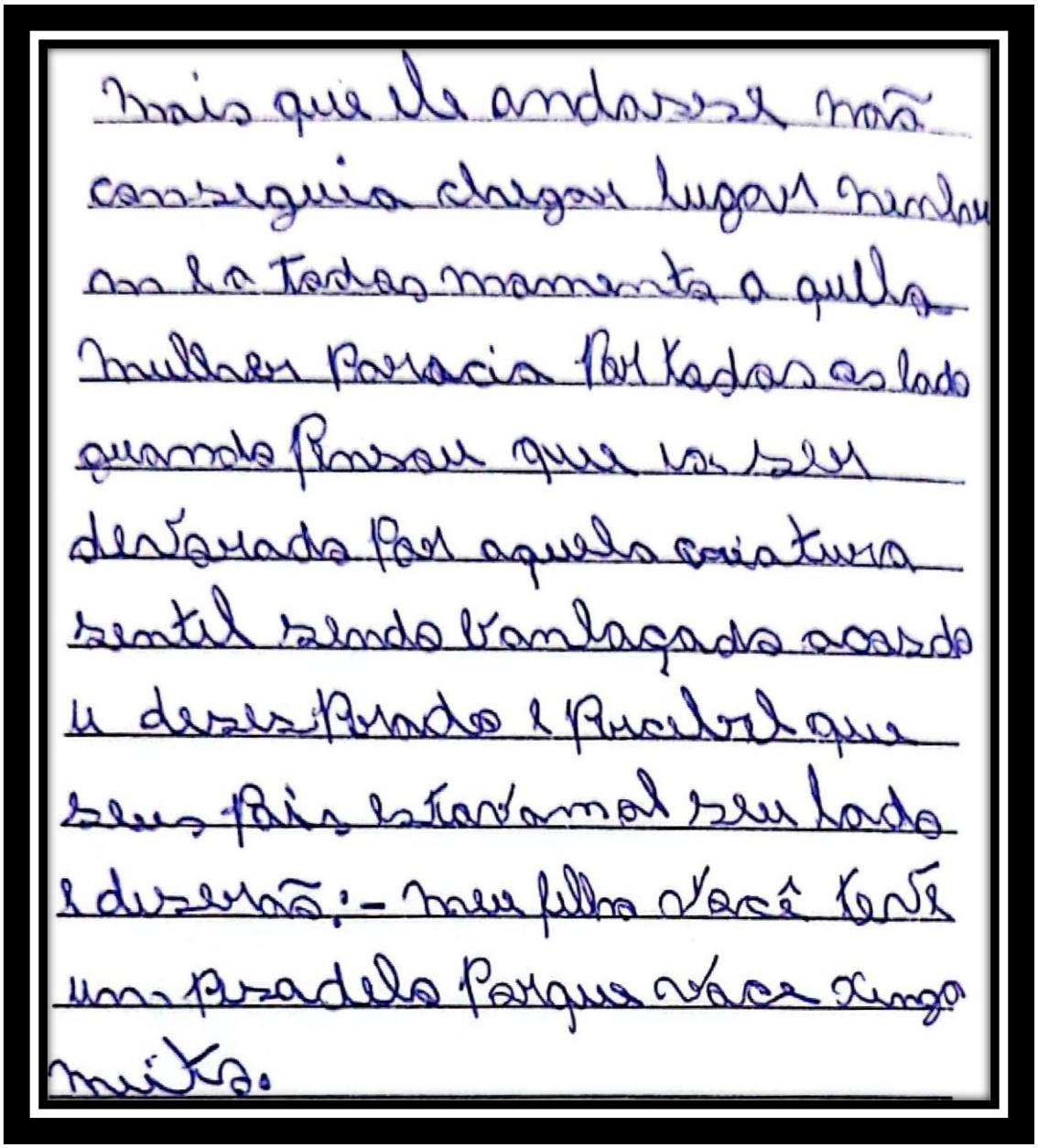
do seu filho e marido
morreram em um acidente
de carro, e com essa perda ghe
ny Começou a fazer Coisas absurd
das como: tentar suicidio, falar
com a parede, sequestrar Crianças
e depois matalas e outras.
Com isso tudo seus pais
ColoCaram, ela no ospicio em
outro pais para a policia não
a Colocar Como suspeita e descu
brir tudo o que ela fazia.

MAYLA 12 ANOS 6º ANO



Um dia de chuva assustadora
sexta noite de muita chuva, o
céu clareava e trovejando muito
um garoto de 13 anos chamado
Davi encontrava-se voltando
em uma estrada na mio da
mata.

— Parece que esta estrada não
tem fim? disse para si. Já era
meia noite, a chuva caia torrencial
mente e ele só conseguia ver a
estrada com o clarão dos relâmpa
gos, foi nesse instante que Davi
avistou logo ali na sua frente
uma mulher vestida de vermelho
tinha os braço cortado cheio
de sangue e sem olhos, ai Deus
o Davizão viu que não tinha nada
pra ti — Ajuda que estou precisando
muito!! seu coração batia
acelerado e desesperado pois

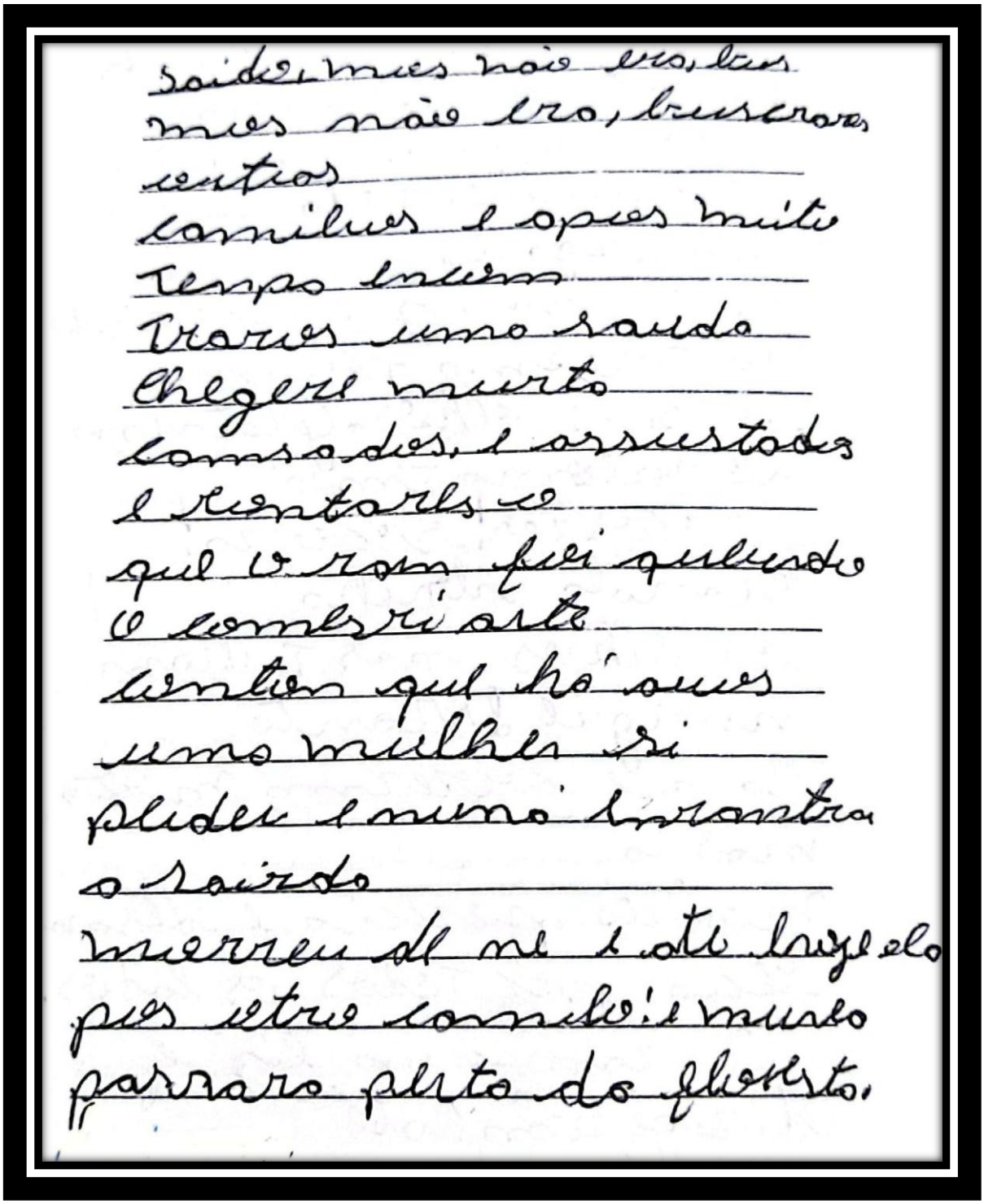

Mais que ele andasse não
conseguia chegar lugar nenhum
ou ele todos momento aquilo
muitas pessoas por todos os lado
quando passou que ele ele
desviado por aquela criatura
sentil sendo bombardeado assim
e desesperado e pedindo que
seus pais estivesse seu lado
e dizendo:- meu filho você tem
um presente porque você tenho
muito.

KALEL 12 ANOS 6ºANO

A mulher sem olho.
Em uma floresta muito
escuro e fechado, Daiz
e seu amigo Mario,
encontraram com seu
amigos Yesaü e Caio
resel Vilson indo
pé até a cidade para
comprarem alimento
para sua familia.
Enquanto caminhavam, Daiz que era
o ultimo na caminhada
Kiriel o
Ansalas de ser seguido.
Olhou para
Trás e viu um Culto
passando rapido
do gitou e saiu correndo
atropelando
seu amigos e Eles pergu-
ntaram: — Daiz

O que foi?! - Vi um
culto! disse Laiz.
Todos começaram a
orar rapidamente
para saber do floresto
mos.
Tinham dificuldades
para enxergar.
porque era muito fumaça
e o incêndio
que andavam, pulavam
que fazia
baixado um fumaça, que
dificultava.
o braço deles e entram
que realmente.
Laiz Tinha razão, estavam.
sendo seguidos por alguém
que era um determinado.

Tudo sentiram e calados
estupefiaram-se
uma coisa saiu voando,
ligeiro, fui quando
olharam para trás e viram
uma mulher toda rasgada
nas pernas
e com sangue escorrendo
ao mesmo tempo
de seus olhos. Gritaram
se jogaram.
socorro! socorro!
Quando abriu
os olhos nos tinham
sangue estranho
nos e correram muito
mas o
muitos pereceu e desapa
receu por todos os lados.
Viram uma luz e
dirigiram até
ele, achando que era o


Saiderimes não ero, las
mes não ero, buscava
certos
canibes e apes muito
Tempo Insem
Trares umo saude
Chegei muito
Comsados, e assustados
e sentarsi e
qui o ron fui quando
o combri arte
sentin qui hó ones
umo mulher si
plider e mimo brasta
o saido
morreu di ni e até luzel elo
pes etre canibi: e mundo
passaro perto do flerista.

LUIGUI 7ºANO





A mentira abandonada

Em uma noite, numa casa bem distante da cidade onde uma mulher que morava lá, mas ela foi matada pelos seus cunhados por ter matado o irmão deles.

Essa mulher e seu marido discutiu bastante, e por isso que ela o matou e enterrou ele no quintal da sua casa.

Um ano depois de sua morte um novo casal foi morar lá, eles tinha três filhos a Carmem o mais velho a Kayra a do meio e o Kyllo a caçula, já onde fato uma bruxa que eles em morando lá e então os meninos já tinha acostumado, Elas eles já brincando no quintal de bonecas e já eles já estavam e suas mães disse.

— Meninos vem para dentro pois já vai escurecer.

E os meninos responderam.







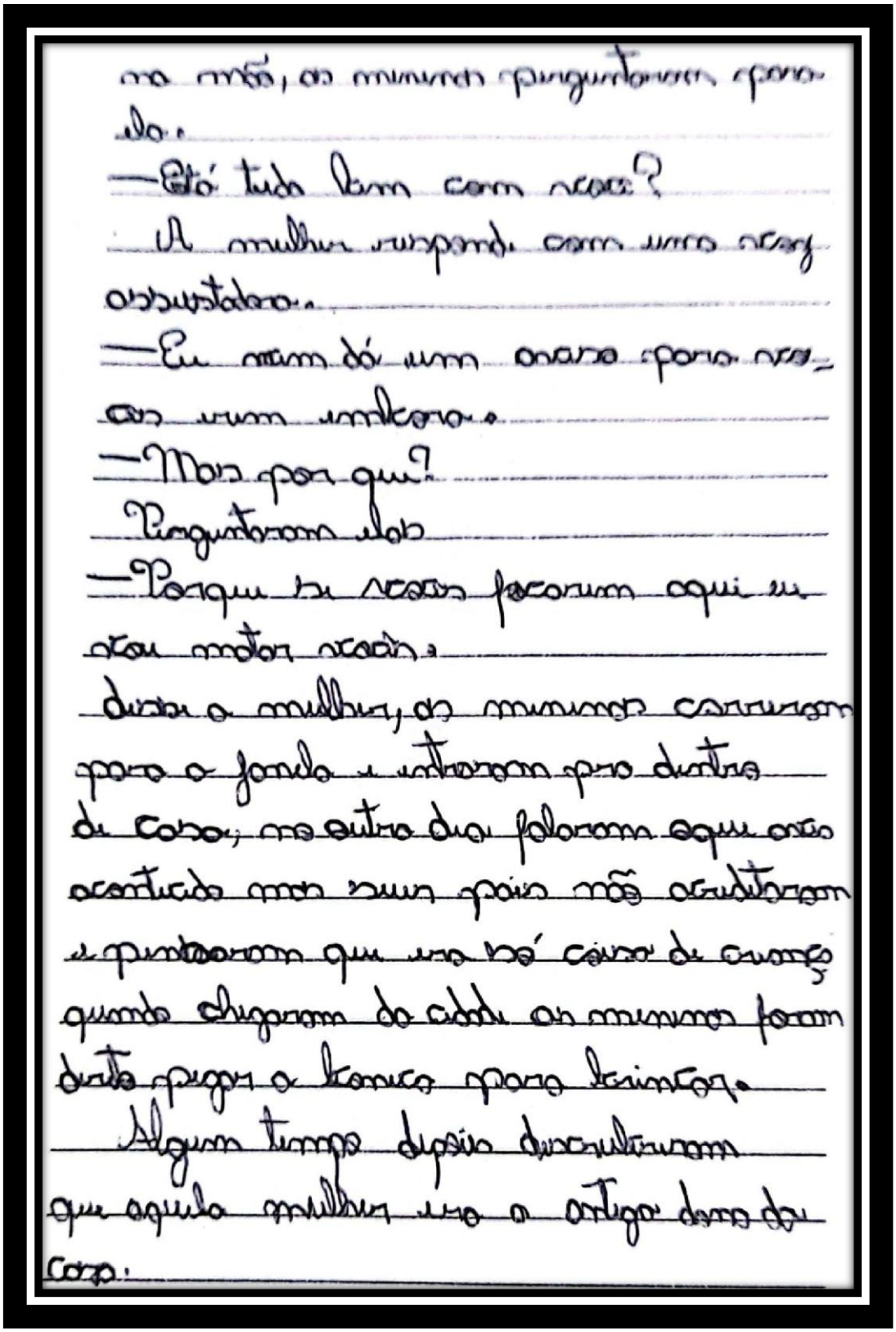
—Já acordo mãe.

E a mãe disse:

—Deixa que eu recolho os brinquedos e vão tomar para jantar.

E então as meninas foram para dentro de casa e a mãe foi recolher os brinquedos, quando terminou viu luz vinda de uma janela mas quando chegou lá não tinha nada e então pensou que era só coisa da sua cabeça e foi para dentro de casa e fechou a porta depois que jantaram e foram dormir, e estavam a costura balançando e seu marido foi lá ver o que era mais também não viu nada e voltou para dentro de casa e foi dormir de novo, no outro dia acordaram cedo e as meninas foram para escola e o pai foi trabalhar e mãe ficou em casa cuidando do serviço, depois que seus filhos chegaram foram almoçar.

A noite foram dormir mais cedo
porque no outro dia iriam para
a cidade do enfeitado. Carmem e ir-
mã mais velha levantou-se mais
da noite para ir no Ikenhiro, na
volta do Ikenhiro no meio do cam-
inho ouviu um barulho lá fora e
resolveu ir lá para ver aquele que
era abriu a porta deu de cara com
uma mulher todo nuya e com os ca-
pos todo revolto a Carmem se assus-
tou e trancou a porta e correu para
quarto chorou suas mãos e juntos for-
am encontrar lá fora, a Kayara e de
mais pegou uma faca, e no lugar delas
foi lá na porta bateram pela janela.
Elas viram uma mulher na frente
da porta com uma cabeça de pau



no mão, os mesmos perguntaram para ela.

—Está tudo bem com você?

A mulher responde com uma cara assustada.

—Eu mesmo dá um abraço para vocês um beijo.

—Mas por que?

Perguntaram ela

—Porque tu vocês fecharam aqui eu ficou muito triste.

Depois a mulher, os mesmos caminham para o fundo e entraram pro dentro do Coco; no outro dia falaram aquilo acontecido com suas pois não acreditaram e pensaram que era só coisa de criança quando chegaram do clube os mesmos foram direto pegar o barco para brincar.

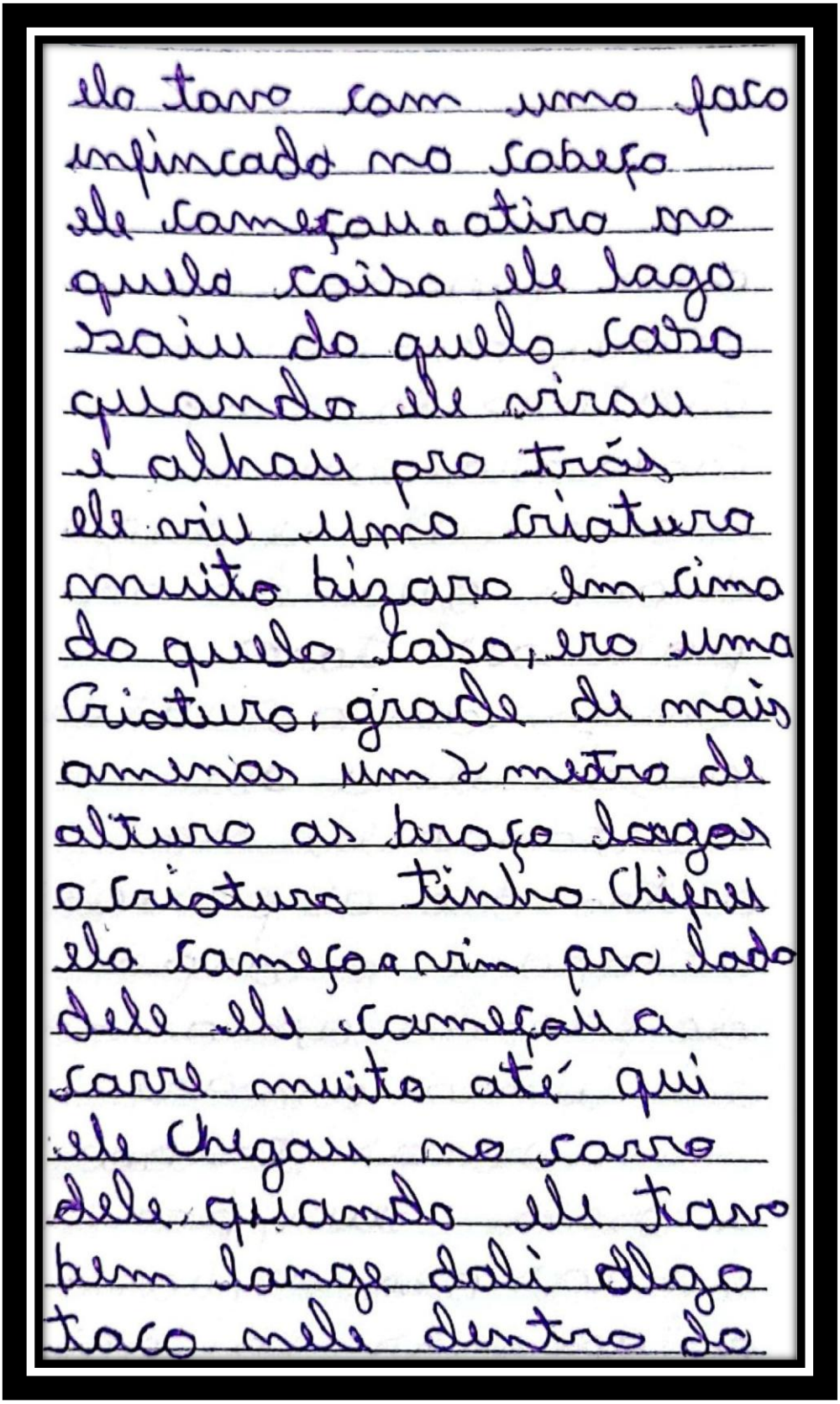
Algum tempo depois descobriram que aquela mulher era o artigo dentro do coco.

VIVI 11 ANOS 6º ANO. **22/09/2023**

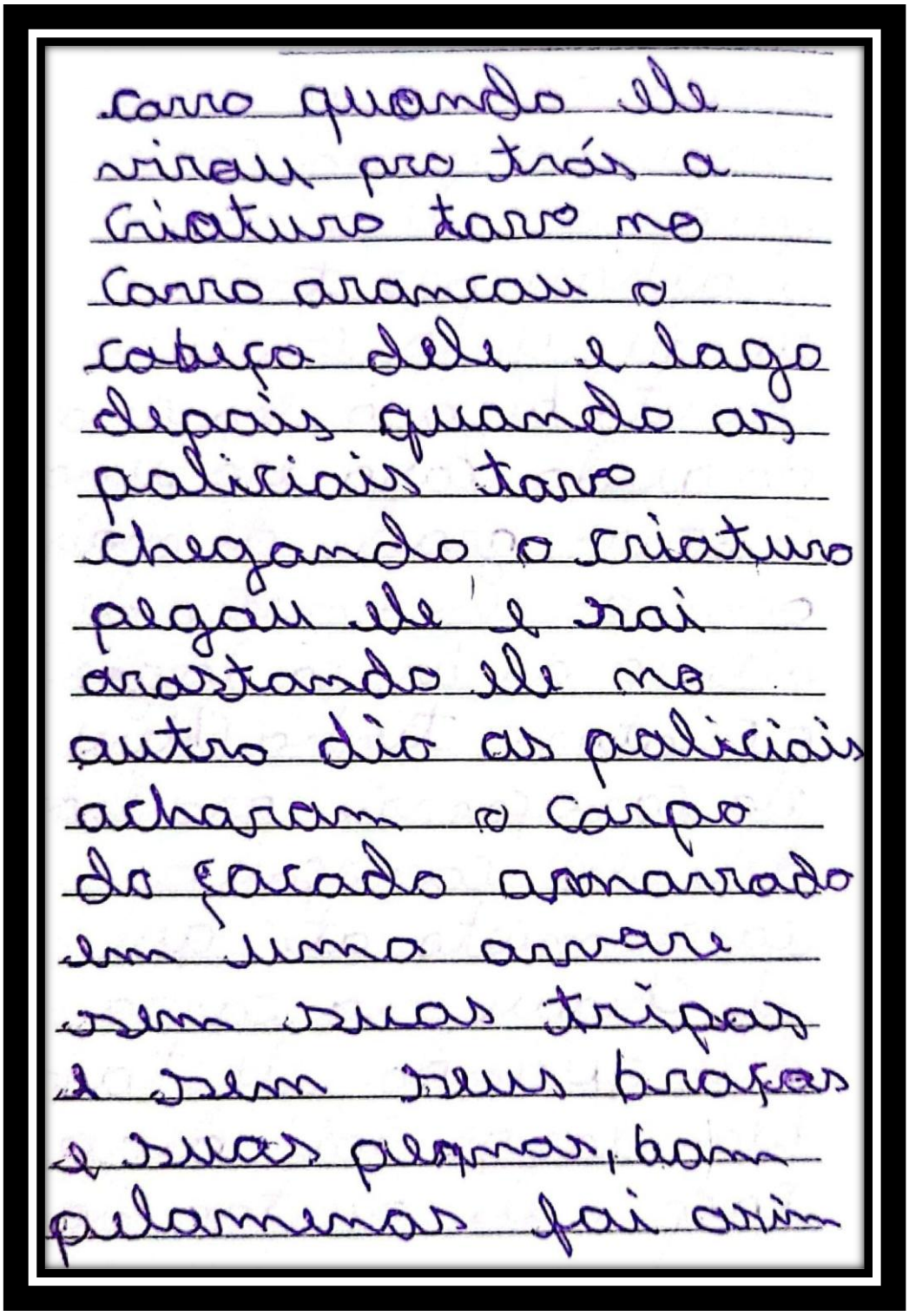
A noite é uma morte

Era uma vez uma noite muito escuro e fria um caçado dos estados unido foi caça era 1:00 da manhã, a lanterna dele parou de ficionar e começou a Chuvi muito então ele a- chou uma casa velha ab- andonada ele logo entrou até a Chuva para, quando ele entrou ele sentiu um Cheiro muito muito ruim um Cheiro de carne podre de uma hora para outra a lanterna começo a pega quando ele lumiou pra cima ele viu deparou Com uma menina andando nas paredes ela tava todo Chujo e rasgado

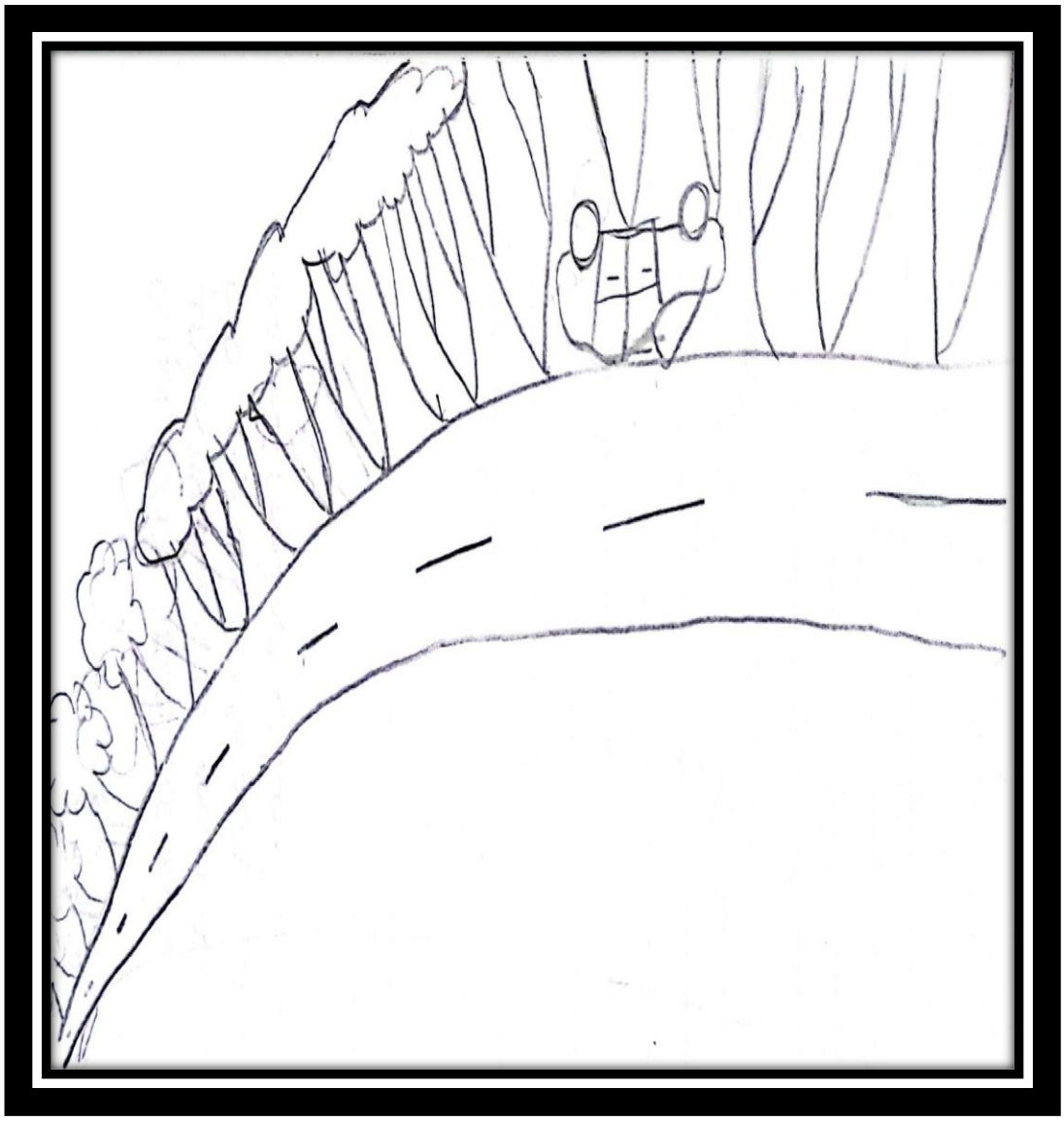




ele tava com uma faca
enfincado na cabeça
ele começou a atirar no
aquele caixa ele logo
saiu do aquele carro
quando ele virou
e olhou pro trás
ele viu uma criatura
muito bizarro em cima
do aquele caixa, era uma
criatura grande de mais
ou menos um 2 metro de
altura os braço longos
a criatura tinha chifres
ele começou a rir pro lado
dele ele começou a
correr muito até aqui
ele chegou no carro
dele quando ele tava
bem longe dali ele
taco ele dentro do



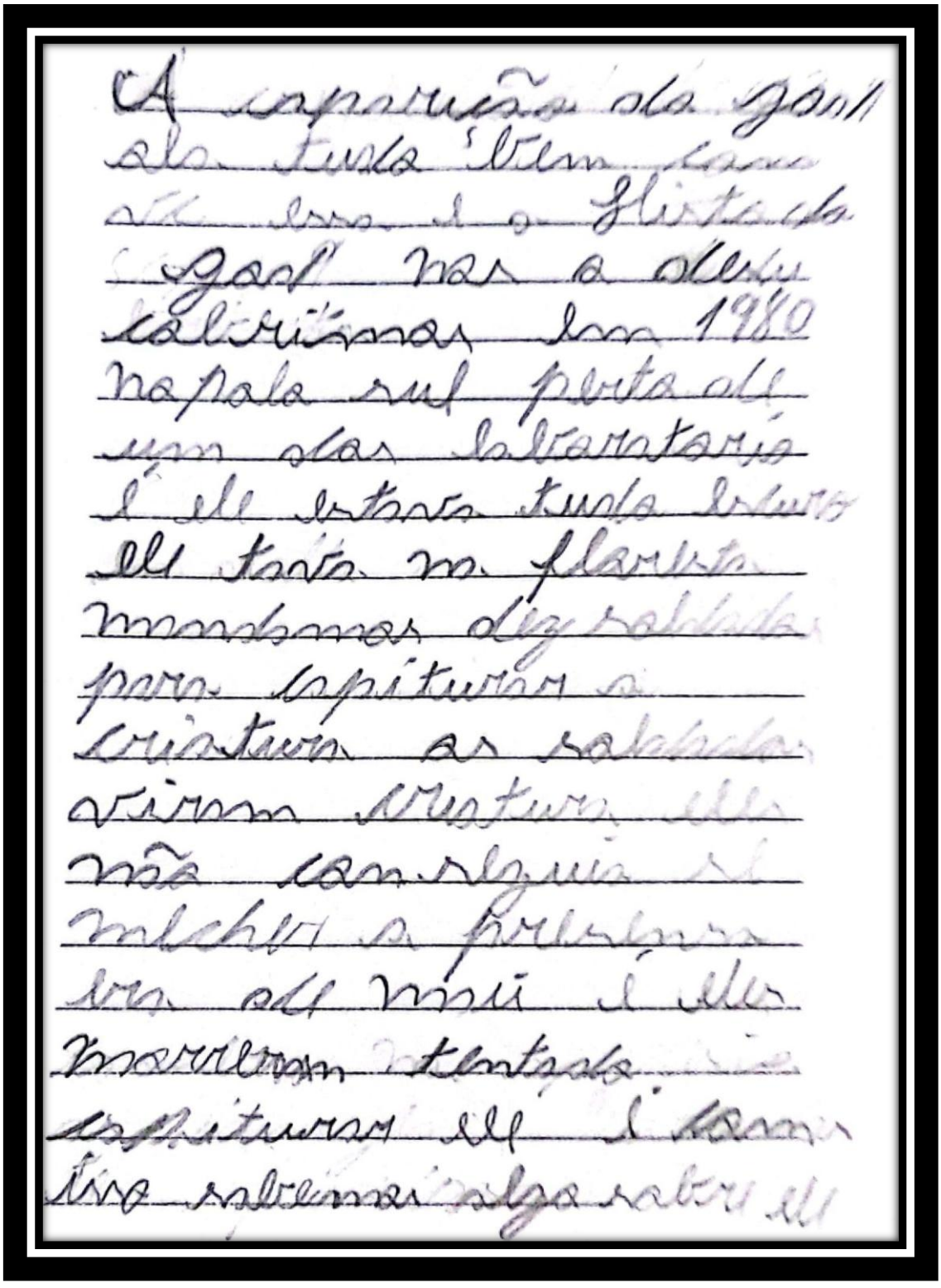
carro quando ele
virou pro trás a
criatura tava no
carro arrancou o
cabeça dele e logo
depois quando as
policiais tava
chegando o criatura
pegou ele e rai
arastando ele no
outro dio as policiais
acharam o corpo
do facado amarrado
em uma arvore
sem suas tripas
e sem seus braços
e suas pernas, bom
pelamenos foi assim

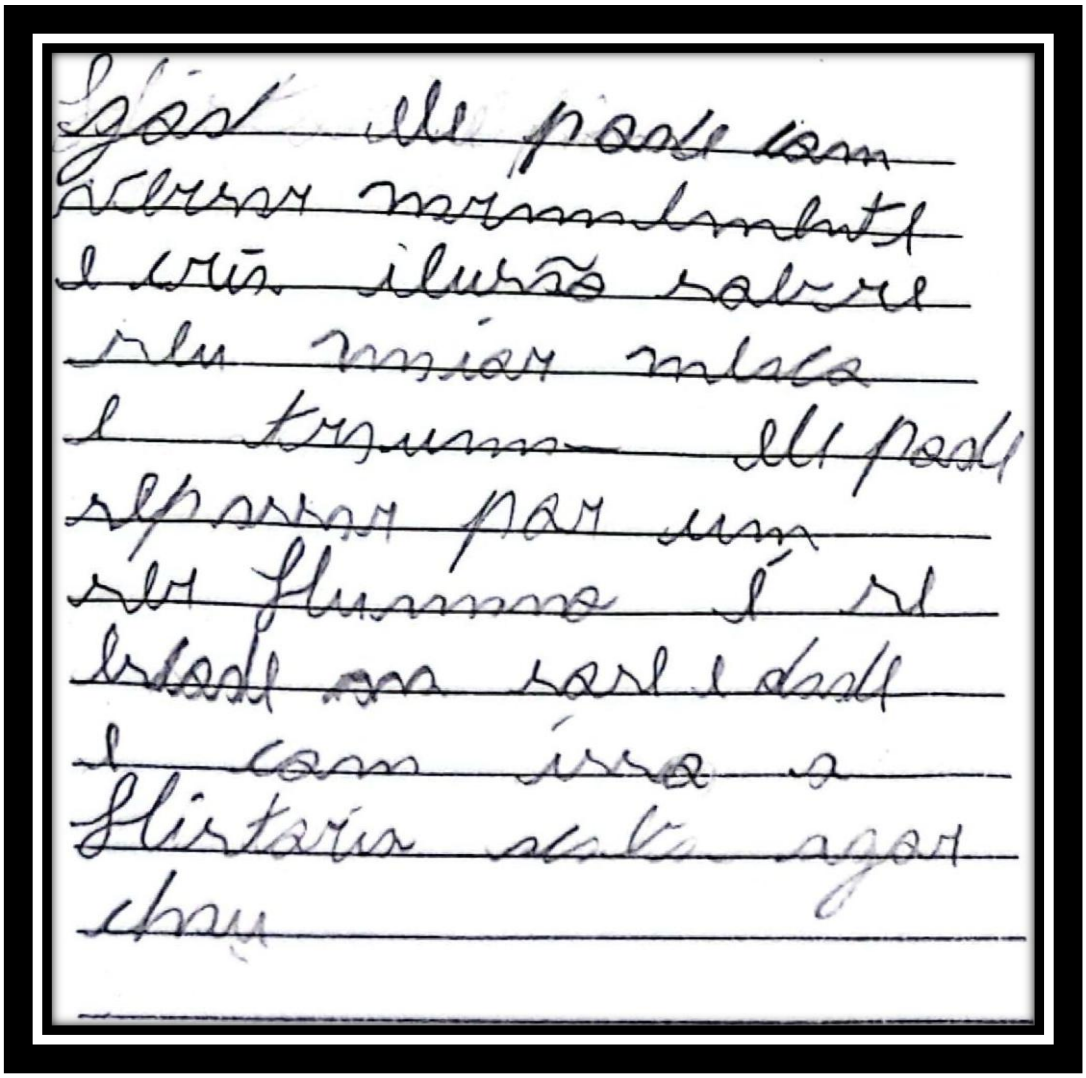


que as policiais
falaram, a morte
do meu amigo é
um mistério.

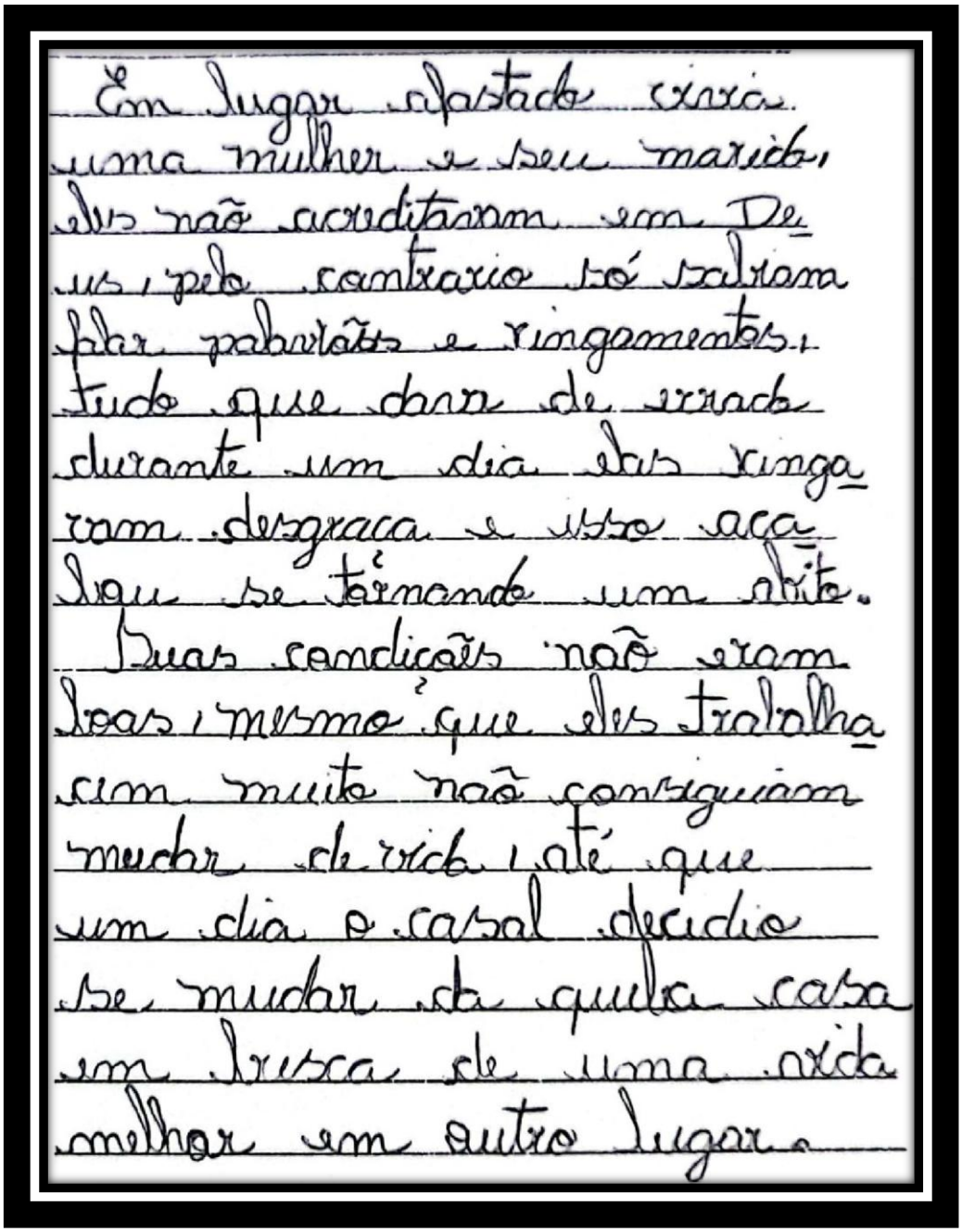


PIETRO - 12 ANOS 7º ANO





LOHAN 12 ANOS 7º ANO



Em lugar afastado existia uma mulher e seu marido, eles não acreditavam em Deus, pelo contrario só sabiam falar palavrões e xingamentos. Tudo que dava de errado durante um dia eles xingavam desgraça e isso acabou se tornando um vício.

Suas condições não eram boas, mesmo que eles trabalhassem muito não conseguiam mudar de vida, até que um dia o casal decidiu se mudar da quela casa em busca de uma vida melhor em outro lugar.

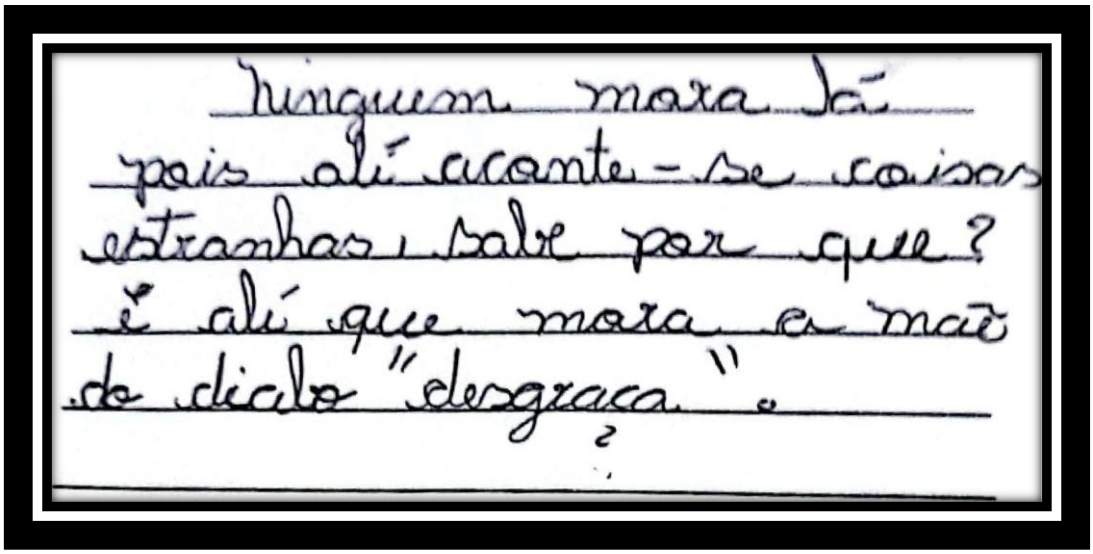
Depois de alguns dias
do casal tiver se mudado
um morador que morava
perto da antiga casa deles
e que por coincidencia era
compadre da família estava
passando por alredor da
casa quando ouviu um
choro vindo de dentro dela
era parecia o choro vinha
acompanhado de gritos e re
clamações assustado e com
muito medo não deixou-se
abater e decidiu ver o que
era em passos lentos atravé
sou a varanda e abriu a
porta e se deparou com
uma coisa horrível medonha
e assustadora uma mulher
vestida com roupas rasgadas
sem sapato com o cabelo em

cada ele também pode
perceber que ela não tinha
olhos apenas um buraco
no lugar deles. Mas com
muita coragem iniciou um
diálogo com ela.
Ele - Por que está chorando?
Ela - Me abandonaram aqui eu era
feliz.
Ele - Quem te abandonou?
Ela - Eles! Me chamaram toda ho-
ra.
Ele - E por que não foi?
Ela - Não posso.
Ele - Deus não abandona ninguém
Ela - Você acredita nele?
Ele - Nele quem? Deus! Sim.
Ela - Não! não pode acreditar.
Ele - Mas eu acredito!

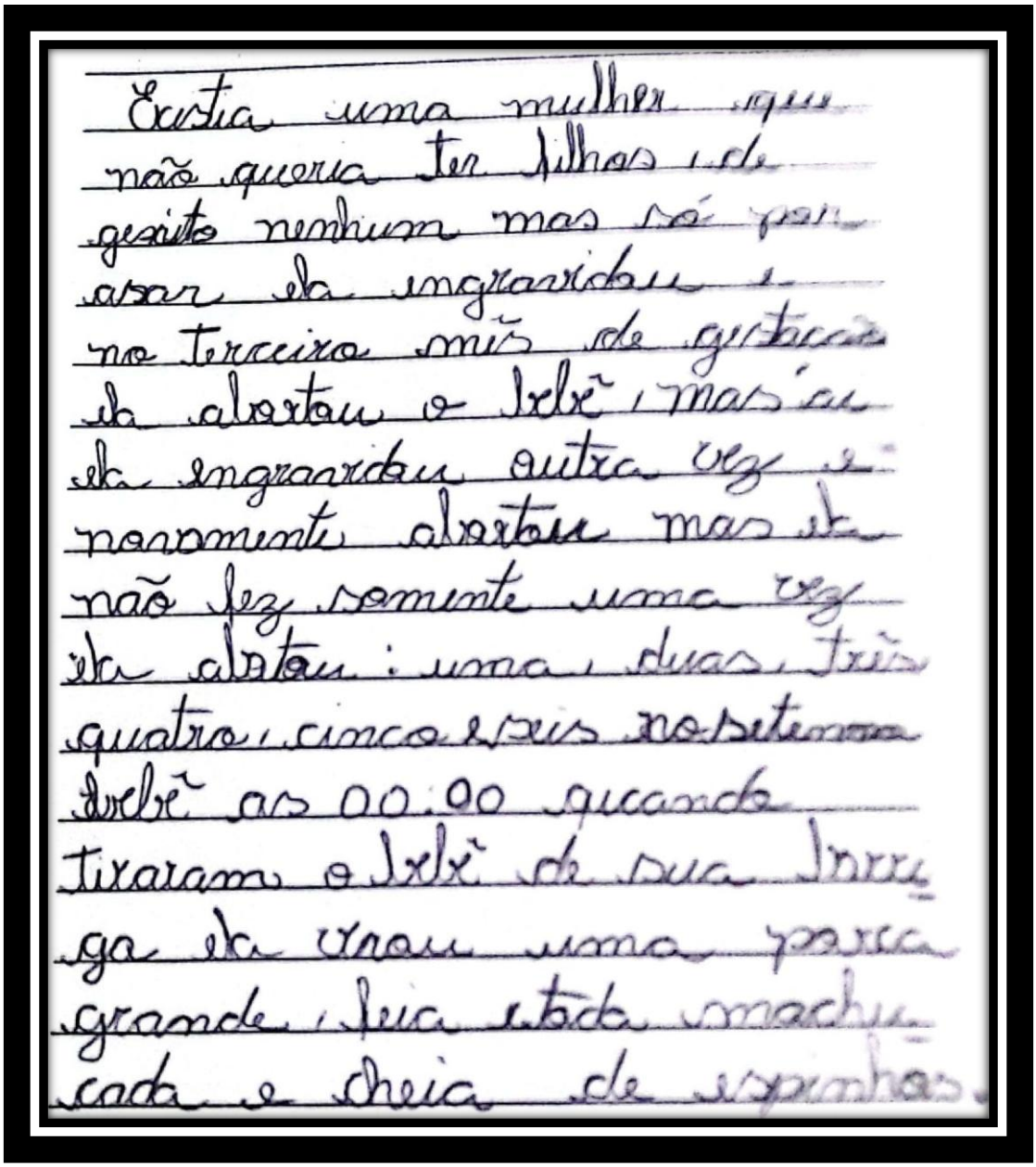
Naquele momento a mulher deu um grito feio e arripiante e pendurou-se na caumeira da casa. O homem ficou assustado então correu aquilo era de outro mundo. Correu e foi chamar um padre que morava lá nas redondezas.

Quando o padre chegou a mulher ainda estava pendurada. O padre começou a rezar e a dizer a mulher que estava pendurada começou a se mexer e derrepente se desmanchou-se em macegas e ligatas.

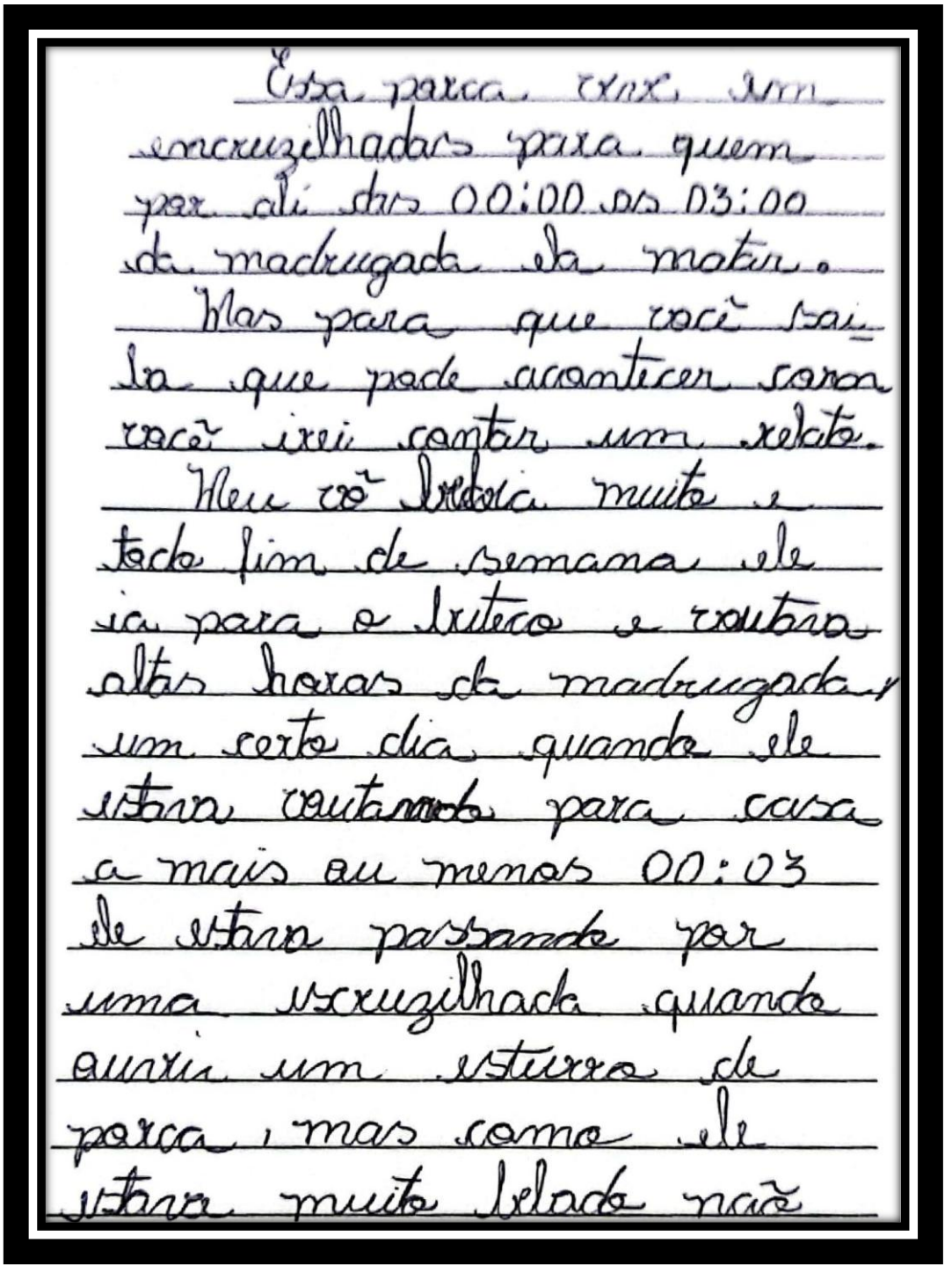
Depois disso com muito medo decidiu se mudar também. Hoje em dia a terra é improdutiva e


Ninguem mora lá
pois alí acontece coisas
estranhas, sabe por que?
é alí que mora a mãe
do diabo "desgraca".

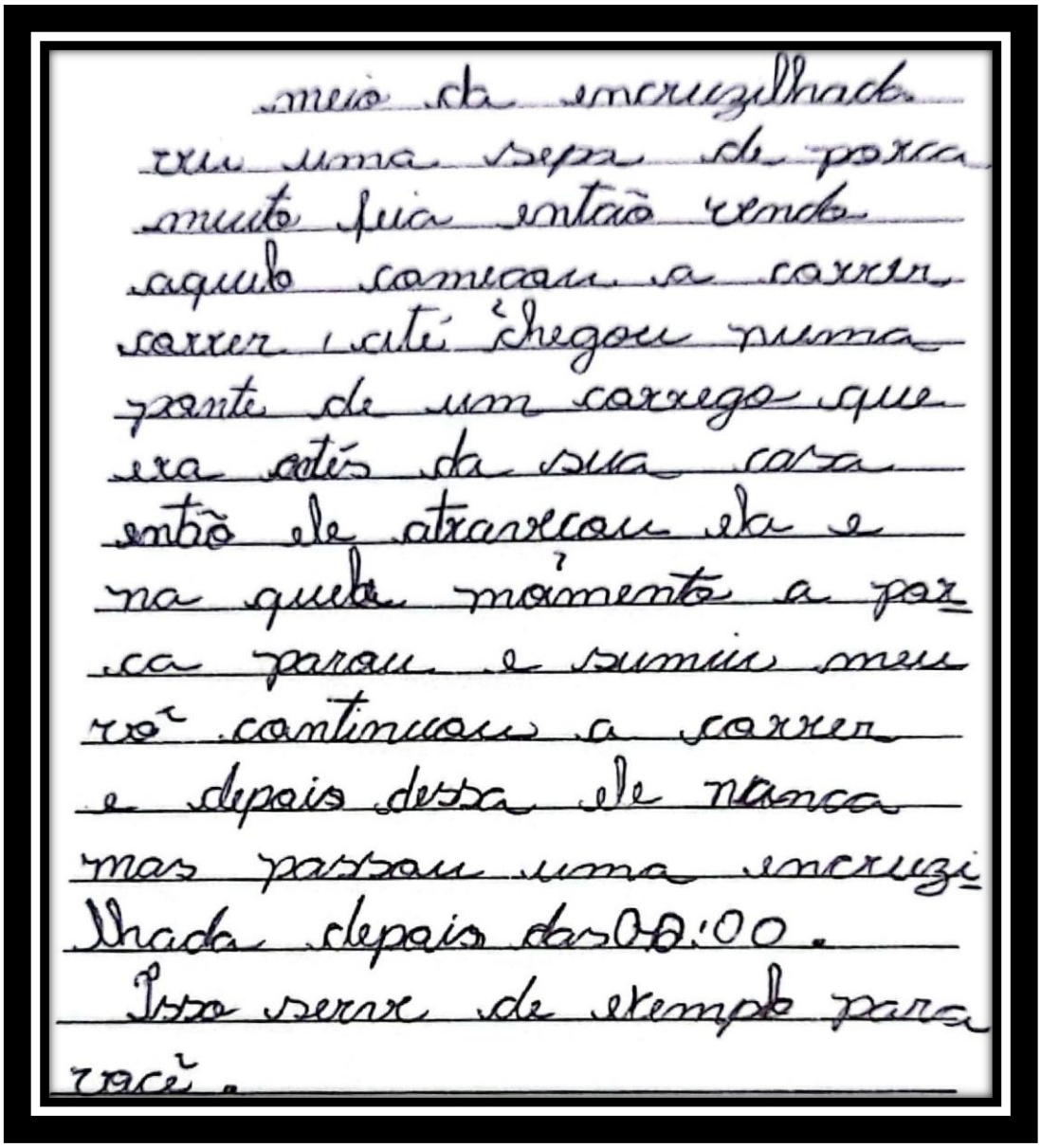
ANGEL 11 ANOS 6º ANO



Existia uma mulher que
não queria ter filhos (de
gesito nenhum mas só por
azar ela engravidou (
no terceiro mês de gestação
ela abortou o Ixlé (mas ela
ela engravidou outra vez e
novamente abortou mas ela
não fez somente uma vez
ela abortou : uma (duas (três
quatro (cinco e seis no sétimo
Ixlé as 00:00 quando
tiraram o Ixlé de sua barri-
ga ela viu uma vaca
grande (feia toda machu-
cada e cheia de espinhos.



Essa parca vaz uma
encruzilhadas para quem
por ali das 00:00 as 03:00
da madrugada ela matar.
Mas para que você saiba
o que pode acontecer com
você irei contar um relato.
Meu vô Isidoro muito e
todo fim de semana ele
ia para o Iruteo e voltava
altas horas da madrugada, e
um certo dia quando ele
estava voltando para casa
a mais ou menos 00:03
ele estava passando por
uma encruzilhada quando
ouviu um estouro de
porca, mas como ele
estava muito bêbado não
conseguia nem se manter
em pé nem ligou no


meio da encruzilhada
viu uma sepa de porca
muito feia então vendo
aquilo começou a correr
correr correr até chegou numa
ponte de um corrego que
era atrás da sua casa
então ele atravessou ela e
na quele momento a por
ca parou e sumiu meu
rei continuou a correr
e depois desta ele nunca
mas passou uma encruzi
lhada depois das 00:00.
Isso serve de exemplo para
você.

ANGEL 11 ANOS 6º ANO

Em um fim de tarde
numa terça - feira 13 , quando
o pai e os filhos voltavam
da roça , cansados de tanto
trabalhar , mas infelizmente
uma das filhas esqueceu
o lanal na grande plantio
de arroz , então o pai pediu
que ela voltasse - se la e
buscasse - se , e sem contrariar
pegou o lampião e foi .
Quando ela chegou na
beira da roça , começou a
sentir medo , era noite estava
frio e a neblina tomava
de conta daquele lugar
mas ensima em um mo-
rro tinha uma casa , era
antiga de seu avô , uma
velha racinga e que não

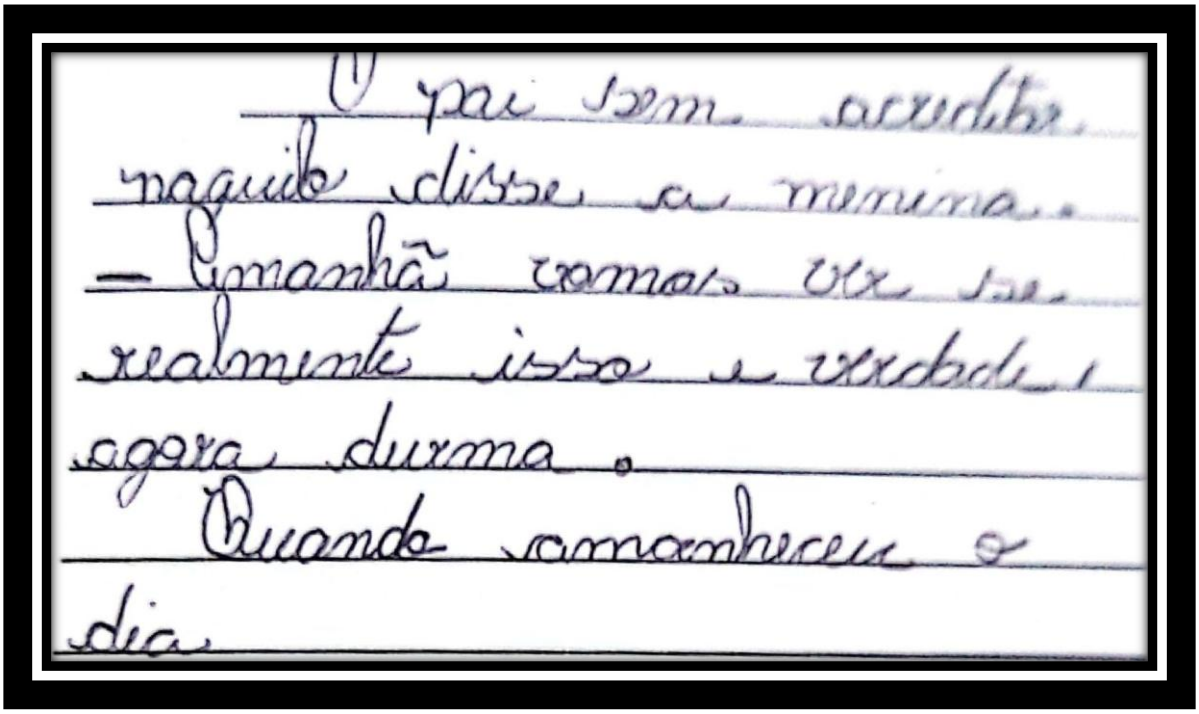
gostava dela, mas da
família por estarem na terra
dele. Um dia a menina
começou a andar por
meio da plantação em busca
do jornal, no meio da
plantação a minina achou
para casa, e na casa
de sau Simão ai, e lá
uma luz vermelha, Hiranhal
parecia ele de um lampi
ão, a menina achou Hira
nho aquilo, mas prosseguiu
a procura do jornal.
Derrepente deu de frente
com casa arvoraza, cheia
de cicatrizes, machucados e rachas
ele tinha uma aparência
familiar, parecia sau Felix
do ano! Ela assustada com
aquilo cena gritou

— Socorro! Socorro me ajuda Socorro!

O homem furioso gritava:

— Eu te pego menina! Para até ir para o inferno mas lhe você juntar pegar aquele plantio de ar roz a menina corria e gritava, correu tanto que nem parou tinha chegou em sua casa, o pai assustado com aquelas gritas da menina pediu que ela se acalmasse ainda muito assustada contou ao pai o que tinha acontecido:

— Pai, eu vi o espirito do finado vô, ele corria atrás de mim como se quisesse me matar.

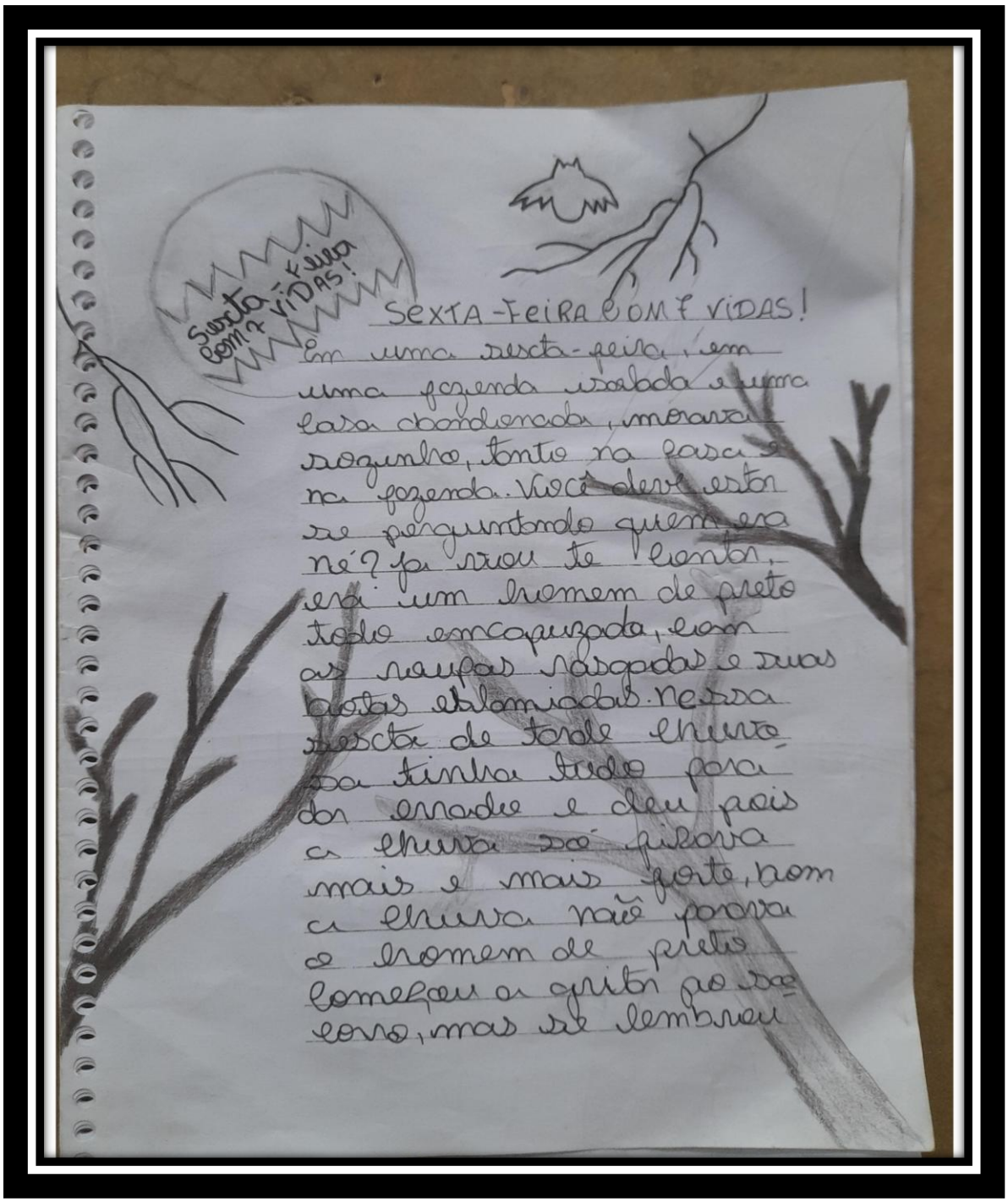


O pai sem acreditar naquilo disse a menina.
— Amanhã vamos ver se realmente isso é verdade, agora durma.
Quando amanheceu o dia

ANGEL 11 ANOS - 6º ANO

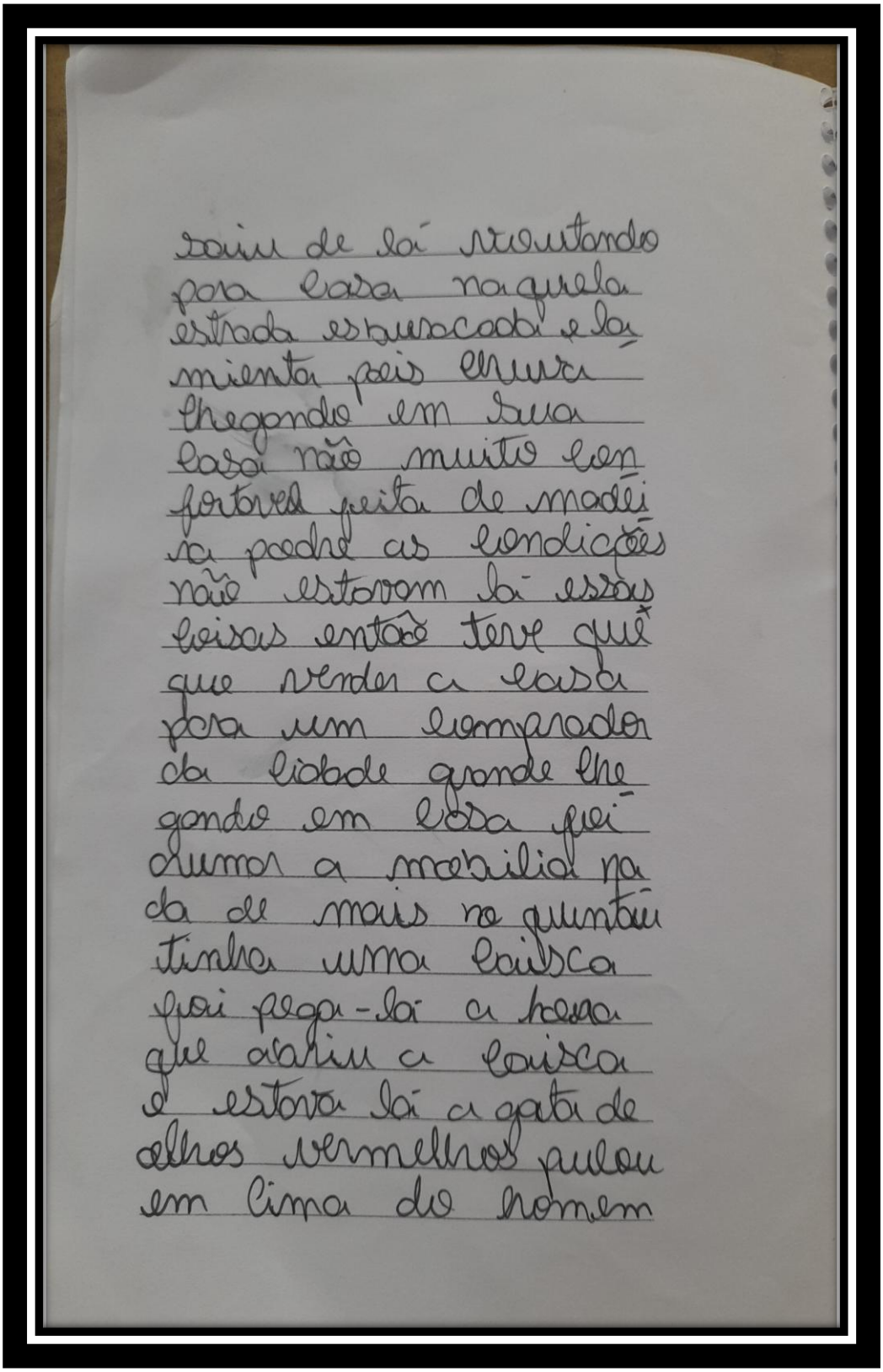


GRUPO II



SEXTA-FEIRA COM 7 VIDAS!

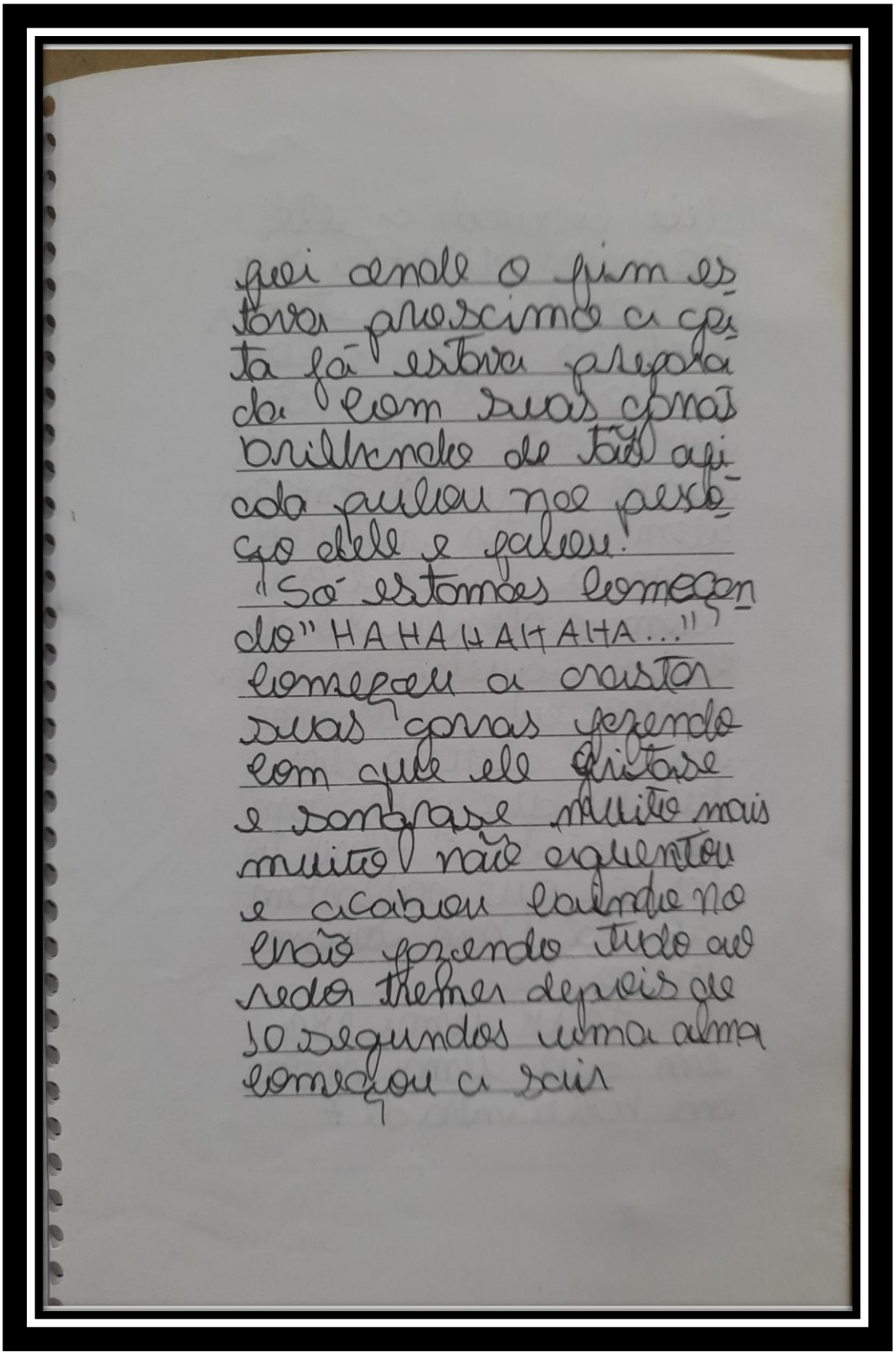
Em uma sexta-feira, em uma fazenda isabda e uma casa abandonada, morava zoquinha, tanto na casa e na fazenda. Você deve estar se perguntando quem era né? Pa vou te contar, era um homem de preto todo encapuzado, com as roupas rasgadas e suas botas ebolmadas. Nessa sexta de tarde chuva ela tinha tudo para dar enxade e deu pois a chuva só ficava mais e mais forte, com a chuva não parar o homem de preto começou a gritar ao socorro, mas se lembrou



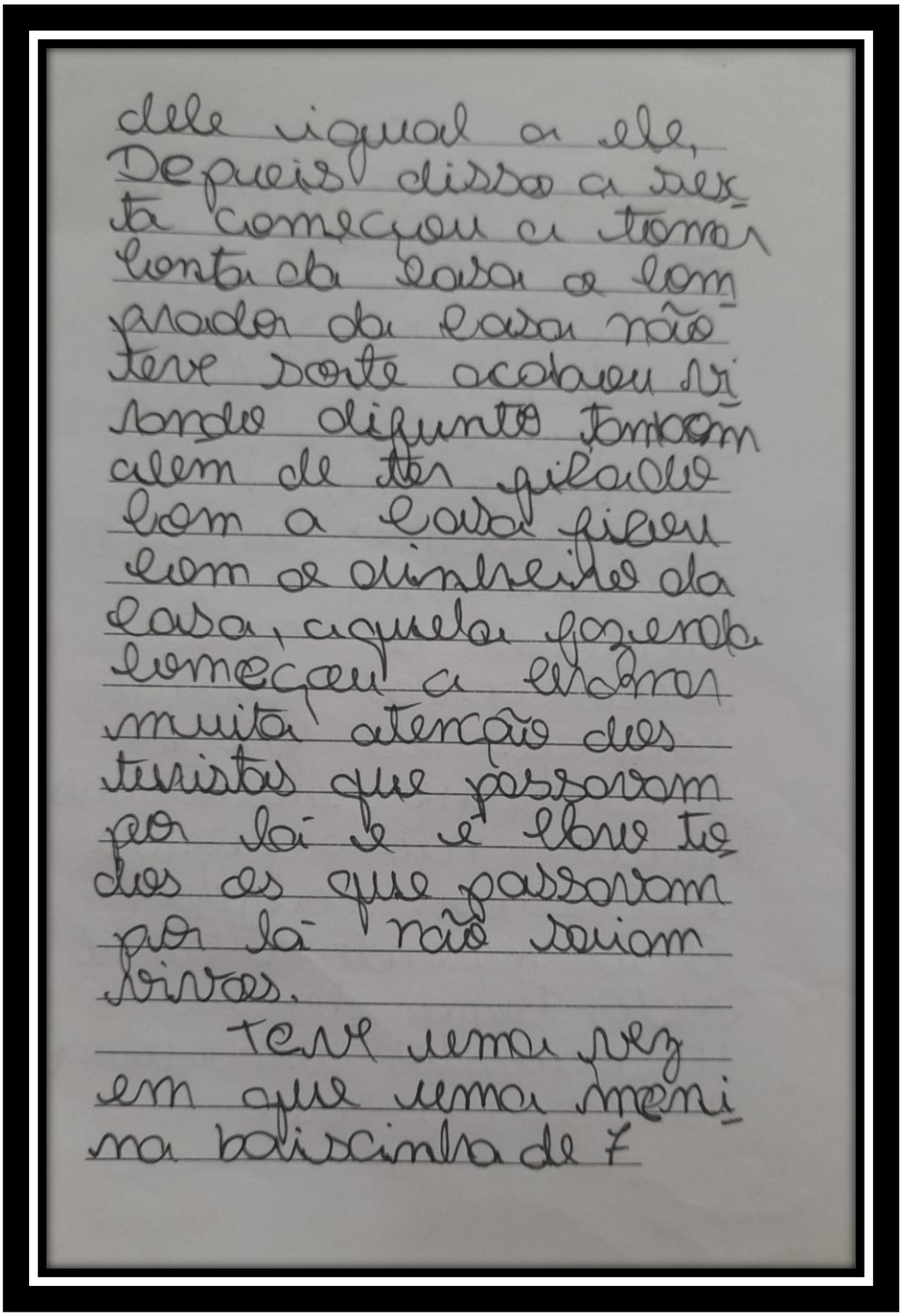
saiu de lá reclamando
para casa naquela
estrada escura e lo-
mienta pois ele
chegando em sua
casa não muito len
fortaleza feita de madei
ra podre as condições
não estavam lá essas
coisas então teve qué
que vender a casa
para um comprador
da cidade grande che
gando em casa foi
dormir a madrugada
de mais no quintal
tinha uma coisca
foi pega-la a hora
que abriu a coisca
e estava lá a gata de
olhos vermelhos pulou
em cima do homem

além disso tinha
varias folhas pinca
das na estante com
sangue e sempre
bem afiadas. mas
tudo oque precisava
era saber oque aque
le gato significava
e oque fazia lá,
investigou bastante até
que a encontrou em
uma pagina de noti
cias normais naquela
hora sem saber oque
fazer, nem se quer leu
a pagina ela apenas
apagando as luzes e
vela do quarto com
susto já não sabia
mas oque fazer além
disso aquela besta não

passava, começa-
va a ouvir o relógio
que e nada até que
ela disse.
"Linda me resta 4
tiros, e não é você
que vai acabar com
elas"
Isso-o deixou mais
confuso e com me-
do ainda no quarto
ele tentou achar as
facas da estante mas
estavam lá a tanto tem-
po que já não saí
mais!
"E pronto agora sim"
"Pronto nada não ouviu
oque eu disse?"

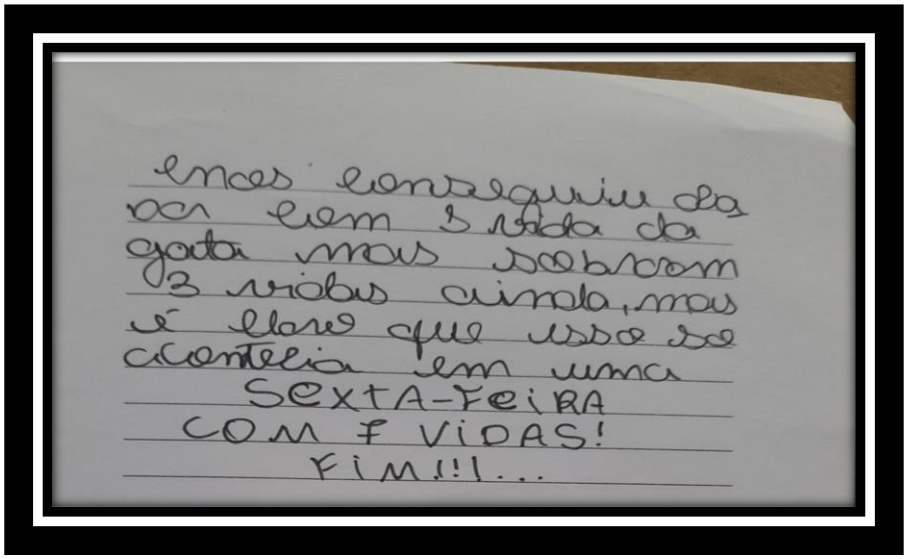


fui onde o fim estava próximo e ela já estava preparada com suas garras brilhando de tão afiada pulou no pescoço dele e falou:
"Só estamos começando" HAHAHAHAHA..."
começou a cravar suas garras fazendo com que ele gritasse e sangrasse muito mais muito não aguentou e acabou caindo no chão fazendo tudo ao redor tremer depois de 10 segundos uma alma começou a sair



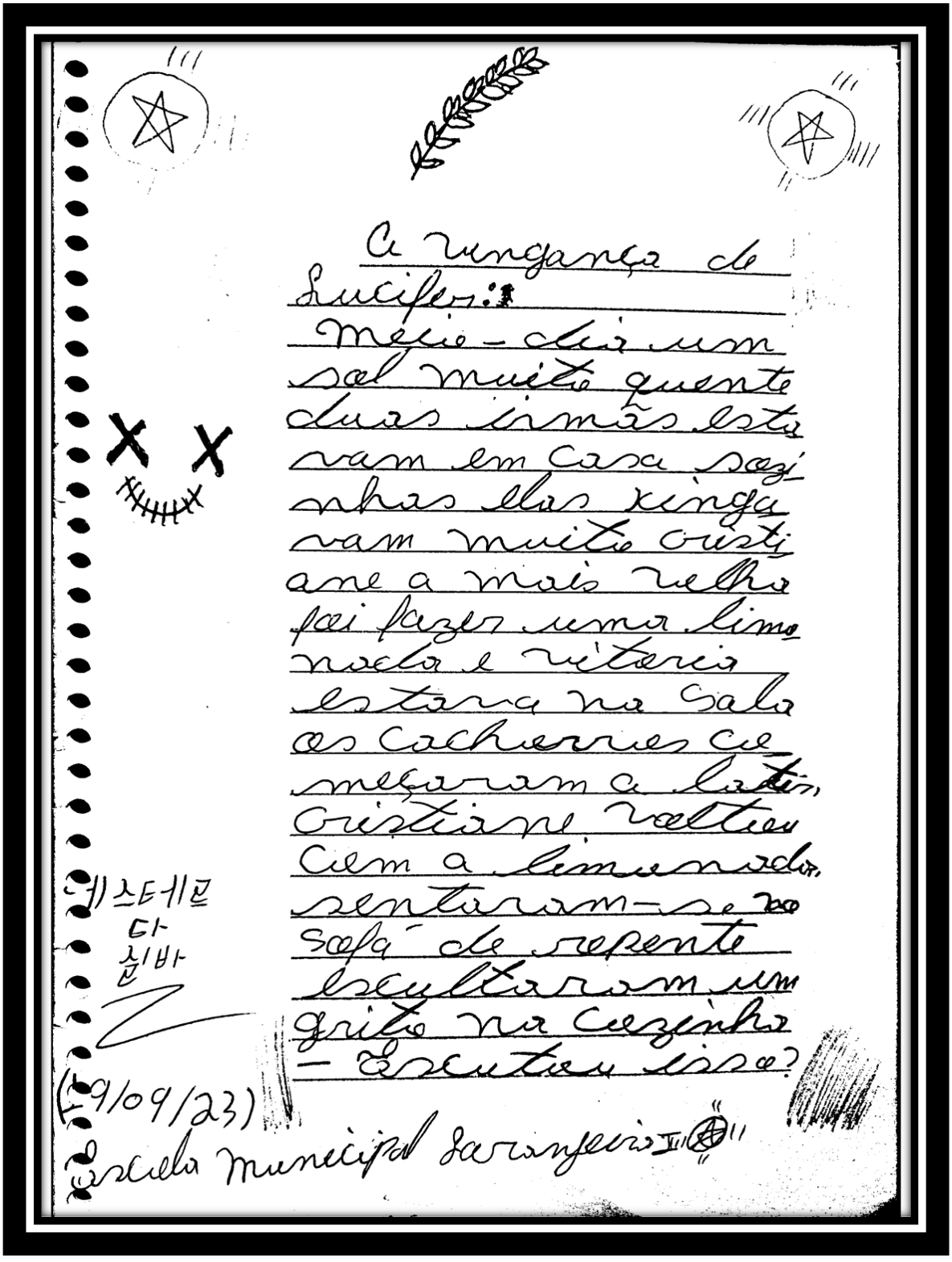
dele igual a ele.
Depois disso a vez
ta começou a tomar
conta da casa e com
prador da casa não
teve sorte acabou ri
sondo difunto tomam
alem de ter ficado
com a casa ficou
com o dinheiro da
casa, aquela fazenda
começou a chamar
muita atenção dos
turistas que passaram
por lá e é claro to
dos os que passaram
por lá não saiam
vivos.

Teve uma vez
em que uma meni
na boiuninha de 7





LOREN E BIANCA 7º ANO



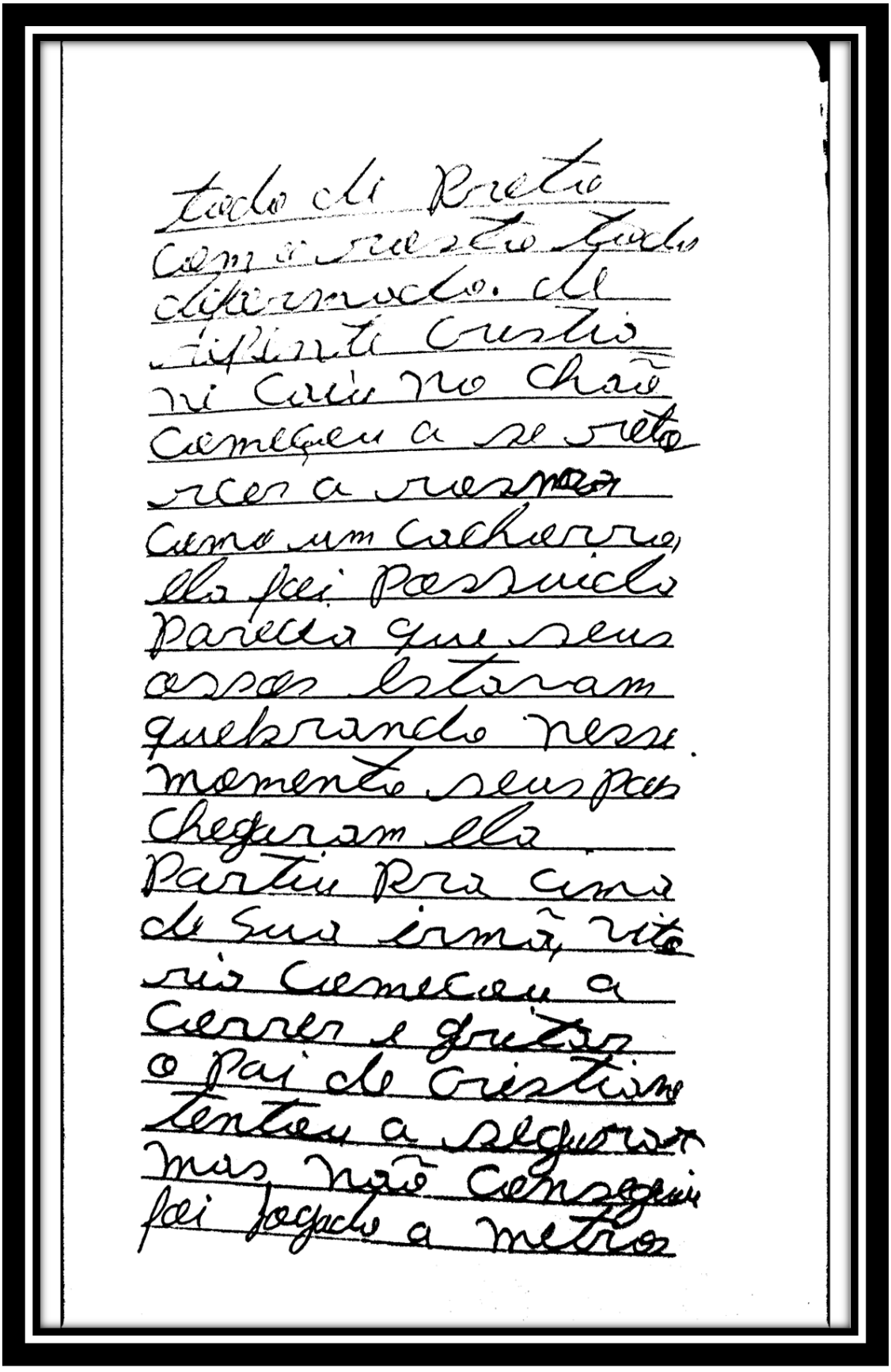
A vingança de Lucifer:

Meio-dia um sol muito quente duas irmãs estavam em casa sozinhas elas xingavam muito uma a mais velha foi fazer uma limonada e vitoria estava na sala as cachorras começaram a latir, Cristiane voltou com a limonada sentaram-se no sofá de repente escutaram um grito na cozinha - Escutou isso?

(19/09/23)

Escola Municipal Laranjeiras II

disse Vitória
espantada.
— Sim, disse
Cristiane se le
vantando do
sofá, vamos lá
ver.
— Estou com medo.
disse Vitória.
Vitória e Cristi
ane foram indo
de passos lentos
elas escutaram
novamente, o
grito panelas
começaram a
cair portas e
janelas bateram os copos
explodiram elas
começaram a ter
medo, saiu da casa
uma homem

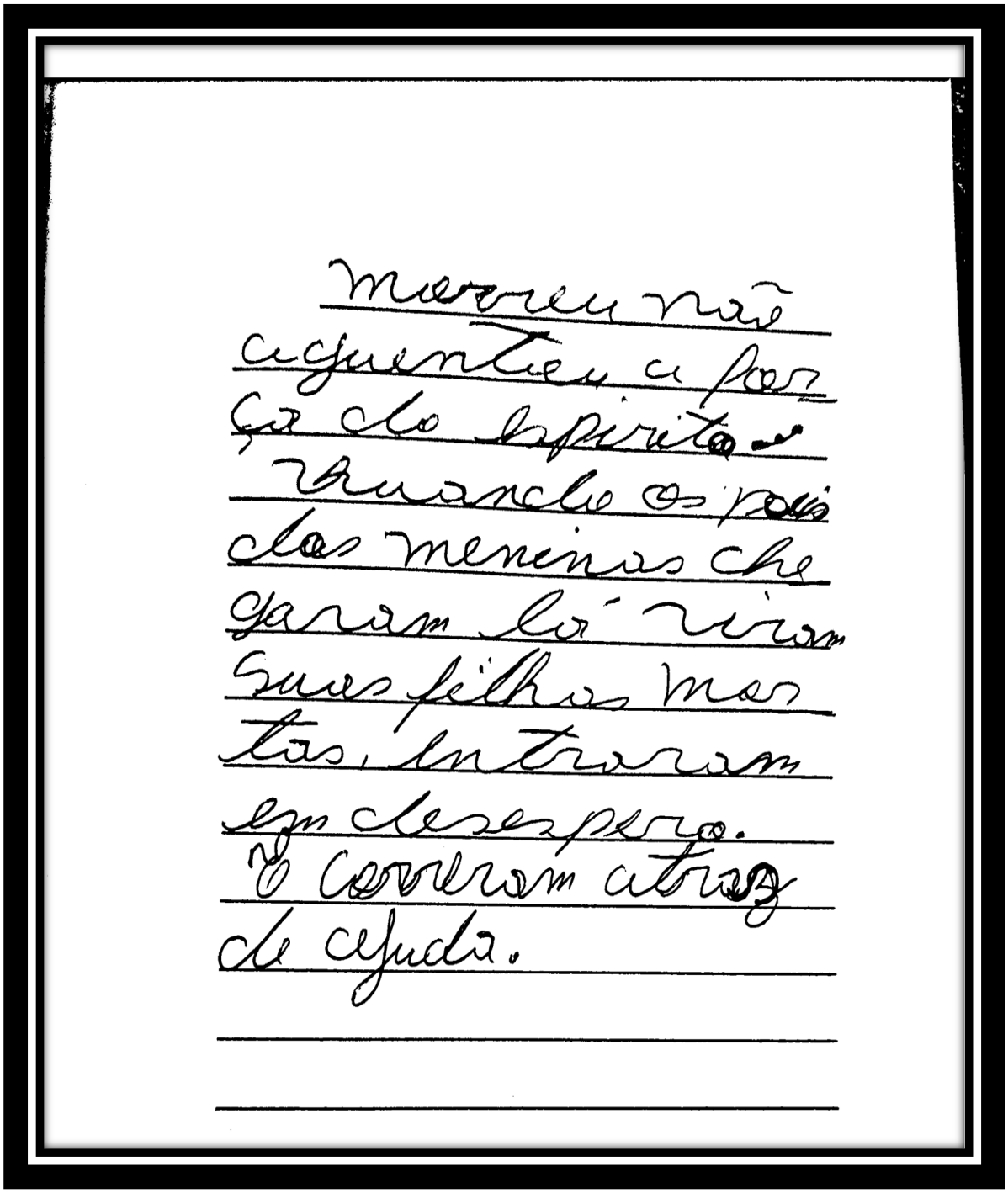


Tudo ali Parecia
como a morte Tinha
chegado. Ela
Tirou Cristian
ri Caiu no Chão
Começou a se Retor
cer a mesma
Coisa um Cachorro,
Ela foi Passando
Pareda que seus
ossos Estavam
quebrando nesse
momento seus pais
Chegaram Ela
Partiu Pra Casa
de Sua irmã, Vito
ria Começou a
Correr e Gritar
o Pai de Cristian
Tentou a Alcançar
mas não Conseguiu
foi Jogado a Metros

de distancia. Vitó
via correu pró
mato e sua irmã
a trás, viu com
uma cheio de flores
vitória caiu no
chão e quando
se levantou
viu varias flor
as mortas muito
sangue. A menina
começou a chorar
seu vestido cheio
de sangue varias
cabeças penduradas
em uma árvore.
Sua irmã que
ela perseguindo-a
encontrou a

Menina Cristina
no chão e lhe disse:
- Você vai ser minha
ela disse com uma
voz grossa.
- Não, não faça
nada comigo, sai
de Cristiane Lembra
Vitória sua irmã
quando a gente
brincava éramos
tão felizes.
A Cristiane com
cara a nada a
menina com uma
espécie de catana
nas mãos, lhe acer
leu e em seguida
Cristiane também

DANDARA 7º ANO


Meu avô não
aguentou a pressão
do espírito e
quando os pais
das meninas che
garam lá viram
suas filhas mor
tas, entraram
em desespero.
E correram atrás
de ajuda.

O Que era aquilo?

Estava voltando do trabalho em uma Sexta-feira Santa, e ano era 1988 era 03:00 horas da manhã, saindo do trabalho parei em um bar de um amigo meu para beber uma cerveja.

- Traz uma cerveja bem gelada.

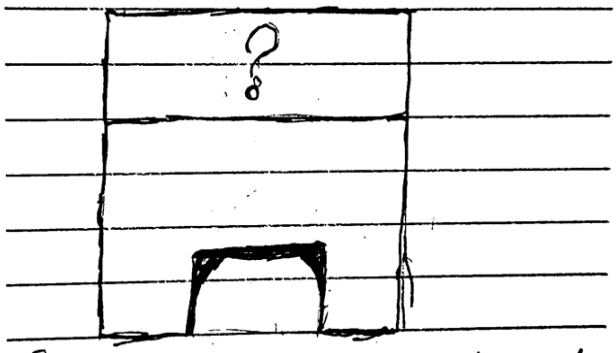
- É pra já - disse meu amigo e dono do bar.

- Deu 5 Reais

- Deixa na minha conta.

Voltando para casa vi algo estranho em uma ponte velha que tinha para ir para casa. Achei estranho mas segui em frente pois estava um pouco tonto, pensando estar louco parei o carro e me deitei no banco peguei no sono e dormi

Quando acordei já era dia. sem saber o que acontecera li gueie e corre e fui para casa Cheguei no local que era para ser minha casa, mas quando Cheguei era uma loja antiga uma loja Cheia de teias de aranhas.



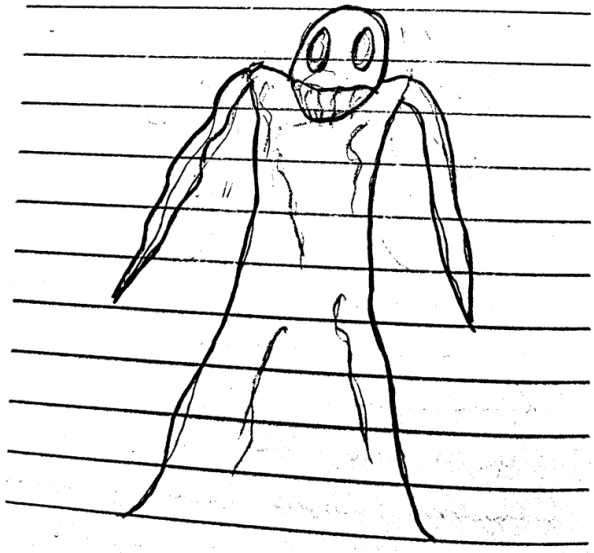
Depois uma sinal de interrogação, entrei na loja que estava muito escura

-Alguem ai?

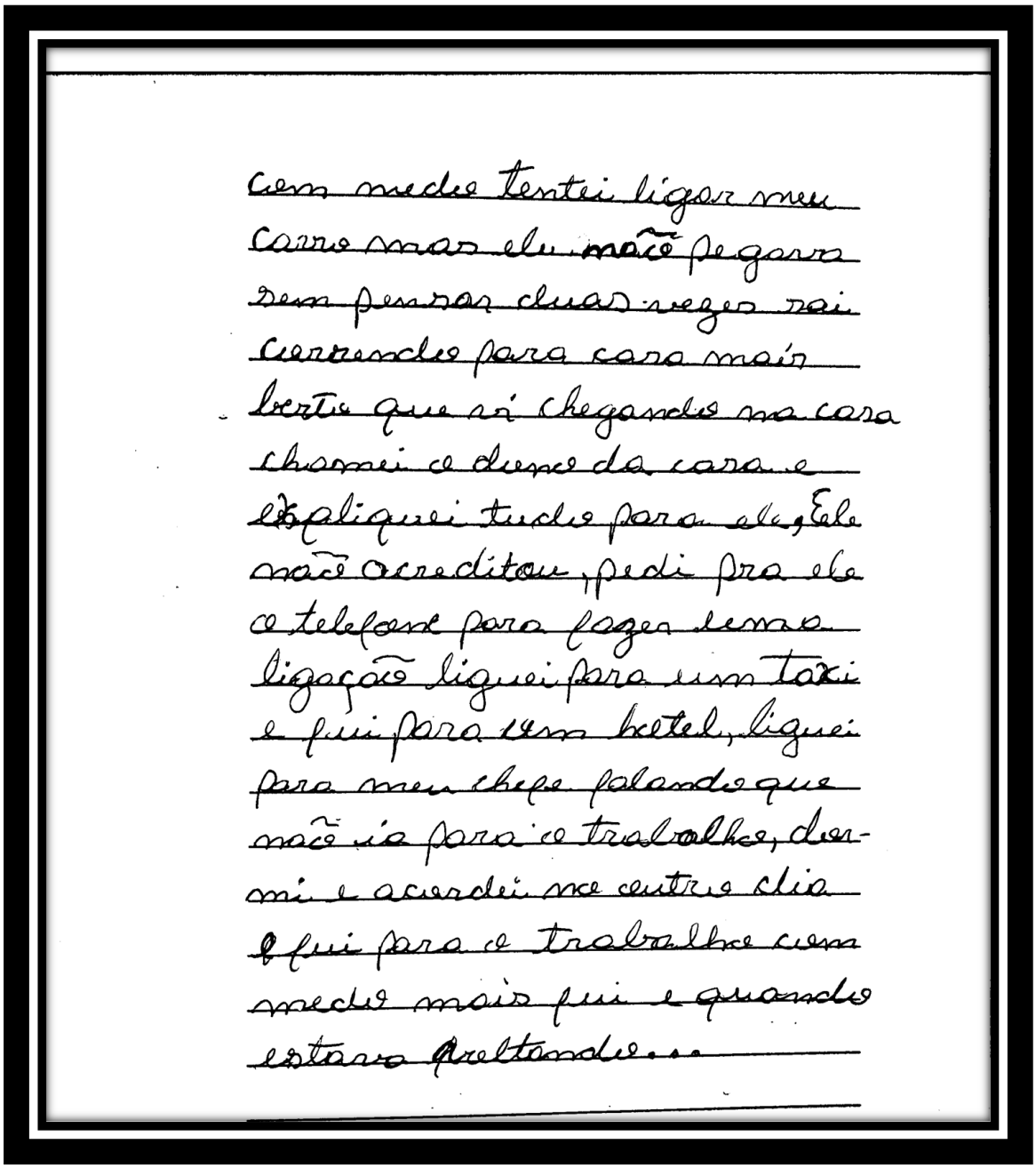
-Alguem esta me ouvindo?

-Alguem minha casa aqueceu-se tem minha casa.

Virei-me para ir embora, mas
acabei pensando que alguém
me seguia, saí correndo
para meu carro e lá dentro
eu vi a mesma criatu-
ra que vi na frente.



ZIEL 13 ANOS 7º ANO



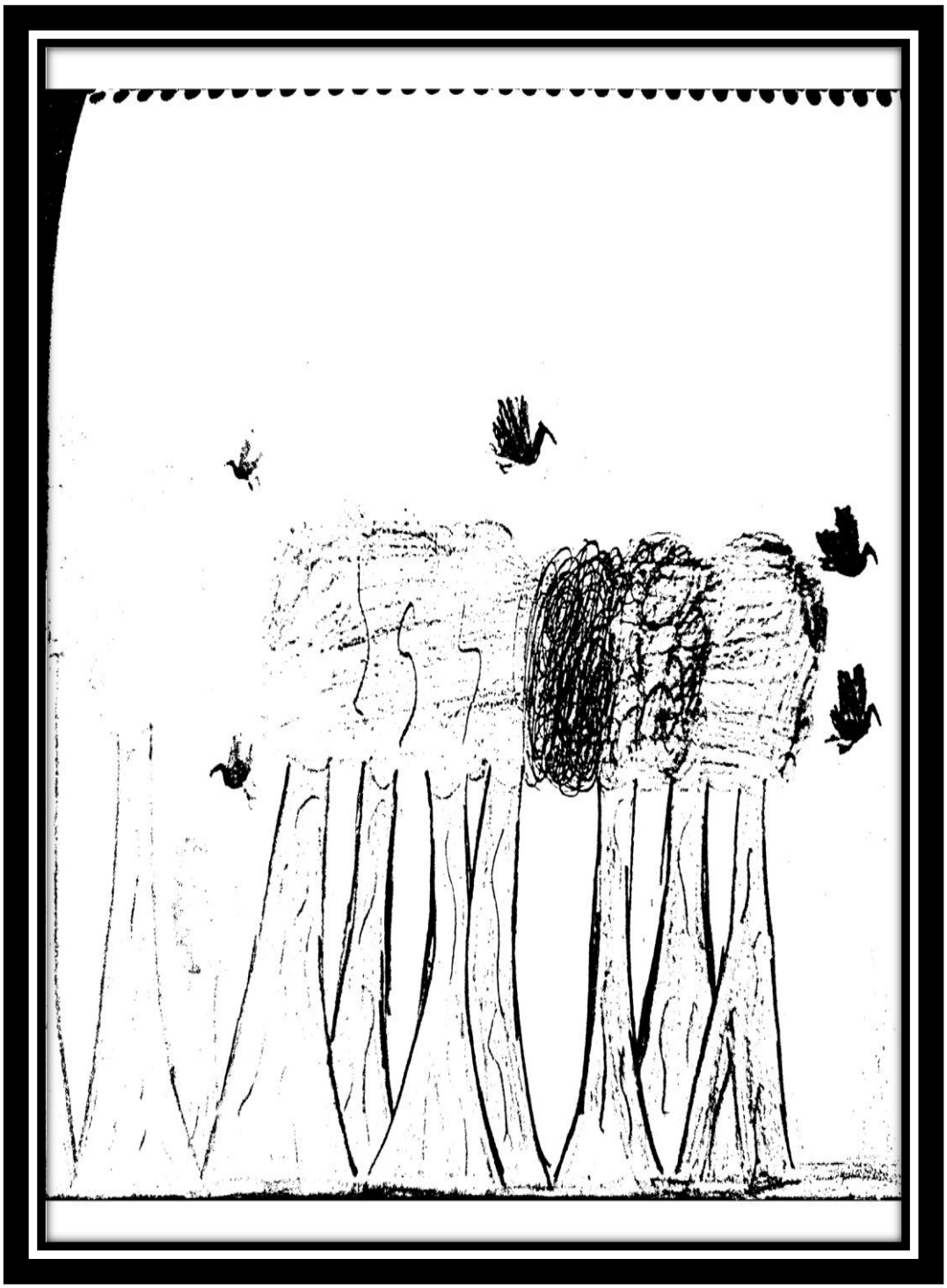
Com medo tentei ligar meu
carro mas ele não pegava
dem pensar duas vezes saí
correndo para casa mãe
berto que só chegando na casa
chamei a dona da casa e
explique tudo para ela, Ela
não acreditou, pedi pra ela
o telefone para fazer uma
ligação liguei para um taxi
e fui para um hotel, liguei
para meu chefe falando que
não ia para o trabalho, dor-
mi e acordei no outro dia
e fui para o trabalho com
medo mais fui e quando
estava voltando...

O filho DM 9.999



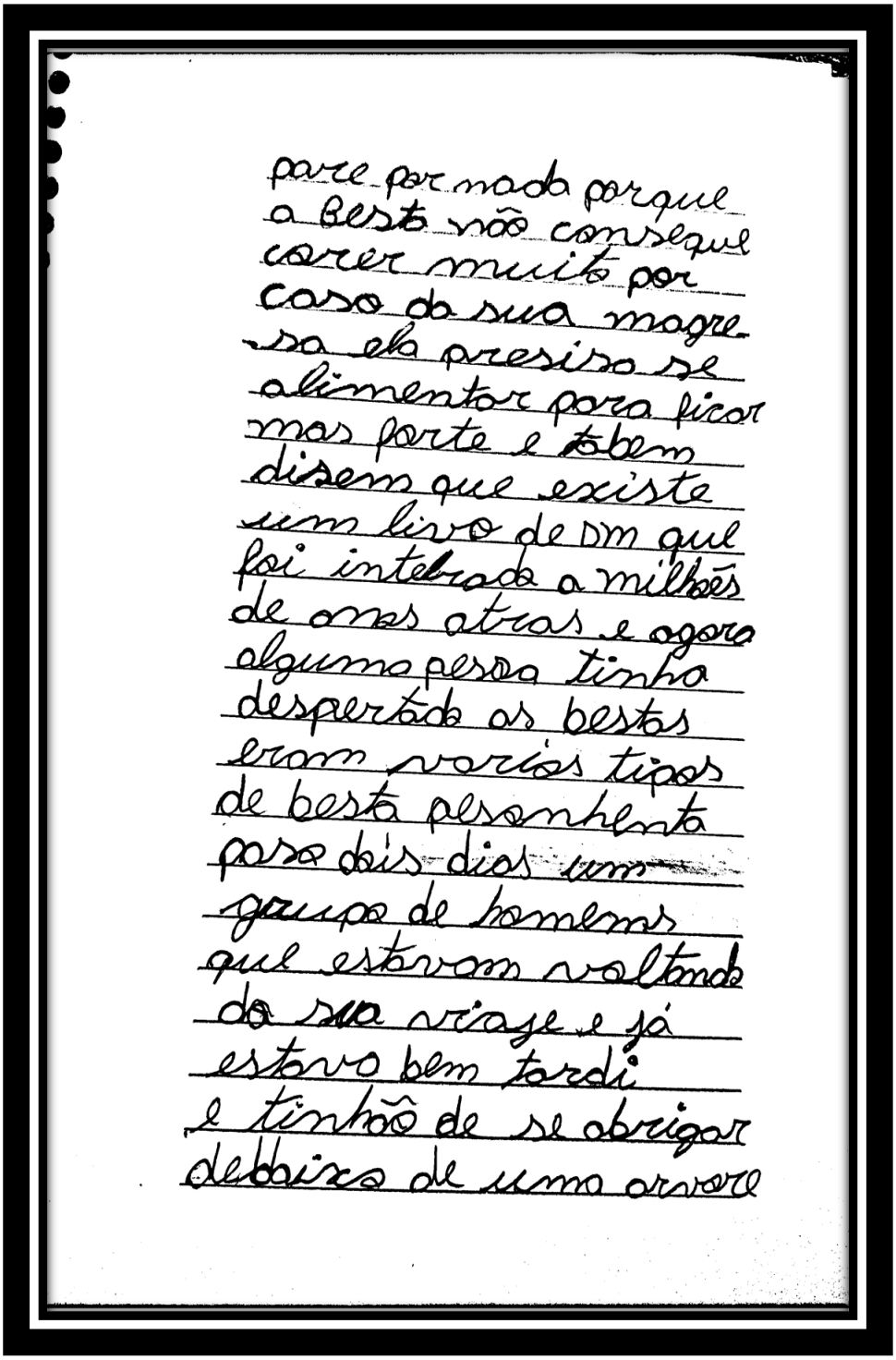


—Assim começa a História uma pe-quena aldeia na floresta viviam moradores de va-rios tipos e de va-rios lugares, quando a noite chegava os lenhadores saiam para cortar lenha mas quando dava meia noite era H ora dos lenhadores voltarem mais desaparesiam nin-guem sabia porque desapareciam quan-do o sol surgia os moradores saiam para

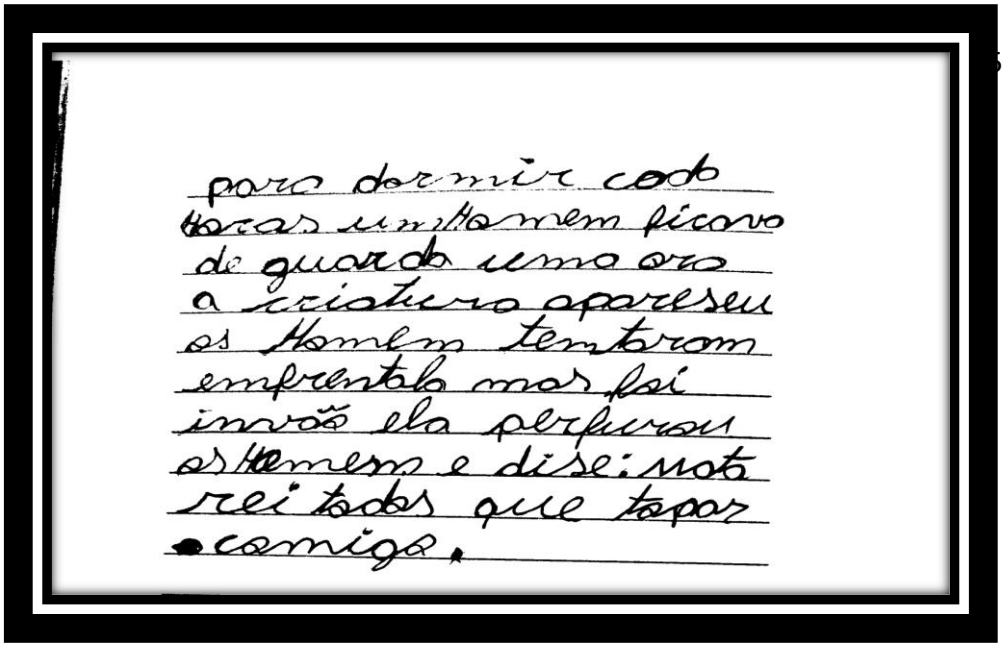




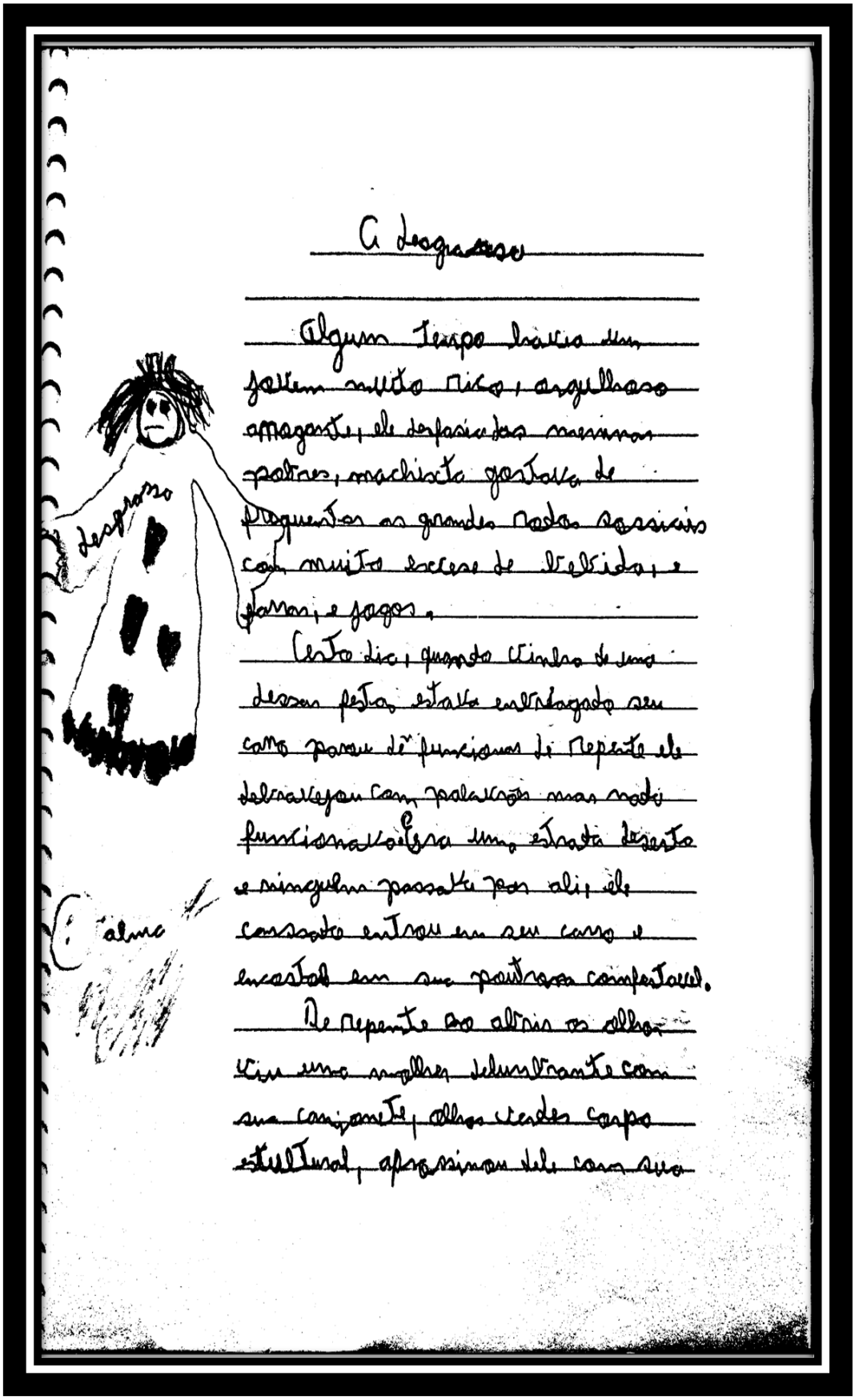
procurar os que desapareserão partirão en busca che gando no meio da flo resta estava escuro e fumasada ouvirão corvos gritando. mais seguiam en frente chegando no fundo da floresta acha rom os amigos ara nhados, torturados e algus estavam só os ossos os que foram procurar sairão correndo sem olhar para trás coriam dusispercos sem parar correram tanto que já estavam no meio da floresta. chegando na aldeia contaram.



parce por nada porque
a Besta não consegue
correr muito por
caso da sua magre-
za ela presiso se
alimentar para ficar
mas parte e tabem
disem que existe
um livro de um que
foi intebrada a milhões
de anos atras e agora
alguma pessoa tinha
despertado as bestas
eram varias tipos
de besta personhenta
para dois dias um
grupo de homens
que estavam voltando
da sua viage e já
estava bem tardi
e tinhão de se abrigar
debaixo de uma arvore


para dormir cada
horas um homem ficava
de guarda uma ora
a criatura apareseu
os Homens tentaram
empresta mas foi
inutil ela perfurou
os Homens e disse: nota
rei todos que tapar
comigo.

NATAN 7 º ANO

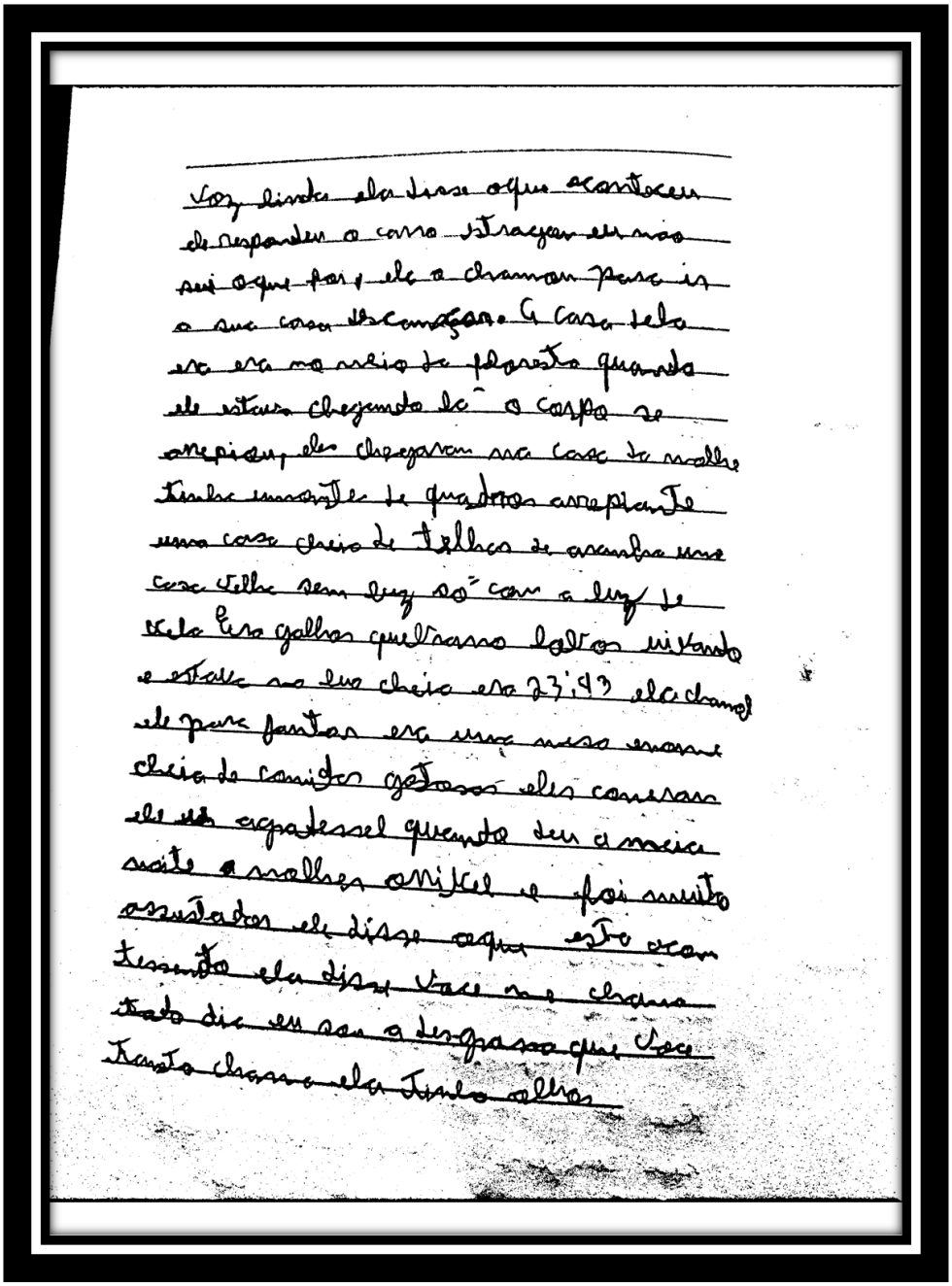


A desgraçada

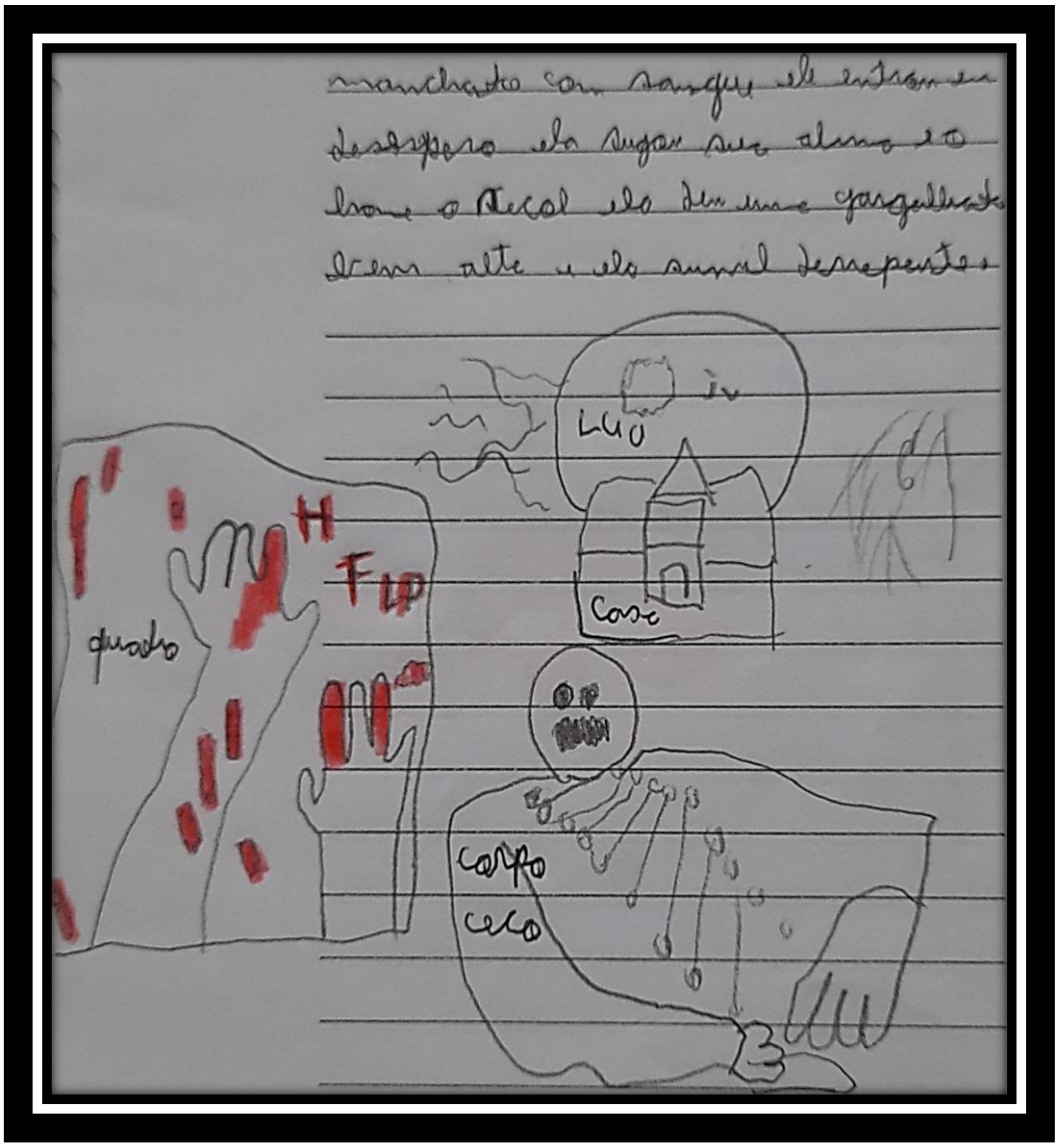
Algum tempo havia um jovem muito rico, orgulhoso arrogante, de defasiados maximos padrões, machista gostava de frequentar os grandes rodas sociais com muito excesso de bebidas, e damas, e jogos.

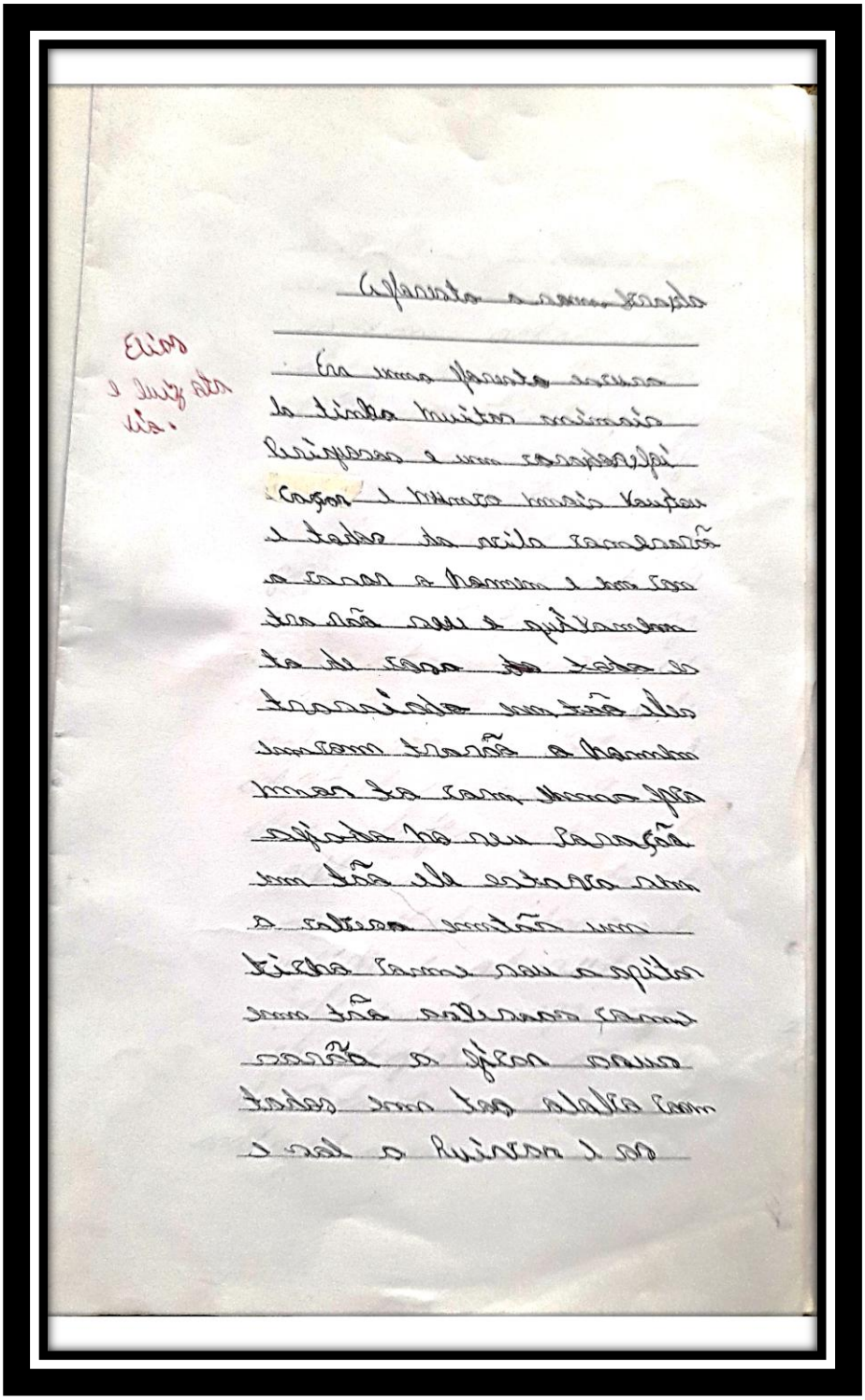
Certo dia, quando vinha de uma dessas festas estava entediado seu carro parou de funcionar de repente ele desesperou com palavrões mas nada funcionava, Era uma estrada deserta e ninguém passava por ali, ele cansado entrou em seu carro e encostou em sua poltrona confortavel.

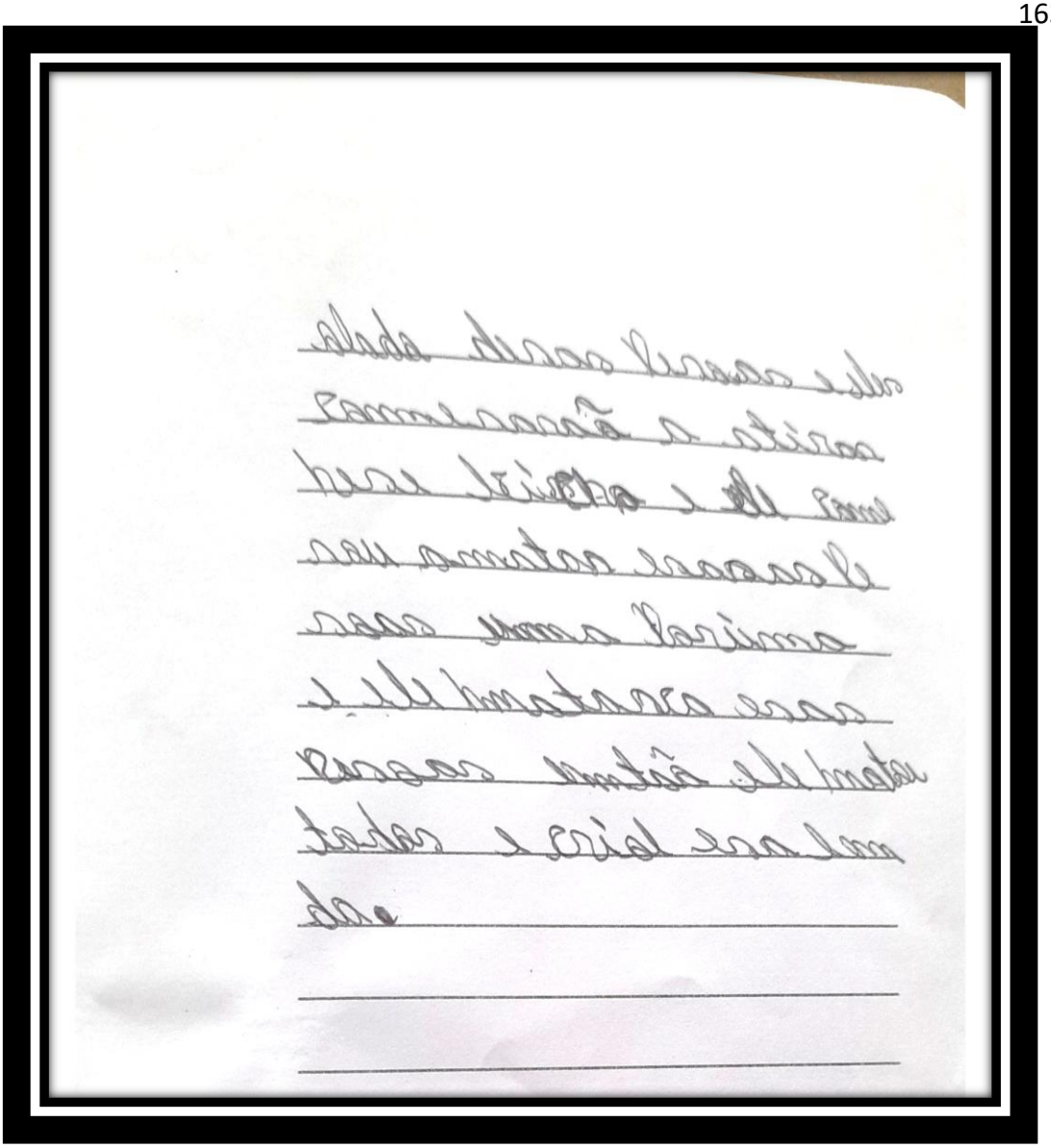
De repente se abriu os olhos viu uma mulher deslumbrante com sua companhia, olhos verdes corpo estruturado, aproximou dele com seu



Voz ainda ela disse oque aconteceu
ele responder o carro atracaram em nos
sai oque foi ele a chamou para ir
a sua casa de comemoração. A casa dela
era era no meio da floresta quando
ele estava chegando lá o carro se
empinou eles chegaram na casa de madei
tinha umas 12 de quadros arrepiante
uma casa cheia de Velhos de arrumba uma
casa Velha sem luz só com a luz de
vela Era galhos quebrados latas virado
e estava na lua cheia era 23:43 ela chamo
ele para jantar era uma mesa enorme
cheia de comidas gostosas eles comeram
ele ela agradeceu quando deu a meia
noite a mulher ambiel e foi muito
assustador ele disse aqui eito eram
tessanta ela disse Você não chama
todo dia ele sou a desgraça que Voce
tanto chama ela todo dias


manchado com sangue ele entrou em
desespero ela pegou sua alma e o
levou o Diego ela deu uma gargalhada
bem alto e ela sumiu de repente.
LUA
CASA
H
FLP
quadro
corpo
seco





ELIAN e OTTO 7º ANO

ANEXO 4

PRODUÇÃO ESCRITA DAS NARRATIVAS DE TERROR VERSÃO FINAL



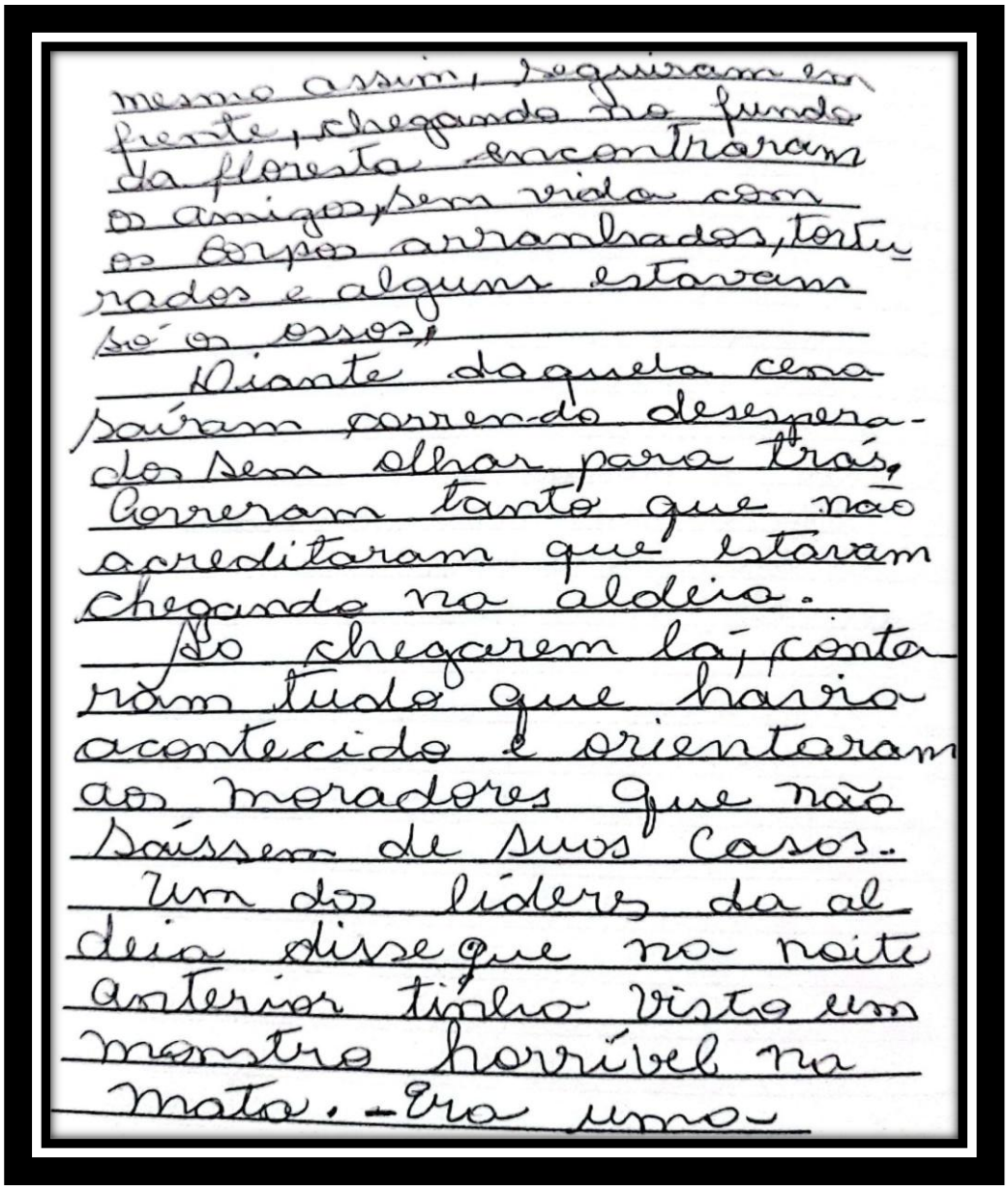
Natan- 12 anos 7º ano

O filho do demônio 9.993

Assim começa a história em uma pequena aldeia no floresta, viviam moradores de vários tipos e de lugares diferentes.

Quando a noite chegava os lenhadores saiam para cortar lenha, mas quando o relógio marcava meia noite, era o momento dos lenhadores retornarem para a aldeia, mas desapareciam misteriosamente, deixando todos intrigados.

Ao nascer do sol, os moradores saiam para procurá-los, chegando no meio da floresta estava escuro e uma densa fumaça atrapalhava a visão. Naquele momento, assustaram com o grasnar dos corvos que surgiram inesperadamente,



mesmo assim, seguiram em frente, chegando no fundo da floresta encontraram os amigos, sem vida com os corpos arrancados, torturados e alguns estavam só os ossos.

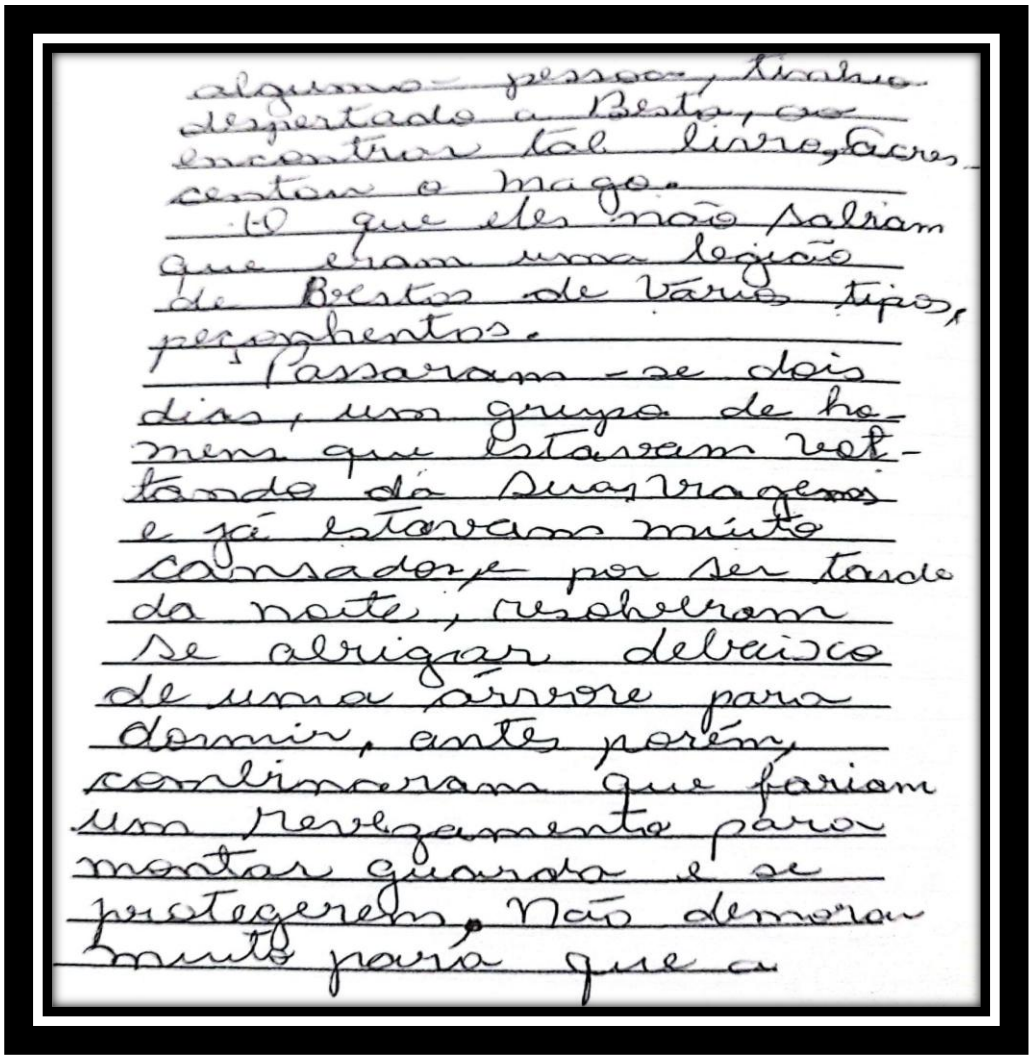
Diante daquela cena saíram correndo desesperados sem olhar para trás, correram tanto que não acreditaram que estavam chegando na aldeia.

Só chegarem lá, contaram tudo que havia acontecido e orientaram aos moradores que não saíssem de suas casas.

Um dos líderes da aldeia disse que na noite anterior tinha visto um monstro horrível na mata. - Era uma -

figura feminina, magra com olhos arregalados, e unhas e dentes afiados como uma foca. disse ele.

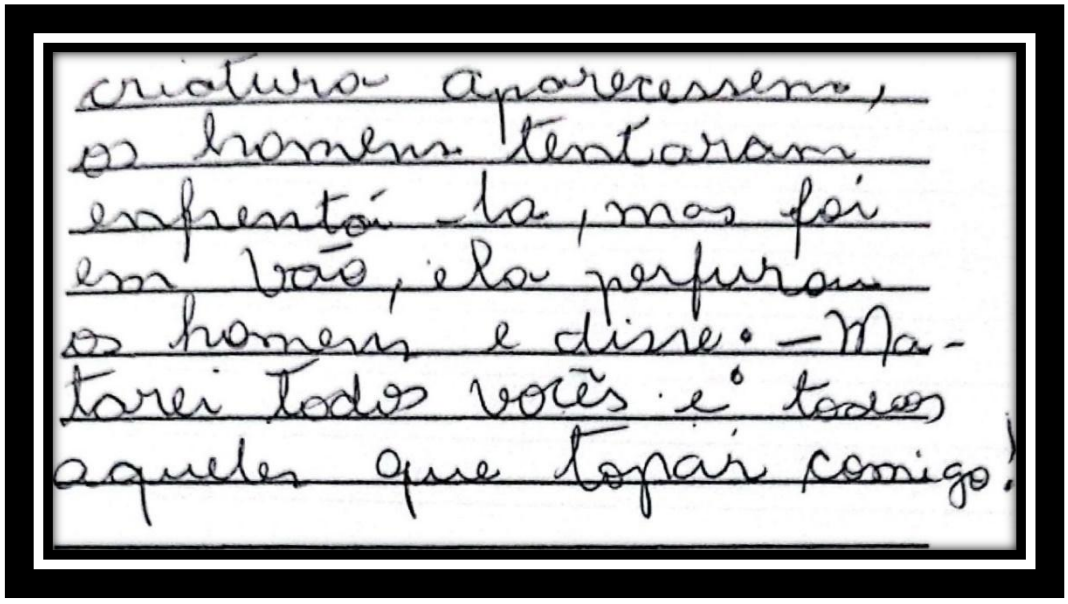
Um mago que estava ali por perto disse: — Sim é uma Besta aterrorizante, que se alimenta de carne humana, o nome dela é DM 9.999, este nome significa o filho do demônio 9-999, se alguém vê-la, não fique parado corra o mais rápido possível e não pare por nada, porque a Besta, não consegue correr muito por causa da sua magreza, ela precisa se alimentar para ficar forte. E também dizem que existe um livro do DM que foi enterrado a milhões de anos e agora



alguma pessoa, tinha despertado a Besta, ao encontrar tal livro, fazendo com o mago.

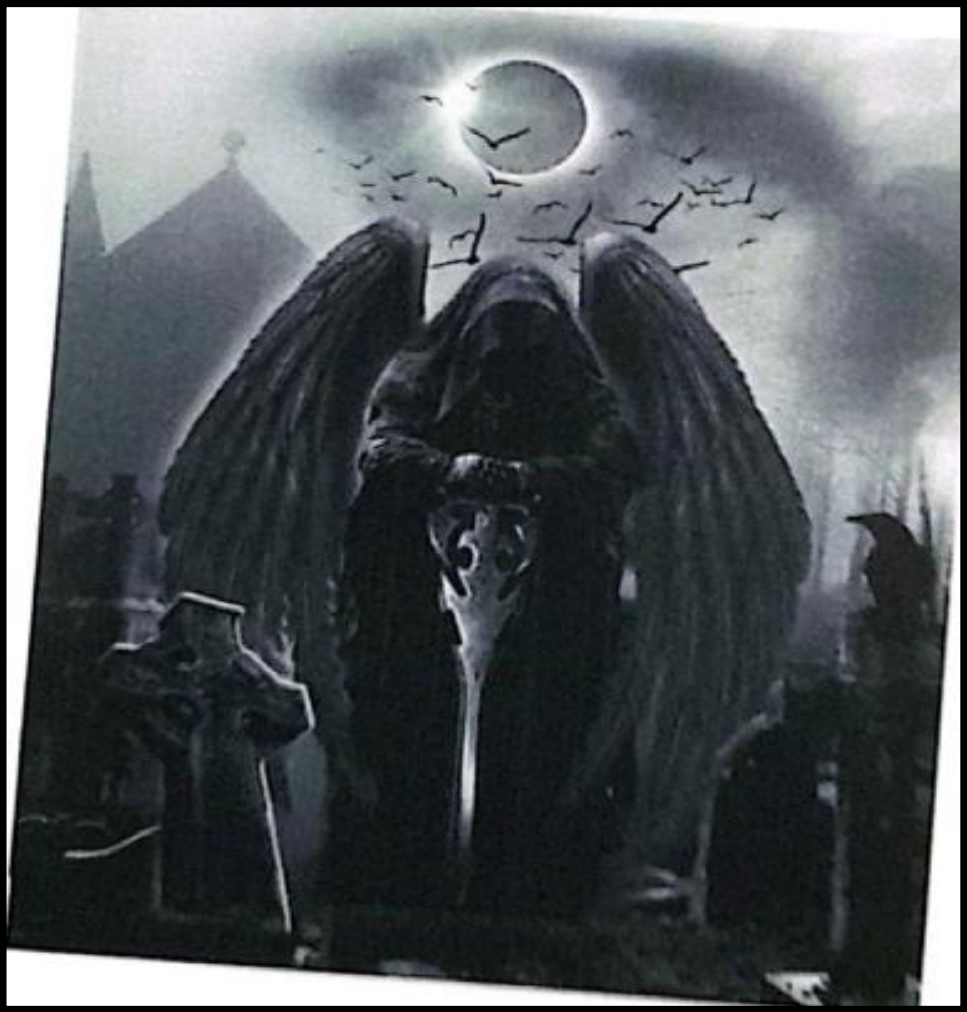
O que eles não sabiam que eram uma legião de Bestas de vários tipos, pesadelentos.

Passaram-se dois dias, um grupo de homens que estavam voltando da suas viagens e já estavam muito cansados, por ser tarde da noite, resolveram se abrigar debaixo de uma árvore para dormir, antes porém, combinaram que fariam um revezamento para montar guarda e se protegerem. Não demorou muito para que a



criatura aparecesse, os homens tentaram enfrentá-la, mas foi em vão, ela perfurou os homens e disse: — Matarei todos vocês. E todos aqueles que topar comigo!

VINGANÇA DE LÚCIFER



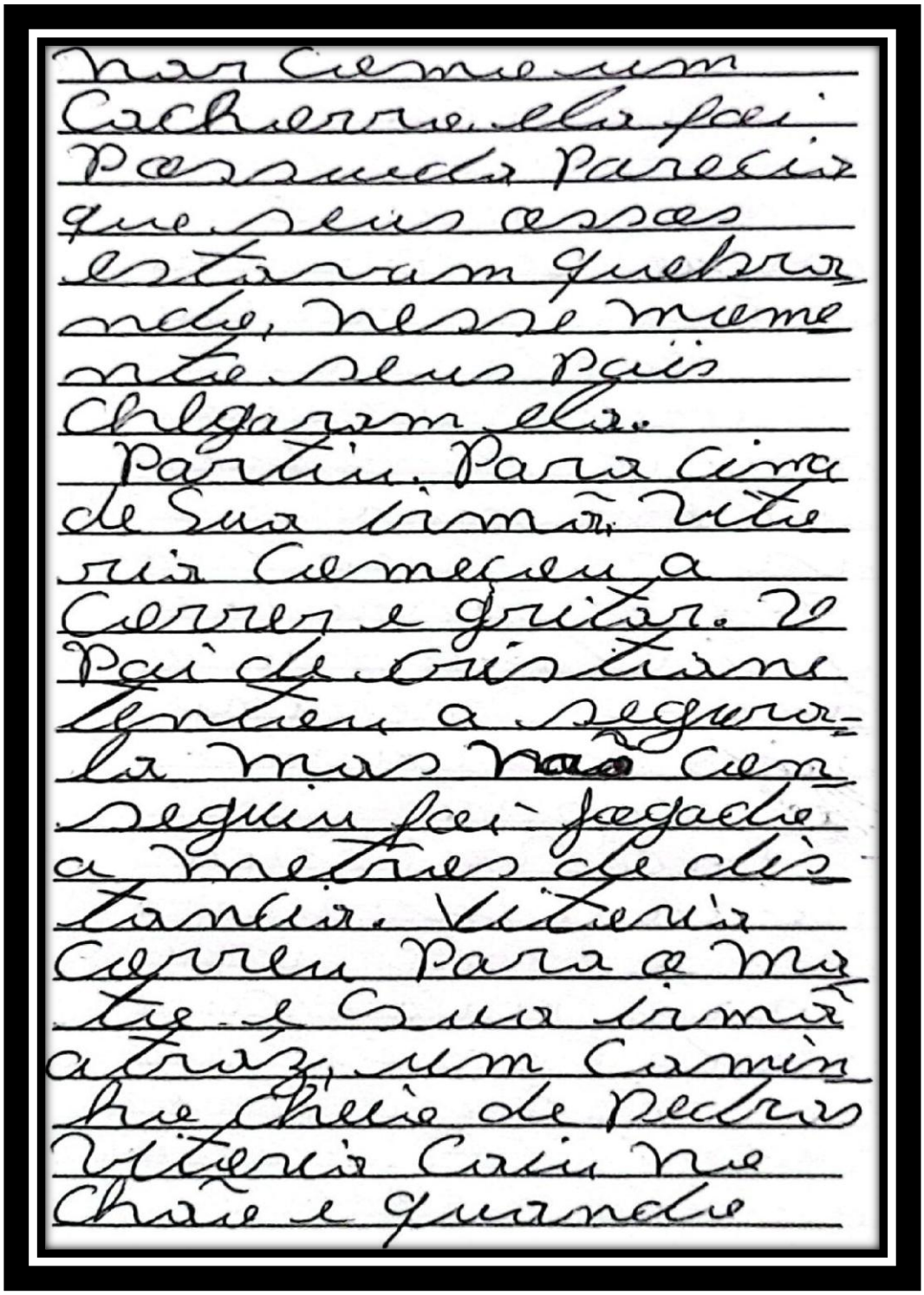
Dandara 13 anos 7º ano

A Vingança de Lúcifer

Era meio-dia um sol muito quente duas irmãs estavam em casa sozinhas, elas vingaram muito. Cristiane a mais velha foi fazer uma limonada e Vitória estava na sala. Os cachorros começaram a latir, Cristiane voltou com a limonada, sentaram-se no sofá. De repente escutaram um grito na cozinha.

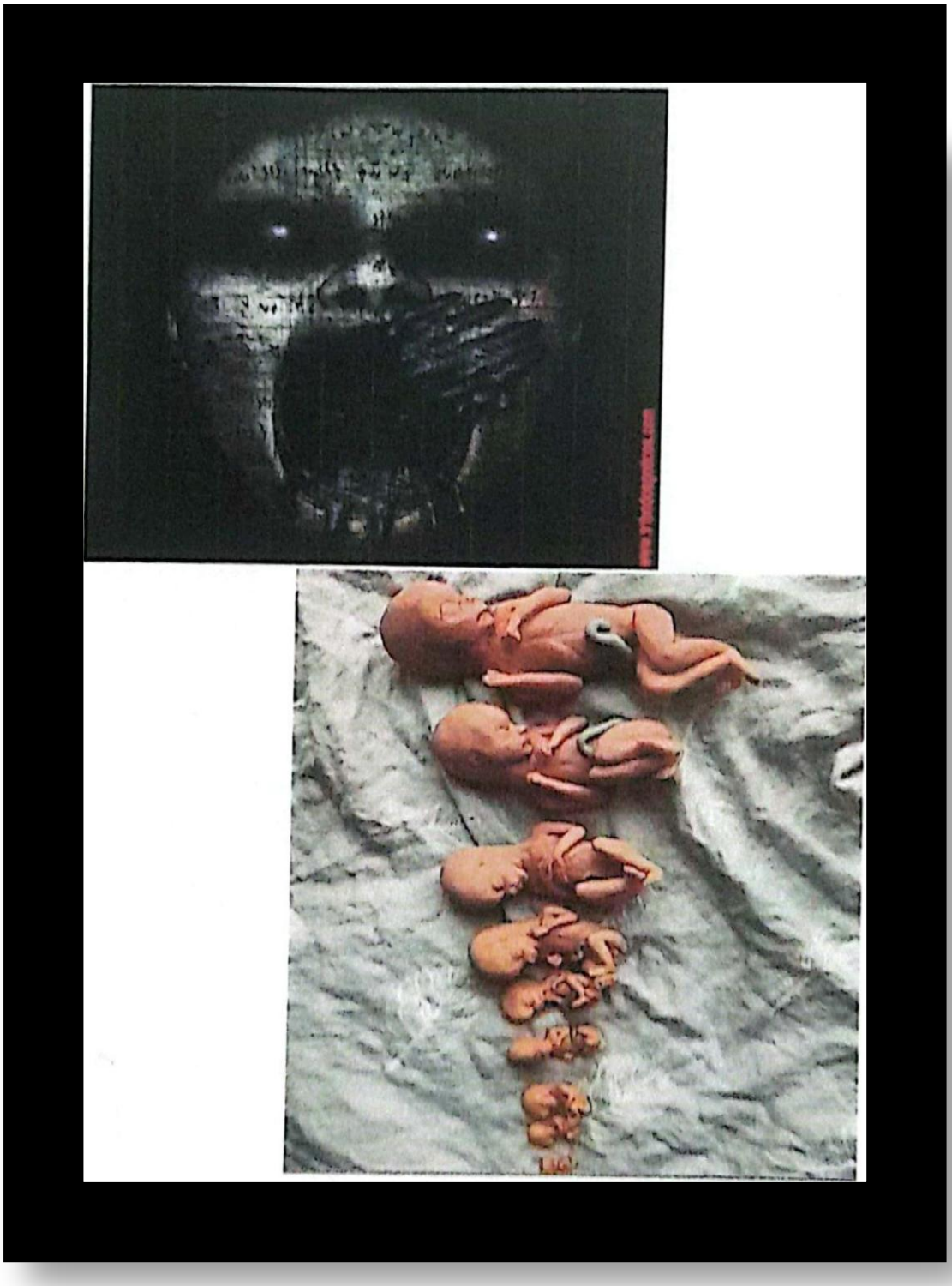
– Escutou isso? disse Vitória espantada. – Sim. Disse

Cristiane se levou
na ponta dos pés
- vamos lá ver.
- estou com medo.
disse Vitória.
Vitória e sua irmã
Cristiane foram
indo de passos -
lentos, elas escu-
taram novamente
a grito, Pamela
começaram a cair
portas a baterem.
os cães esplodiram
elas começaram
a tremer, saiu da
cozinha um homem
em trajes de Preto
com a mesma trajes
de personagem. Do rosto
até Cristiane caiu
no chão começou a
se retorcer no



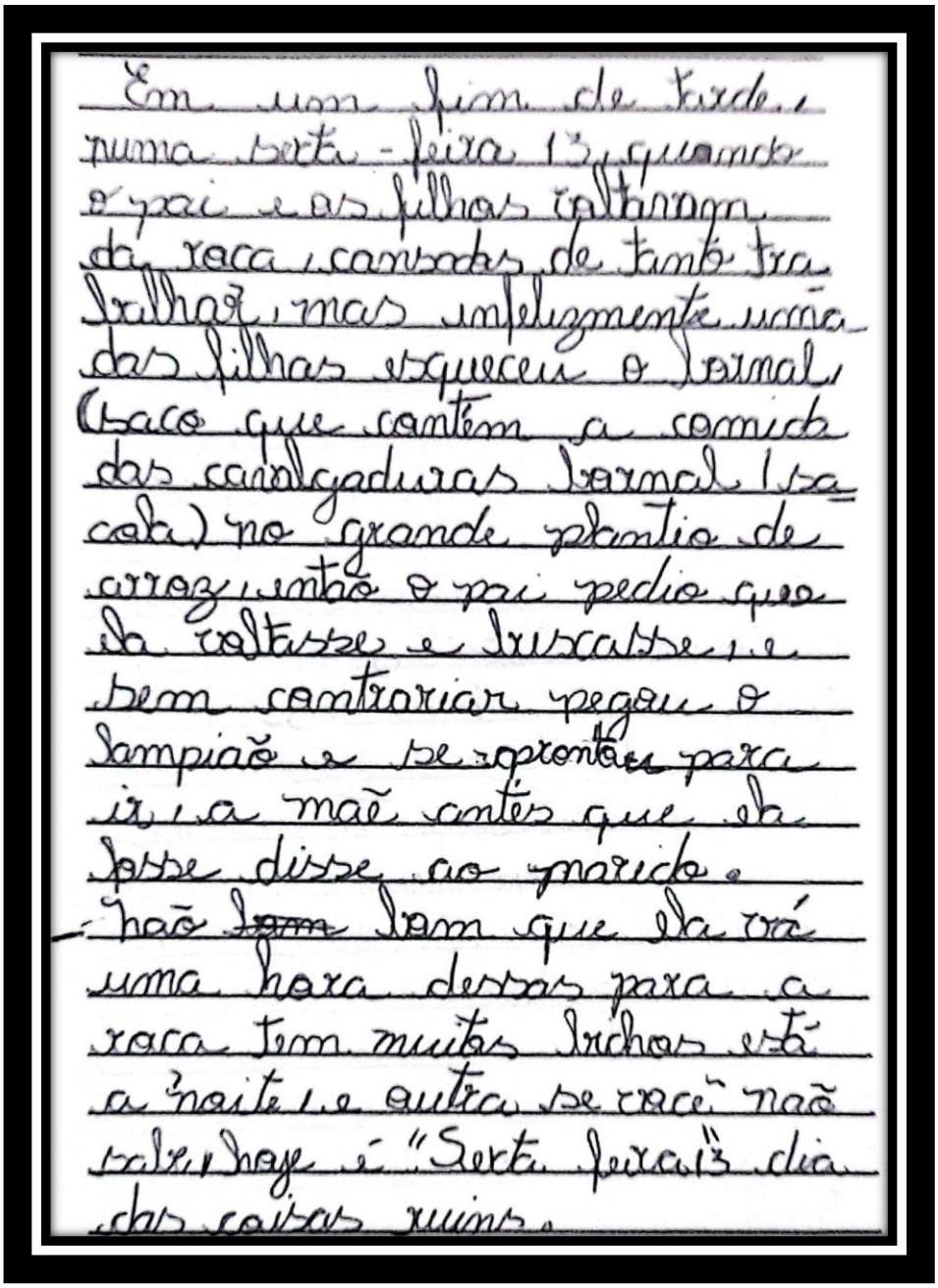
Nas Cosme um
Cachorro. Ela foi
Passada Parecia
que seus ossos
estavam quebra
dos. Nesse mome
nto seus Pais
Chegaram. Ela.
Partiu. Para cima
de Sua Irmã. Vito
ria Começou a
Correr e gritar. O
Pai de Cristiane
Correu a segura-
la mas não con
seguiu foi Jogada
a metros de dis
tancia. Vitoria
Correu Para a Ma
te e Sua Irmã
atraz, um Caminh
ão Cheio de Pedras
Vitoria Caiu na
Chão e quando

se levantou
viu varias pessoas
mortas muito
sangue. A menina
começou a chorar
seu vestido cheio
de sangue varias
cabeças pendurada
das em uma
arvore. Sua mãe
a que estava per
esquindo-a encon
trou-a menina
caída no chão e
lhe disse.
— Você vai ser
minha disse com
uma voz grossa
— Não, não faça
nada comigo sou
eu Cristiane lembra
se lembra? Sua irmã
quando a gente

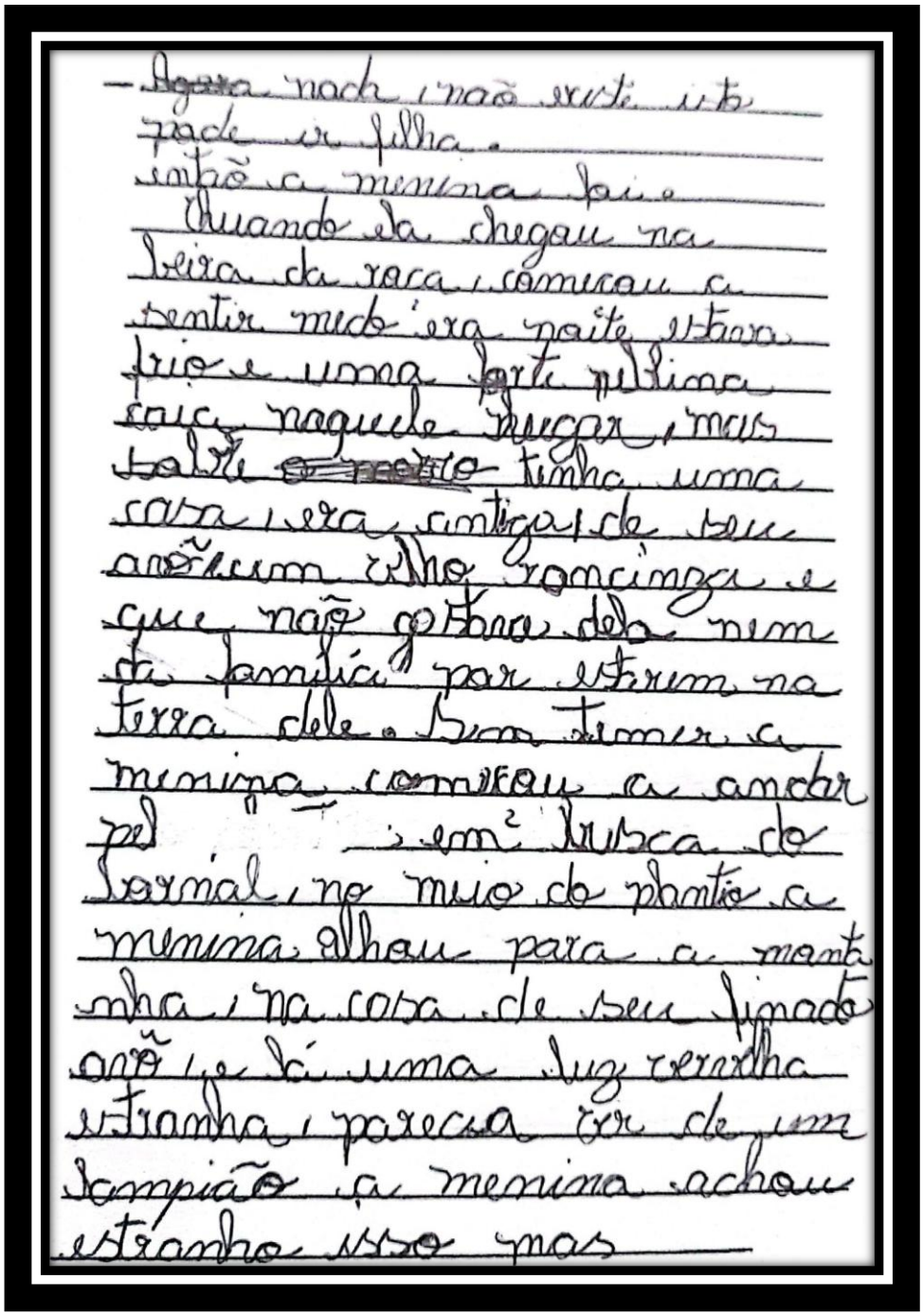


Sexta. Feira 13
O Maleficio dos Palavrões
A maldição do aborto

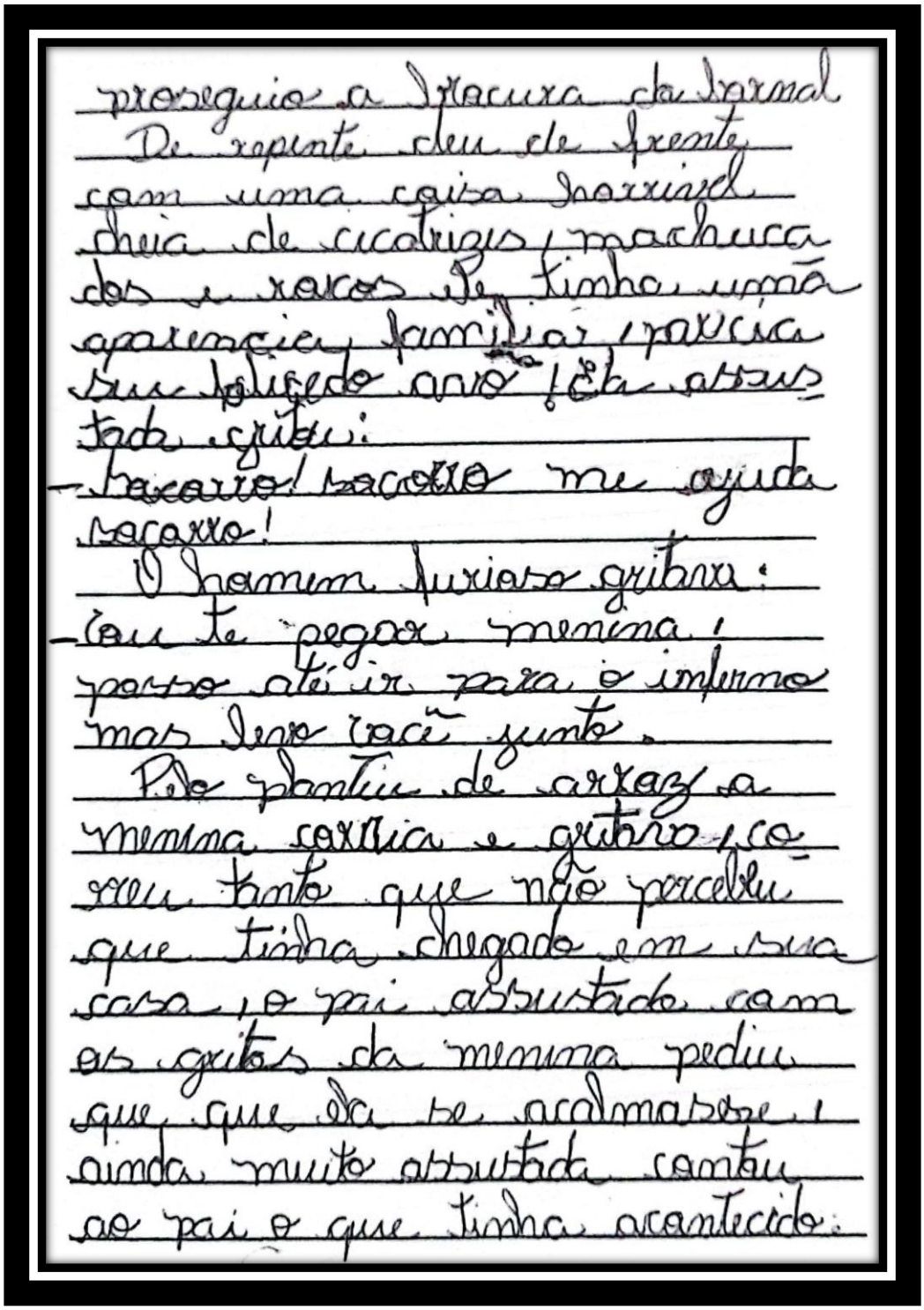
Angel -11 ANOS 6^0 ANO



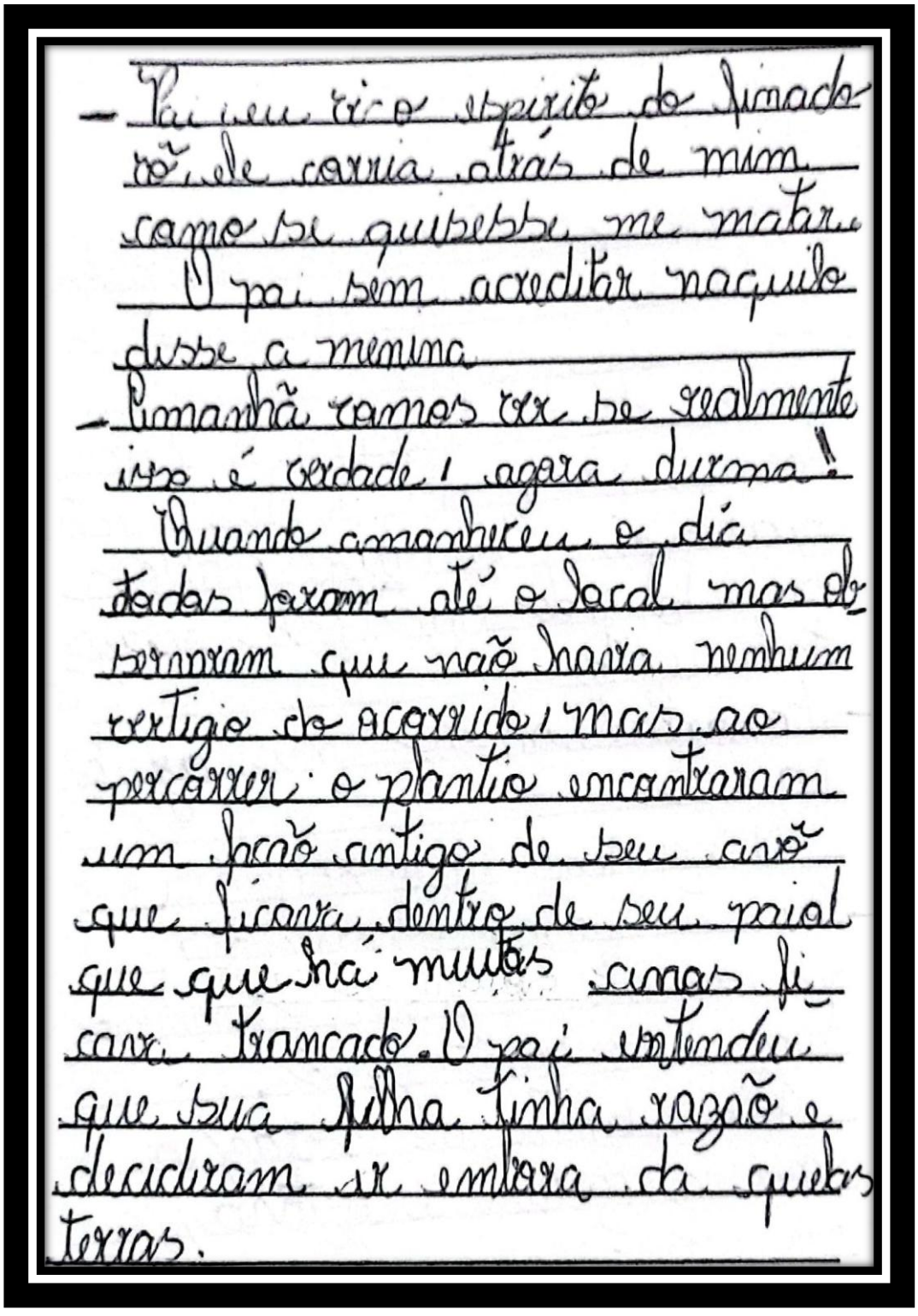
Em um fim de tarde, numa sexta-feira 13, quando o pai e as filhas voltavam da roça, cansados de tanto trabalhar, mas infelizmente uma das filhas esqueceu o bornal, (saco que contém a comida das caminhadas bornal / saco) no grande plantio de arroz, então o pai pedio que ela voltasse e buscasse, e bem contrariar pegou o lampião e se aprontou para ir, a mãe antes que ela fosse disse ao marido. - Não ~~tem~~ bom que ela vá uma hora destas para a roça tem muitas trilhas está a noite, e outra se roçe não volta hoje é "Sexta feira 13 dia das coisas ruins.



— Agora nada não existe isto
pode ser filha.
então a menina foi e
quando ela chegou na
beira da cama, começou a
sentir medo era noite estava
frio e uma forte neblina
saia naquele lugar, mas
sabia tinha uma
casa e era antiga de seu
avô um velho rancinza e
que não gostava dela nem
da família por eles na
terra dele. Bom temer a
menina começou a andar
pel em busca do
sinal, no meio da planta a
menina olhou para a manta
nha na casa de seu finado
avô e lá uma luz verdha
estranha, parecia ser de um
lampião a menina achou
estranho isso mas



prosegui a procura do Jornal
De repente deu de frente
com uma coisa horrível
cheia de cicatrizes, machuca
dos e raros. Ele tinha uma
aparência familiar, parecia
seu falecido avô! Ela assus
tada gritou:
- Socorro! Socorro me ajuda
Socorro!
O homem furioso gritava:
- Eu te pego menina!
parto até ir para o inferno
mas levo você junto.
Pelo pânico de arraz a
menina correu e gritou, co
meu tanto que não percebeu
que tinha chegado em sua
casa, o pai assustado com
os gritos da menina pediu
que que ela se acalmasse, i
ainda muito assustada contou
ao pai o que tinha acontecido:



— Pai, eu vi o espírito do Limadorão, ele corria atrás de mim como se quisesse me matar.

O pai sem acreditar naquilo disse a menina

— Amanhã vamos ver se realmente isso é verdade! agora durma!

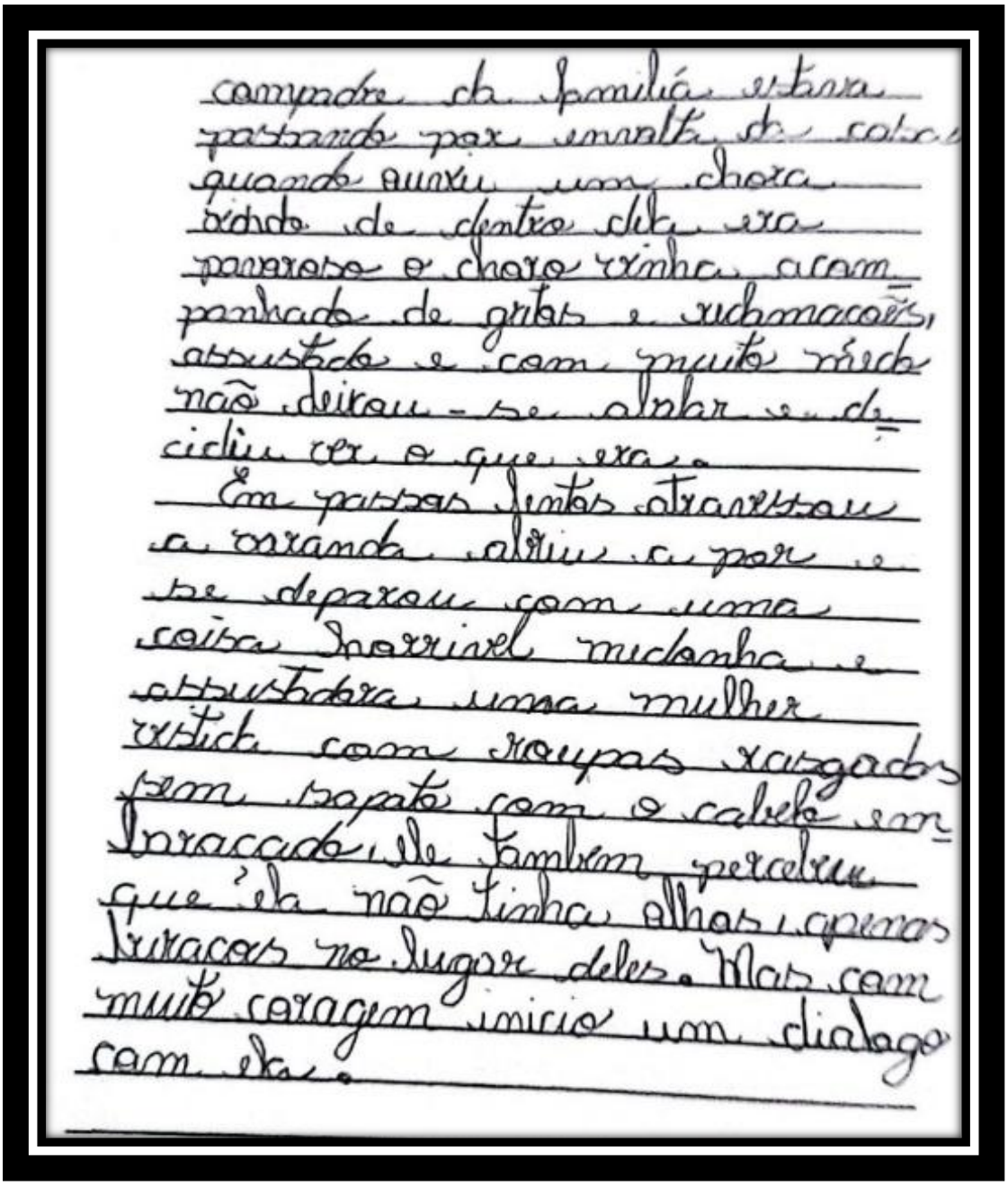
Quando amanheceu o dia todos foram até o local mas observaram que não havia nenhum vestigio do ocorrido! mas ao percorrer o plantio encontraram um baú antigo de seu avô que ficava dentro de seu paiol que quase não mais usava. trancado. O pai entendeu que sua filha tinha razão e decidiram se mudar da quelas terras.

O maldição dos pobrotão

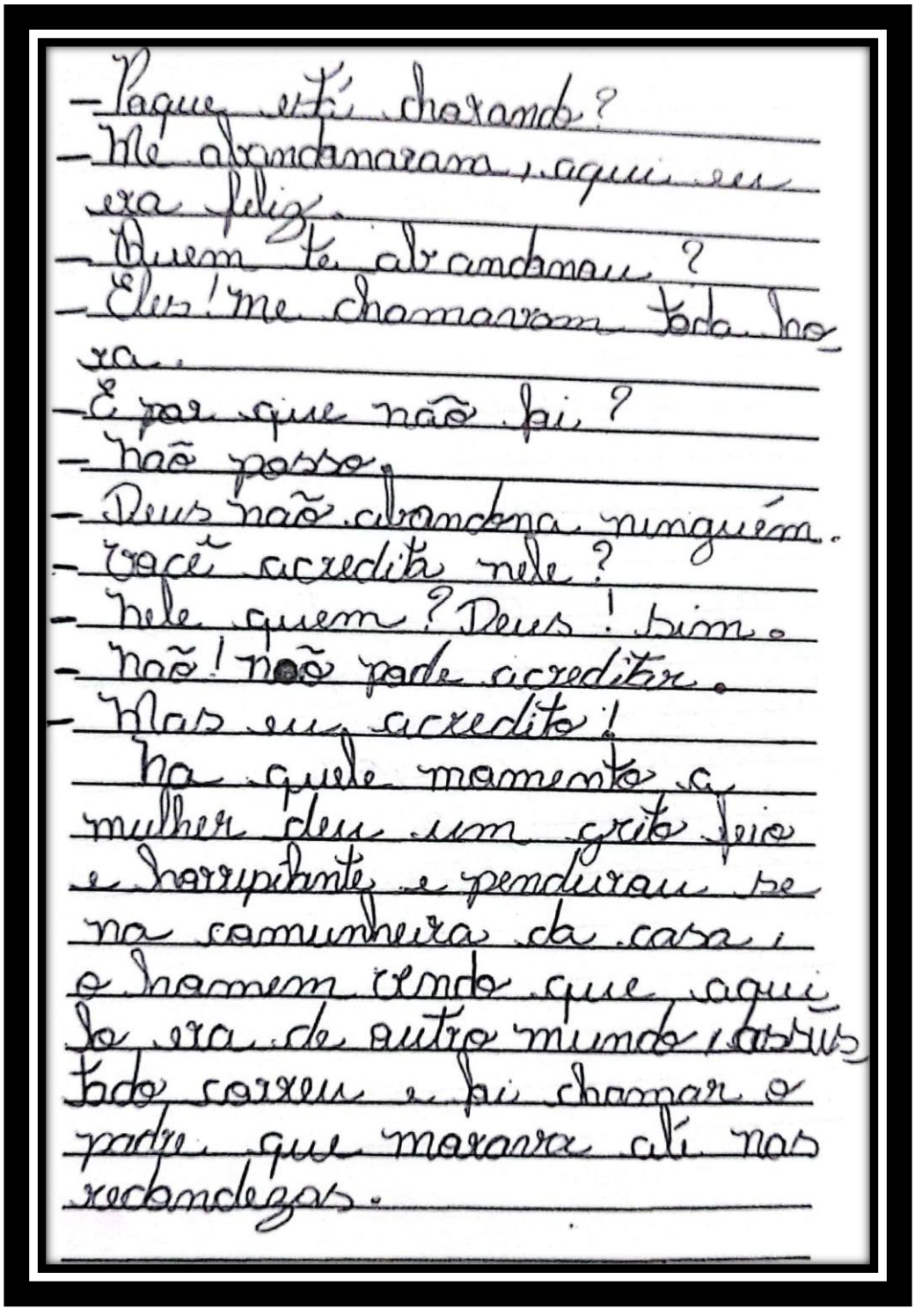
Em um lugar aprtado vivia uma mulher e seu marido, eles não acreditavam em Deus, pelo contrario só sabiam falar palavrões e xingamentos quando tudo dava errado.

Durante o dia, eles xingavam desgraça e isso acabou se tornou um hábito.

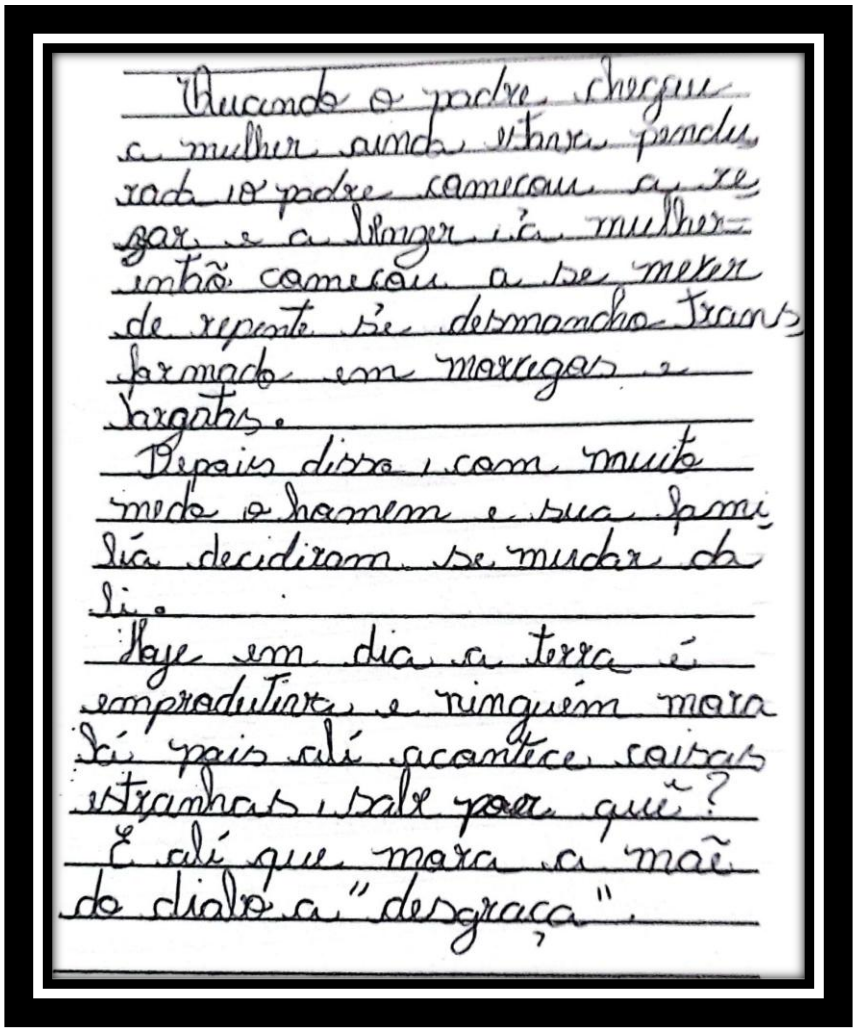
Duas condições não eram boas, mesmo que eles trabalhassem muito não conseguiam mudar de vida, até que um dia o casal decidio se mudar da quela casa em busca de uma vida melhor em outro lugar. Depois de alguns dias do casal ter se mudado, um morador que morava perto da antiga casa deles e que por coincidência era



comprador da família estava
passando por uma rua de casa
quando ouviu um choro
vindo de dentro dela era
parecido e choro vinha acom-
panhado de gritos e xingamentos,
assustado e com muito medo
não deixou-se olhar e de-
cidiu ver o que era.
Em passos lentos atravessou
a varanda abriu a porta e
se deparou com uma
coisa horrível medonha e
assustadora uma mulher
vestida com roupas rasgadas
sem sapato com o cabelo em-
baraçado ele também percebeu
que ela não tinha olhos, apenas
buracos no lugar deles. Mas com
muita coragem inicio um diálogo
com ela.



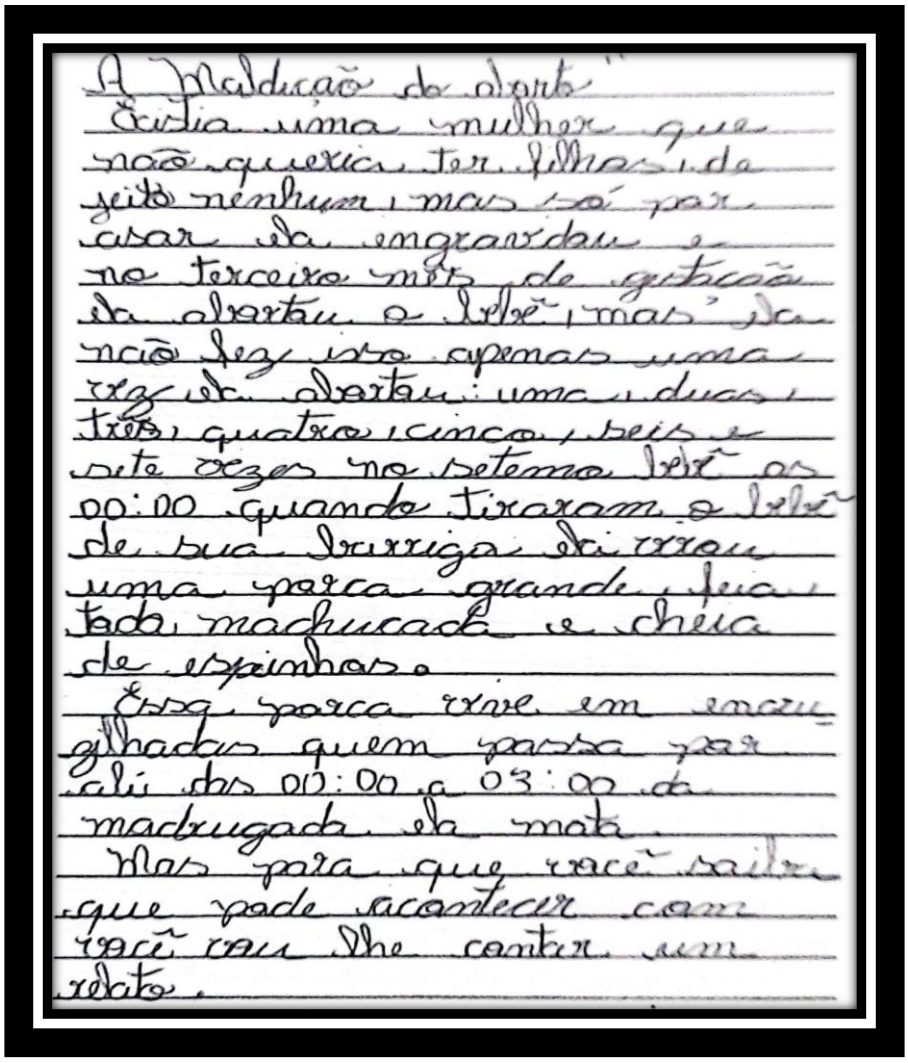
– Paque está chorando?
– Me abandonaram, aqui eu era feliz.
– Quem te abandonou?
– Eles! Me chamavam toda hora.
– É por que não foi?
– Não posso.
– Deus não abandona ninguém.
– Você acredita nele?
– Nele quem? Deus! Sim.
– Não! Não pode acreditar.
– Mas eu acredito!
Naquele momento a mulher deu um grito feio e horripilante e pendurou-se na caumbeira da casa, e homem vendo que aqui la era de outro mundo correu todo correu e foi chamar o padre que morava ali nas redondezas.



Quando o padre chegou a mulher ainda estava pendurada o padre começou a rezar e a benzer a mulher então começou a se mexer de repente se desmanchou transformado em moscas e borboletas.

Depois disso com muito medo o homem e sua família decidiram se mudar dali.

Hoje em dia a terra é improdutiva e ninguém mora lá pois ali acontece coisas estranhas não sabe para quê? É ali que mora a mãe do diabo a "desgraça".

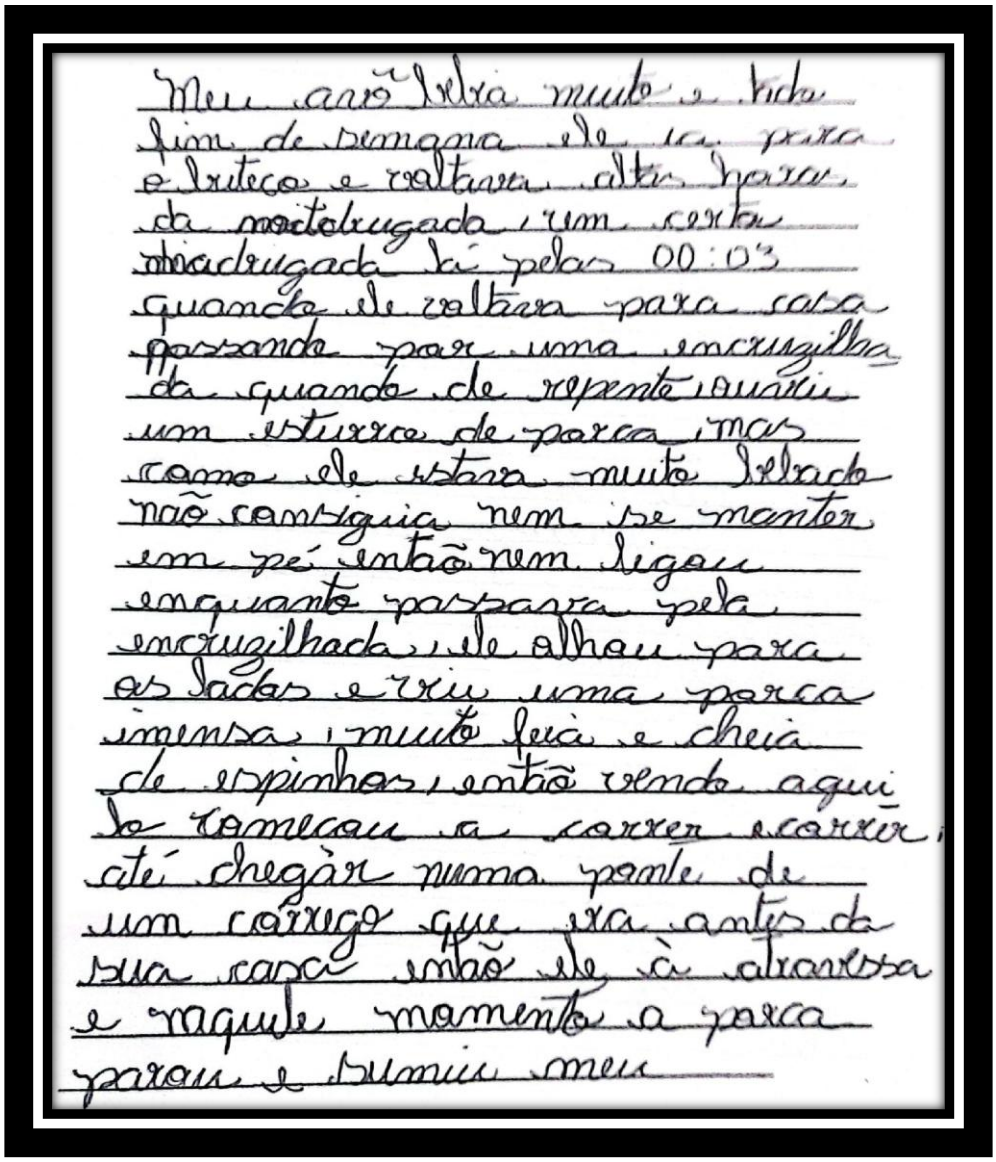


A Maldição da Aborta"

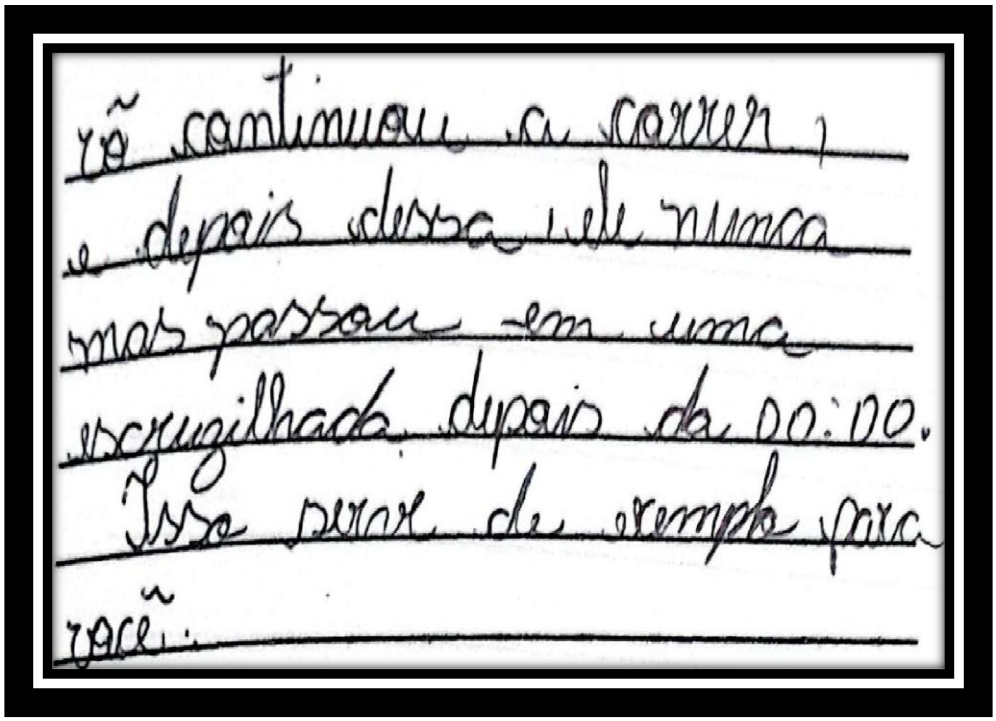
Existia uma mulher que não queria ter filhos, de jeito nenhum, mas só para casar ela engravidou e no terceiro mês de gestação ela abortou o bebê, mas ela não fez isso apenas uma vez ela abortou: uma, duas, três, quatro, cinco, seis e sete vezes no sétimo bebê as 00:00 quando tiraram o bebê de sua barriga eles viram uma porca grande, feia, toda machucada e cheia de espinhos.

Essa porca vive em encruzilhadas quem passa por ali das 01:00 a 03:00 da madrugada ela mata.

Mas para que você saiba que pode acontecer com você vou lhe contar um relato.



Meu avô Isaías muito e todo fim de semana ele ia para o Iriteca e voltava altas horas da madrugada, um certo dia madrugada lá pelas 00:03 quando ele voltava para casa passando por uma encruzilhada quando de repente ouviu um estouro de porco, mas como ele estava muito bêbado não conseguia nem se manter em pé então nem ligou enquanto passava pela encruzilhada, ele olhou para os lados e viu uma porca imensa, muito feia e cheia de espinhos, então vendo aqui ele começou a correr e correr até chegar numa ponte de um corrego que era antes da sua casa então ele ia atravessa e naquele momento a porca parou e bufou meu


você continuou a correr,
e depois disso ele nunca
mais passou em uma
esquina depois das 00:00.
Isso serve de exemplo para
você.

VIDA DE MENTIRAS



Mayla-12 ANOS-6º ANO

Vida de mentira

"Uma mulher chamada Jhony Wedison gosta de passar o tempo com sua família, o seu filho Rent e seu marido.

Os dois queriam passear no parque então eles foram, passa sam horas e horas no parque, depois de sair Rent fala:

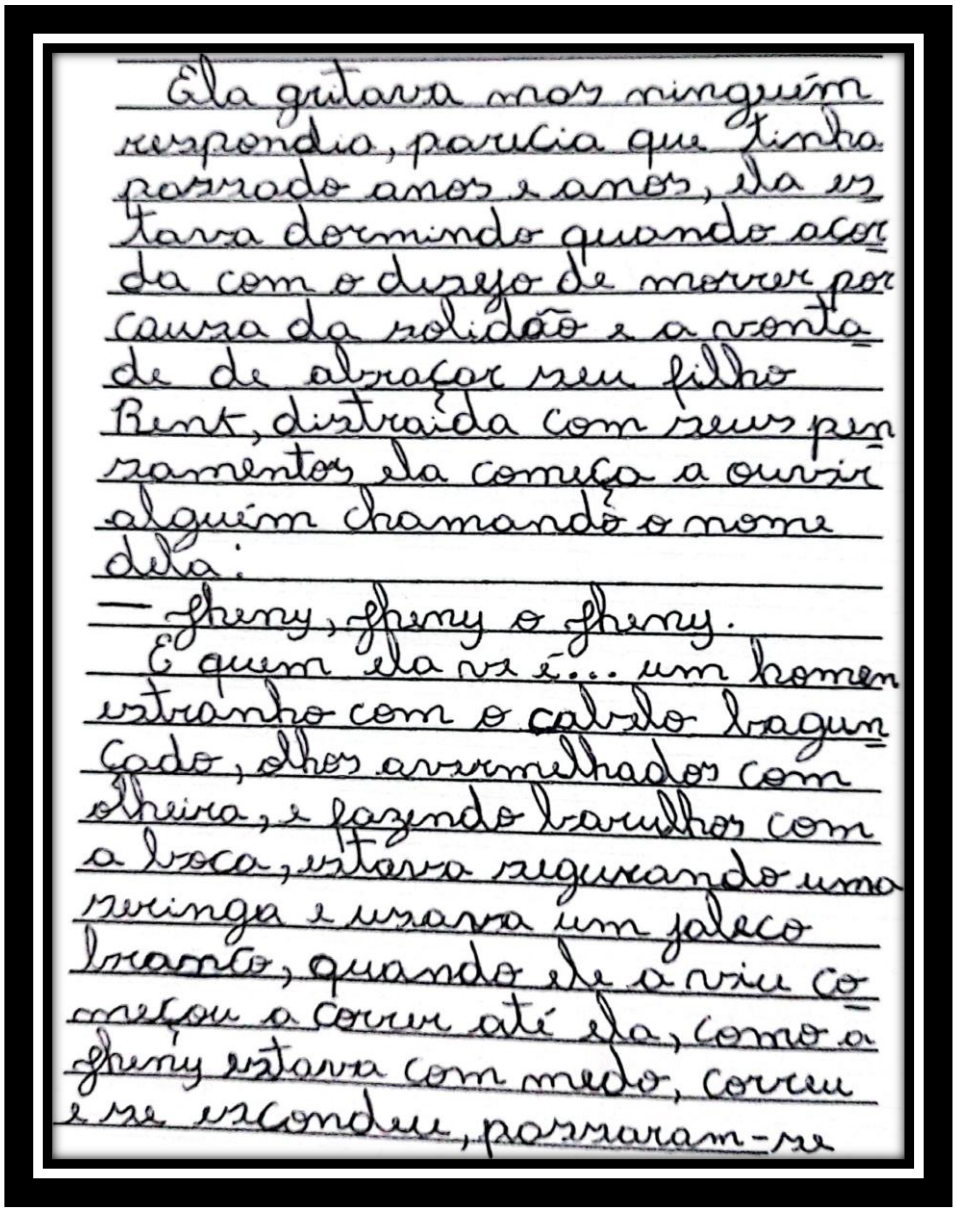
— Mãe? Podemos ir a uma pizzaria?

— Claro meu filho. "Nos tem al go estranho?" Pensa Jhony.

Quando Jhony sai da pizza ria os postes de luzes se apagam e as das lojas também, ficou tudo escuro e só agora ela per cebeu que seu filho e marido tinham desaparecido como to das as outras pessoas.

Jhony sai gritando batendo em porta em porta:

— Ai tem alguém ai, oiii por favor me ajuda, alguém?



Ela gritava mas ninguém
respondia, parecia que tinha
passado anos e anos, ela es-
tava dormindo quando acor-
da com o desejo de morrer por
causa da solidão e a vonta-
de de abraçar seu filho
Bent, distraída com seus pen-
samentos ela começa a ouvir
alguém chamando o nome
dela:

— Jheny, Jheny o Jheny.

E quem ela vê é... um homem
estranho com o cabelo bagun-
çado, olhos avermelhados com
olheira, e fazendo barulhos com
a boca, estava segurando uma
seringa e usava um jaleco
branco, quando ele a viu co-
meçou a correr até ela, como a
Jheny estava com medo, correu
e se escondeu, passaram-se

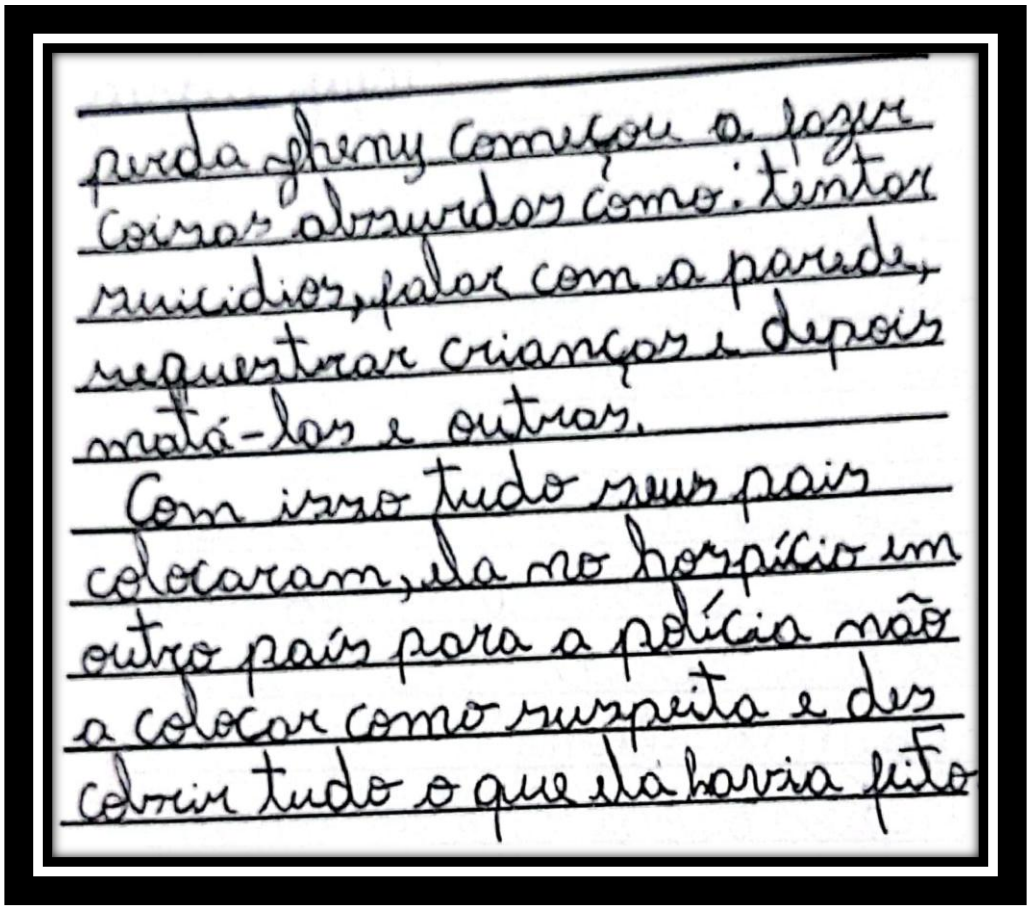
alguns minutos e Jhony achou que o homem tinha parado de perseguí-la saiu do lugar onde estava escondida, mas alguém que estava atrás dela falá:

—Não devia ter se escondido e nem corrido de mim, não vou te machucar fica tranquila querida Jhony.

Depois dessas palavras, ele a abraçou e inseriu o líquido da seringa em seu braço fazendo ela cair no chão.

Quando ela acorda percebe que esta em um quarto totalmente branco".

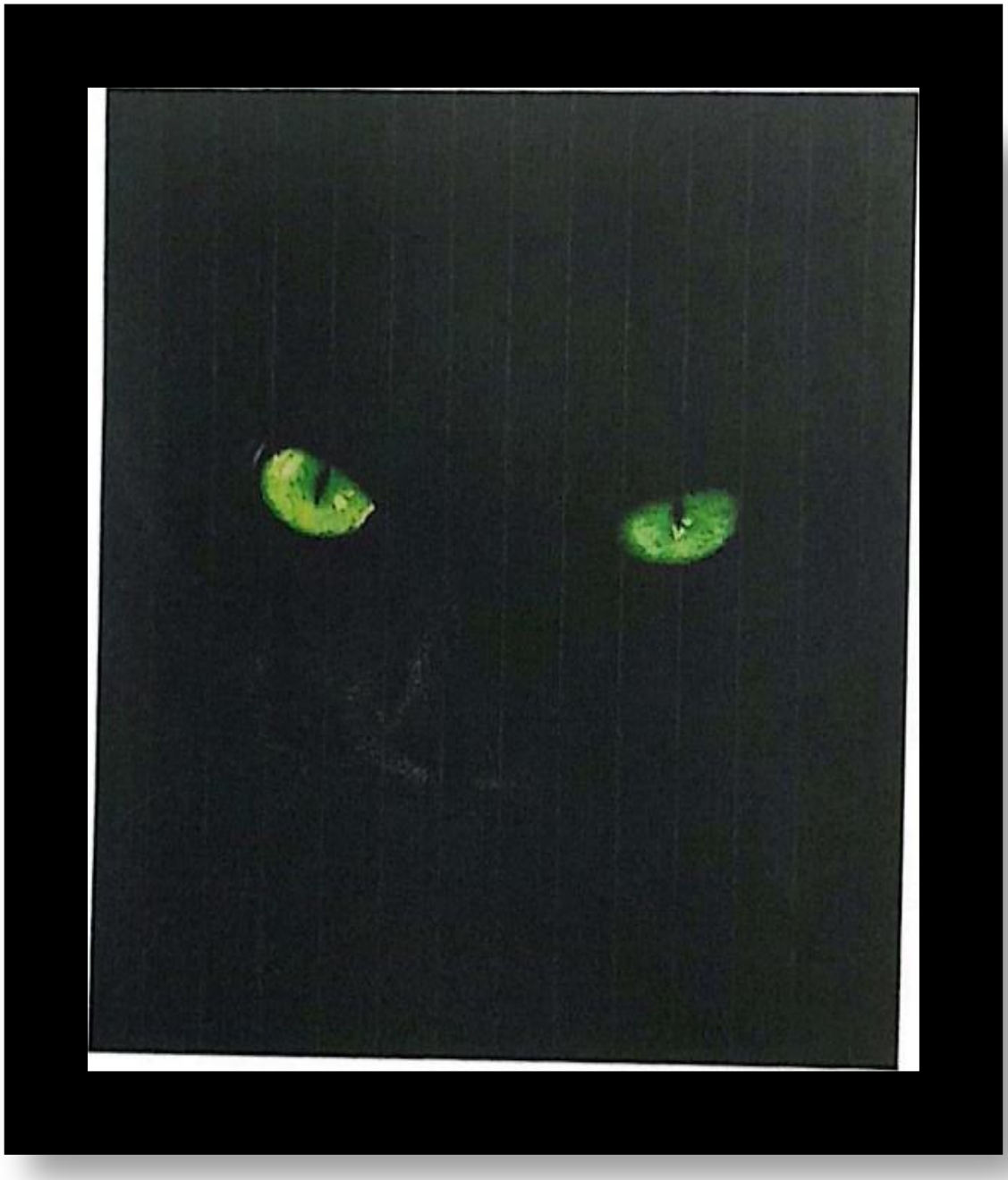
Isso tudo que aconteceu era apenas Jhony Madison com seu problema de Esquizofrenia que ela teve quando seu filho e marido morreram em um acidente de carro, e com essa



perda Jhony começou a fazer coisas absurdas como: tentar suicidio, falar com a parede, sequestrar crianças e depois matá-las e outras.

Com isso tudo seus pais colocaram, ela no hospício em outro país para a polícia não a colocar como suspeita e descobrir tudo o que ela havia feito

SEXTA -FEIRA DE SETE VIDAS



Bianca -13 Ano
Loren -13 Anos

Uma Sexta-feira de Sete Vidas

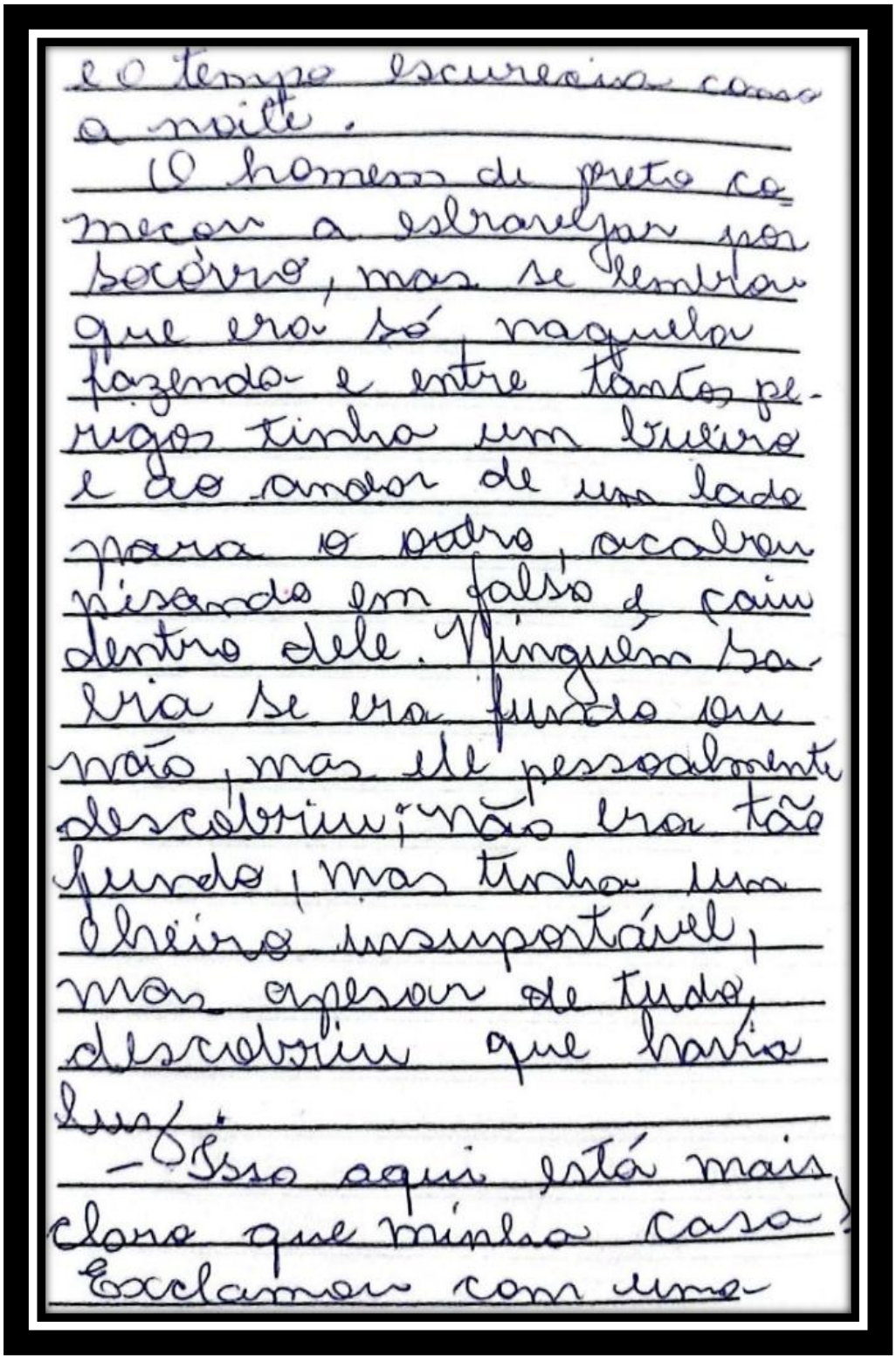
Em uma sexta-feira, numa grande fazenda isolada, havia uma casa abandonada na qual morava um homem sozinho tanto na casa como naquela fazenda.

Você deve estar se perguntando quem era né?! Já vou lhe contar!

Era um homem vestido de preto, alto, magro, com uma aparência esquisita, usava um capuz preto, suas roupas sempre nas grandes e longos fios lisos.

Nesta sexta-feira, a tarde estava chuvosa, prenunciando que haveria bilogo de irrado naquele dia.

A cada momento, a chuva intensificava e



e o tempo escureceu como a noite.

O homem de preto começou a desmaiar por socorro, mas se lembrou que era só naquela fazenda e entre tantos perigos tinha um buraco e do amor de um lado para o outro, acabou pisando em falso e caiu dentro dele. Ninguém sabia se era fundo ou não, mas ele pessoalmente descobriu; não era tão fundo, mas tinha uma altura insuportável, mas apesar de tudo descobriu que havia luz.

— Isso aqui está mais claro que minha casa! Exclamou com uma

uma voz tenebrosa...

Dentro deste bruxo encontrou-se uma bela gata que começou a miar para atenção do visitante estranho. Era uma gatinha preta, de olhos tão verdes, muito linda e limpa para quem vivia naquele lugar.

– Que bonitinha!

– Bonitinha nada, já viu uma besta-fera de sete vidas?)

– Mas! má... má... mas!

Falou gaguejando com muito medo...

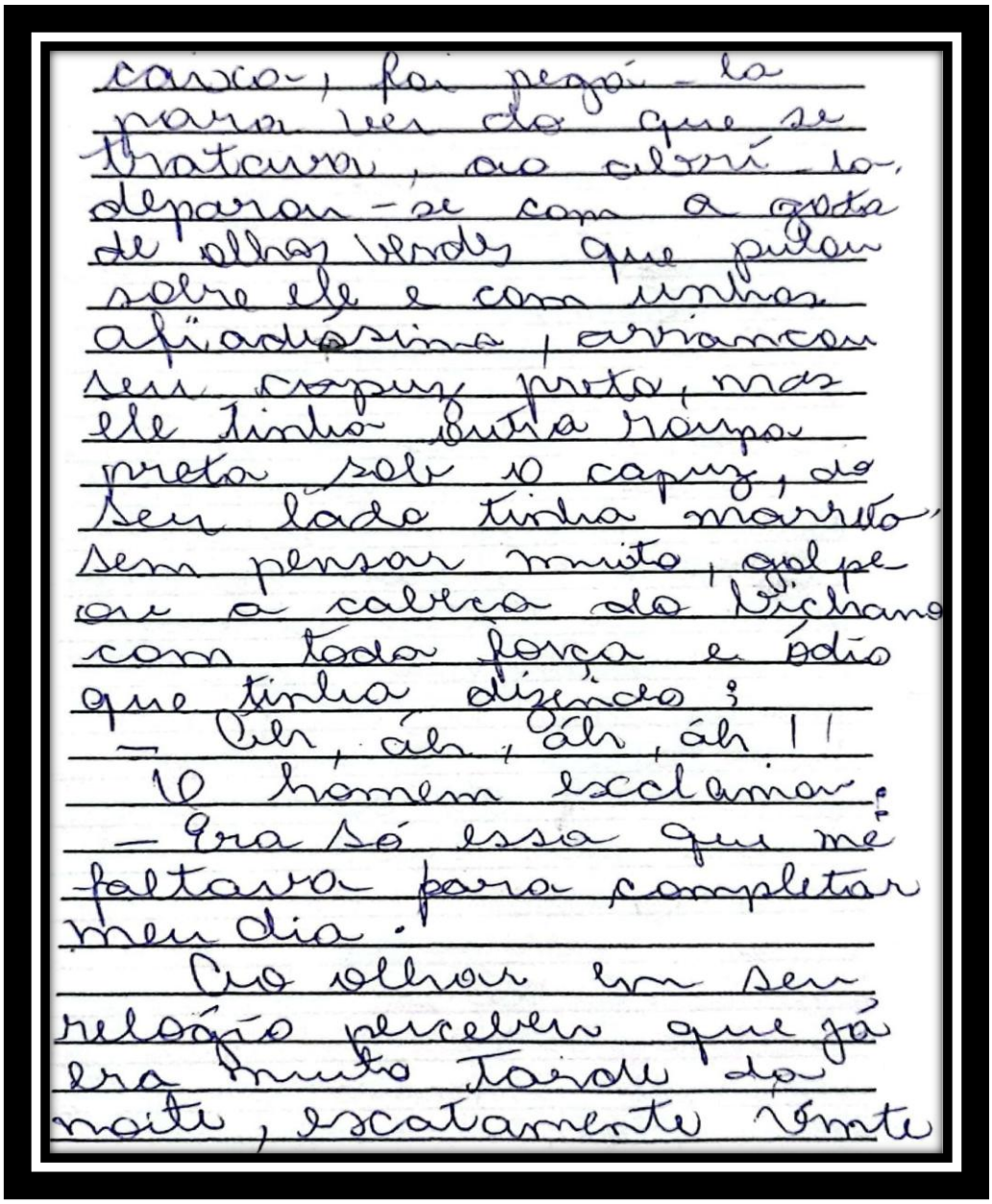
O desacreditado apertou a gata com muita força e desespero; a gatinha acabou morrendo.

Explorando o bruxo da fazenda encontrou uma escada que tinha

uma saída. A escada não parecia estar muito firme, faltava vários degraus, mas arriscou descê-la - la do mesmo jeito, já que não tinha opção. Consegiu sair de lá, voltando para casa naquela estrada emburacada e lamacenta devido a chuva torrencial.

Chegando em sua casa, não muito confortável, feita de madeira pode ver as goteiras não estavam lá, essas coisas então leve que vender a casa para uma comprador da cidade grande.

Ao chegar em casa, foi arrumar a mobília nada demais, só que foi encontrou uma



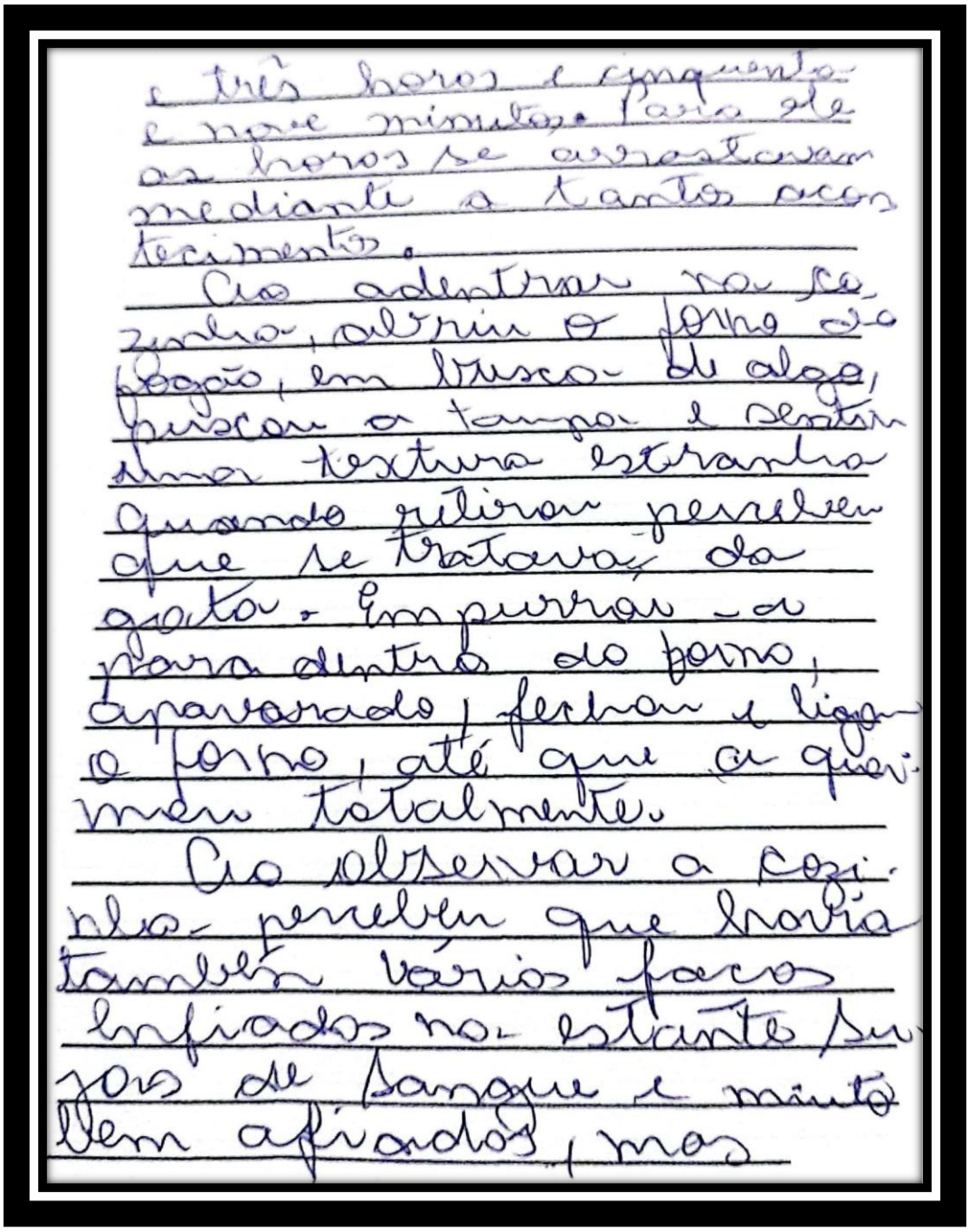
caixa, foi pegá-la para ver do que se tratava, ao abri-la, deparou-se com a gota de olhos verdes que pulou sobre ele e com unhas afiadíssimas, arranhou seu capuz preto, mas ele tinha outra roupa preta sob o capuz, do seu lado tinha marreta, sem pensar muito, golpeou a cabeça do bichano com toda força e ódio que tinha dizendo:

— Ah, áh, áh, áh!!

O homem esclamou:

— Era só essa que me faltava para completar meu dia.

Ao olhar em seu relógio percebeu que já era muito tarde da noite, exatamente vinte



e três horas e cinquenta e nove minutos. Para ele as horas se arrastavam mediante a tantos acontecimentos.

Ao adentrar na cozinha, abriu o forno do fogão, em busca de alga, buscou a tampa e sentiu uma textura estranha quando retirou percebeu que se tratava da gosta. Empurrar - a para dentro do forno, apavorado, fechar e ligar o forno, até que a queimem totalmente.

Ao observar a cozinha percebeu que havia também vários facos infiados na estante sujos de sangue e muito bem afiados, mas

Isso o deixou mais confuso e aterrorizado, ainda na cozinha, ele tentou arrancar os pés da estante, mas estavam lá, há muito tempo, que já não saíam mais.

- Agora sim!

- Você ouviu o que eu disse? Falou a gata.

Então, o homem de preto percebeu que o fim estava próximo.

A gata estava preparada com suas garras brilhantes e muito afiadas, pulou rapidamente no pescoço dele e disse: Há! Há, estamos só começando...

Com suas enormes garras, arrastava-o com vio-

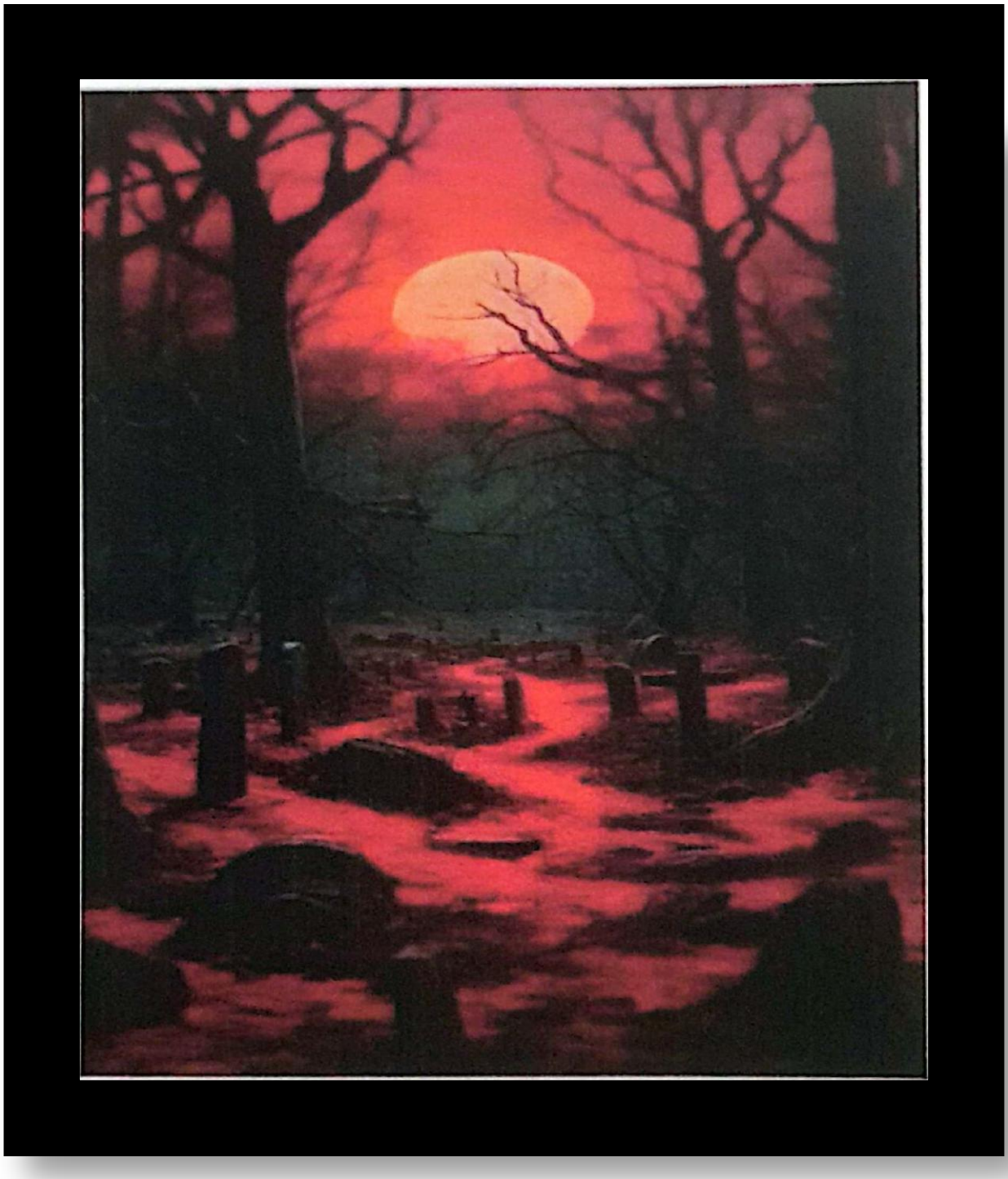
lência, fazendo-o gritar de tanta dor. O sangue escorria absurdamente pelo seu corpo, deixando um rastro por onde passava; não suportando tanta dor, caiu no chão fazendo tudo tremer e roncar. Depois de dez segundos sua alma saiu de seu corpo.

Em seguida, a garota chamada Sexta, foi para a taverna tomar conta de tudo ali. O comprador não teve muita sorte, pois acabou morrendo.

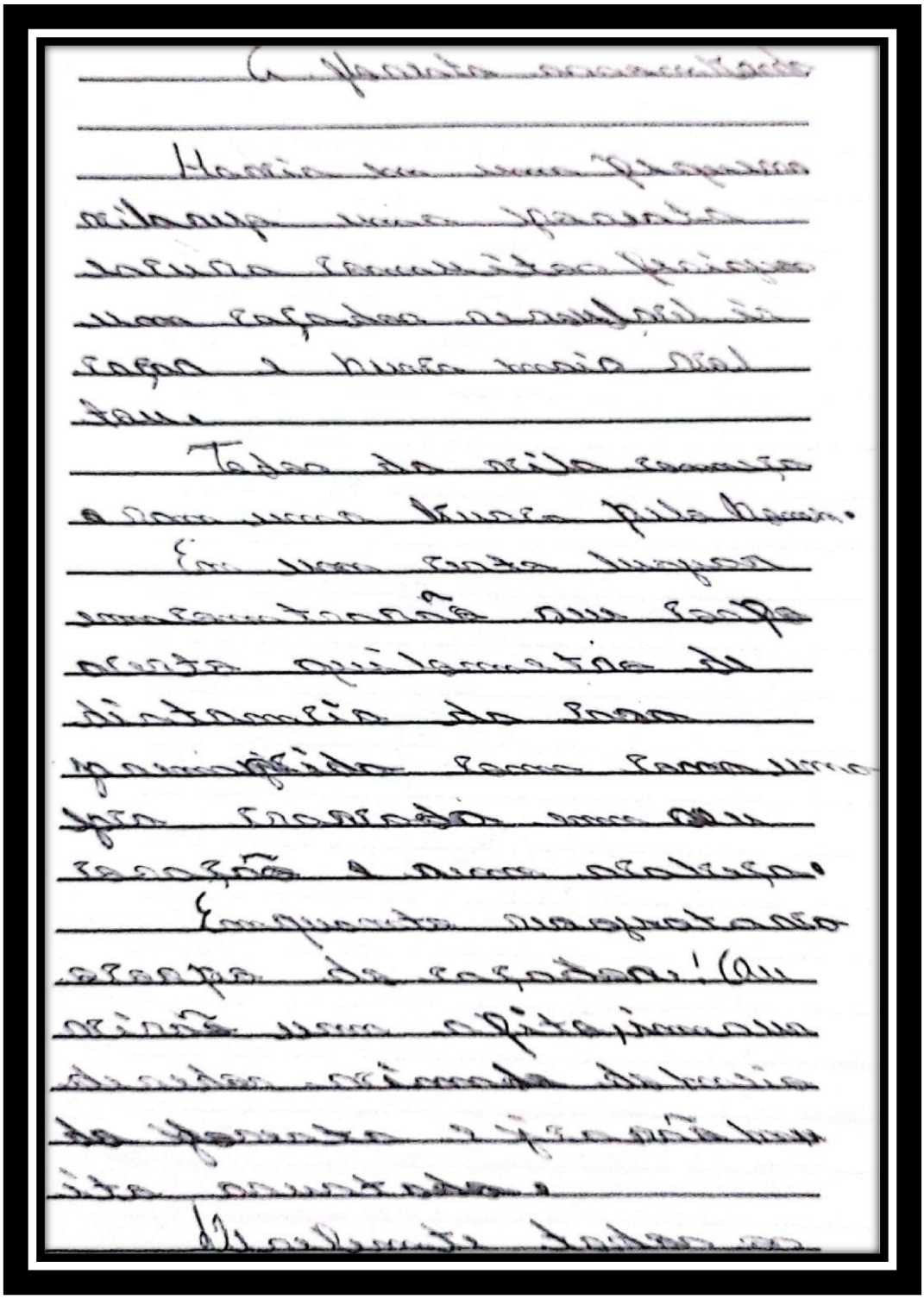
Sexta, cuidava do dinheiro, da casa e dos fazendeiros.

A Sexta chamava a atenção dos turistas pelo mistério que a

A FLORESTA ASSOMBRADA



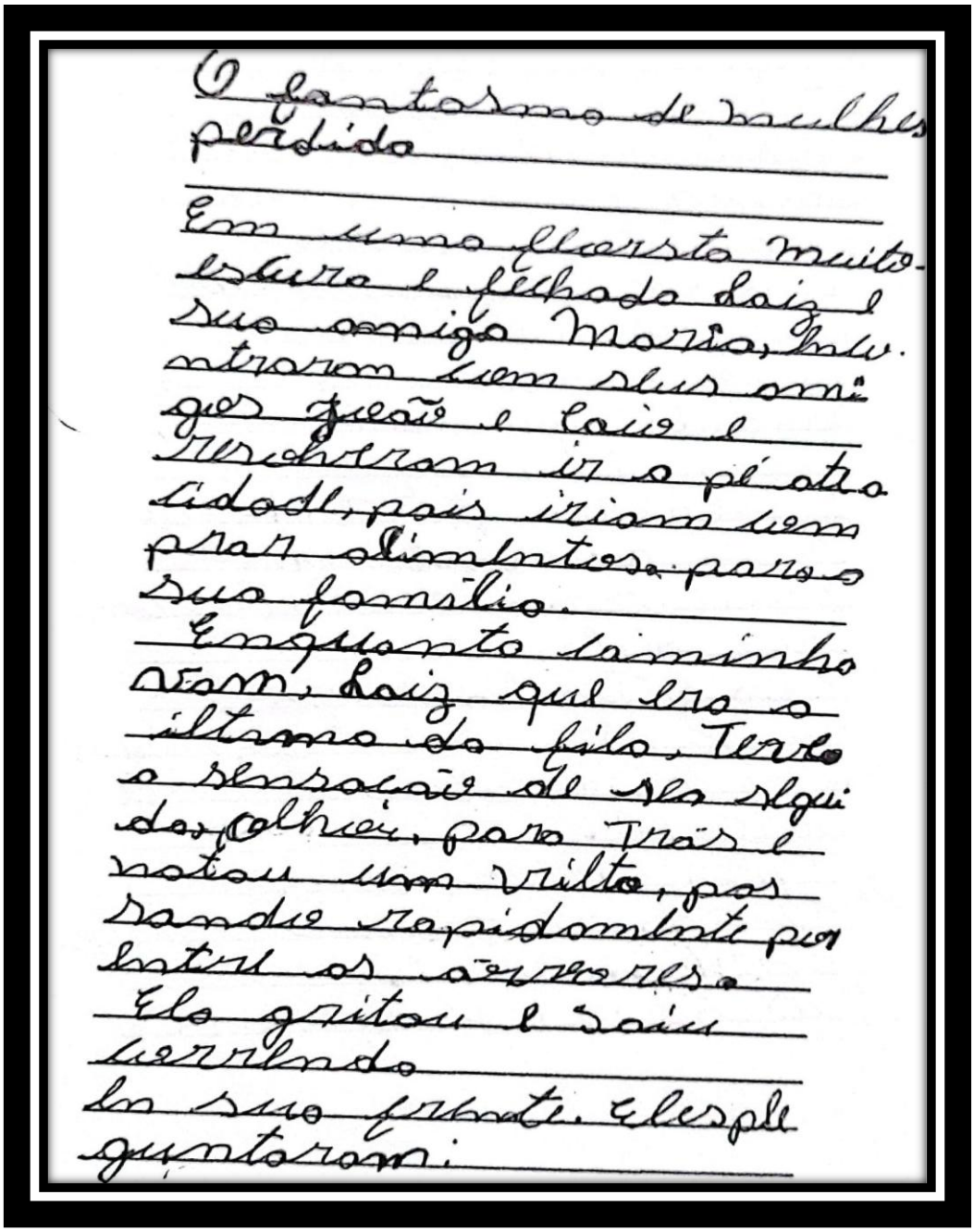
Elian 11 Anos-6^{0} Ano
Otto 12 Anos.' 6^{0} Ano





O FANTASMA DA MULHER PERDIDA

LUIGUI 13 ANOS 7º ANO

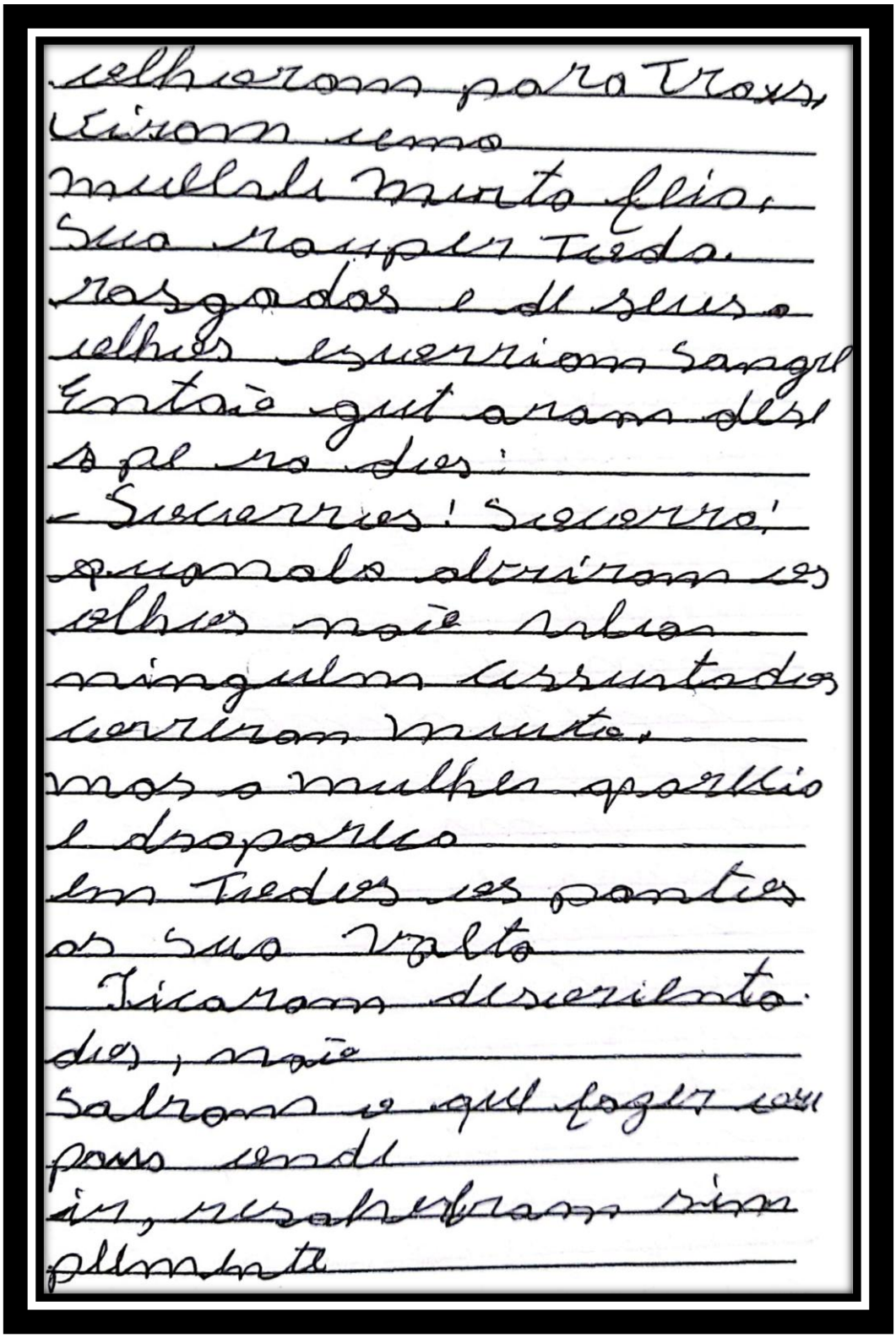


O fantasma de Isabel perdido

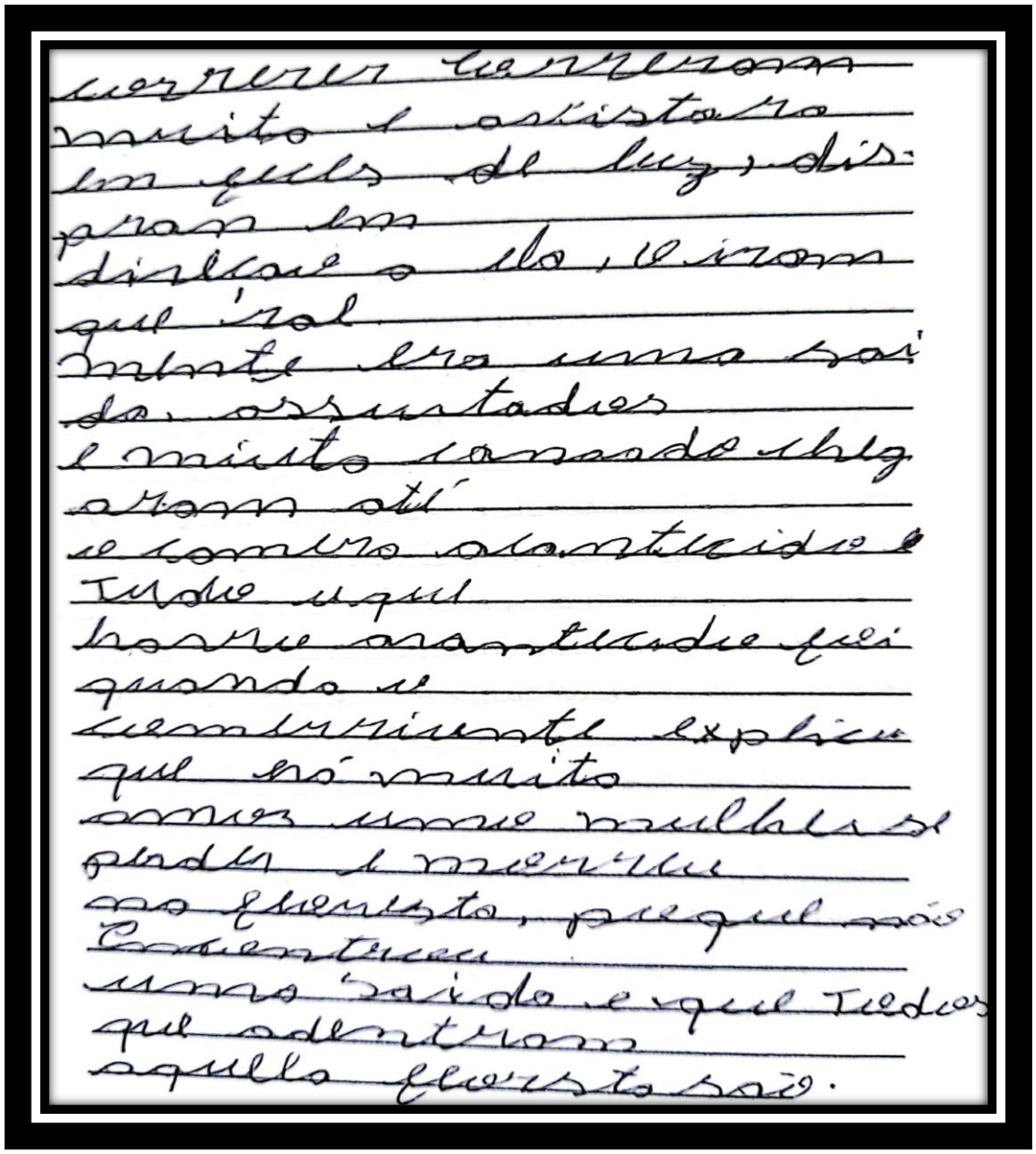
Era uma floresta muito escura e fechada Luiz e seu amigo Marcio, Isabel entraram com seus amigos Jesé e Caio e resolveram ir a pé até a cidade, pois iriam comprar alimentos para a sua família.

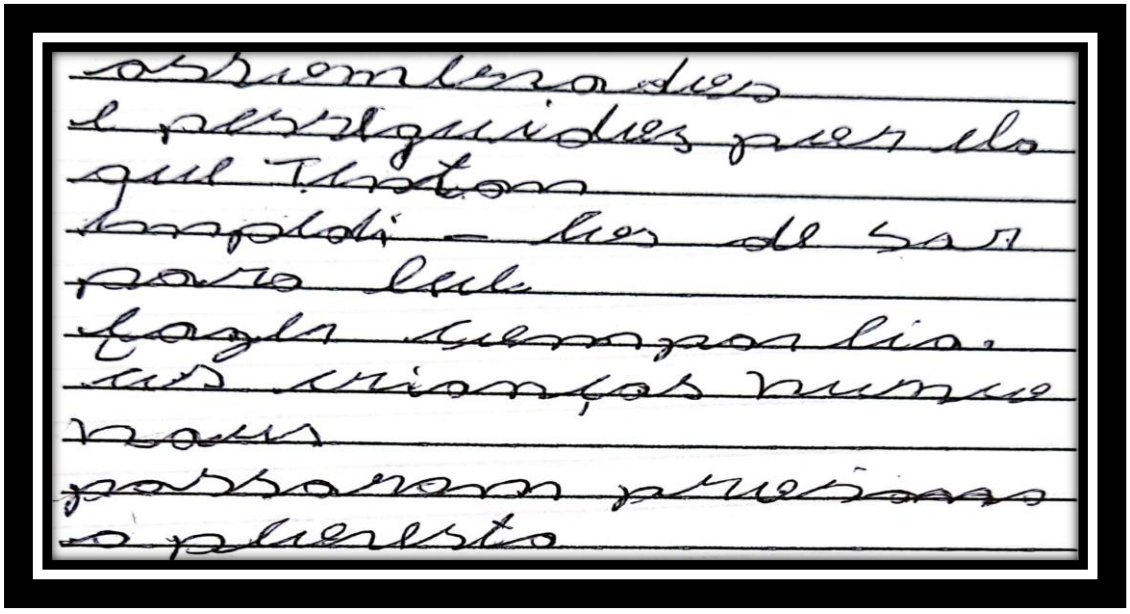
Enquanto caminhavam, Luiz que era o último da fila, Tendo a sensação de ser seguido, olhou para Trás e notou um vulto, passando rapidamente por entre as árvores. Ele gritou e Luiz correndo para seu grupo. Eles perguntaram:

— Laiz o que foi?!
— Eu Ri um riso alto! Disse Laiz.
— Todos andavam apressadamente para sair em direção a mais rapidez possível.
— Tinham dificuldade porque além do medo, estava escuro e medido que andavam, uma densa fumaça espalhava por todo lugar, aumentando o mistério e o terror que o envolvia.
— Laiz Tinha razão, estavam sendo seguidos e algo estranho até que era um determinado tempo silêncio e calmo. Até parecer.
— Os irmãos, quando o

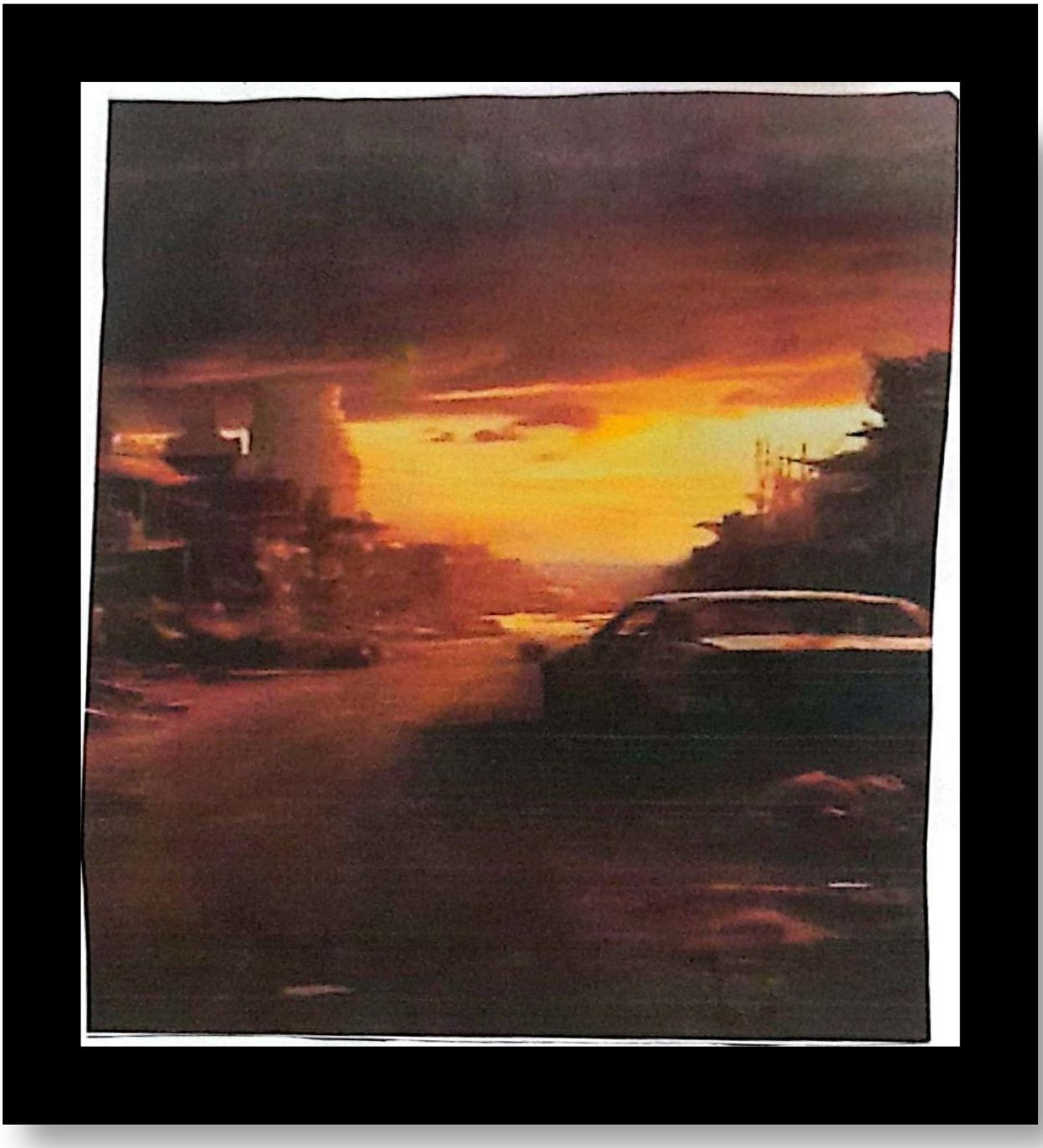


selheiros para traz,
viram uma
mulher muito feia.
Sua roupa toda
rasgadas e de seus
olhos escorriam sangue
Então as que ficaram desse
se pôs a dizer:
- Socorro! Socorro!
aquela atrizou os
olhos não viram
ninguém assustados
correram muito.
mas a mulher sorriu
e desapareceu
em todas as partes
de sua volta
Ficaram descriminados,
saíram e que foge com
pouco tempo
in, nesse horas bem
pleno





O QUE É AQUILO?!
ZIEL 13 ANOS-7º ANO



O que era aquilo

Estava voltando do trabalho em uma sexta-feira a noite no ano de 1988 ás tres horas da manhã. Saindo trabalho parei em um bar de um amigo meu para beber uma cerveja.

- Traz uma cerveja bem gelada

- É pra já disse meu amigo e deixo do lado.

- Deu cinco reais

- Deixa na minha conta.

Voltando para casa vi algo estranho em uma ponte velha que tinha para ir para casa. Cheio estranho mas segui em frente, pois estava um pouco tenso, pensando de estar parei o carro e me deitei no banco e peguei no sono e dormi, quando acordei já era dia sem saber o que ocorreu liguei o carro e fui para casa, mas quando cheguei no local que era para

ser minha casa, ela não estava lá, e no lugar dela tinha uma loja antiga cheia de teias de aranhas.

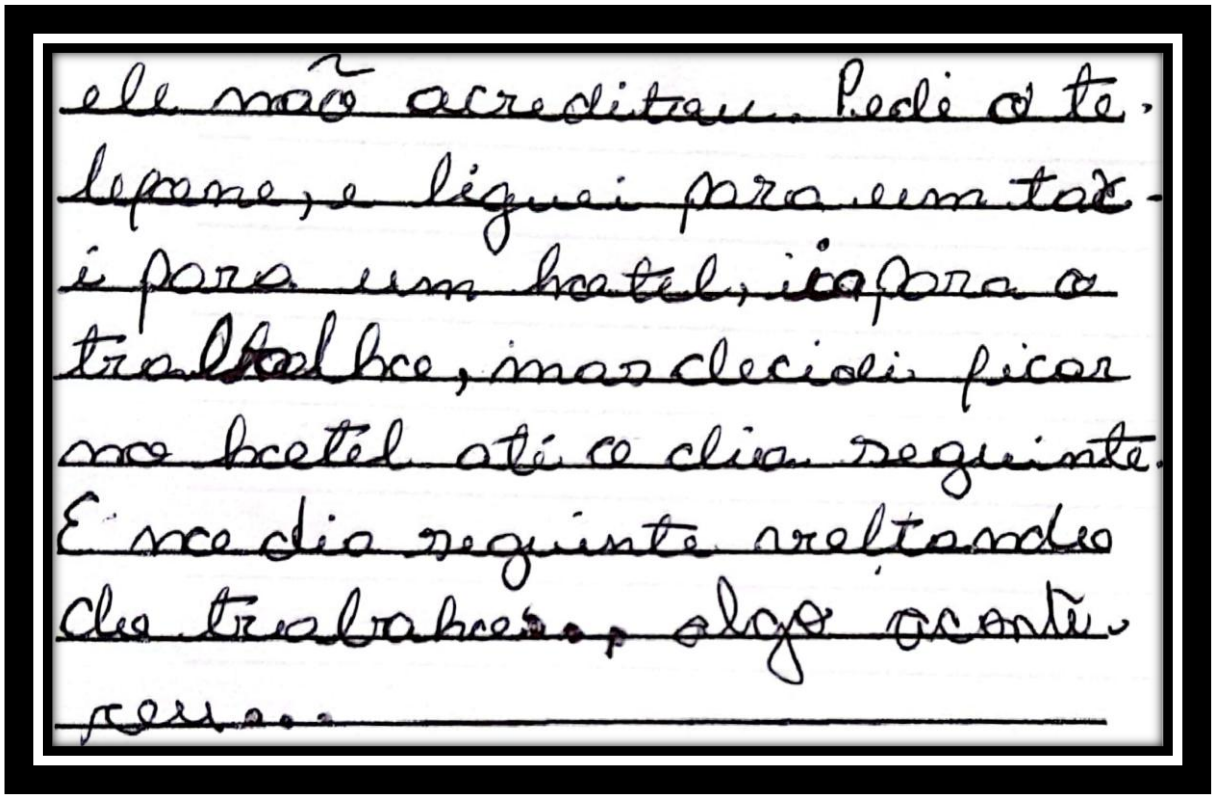
Com apenas um sinal de interrogação, entrei na loja que estava muito escura.

-Alguém aí, está me ouvindo?

-O que aconteceu com a minha casa?

cada passo, parecia que algo ou alguém me seguia, saí correndo pro meu carro olhei lá para dentro e vi a mesma criatura que vi na frente.

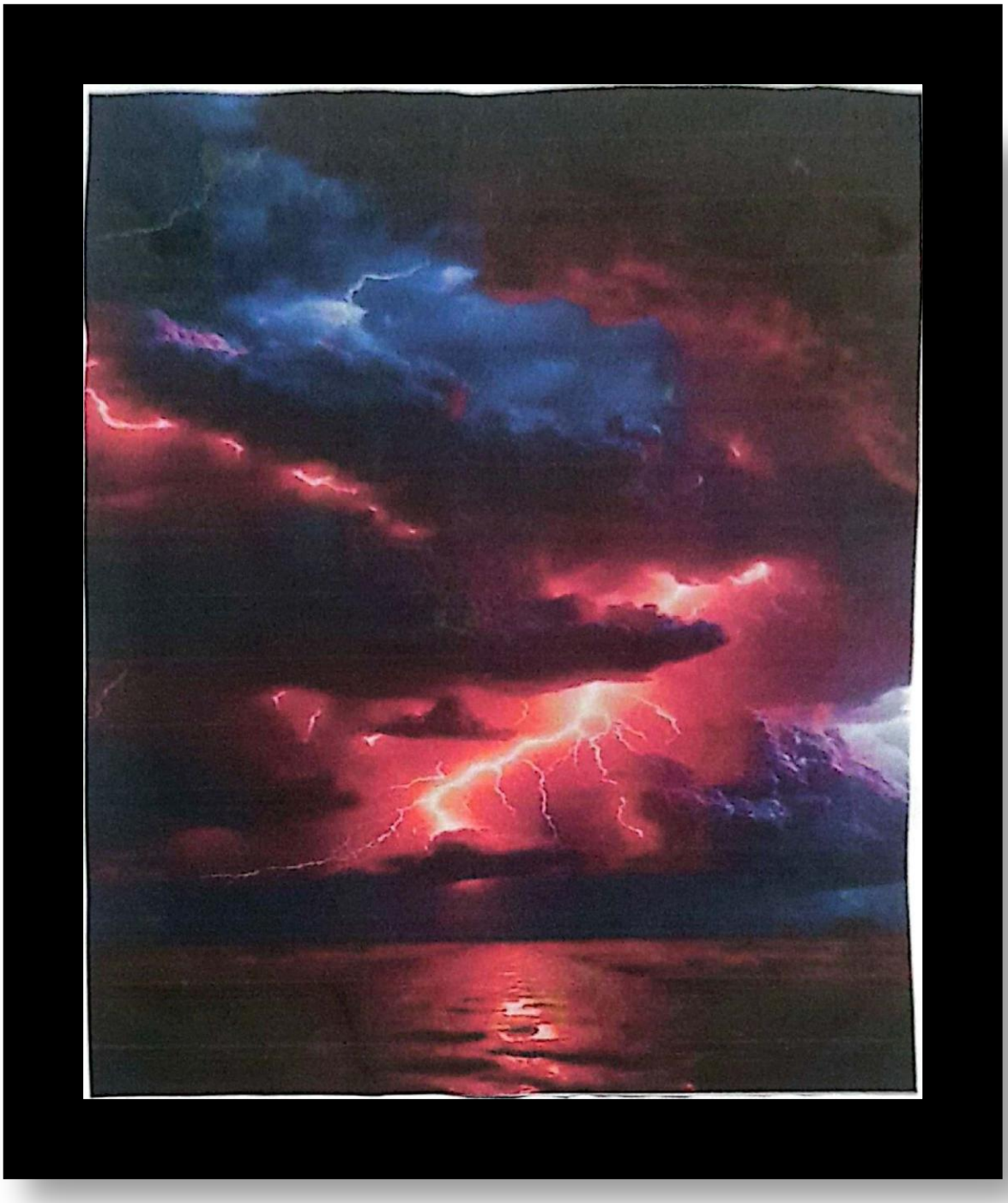
Com medo tentei ligar meu carro mais ele não ligava, depois passar duas vezes ligou saí correndo pra casa mais perto que vi, chamei a dona da casa e expliquei tudo para ele. mesmo com tudo contado



ele não acreditou. Pedi o te-
lefone, e liguei para um tax-
i para um hotel, ia para o
trabalho, mas decidi ficar
no hotel até o dia seguinte.
E no dia seguinte voltando
dos trabalhos, algo ocorreu.

Um dia chuvoso assustador

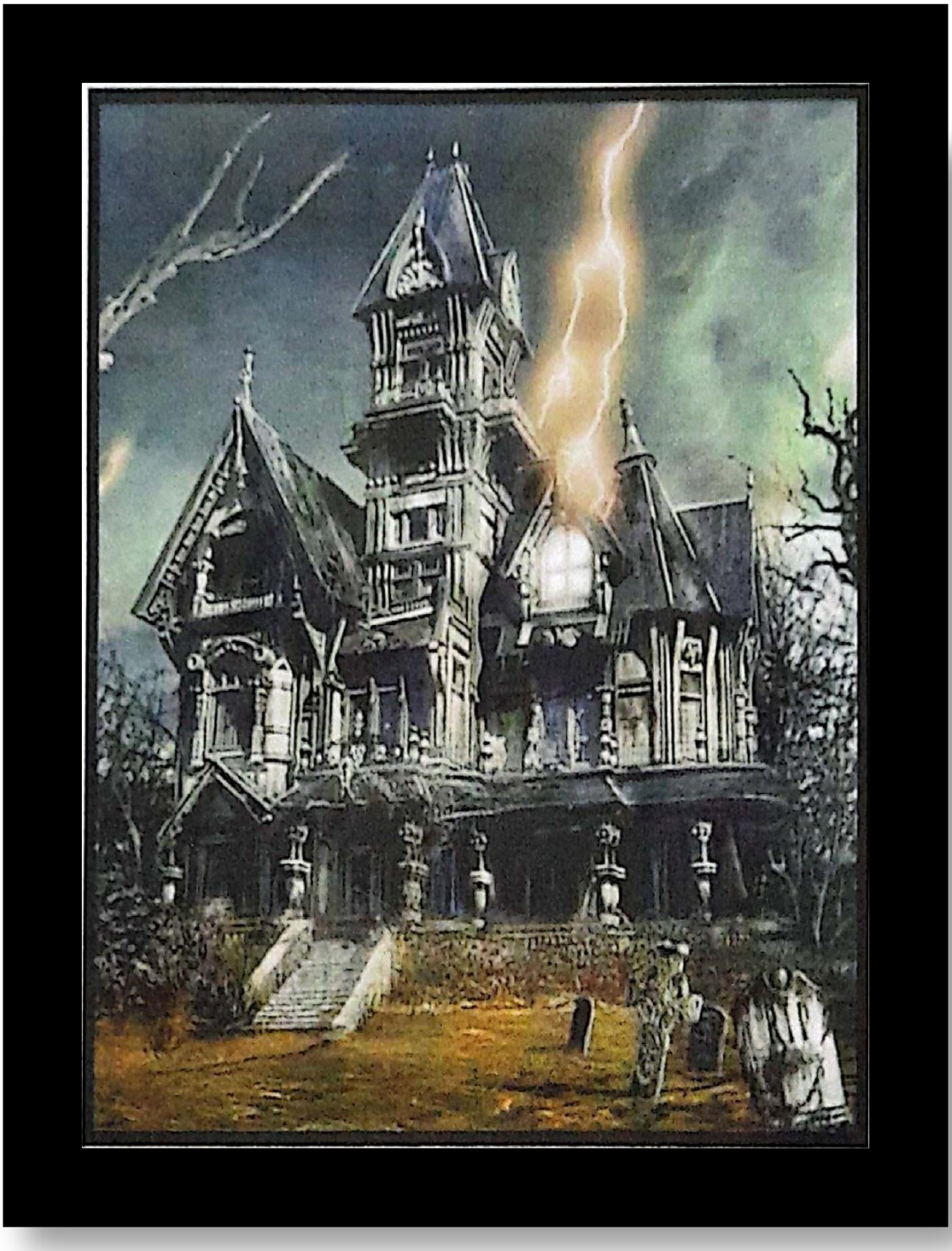
Kalel 12 anos- 6^{0} Ano



Uma dia de Desilusão a um tador.

Certa noite de muita Chuva, o céu relâmpago trovejando muita Uma garota de 13 anos Chamada Maria Inocentes Bagunça Um estado na rua da mata — Porque que totalitária não Um fim? Disse Maria. Só ira mais noite, a Chuva Caia torrencial Mesta ela só conseguia Ver a Estrada com o clarão dos relâmpago, foi nesse todo momento a que a mulher Brecia Para todos os lados quando Pensou que ia ser levada por aquela criatura sentiu Estrada saudida acordou desse Pesadelo e Percebeu que foi totalmente sonho e disse:- Meu filho, Você tem um Pesadelo Porque você Tinga muita.

A MANSÃO ABANDONADA



Vivi- 11 anos 6º ano

A mansão abandonada

Em uma noite, numa casa bem distante da cidade, havia uma mulher que morava lá, mas foi assassinada pelos seus cunhados, por ter matado o irmão deles.

Essa mulher e seu marido discutiam muito e ele a agredia, por isso ela o matou e o enterrou no quintal da sua casa.

Um ano depois de sua morte um novo casal foi morar lá. Eles tinham três filhos a Carmem a mais velha, a Kayra a do meio e a Ayla a caçula.

Após uma semana, vendo naquela casa já estavam acostumados. Elas estavam brincando no quintal, de boneca e não perceberam que já estava escurecendo até que a mãe as chamou: — Meninos vem para dentro pois já

escureceu. As meninas responderam:
– Já vamos mãe!
– Deixa que eu recolho os brinquedos e vão banhar para jantar.
Disse a mãe. Então as meninas foram para dentro de casa e a mãe foi recolher os brinquedos, quando terminou viu a figura de uma pessoa sentada na varanda da casa, mas quando chegou lá não tinha ninguém, então pensou que era coisa da sua cabeça e adentrou para casa, fechando a porta.

Após o jantar, logo foram dormir, mas ouviram um ruído parecido com o balanço da cadeira, o marido levantou-se e foi verificar, mas tudo estava no mais absoluto silêncio.

Retornou para o quarto confuso, ao voltar a dormir

para não acordar os pais, do deces, viram uma mulher na frente da porta com um pedaço de madeira nas mãos, as meninas em pânico perguntaram para ela.

— Está tudo bem com você?!

A mulher responde com uma voz pavorosa:

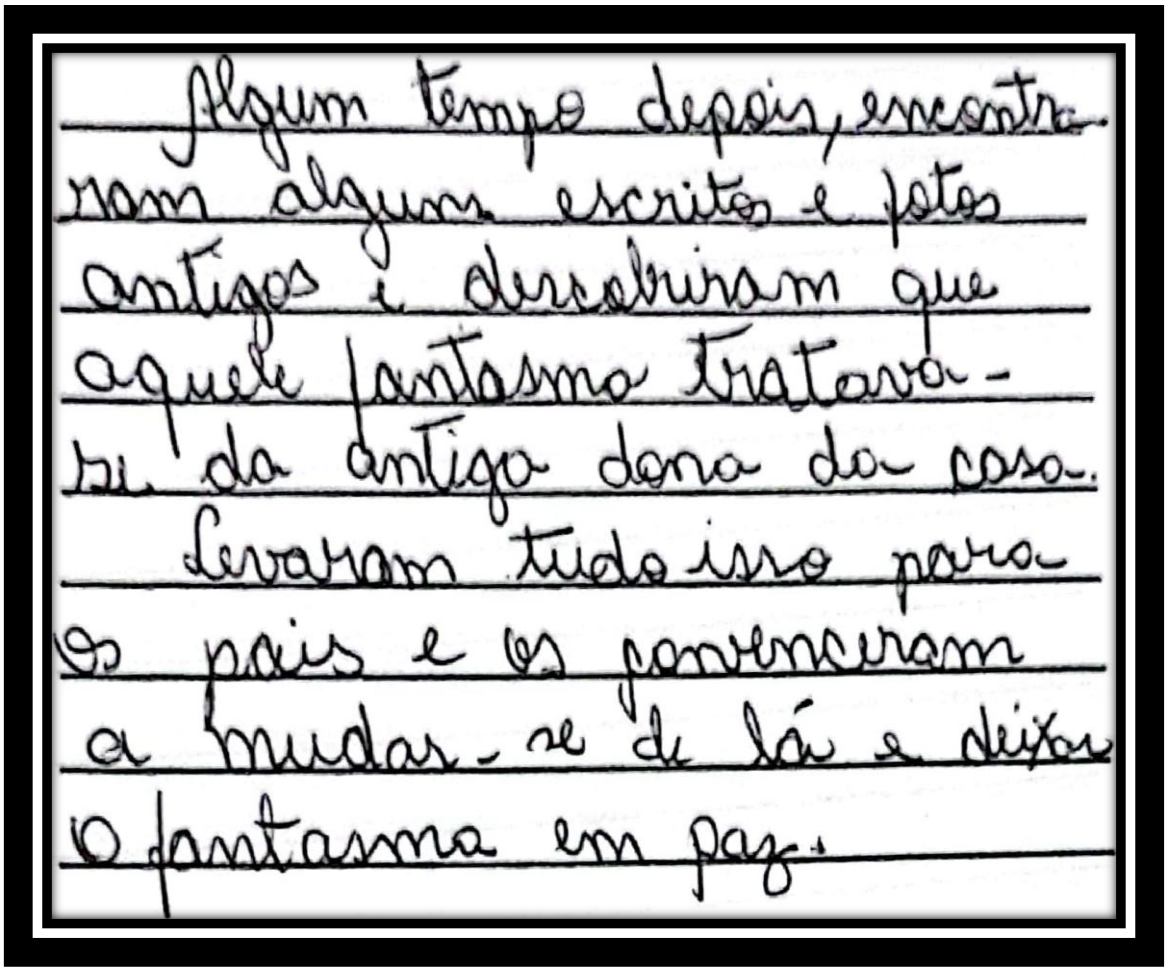
— Eu vim dá um prazo para vocês irem embora.

— Mas por quê? Perguntaram elas. — Porque se vocês ficarem vou matar todos vocês.

Os meninos desesperados correram para dentro da casa e não conseguiram dormir.

Pela manhã, contaram tudo o que aconteceu aos seu pais, porém eles não acreditaram imaginando que era história de crianças.

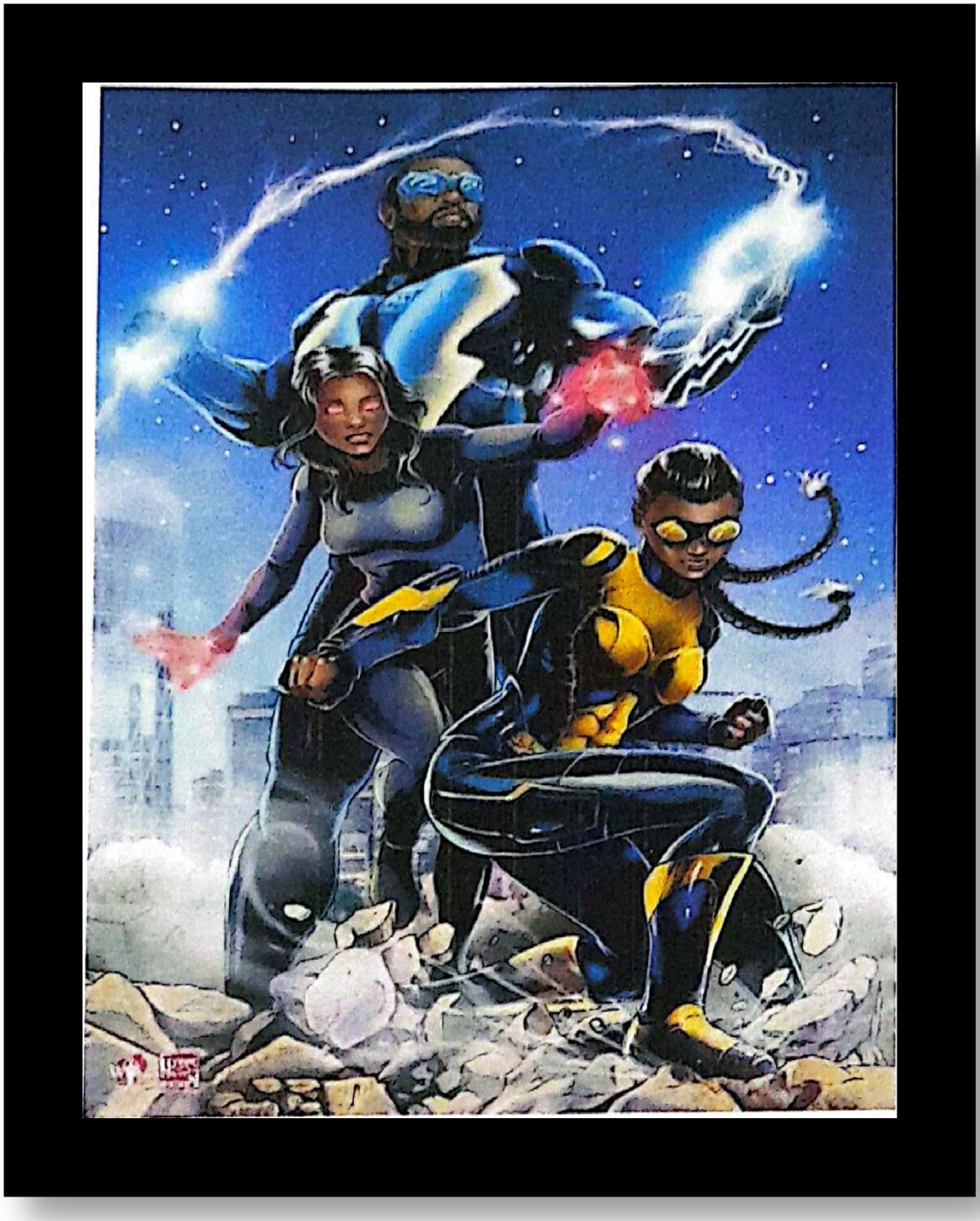
Mesmo com medo, foram brincar no quintal.



Algum tempo depois, encontraram alguns escritos e fotos antigos e descobriram que aquele fantasma tratava-se da antiga dona da casa.

Levaram tudo isso para os pais e os convenceram a mudar-se de lá e deixar o fantasma em paz.

A DESCOBERTA DO SSCCS (SOCIEDADE SECRETA DE CAPTURADE CRIATURAS SOBRENATURAIS)



LOHAN 13 ANOS -7º ANO

Os descobertos da SSCS

Sociedade secreta de

captura das 11 construções sobre

natural. Os sociedade [illegible]

instituição secreta que tem

por objetivo capturas

seres sobrenaturais. E forma

por fazem estudantes

que entre a 11 e 13 horas

[illegible] seres que somos

[illegible] de imaginar

Em uma de suas hipóteses

no Egito foram em busca

de mais investigações

sobre o livro da Morte

que se encontravam em

uma das pirâmides no

Egito. Após Visita várias

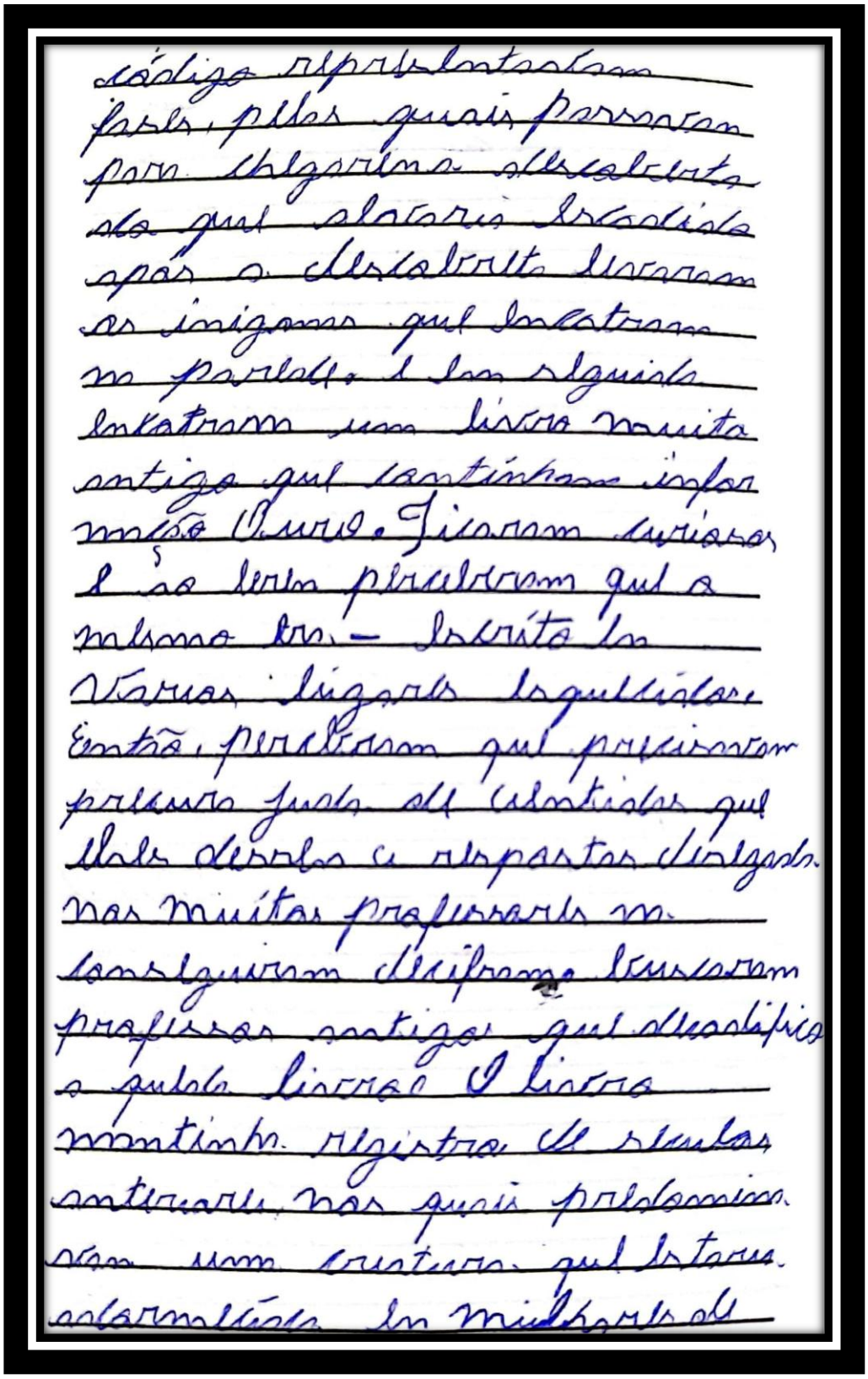
Ilhas [illegible] foi abominadas

[illegible] para ultimas

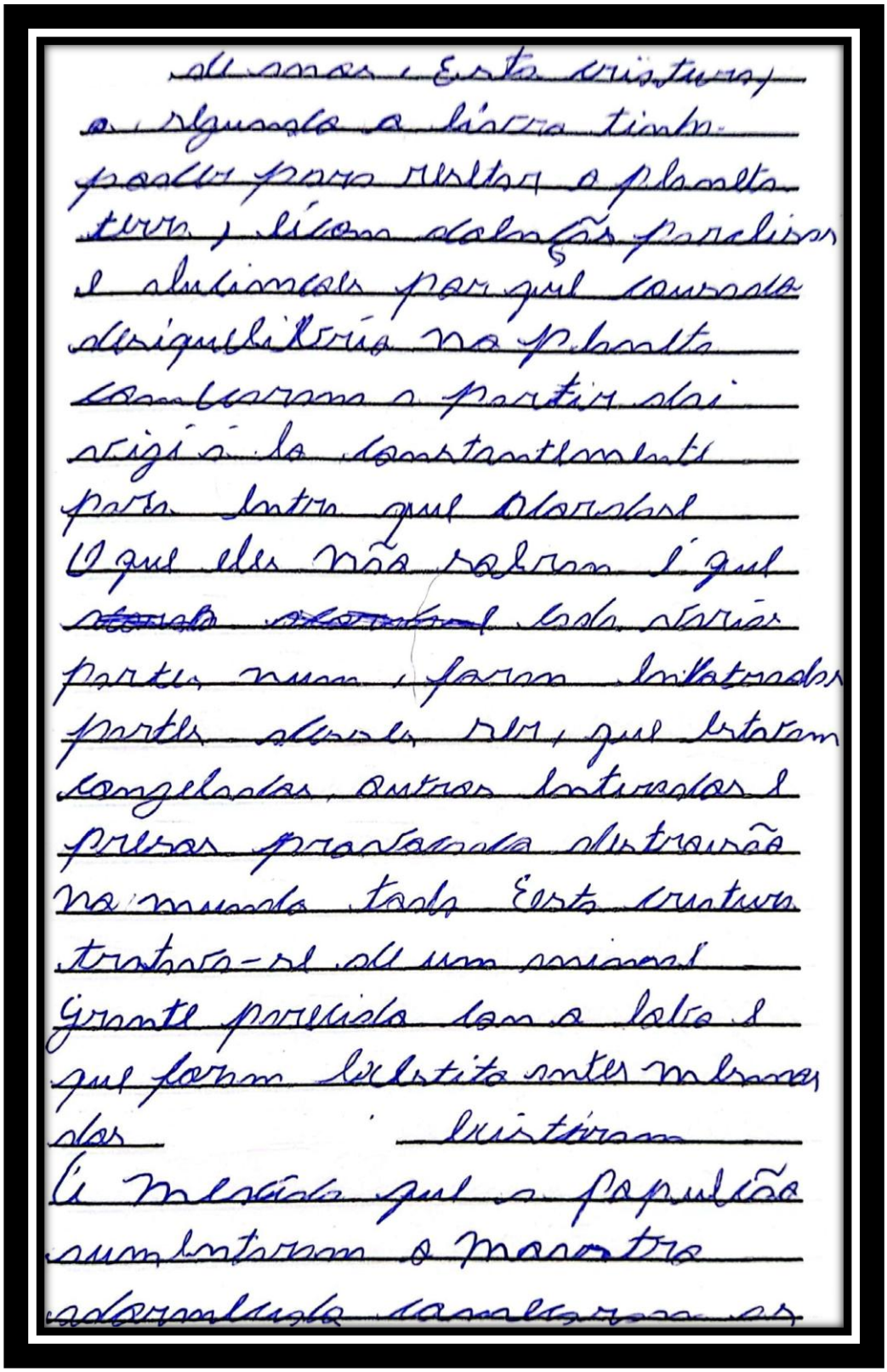
visita, seguida. Noite

Os chegaram lá, [illegible]

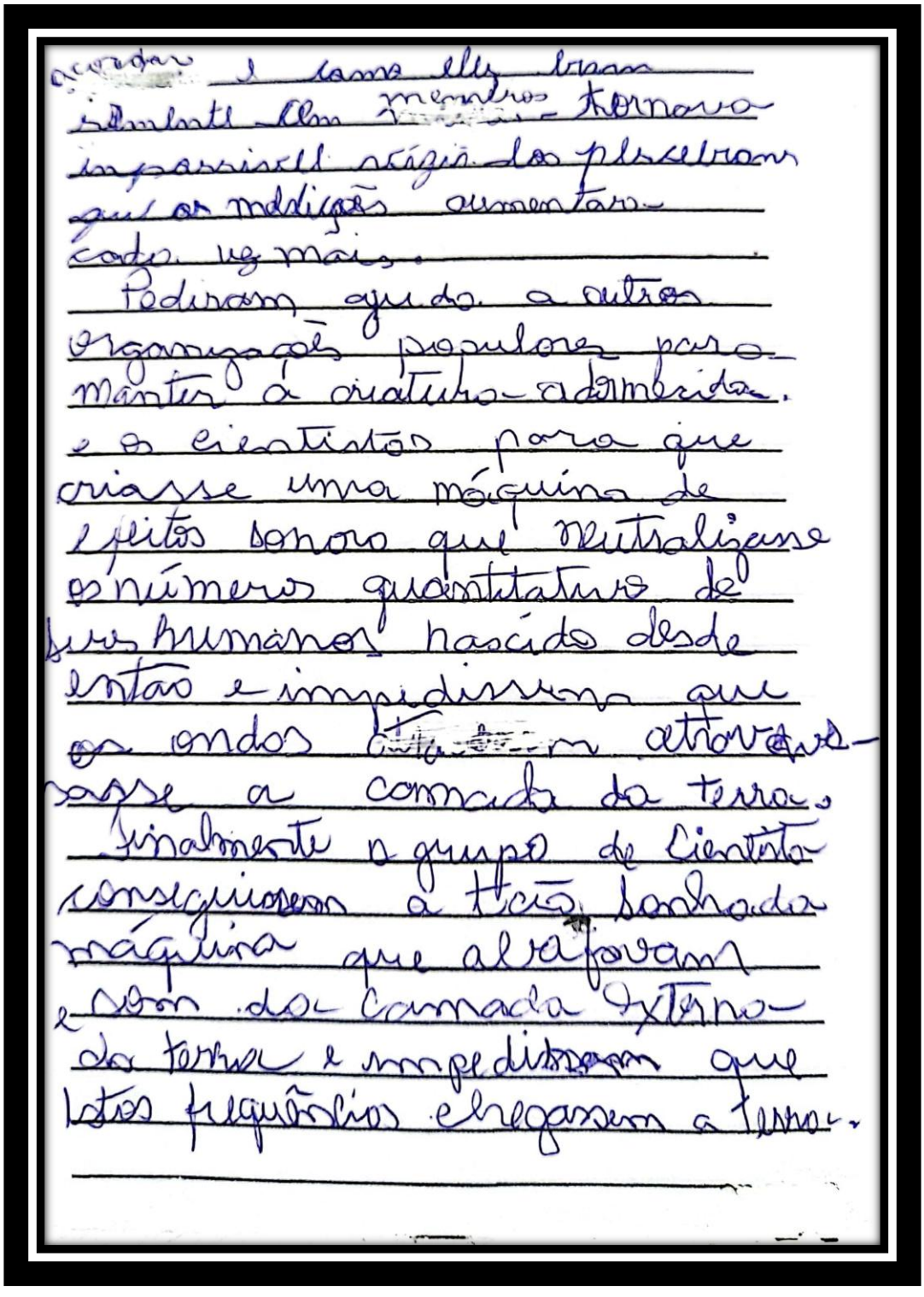
um código [illegible]



código representantes
fases, pelas quais passaram
para chegarem ao estado
do qual estavam separados
após o desastre. Trouxeram
os inigmas que encontraram
no parlato. E em seguida
encontraram um livro muito
antigo que continham infor
mação Divina. Ficaram curiosos
E ao lerem perceberam que o
mesmo era escrito em
Varias línguas diferentes.
Então, perceberam que precisavam
procurar pelo estudiosos que
pudessem decifrar e interpretar dialogos.
nas muitas professores não
conseguiram decifrar. Encontraram
professor antigo que decifrou
o pulso Livro! O Livro
continha registro de várias
entidades, nas quais predominava
com um contexto que Estava
relacionado em minhocas de



de casas. Esta criatura
a, segunda a bíblia tinha
poder para visitar o planeta
terra, lá com alegrias paradisíacas
e sublimais por qual causada
desigualdade no planeta
começaram a partir daí
surgiu a constantemente
para entre qual diferença
O que eles não sabem é qual
estado atual desta terra
parte num, foram instalados
partes desta rica, qual estavam
congeladas, outras entregues à
prisão praticada destruição
na mundo toda. Esta criatura
trabalha-se de um animal
Grande perfeita com a labia e
qual foram revestida entre mãos
das distúrbios
É medida qual a população
cumbiram o monstro
adormecida começaram as



acordar [illegible] e como ele [illegible] [illegible] membros tornava impossível saírem dos pesadelos que as meditações aumentavam cada vez mais.

Pediram ajuda a outras organizações populares para manter a criatura adormecida. e os cientistas para que criasse uma máquina de efeitos sonoros que neutralizasse os números quadrifásicos de seus humanos nascido desde então e impedissem que os ondos [illegible] atravessasse a camada da terra.

Finalmente o grupo de Cientista conseguiram a tão sonhada máquina que alcançavam e além da camada externa da terra e impediram que estes frequências chegassem a terra.



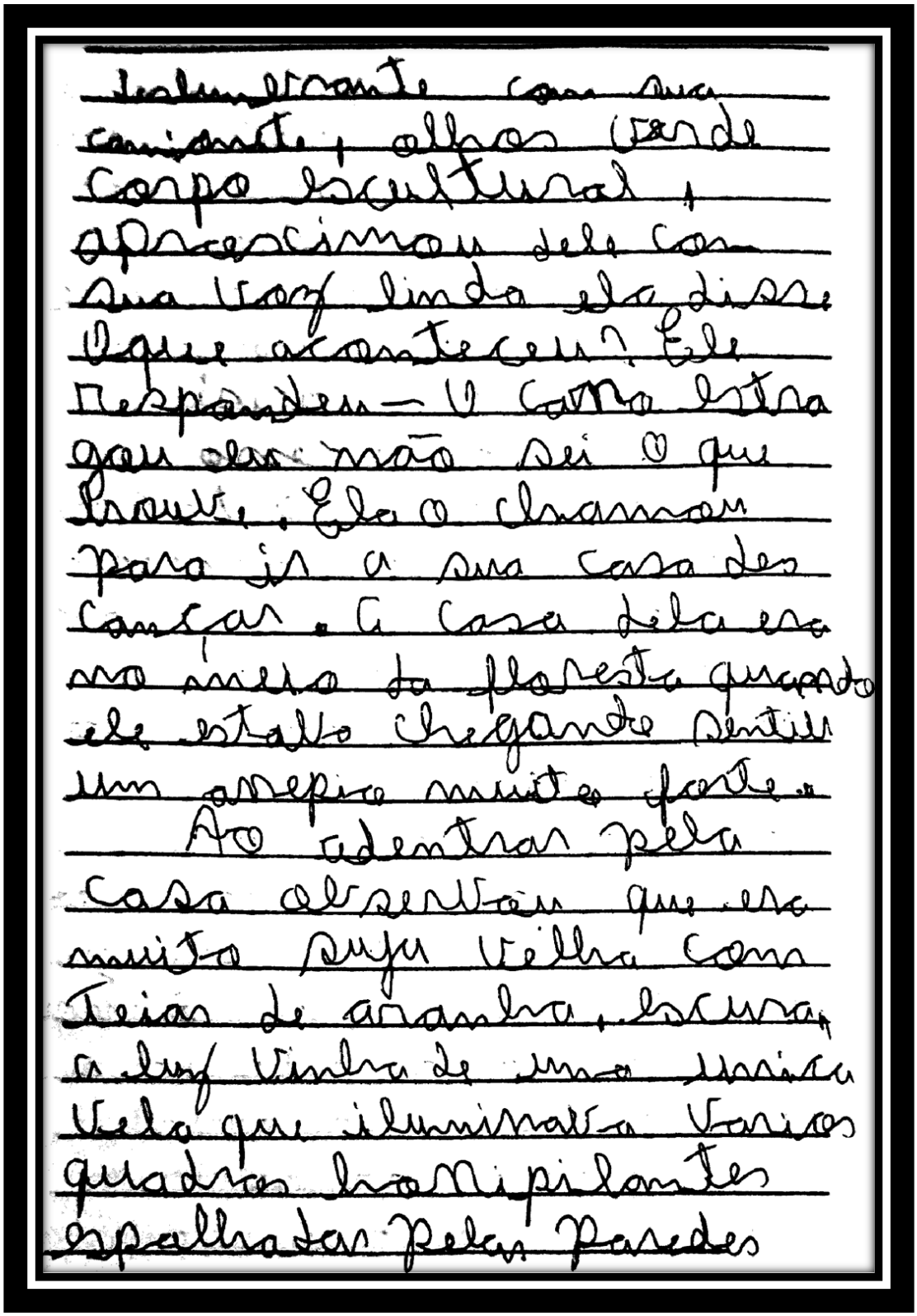
LUIGUI RENAN- **12 ANOS** **6º ANO**

A Vingança da desgraça

Algum tempo havia um jovem muito rico, orgulhoso arrogante, ele desfazia das meninas pobres, machista gosta de frequentar as grandes rodas sociais com muito excesso de bebida, farras, e jogos.

Certo dia, quando voltava de uma dessas festas estava empriagado seu carro parou de funcionar. Ele repentinamente esbravejou com palavras, mas nada funcionava. Era uma estrada deserta e ninguem passava por ali, ele cansado entrou em seu carro encostou em sua poltrona confortavel.

De repente ao abrir os olhos viu uma mulher.

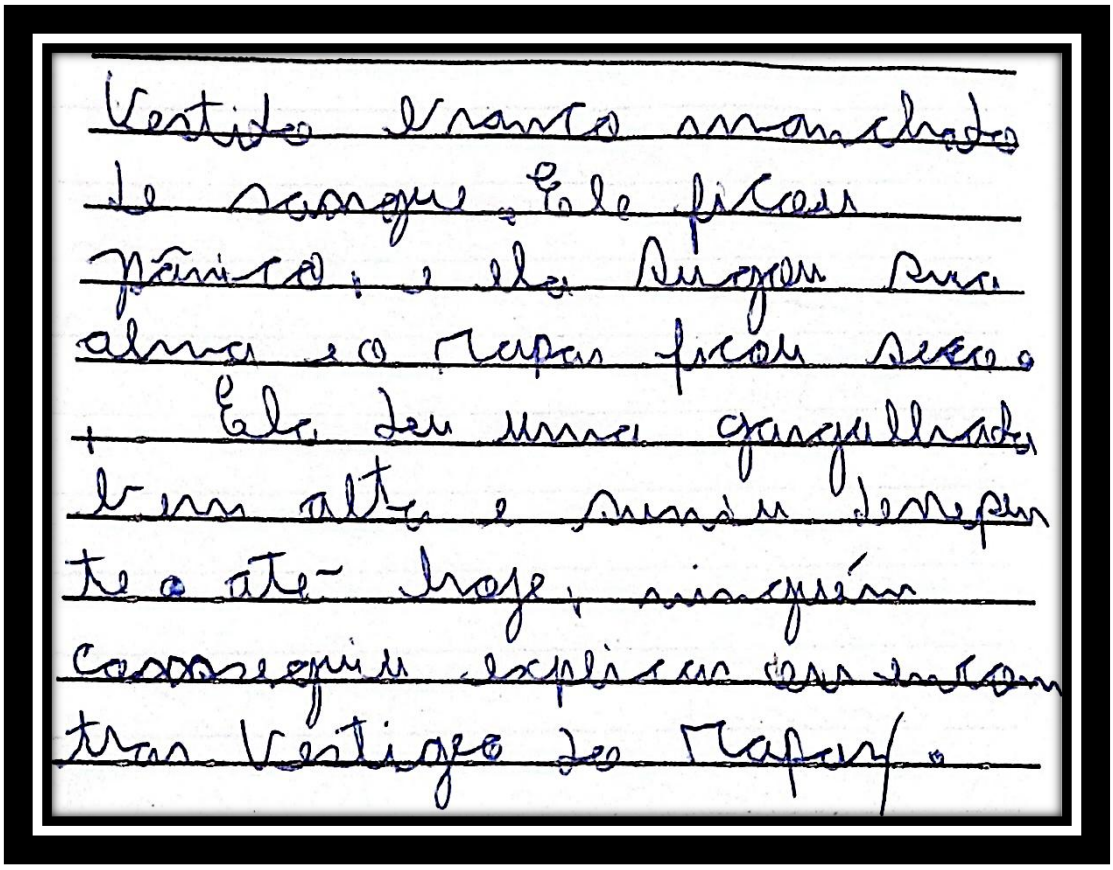


deslumbrante com sua
cabeleira, olhos verdes
corpo escultural,
aparecimou dela com
sua voz linda ela disse.
O que acontece? Ele
Responden — O Carro estra
gou ela não sei o que
houve. Ela o chamou
para ir a sua casa descansar. A casa dela era
no meio da floresta quando
ele estava chegando sentiu
um cheiro muito forte.
Ao adentrar pela
casa observou que era
muito suja velha com
teias de aranha, escura,
a luz vinha de uma janela
velha que iluminava varios
quadros homipilantes
espalhados pelas paredes

em ruínas.

O silêncio foi quebrado por vários de latidos, vozes de confusão e galhos quebrando. Pela bela exatamente vinte e três horas e quarenta e três minutos, quando ouviu o chamado — o para sentar-se à mesa para o jantar.

A mesa estava repleta de variados pratos. A Comida parecia saborosa. Eles comeram e o rapaz ficou imensamente agradecido, mas quando deu uma mordida a mulher transformou-se em uma criatura horrível e ele ficou extremamente paralisado com o susto. Ela disse: Você me chamou. Todo dia eu ouço "a" "desgraça" que você tanto gosta. E ela tinha olhos vermelhos, em



Vestido branco ensanguentado de sangue. Ele ficou pânico; e lhe tiraram sua alma e o rapaz ficou seco.

Ele deu uma gargalhada, bem alto e sumiu deixando o até hoje, ninguém conseguiu explicar os encontrar vestígios do rapaz.